Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

(VOLUME XXXVIII)

JORNADA DE AFRICA

POR

Jeronymo de Mendoça

Natural da cidade do Porto : em a qual
se responde a Jeronymo Franqui, e a outros,
e se trata do succeesso da batalha,
captiveiro, e dos que n'elle
padeceram por não serem mouros,
e outras cousas dignas de notar

(VOLUME I)

ESCRIPTORIO
147=Rua dos Retrozeiros=147
LISBOA

1904

Ao illustre academico o Ex.mo
Sr. Conselheiro Sousa Monteiro

off.

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

Mello d'Azevedo

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXVIII)

JORNADA
DE
AFRICA

POR

Jeronymo de Mendoça

Natural da cidade do Porto : em a qual
se responde a Jeronymo Franqui, e a outros,
e se trata do succeesso da batalha,
captiveiro, e dos que n'elle
padeceram por não serem mouros,
e outras cousas dignas de notar

(VOLUME I)

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1904

Prologo d'esta edição

O autor da *Jornada d'Africa* é Jeronymo de Mendoça, portuense, de illustre familia. Era homem talentoso, conhecedor de idiomas e grande tangedor de instrumentos de musica.

Foi com el rei D. Sebastião na infeliz jornada africana de 1578, ficou em captiveiro depois do desastre, e muito soffreu entre os marroquinos; sendo livre voltou a Portugal, e aqui escreveu a *Jornada d'Africa*, publicada em Lisboa, por Pedro Crasbeck, em 1607. Esta obra foi considerada veridica, sincéra, e ainda estimada pelo estylo e linguagem.

Tornou-se rara. Em 1785, Sousa Farinha fez segunda edição, copiando a primeira com bastante fidelidade. Agora se faz terceira edição, por já não ser vulgar a segunda, e porque na verdade fica bem nesta collecção de classicos portugueses.

Jeronymo de Mendoça escreveu este livro com o principal intento de mostrar a falsidade com que Jeronymo Franqui, genovez, feitor da alfandega de Lisboa, compoz a sua famosa obra relatando a batalha de Alcacer-Quibir e os successos politicos que se lhe seguiram. Este Franqui, ou melhor Franchi, é mais conhecido por outro appellido *Conestaggio*, Jeronymo Franchi de Conestaggio, e o titulo do seu livro é: =

Dell'unione del regno di Portugallo alla corona de Castiglia=, publicado em Genova, em 1585. Franchi tinha o fim politico de justificar a entrada de Portugal no dominio hespanhol, a sua obra foi de encommenda e extraordinariamente vulgarisada em muitas edições em italiano, castelhano, francez e latim.

E para maior propaganda fizeram-se outras obras nella filiadas, como a =Jornada y muerte del rey don Sebastian de Portugal, sacada de las obras del Franchi cuidadano de Genova, por fray Antonio de San Roman (Valladolid, 1603); e ainda a =Jornada de Africa por el rey don Sebastian... por el maestro Sebastian de Mesa (Barcelona, 1630).

Foi uma escóla, e uma propaganda toda destinada a tornar toleravel a união de Portugal a Hespanha, entre portugueses, mas principalmente a justifical-a ante as nações europeias.

D. Francisco Manuel de Mello nos *Apologos Dialogaes*, declara que Conestaggio não é o autor, sim D. João da Silva, que foi o quarto conde de Portalegre, fidalgo da côrte e escola de Filippe 2.° Outros confirmaram isto, e hoje passa como certo, ainda que se reconhece a Franchi de Conestaggio ingenho e maldade bastante para elaborar o seu escripto, com tanto calculo e habilidade.

A obra do nosso Jeronymo de Mendoça foi uma feliz rectificação, pondo muitos successos no seu verdadeiro ponto, e contando com verdade o que presenciou naquella epoca de inquietações e soffrimentos.

E é interessante leitura porque nos conta alguns casos e particularidades que não apparecem em outro livro.

Narra bem o desastre, a *tragica derrocada de Alcacer-Kibir*, como diz o sr. conde de Sabugosa no recente livro *O Paço de Cintra*. =O castello ideal

(refére-se a D. Sebastião) que a sua ardente imaginação architectava, era todo formado de sonhos ambiciosos de gloria para Deus, para o reino e para si proprio. E esse castello delineado na sua phantasia, levado nas asas brancas das velas da festiva e deslumbrante armada, que partiu da barra do Tejo, edificado nas areias, caiu ao sopro da desgraça na tragica derrocada de Alcacer-Kibir, aniquilando e subvertendo nos seus escombros a flor de Portugal, e o architecto sonhador! (pag. 125).

Ha uma descripção da batalha de Alcacer, pouco conhecida entre nós; está no Nozhet-Elhadi (Histoire de la dynastie Saadienne en Maroc (1511-1670) par Mohammed Esseghir ben Elhadj ben Abdallah Eloufrani, trad. par O. Houdas. Paris, Leroux, 1889).

Ahi, a pag. 131, se descreve a batalha de *Ouadi el Mekhazin*, a brilhante victoria alcançada pelos musulmanos. Naturalmente exagera o numero dos christãos, 125:000! ou pelo menos 80:000! Mohammed ben Abdallah, o alliado de Sebastião o portuguez, só apresentou 300 cavalleiros. Os portugueses chegaram a um logar chamado Tahaddert onde D. Sebastião recebeu o desafio de Abdelmalek; marcharam logo e vieram acampar nas margens do Ouadi Elmekhazin, a pouca distancia do castello de Ketama (Alcacer el-kebir).

Logo que atravessaram o rio o sultão mandou um corpo de cavallaria cortar a ponte. Em seguida atacou os christãos. Na lucta feroz os marroquinos viram claramente o *Ghouts*, *Sidi Aboulabbás Essebti*, montando um cavallo pardo, galopando de um para outro logar excitando o ardor dos combatentes. *Ghouts* é o soccorro sobrenatural, o auxilio dos santos mussulmanos que vivendo junto de Allah, teem ainda o poder de vir á terra, fazendo milagres. No momento

do primeiro choque Abdelmalek, que estava enfermo, morreu na sua liteira, mas a morte ficou ignorada até depois da batalha.

A liteira com o cadaver, rodeado de alguns cavalleiros e bandeiras continuou a percorrer o campo de batalha, no meio da poeira, da fumaceira, d'aquella carnagem. Mohammed ben Abdallah morreu afogado no Ouadi Lokkos. O cadaver d'este foi esfolado, encheram a pelle com palha, e assim foi mostrado nas ruas de Marrocos e de outras cidades. O encontro dos dois exercitos teve logar no ultimo dia de djomada do anno 986 (4 agosto 1578): e o combate durou de 45 a 52 graos; isto é, 4 horas, ou 4 horas e meia.

E termina a narrativa attribuindo aos christãos maldades inauditas.

Ha modernamente uma corrente de clemencia para D. Sebastião,

> «Maravilha fatal da nossa edade,
> Dada ao mundo por Deus que todo o mande,
> Para do mundo a Deus dar parte grande.»

como d'elle disse o Camões. O seu *castello ideal*, o seu sonho patriotico era o alargamento da soberania portuguesa em Africa, ampliada por D. Affonso V, desleixada por D. João 3.º As marinhas de França, Inglaterra, Hollanda senhoreavam os mares, e Portugal pequeno e pouco povoado não podia sustentar o senhorio do commercio da Arabia, Persia, India...

Esbarrou em Marrocos! como depois tem succedido com outras poderosas nações, muito mais ricas e povoadas que Portugal.

O grande erro foi tomar o commando da sua hoste, arrojado rapaz, e atirar-se ao turbilhão da briga desegual.

Num livro recentemente impresso —«Portugal» pelo sr. João Braz de Oliveira, vem um prefacio assignado pelo conhecido e apreciado escriptor sr. dr. Xavier da Cunha, em que se manifesta a corrente de clemencia para D. Sebastião, e a necessidade de imparcial revisão historica dos successos do seu reinado.

A *Jornada d'Africa,* de Jeronymo de Mendoça, é elemento util para o conhecimento dos factos e circumstancias que então se déram.

G. Pereira

A

D. Francisco de Sá e Menezes

Senhor de Pena Guião e Sobrado, alcaide mór e capitão mór da cidade do Porto, filho de D. João Rodrigues de Sá e Menezes, herdeiro de sua casa, camareiro mór que foi de Sua Magestade na corôa d'estes reinos de Portugal, e alcaide mór de Santiago de Cacem, conde de Pena Guião.

Como fosse meu desenho quando tomei esta emprêsa na defensão da verdade, offerecer ao conde camareiro mór que está em gloria, o fruito dos meus trabalhos, como pede minha obrigação tão antiga e conhecida; sendo depois Deus servido leval-o pera si, a quem devo eu com mais rezão pedir favor e emparo, que a seu filho herdeiro de sua casa, em quem já agora em tão pequena e tenra idade se descobre um sujeito com tão felizes dons da natureza, que denuncia com maravilha estranha das mais altas virtudes o melhor ao mundo. Bem me leva a rezão, e estou mui confiado que tudo me succederá felizmente debaixo da protecção de tal senhor, a quem peço humildemente receba esta vontade, e a quem Deus guarde por largos annos, etc. A 20 de Janeiro de 607.

Jeronymo de Mendoça

PROLOGO

Posto que nunca esqueçam grandes males, nem erros passados possam deixar de ser, pode todavia a malicia humana acrescentar ambas essas cousas de maneira, que pareça a verdade totalmente, e venham a ser maiores os damnos da mentira, que quantos soccederam por Divino juizo ou culpas nossas, pelo que apezar do sentimento com que nos ameaça a lamentavel historia, me pareceu mui justo tratar d'esta jornada: e ainda que quando tomei essa empreza foi meu destino logo fugir de não tocar na infelice batalha senão mui brevemente, assi por não cairem tantos males de um só golpe, como por me não julgar capaz de semelhante empresa: vendo porém depois o modo com que alguns estrangeiros como Jeronymo Franqui, e Frei Antonio de S. Romão tratam d'ella, acrescentando ás faltas e mizerias outras muito maiores, como senão bastaram as que na verdade aconteceram, e que nosso descuido podia acreditar seus erros, vendo os que depois vierem que ninguem os contradisse, sendo tão manifestos; me pareceu rezão não passar em silencio cousa alguma, porque se saiba em todo o tempo o que aconteceu na verdade, apontando alguns lugares nos quaes se verá claramente aquillo de que estes Autores deviam ter errada informação: não como escriptor (por certo) que não ha rezão que tal se cuide de mim, mas como quem vio e passou toda essa jornada darei sómente meu testemunho: posto que por

outra parte me corro tanto de não haver em Portugal quem com outro estilo e differente lição quizesse atégora tratar d'essa historia, tirando-a com rezão á verdadeira luz, que não quizera de algum modo falar nisto por não acrescentar tambem mais damno a damno com meu fraco entendimento. Mas só por uma rezão me pareceu bem tratar d'estas cousas, a qual é que escrevendo eu sómente d'ellas se acabara de vêr o desemparo d'este reino, e já póde ser que alguem se mova a tomar esta empresa dignamente, que não será pequeno premio a quanto me aventure neste primeiro ensaio, posto nas mãos de tão varias opiniões, diante as mesmas pessoas de quem escrevo. Nem deixará de ter muitos louvores quem nisto se occupar, que posto que o sogeito seja tão triste, não é por isso bem que fique em silencio: pois vemos cada dia quanta diligencia os homens fazem para se saber a perdição de um pequeno navio, quanto mais o naufragio de um tamanho reino. Não lhe faltará exemplo tão digno de imitar contra Franqui e seus secazes naquelle excellente e verdadeiro historiador Jesepho Hebraico, que refutando e confundindo a Magneton, Apion, e outros, não deixou de escrever de sua patria bem differentes magoas e miserias, sem lh'o impedir a dôr de tamanho sentimento, por mostrar a verdade: julgando com rezão ser mór mal a mentira que a mesma desventura. Porém se com tudo isto não houver quem se offereça (o que não cuido) eu me contento de haver comprido com minha obrigação nesta lembrança, ficando mui certo que os que me conhecem não lhe será nova minha insufficiencia, e com os mais espero que a tenção me valha, pedindo perdão áquelles de quem por ventura deixarei de dizer muitas cousas, não por falta de vontade, mas por me faltar o verdadeiro conhecimento d'ellas, além de não ser possivel poder-se escrever tudo.

AO LEITOR

Em resposta do novo proemio de Jeronymo Franqui em a sua terceira impressão

Não tão sómente (O' benigno leitor) pretendeu Jeronymo Franqui em muitas cousas aniquilar e destruir a honra d'este reino, mas sendo-lhe manifesto o commum queixume de naturaes e estrangeiros, deu nesta sua terceira impressão uma descarga ou desculpa muito mais culpavel (se mais fôra possivel) que seus primeiros erros: encobrindo com rezões sofisticas e simulada singeleza á maior malicia que os homens viram, e porque póde haver alguns a quem pareça o falso verdadeiro, levados das fingidas aparencias, me pareceu rezão responder ás cousas d'este seu proemio, as quaes hei por referidas no bom entendimento de quem as tiver lido, e digo que é tão famosa e tão pura a verdade, que se acaso sem ella se diz alguma cousa, ainda que seja em louvor proprio (nos animos grandes ao menos) serão só de vergonha e vituperio, e como estas suas obras trazem logo comsigo em tantas partes a má tenção descuberta, não tão sómente foram aos portuguezes odiosas, mas a todo o mundo, pois até d'aquelles a quem louva e chama vencedores são tão aborrecidas que lhe impediram o curso de seu livro em toda Hespa-

nha, e quanto á diligencia e zêlo bem mostra ser só paixão pura, pois tomou sem nenhum proposito a seu cargo a historia de Portugal, não lhe tocando semelhante empresa de nenhum modo, sendo genovez de nação, todo occupado na feitoria d'alfandega d'esta cidade de Lisboa, o que se vê mais claramente em ser tão prompto em perseguir e condemnar os afligidos (suave pasto de malignas entranhas) pois senão contentou com dizer na verdade as desventuras e miserias que aconteceram, mas inventou de novo outras maiores (quando não desse credito á falsa informação) sem achar alguma escura em uma batalha onde houve tanta resistencia, e morreram mais outros tantos mouros que christãos, sendo tão desigual o partido, antes pera poder condemnar mais livremente dà por cousa impossivel poder-se louvar quem perde, sendo tanto pelo contrario que muitos com perderem ficaram tão honrados, que mais se lhe podia haver inveja que magoa ou piedade. Qual Judas em Palestina, Pompeyo em Farçalia, Berengario em Ungria, e Carlos e Francisco em Italia, e agora ha tão poucos dias o valeroso Principe Alberto, Archiduque de Austria, em Flandres, e outros infinitos que alcançaram mais gloria perdendo que ganhando, pois em fim o valor não consiste no successo das cousas senão na ordem e cometimento d'ellas. Isto é o que toca á batalha de Alcacer, onde a mór culpa dos portuguezes foi serem tão fieis a seu Rei, que vendo tão claramente a morte não deixaram de lhe obedecer, e na perda de sua vida (irreparavel perda) quem foi nisso culpado senão elle sómente, pois no que succedeu tambem aos mouros nesse mesmo conflicto perderam seu Rei sem lhe ser imputado a covardia.

E quanto á segunda batalha de Alcantara, com muito mais rezão se podera elle correr de dar tal

nome a um tumulto plebeo, com tão poucos fidalgos e homens nobres que foram sómente d'este parecer (levados porém de um animo brioso posto que ignorassem a rezão) estando todo Portugal entregue a sua Magestade, do que se elles ainda poderam envergonhar de não resistirem ao poder do duque Dalva, sendo tão poucos.

E na perda da Ilha Terceira com cousa mui mais justa podera antes dar louvores aos portuguezes, que atribuir-lhe isso a deshonra, pois o seu terço foi o primeiro que desembarcou em terra, em companhia de D. Felix de Aragão, seu capitão.

Não trato já da batalha naval de Filipe Estrosi, cuja desgraça elle nos attribue tambem, sendo todos francezes os que vinham na armada, por um só portuguez que vinha n'ella, indo tantos na de Hespanha vencedores.

E quanto ás qualidades naturaes, pelas quaes julga a condição dos portuguezes, ainda que não houvera outro mais claro indicio do mortal odio que lhes tem, que o modo com que interpreta sua opinião, este só bastava, pois sendo a propriedade d'esta palavra a que chamamos opinião tão differente, que só entre nós significa ponto de honra, debaixo do qual se entende não fazer vileza, falar verdade, e ter vergonha, cousas que tanto estimam os portuguezes, elle declara que a opinião de que se presam e publicamente confessam é que vivem mais da imaginação d'aquillo que de si cuidam, que do que realmente são. Ora veja quem isto lê, como pode haver no mundo gente tão insensata que tal de si confesse, e que voto póde ter nas cousas dos portuguezes, assim nesta jornada como nas mais quem de tão honrada e clara palavra tira tal sentido: pelo que está claro não poder escrever d'elles, e ser reprendido com verdade, pois ajuntando

á falsa informação má natureza diz algumas cousas tão longe do que aconteceram.

E no que trata d'el-Rei D. Henrique de Castella (cuja entrada parece andou buscando por arguir de novo aos portuguezes) nisso se pode vêr quanto elles estimam tratar-se da verdade, pois aprovaram e consentiram tal historia, ainda que em seu damno, claro argumento que assi sofreram a sua se fôra verdadeira, mas de o não ser é sómente este queixume cousa que Jeronymo Franqui não quer acabar de entender.

E no juizo que faz ácerca dos validos d'este reino parece certo mui dura sentença contra a graça dos Principes, attribuir logo áquelles que a tiveram vicios por natureza, maldades por officio, pois o contrario nos mostram as divinas letras nos Sanctos Joseph e David, que tão grandes privados foram cada um em seu tempo dos Pharaos do Egypto, dos monarchas da Assyria. Pois na gentilidade, com quanta singeleza e quão pouca ambição procederam alguns grandes validos dos senhores do mundo, como foram Ephestion, Mecenas e Seneca, e outros que sem lume da fé fegiram das maldades. Pois agora em nossos tempos quem vio a moderação, fidelidade, zêlo e pureza de Ruy Gomes da Silva e de alguns que hoje vivem (que aqui não nomeamos por este respeito) e em fim de nossas portas a dentro do conde de Villanova, D. Martinho de Castel-Branco, do conde da Castanheira D. Antonio de Taide, e ultimamente de Christovam de Tavora, d'onde se póde vêr quão poderosa seja a malicia que fórma outra nova natureza dando por infaliveis qualidades nos privados os vicios, como argumenta Franqui pera poder melhor julgar dos homens a seu alvedrio.

E na divina Providencia quem ha que não confesse que foi particular vontade de Deus a mudança d'este

reino, que não é pequena consolação a todos, e bem pudera Franqui atribuir a isto sómente todas nossas cousas, e não julgar do merecimento de culpas, dando certo juizo aos juizos divinos, como ao diante se verá.

E no que toca a fé pôr nas mãos de Deus, justificando sua sinceridade e pureza, sómente se responde que foi mal aconselhado em tomar tão justo juiz a tão injustas obras

Assim que está manifesto não poder Jeronymo Franqui escrever dos portuguezes, nem é rezão se lhe dê algum credito, pois não se achou presente em quanto diz: errando o nome aos homens, e muitas vezes o officio, e quasi sempre os successos, além de ser suspeito claramente, tanto que Frei Antonio de S. Romão (que atrás nomeamos) que o segue em tudo na dedicação de seu livro ao Condestable de Castella, sobre esta jornada d'el-Rei D. Sebastião diz que a nação portugueza se pode chamar offendida, e que as obras de Franqui arguem vingança contra os portuguezes, o que devia nascer de algumas paixões particulares segundo se tem entendido, que não é bom que se espiculem.

E porque se acabe de entender quanto vae da vista á informação, veja-se a Pontifical de Antonio Ciccareli, doutor em theologia, italiano de nação, na vida de Gregorio XIII, que escrevendo sobre a mesma materia dos successos d'este reino, quando trata da batalha de Alcacer, posto que acerte em algumas cousas, como em dizer que durou seis horas, e que eram os inimigos sessenta mil de cavallo, fóra os de pé, e que foram rotos duas vezes, todavia diz que morreram dos mouros cincoenta mil, não sendo mais que dezoito (dos que recebiam soldo digo) e que Mulei Mahamed persuadiu a el-Rei D. Sebastião entrasse pela terra dentro sendo tanto pelo contrario, como

adiante se verá. E quando trata d'el-Rei Phelippe nosso senhor, segundo d'este nome, na cidade de Lisboa, diz que correu nella dois grandes perigos da vida, porque duas vezes foram descobertas minas que os portuguezes fizeram nos paços reaes e na egreja onde costumava ouvir missa, e se isto se não descobrira, fôra el-Rei arruinado ou nos paços, ou na igreja, e que os auctores d'esta maldade foram gravemente castigados, veja-se pois que remedio isto tivera pera se deixar de crêr d'aqui a bem poucos annos que ninguem d'este tempo será vivo, sendo escripto por um doutor theologo, se hoje se não refutara com tantos homens vivos e presentes, de Castella e Portugal, que notoriamente sabem que nunca tal aconteceu por obra nem por imaginação, e por aqui se verá quaes podem ser as informações de Franqui que não é doutor nem theologo, e no que toca a isto que escreveu Antonio Ciccareli lembro, e peço (como sou obrigado) aos senhores do conselho, a que pertence tanto a defensão da pureza e lealdade d'este reino, queiram pedir algum remedio a Sua Magestade com que se atalhe maldade tão notoria e não corra este livro, ao menos sem que o auctor se retrate, pois o contrario seria em notavel prejuizo da nação portugueza, tão leal e tão innocente neste caso.

LIVRO PRIMEIRO

DA SUCCESSÃO DO XARIFE MULEY MAHAMED

CAPITULO I

Principio que os Xarifes tiveram, e algumas cousas que passaram entre Sua Magestade e el-Rei D. Sebastião

Reinando em Fez Muley Elotas Merine, e em Marrocos Muley Naçar Bugentuf, no anno de mil e quinhentos e dois, haviam muitas guerras em toda a Berberia; e el-Rei de Fez tinha mui poucas forças, e o de Marrocos sómente era senhor d'esta cidade, porque todos os Alarves andavam em bandos. Neste tempo el-Rei de Portugal D. Manuel tinha tambem tomado por seus capitães muitas villas e logares aos mouros, tendo muitos por vassallos e amigos.

Andando as cousas dos christãos com prosperos successos, começou a ter nome e reputação em Numidia um cacis natural de Tigumedet, logar da pro-

vincia de Dara, homem astuto e malicioso, pratico nas sciencias naturaes, o qual se chamava Mahamet Benamet, e por outro nome se fazia chamar Xarife (d'onde os Xarifes vem) dizendo que descendia de Mafoma: este tinha tres filhos, Audelquebir, Mahamet e Mahamed, e achando por sua arte magica que os mais moços haviam de ser grandes homens, os mandou servir a el-Rei de Fez: depois vieram a alcançar licença do mesmo senhor pera fazerem guerra aos christãos, vistos os grandes damnos que os mouros recebiam; e succedendo-lhes bem determinaram pôr em effeito seus escondidos desejos, e mataram a el-Rei de Marrocos, fazendo-se senhores de todos seus reinos. Depois tiveram guerra entre si, como salteadores sobre o mal ganhado, e Muley Mahamed, irmão mais moço, tomou tudo ao mais velho; e vendo-se absoluto senhor d'estes reinos, desbaratou depois e prendeu a el-Rei de Fez, Elotas Merine, de quem foi criado, como traidor ingrato, e d'este modo ficou senhor de toda Berberia: o qual parece que quando estava em paz com seu irmão fez com elle uma lei, ou concerto, que o filho mais velho de cada um d'elles que se achasse vivo á hora da morte de seu pae, succedesse no reino, e não os netos.

Aconteceu pois que os mais dos filhos d'este Xarife mais moço, usurpador de tudo, morreram a ferro, como foi Abelquadre e outros, e ficou Mulei Audelá sómente, seu filho mais velho por seu herdeiro, o qual reinando dezasete annos com grande prosperidade, sem embargo de ter irmãos vivos, filhos do dito Xarife seu pae, que por rezão do contracto devessem perder, todavia jurou por successor a seu filho Mulei Mahamed, o Xarife que foi com el Rei D. Sebastião. O qual tanto que se viu jurado começou a maquinar contra seus tios, que já em vida de Mulêi Audelá, seu

irmão, se haviam acolhido, e mandou matar um em Tremecem, e outro escapou nos desertos de Libia, e Mulei Audelmelic, vendo isto se passou ao Gram Turco, o qual vulgarmente se chama Mulei Moluco, porque sendo pequeno era tão afeiçoado aos christãos, que seu pae lhe mandou fazer uma bragua d'ouro cheia de muitas pedras ricas, e lh'a pôz um dia, chamando-lhe Moluco (como quem diz servo) d'onde lhe ficou o sobrenome tambem assentado, que muitos lhe não sabem o nome verdadeiro. Andou pois Mulei Moluco em Constantinopla muito tempo, sem poder alcançar soccorro do Gram Turco contra seu sobrinho (como tambem d'el-Rei de Hespanha não havia podido alcançar, fazendo primeiro os mesmos officios.) Porém depois de escapar na batalha do senhor D. João de Austria, em companhia de Uchali, o Turco lhe deu cinco mil janiseros debaixo de algumas condições, todas em notavel damno da christandade, principalmente de Hespanha por razão de poder ter galés em Larache. E alli entrou nos reinos de seu sobrinho o Xarife, que foi com el-Rei D. Sebastião. E em tres batalhas com prosperos successos se fez absoluto senhor de toda Berberia; e o Xarife se veio ao Pinhão de Belles, fortaleza da corôa de Hespanha, no mar Mediterraneo, d'onde pediu soccorro a el-Rei Felipe, e não achando guarida passou a Ceita, da qual fazendo os mesmos officios com el-Rei D. Sebastião, e promettendo-lhe a fortaleza de Larache com algumas cousas mais, lhe começou el-Rei a dar ouvidos, fundado mais no bem da christandade e na durida empreza que se lhe offerecia, que nas vaidades que diz Frei Antonio de São Romão, seguindo Jeronymo Franqui.

Andando pois el-Rei cheio d'estes pensamentos, como a natural inclinação e amor da guerra o des-

pertassem grandemente, começou a dar conta a al guns fidalgos em particular, mais pera pôr em effeito seus desejos que pera tomar os verdadeiros conselhos; porém vendo que todos com animo singelo fugindo fielmente á infame lisonja não deixaram de lhe apontar o que convinha, começou, cedendo a tantos pareceres, a querer salvar os principaes inconvenientes, que eram deixar este reino sem filhos herdeiros, e passar em Africa sem parecer e ajuda d'el-Rei Felipe seu tio segundo. Pela qual rezão lhe mandou por embaixador Pero Dalcaçova pera que tratasse d'estas cousas, mui confiado no devido effeito d'ellas; pois no que tocava á empreza de Larache convinha tanto mais a sua Magestade a segurança de galés de turcos naquelle porto, quanto tem mais visinhos seus estados que Portugal; e no seu casamento rezão havia de mui bom despacho a tão justa petição.

Procurou el Rei vêr-se com sua Magestade pera de mais perto lhe significar seus desejos. De todas estas cousas se não viu por então mais effeito que trazer Pero Dalcaçova a resolução que se tomou da vista dos Reis em Guadalupe, e alli parece que senão deferiria a mais, pois de tão perto se esperava tratar d'estas materias com mais auctoridade e fundamento.

Partiu se logo el-Rei D. Sebastião pera Guadalupe, e em toda a parte no reino de Castella foi recebido com palio, e como Rei natural em todas as mais cousas. Trataram-se os Reis nas vistas igualmente de Magestade, falando primeiro el-Rei Felipe como lhe convinha. Houve entre ambos verdadeiras mostras de grande amor; e no que toca á empreza da jornada de Africa jámais sua Magestade pôde acabar com el-Rei outra cousa, que fundado no puro zêlo que o compungia sem querer escuitar outra rezão alguma, rezão só lhe parecia seu conselho.

Vendo pois el-Rei Felipe nosso senhor que está em gloria, a total determinação d'el-Rei D. Sebastião, ainda que não quizesse admittir seus verdadeiros conselhos, determinou de o ajudar pelo grande amor que lhe tinha, sendo o negocio com particular adiantamento de Larache sómente; e por conselho do duque de Alva, havendo que assi convinha; porém depois não veio a effeito nenhuma cousa d'estas, ou por rezão de esperar que baixasse o Turco, segundo o que então se publicava, ou por cuidar sua Magestade que faltando a el-Rei tamanho soccorro cedesse por necessidade ao que por rezão não queria. E no que se tratou ácerca de seu casamento dizem que o deferio até serem de idade as senhoras Infantes D. Isabel Clara, e D. Catherina.

D'esta maneira se tornou el Rei D. Sebastião a Portugal, d'onde se começou a fazer prestes, não obstante os novos offerecimentos que sua Magestade lhe fazia por ordem de D. João da Silva seu embaixador em Portugal, com certos contratos sobre a especiaria, que tambem não vieram a effeito; nem a causa se sabe, posto que neste tempo veio de Berberia o capitão Francisco de Aldana, a quem sua Magestade havia mandado espiar a terra para melhor se inteirar do que compria a el-Rei D. Sebastião; e dizem que com sua informação cessou o negocio, havendo sua Magestade que não era bem dar calor a cousa tão desencaminhada, e assi o mandou a el-Rei pera que d'elle se informasse, tendo por certo que com sua informação, ou moderasse o conselho, ou totalmente desistisse da empreza. Porém o capitão Aldana em nenhuma d'estas cousas fez effeito, antes lhe tomou el-Rei a palavra pera o acompanhar nesta jornada.

Neste tempo vendo sua Magestade todavia como el-Rei D. Sebastião não desistia por nenhum modo

de sua determinação, tornou a fazer novos officios sobre esta materia, escrevendo particularmente a el-Rei, e dando lhe com muito amor verdadeiros conselhos, mandando juntamente ao duque de Alva que fizesse o mesmo por via de Luiz da Silva embaixador em Castella. E no que diz Frei Antonio seguindo Franqui, que muitos diziam que sua Magestade fingira todas estas cousas arteficiosamente, porque de uma maneira ou de outra se melhorava no partido; pois tomando el-Rei D. Sebastião Larache segurava os reinos de Hespanha, e morrendo na demanda ficava seu herdeiro, certo que me parece que se alevanta grande testemunho a vivos e mortos, porque nunca tal se disse, nem cuido podia chegar a tanto a malicia humana, que tal se suspeitasse de tal Rei.

Passados alguns dias, e deliberando el-Rei totalmente na jornada, não admittindo conselho por soccorro, mandou a Italia fazer alguma gente no ducado de Florença, e não havendo a missão logo effeito, por alguns inconvenientes que se offereceram, de cujo sucesso ha opiniões mui varias, mandou el-Rei a Allemanha a baixa a Sebastião da Costa fazer tres mil homens, e nomeou por coroneis da gente que se havia de levantar em Portugal Diogo Lopes de Sequeira, Francisco de Tavora, Vasco da Silveira, D. Miguel de Noronha, e por capitão dos aventureiros Christovão de Tavora (grande seu privado era) e por capitão mór da armada D. Diogo de Sousa, tendo primeiro nomeado a D. Luiz de Taide, que depois pelo que convinha ao estado da India foi por visorei. Foi tambem nomeado por mestre de campo general D. Duarte de Menezes, e ordenou el-Rei que o acompanhassem seiscentos italianos que a caso tomaram o porto d'esta cidade de Lisboa, indo por mandado de sua Santidade a soccorrer os christãos catholicos da

ilha de Irlanda em companhia do marquez Thomás Sternoile.

CAPITULO II

Das resões que teve el-Rei D. Sebastião pera passar a Berberia

Por tres causas, como todo o mundo sabe, se moveu el-Rei a passar em Africa. A primeira por ser contra infieis tão visinhos, e tão inimigos: a segunda por soccorrer a um Rei perseguido, posto que infiel, que com tanta humildade lhe pediu remedio: a terceira por estorvar a visinhança dos turcos que com Mulei Moluco vieram (além dos que se podiam esperar pela nova confederação do Grão Turco) fazendo-se senhor do porto de Larache e d'algumas cousas que todas resultavam em proveito da christandade, principalmente dos reinos de Castella, sem outro fundamento algum, segundo o que escreveu a el-Rei Felipe seu tio, e a sua Santidade muitas vezes.

E quanto ao que diz Franqui, que o Xarife o incitava ou persuadia a se fazer Imperador de Marrocos, parece certo cousa ridicula cuidar-se que havia de dar aquillo pera cuja restauração vinha só pedir soccorro; nem por outra parte se póde cuidar de um Rei tão valeroso e tão catholico, que debaixo de o metter de posse de seus reinos se fizesse senhor d'elles, como tambem affirma Frei Antonio, quando diz que o Xarife se temia d'isso, e el Rei determinava de lhe fazer verdadeiras suas suspeitas. E no que diz que el-Rei mandou logo pera esse effeito fazer a corôa cerrada a modo de Imperador, tambem se engana, que já de

antes usava d'ella nas armações ordinarias o mesmo senhor, a qual devia mandar cerrar ou porque o Papa Pio quinto lh'a mandou com um estoque sagrado, e o titulo de Magestade, ou pela mesma rezão dos Reis seus visinhos; pois era neto de Carlos quinto, e decendente dos mais Imperadores: por essa rezão como tambem os Reis de França a trazem por Carlos Magno, e os de Inglaterra por Constantino Magno; quanto mais que se tem que os Reis independentes todos podem trazer corôa cerrada sem a cruz em cima, que faz a differença da dos Imperadores.

Mas tornando a nosso proposito, el-Rei se moveu a passar em Berberia pelos respeitos acima ditos. E posto que pera esta jornada fossem necessarios alguns pedidos, como foram aos homens de nação e a outros, nunca o negocio foi de maneira que se não pudesse tolerar; porque o Papa lhe concedeu a terça das igrejas em que el-Rei se moderou, e a cruzada juntamente, e os homens da nação se concertaram sobre o fisco, como agora fizeram com el-Rei Felipe nosso senhor mui licitamente, sem os espantos que d'isto faz Frei Antonio, significando que foi contra uso, lei, e costume. E no mais houve tanta moderação, que soffreu el-Rei ao conde de Tentugal uma descarga mais de reprehensão que de desculpa, pedindolhe o mesmo senhor dinheiro emprestado por carta particular, e não foi lançado pedido aos nobres e senhores de titulo de obrigação como diz Frei Antonio, senão de rogo por cartas particulares admetindo mui facilmente qualquer escusa.

E na verdade se bem se notar o que havia mister tamanha empreza póde ser que ache que nunca Rei algum fez semelhante negocio com tão pouca oppressão de seus vassalos. E no que diz Jeronymo Franqui ácerca de Deus castigar este reino e este Rei pelas

muitas dilicias e soberba em que os portugueses então viviam, certo que me parece que com bem de arrogancia, ou por melhor dizer blasfemia quiz elle julgar dos juizos divinos, como se foram cousas de que homem pudéra dar testemunho (qual o soberbo Elisas Themanites nas miserias de Job) e mais quando neste tempo viviam as gentes em Portugal com tanta moderação assi nos gastos como nos costumes, que as senhoras mui principaes, e a mesma Rainha andavam em andilhas, e os senhores e Principes não usavam coches com que hoje não podemos passar as ruas, nem havia telas, nem brocados, nem outras invenções pera as mulheres, que tudo alagaram depois como diluvio na geral perdição. Pois no que toca a el-Rei D. Sebastião, que neste tempo estava na força de sua adolescencia, bem claro está como todo o mundo sabe, que era um Principe em que nunca se conheceu, nem quasi suspeitou vicio algum, tanto que por sua pureza, não lhe podendo dizer outra cousa, se lhe arguia ser algum tanto afeiçoado á montaria; cujo exercicio, além de ser mui proveitoso a qualquer Principe pera se exercitar nas cousas da guerra (como de si confessa el-Rei de Hespanha D. Affonso onzeno, um dos mais valerosos Principes de Europa) nunca lhe tirou as horas de despacho e de governo. Pois vêde que taes costumes podiam ser os das gentes que tal Rei tinham, sendo juntamente de tanta virtude e zêlo os que então punham em ordem as cousas do governo, e na doutrina da santa Madre Igreja a conhecida pureza dos religiosos da companhia de Jesus: que só pretendiam exercital-o em bons costumes e devida continencia, não no estrondo das armas pera ser mais famoso, como diz Frei Antonio seguindo Franqui.

Fizeram guerra os filhos de Israel aos de Bemjamin, justa e santa por Deus ordenada, e foram porém

vencidos. Pelejou o santo Rei Josias contra Necho, Rei do Egypto, e foi no campo de Magedo desbaratado e morto, posto que contra um gentio fizesse a guerra. Foi vencedor Pompeio desde sua mocidade em todas quantas guerras fez como tyranno, e sem rezão vencido em uma que sustentou com justa causa; d'onde Catão confessa (posto que gentio) o grande segredo da providencia divina. Santo era el-Rei Luiz de França, santa sua tenção, e mui catholica a gente que levava contra os inimigos da lei de Christo, e foi desbaratado, preso e captivo. Que mais justa jornada houve no mundo que a do Imperador Conrrado com os mais Principes na conquista da Terra Santa, por conselho e persuasão do glorioso S. Bernardo (quasi divino mandamento) e foi com tanto numero de christãos desbaratado e perdido. E pondo alguns a culpa a este santo da jornada, deu elle vista a um cego, em justificação de como o que preguara foi por mandado de Deus. Pois agora em nossos tempos que guerra podia haver mais justa que a que se fez contra os hereges Taboristas de Boemia, e vemos quanta gente catholica se perdeu em tantas jornadas, sem bastarem valerosos Imperadores, commissarios do santo Papa, nem santa cruzada. Por ultimo exemplo, que empreza podia haver mais necessaria a tantos damnos, como a christandade cada ora recebe, que a de Argel, onde o valeroso e catholico Imperador Carlos quinto perdeu tanta gente, depois de ter quasi tomada esta faminta perpetua da liberdade christã. E agora ha tão poucos annos tantas armadas, como se assolaram d'estes reinos em tão justa guerra contra luteranos.

Grande cegueira certo fôra se o successo das cousas se houvera de attribuir ao merecimento das pessoas, pois pelo mesmo caso ficára o Grão Turco que tanto manda, toma e desbarata a respeito dos Reis

christãos, mais armado e favorecido de Deus, antes o contrario vemos que os mais queridos são mais castigados, como a cada passo acontecia aos mimosos filhos de Israel. Bem facil cousa é de entender quem considerar os termos d'esta perdição, como adiante se verá, que foi particular determinação divina, pois de quantas cousas pera esta jornada foram feitas, bastava desordenar-se uma sómente pera ella não ter effeito; mas tudo caiu tanto a ponto, que parece que Deus com sua propria mão conduzia os portugueses aos limitados termos de seu castigo, ou escondidos fins de seu alto juizo, que ninguem póde alcançar.

Deus em fim é Senhor que tudo póde tirar ou conceder, pois antes de ser nosso já era primeiro seu; pelo que o mudar os imperios e acabar os reinos é uma certa vontade de sua infinita sabedoria; do que muitas vezes nos parece castigo, o que por ventura nos resulta em proveito. E é tão antiga a opinião de que a vontade divina dispõe d'estas cousas, como ella sómente sabe; tão fóra do nosso fraco entendimento, que estando Pompeio mui desconsolado na ilha de Lesbos depois de vencido de Cesar, lhe disse o philosopho barbaro que não tinha rezão de estar d'aquella maneira, pois era sem duvida ir contra a vontade dos Deuses, os quaes de tempos em tempos mudavam fatalmente as cousas; e que tambem os imperios e monarchias tinham seus annos criticos, em que desfaleciam com tudo o mais: ás quaes palavras de modo cedeu Pompeio que ficou mui consolado, tendo por certo que era cousa ordenada pelo ceu, e não defeito da sua pessoa, ou republica. Pois se isto entendiam os gentios, com quanta mais rezão nós que temos lume de fé devemos cuidar que a mudança de nosso estado é particular vontade d'aquelle Senhor que sempre o melhor deixa escondido? Não nego eu que culpas de

tão largos tempos podiam merecer móres castigos, mas não certo d'aquelle a quem Franqui as attribue todas, querendo adivinhar a tenção divina, e dar certo juizo aos incomprehensiveis juizos de Deus.

Estando pois o negocio nos termos que atraz dissémos, em que as cousas da guerra se vinham ajuntando com toda a brevidade, a qual nunca se cuidou que viesse a effeito, ou por ella desfallecer por si mesma, ou por particular mercê de Deus, não sendo juntamente nunca d'esse voto el-Rei Felipe segundo nosso senhor, que está em gloria, começaram os fidalgos e senhores d'este reino a temer mui mais deveras o perigo de tão inconsiderada empresa, e pediram a Cristovão de Tavora quizesse dissuadir a el-Rei d'ella, havendo que só a elle como a tamanho privado ouviria. Ao que Cristovão de Tavora respondeu em sua justificação que nunca em acto nem em palavra lisonjeara a el-Rei neste particular, nem lhe dera seu parecer, antes se mostrara sempre mui timido, falando-lhe o mesmo senhor algumas vezes nestas cousas, por lhe fazer mercê, que era o termo com que só lhe podia declarar sua tenção. Porém que tiral-o de tão arreigado proposito, não lhe parecia carga só de seus hombros, nem podia convencer a el-Rei com rezões, pois era mancebo sem experiencia na guerra, antes elles o podiam fazer, pois foram generaes, e cercaram e foram cercados, além de sua auctoridade e seus annos; e no que lhe tocasse de sua parte não perderia ponto, solicitando uma hora boa, em que Sua Alteza, lhe fizesse mercê de o ouvir. O que se póde mui facilmente crêr, porque além de Cristovão de Tavora ser um fidalgo mui honrado, em quem nunca a demasiada privança fez seu officio, ninguem interessava mais na vida e quietação d'el-Rei e do reino. E é tanto isto assi, que quando o mes-

mo senhor o mandou sobre estas materias a Castella, antes da ida de Guadalupe, alcançou elle licença pera visitar o Cardeal D. Anrique sob color de devida cortezia, pois havia de passar por junto de Evora onde elle já estava mal contente e desabrido; e lhe pediu quizesse tomar á sua conta dissuadir a el-Rei d'esta jornada, aventurando-se á indignação em que pudera cair se elle tal soubera. Mas como dizia, vendo isto alguns fidalgos, como foram D. João Mascarenhas, cuja auctoridade era grande nas armas, e Francisco de Sá, conde que depois foi de Matosinhos, a quem el-Rei tinha muito respeito por haver ter sido aio do Principe seu pae, falaram a el Rei de conformidade cada um em particular, e posto que lhe aguardeceu muito seu bom zêlo, não sómente os não quiz mais ouvir, mas ordenou que o não acompanhassem, deixando-os por governadores em companhia de D. Jorge Dalmeida, Arcebispo de Lisboa, e Pero Dalcaçova, como pessoas de grande valor, zêlo e virtude, e não mal quistos, como diz Frei Antonio seguindo Franqui. Estes officios fizeram outros muitos fidalgos e senhores aconselhando a el-Rei pelo bem commum do reino, e com instancia D. Afonso de Castel-Branco, depois bispo de Coimbra, e visorei d'este reino, sem ambição ou cubiça, como diz Franqui

Neste tempo veio de captivo D. Antonio da Cunha, um fidalgo mui honrado e bom cavalleiro, o qual havia pelejado da parte do Xarife contra Mulei Moluco; e querendo el-Rei informar se d'elle de algumas cousas de Berberia, D. Antonio lhe disse a fórma em que os mouros pelejavam, e quanta gente havia de guerra, falando verdade puramente, como quem a dizia a seu Rei e senhor em materia de tanta importancia. E no fim de toda esta informação, quan-

do elle cuidou que el Rei lh'o agardecesse muito, lhe disse: — parece-me, D. Antonio, que vos parecem os mouros muitos; ao que elle respondeu: — eu digo o que convem a Vossa Alteza, e quando me vir em seu serviço contra elles espero mostrar que falei como verdadeiro, e não covarde.

No mesmo tempo os vereadores d'esta cidade de Lisboa e os homens do governo d'ella falaram algumas vezes a el Rei, lembrando-lhe o que convinha a este reino, e outras cousas, bastantes cada uma d'ellas ao dissuadirem de seu intento; mas o valeroso Rei que por natural ferocidade, ou por melhor dizer, permissão divina, tinha assentado comsigo ser esta jornada justa, piadosa e santa, não dava ouvidos a cousa alguma, julgando-se pelo que só entendia, mui licitamente endurecido: sendo cousa que do principio de sua vida tanto tinha no desejo e na lembrança, que estando um dia no mosteiro de S. Roque (de bem pouca idade) depois de commungar recolhido em uma capella como costumava, foi visto diante de um crucifixo de giolhos, onde com muitas lagrimas e grande instancia (de modo que acudio seu mestre cuidando ser outra cousa) estava pedindo a Deus que assi como a tantos Principes havia concedido victorias, imperios, monarchias, lhe concedesse a elle sómente ser seu capitão. E outra vez estando á profissão de uma freira no mosteiro da madre de Deus, que se chama D. Maria de Menezes, como ella havia sido dama do paço lhe disse: — Senhor, hoje com rezão é o dia em que o Divino Esposo parece que deve conceder mais facilmente o que sua esposa lhe pedir; por isso veja Vossa Alteza o que quer que de sua parte lhe peça: el-Rei lhe respondeu que lh'o aguardecia muito, e que lhe pedisse que o fizesse seu capitão; sendo de tão pouca idade que o tiveram todos a maravilha.

Pois vejam agora os Principes guerreiros, os invenciveis capitães do mundo, que não tiveram porventura desde seus verdes annos tão fundado proposito e santo zêlo, nem com tão pouca ambição cometteram quiçá contra infieis semelhante empreza, que segredos são estes da divina sabedoria, que quanto a nosso entendimento mal se póde cuidar que faltasse Deus a tão santos desejos.

Determinado emfim el-Rei de conseguir seu intento, mandou chamar os fidalgos a conselho, os quaes depois que entraram na casa pera isso deputada, esperando que el-Rei propuzesse as rezões que tinha pera fazer esta jornada, com determinação de lhe mudarem a vontade, ou ao menos acabarem com elle que não fosse em pessoa, el-Rei chegou á porta sómente, e em lugar de lhes propor sua tenção, lhe fez uma larga pratica, na qual lhes não pedia conselho, dizendo que só lhes dava conta pera lhes declarar seu intento; e no fim d'isto sem aguardar resposta se foi a outra casa deixando a todos com as palavras na boca, e com assás magoa em seus corações.

D'esta maneira aconteceu, e nunca el-Rei pôs em conselho de estado sua determinação, como Franqui culpando a muitos senhores d'este reino, que por suas pertenções ou ignorancia calavam a seu Rei a verdade, aconselhando o contrario d'ella, sendo isto tão differente, que perguntando el-Rei ao outro dia a D. Manuel de Menezes, Bispo de Coimbra, que no conselho se achou, que lhe parecera a pratica, elle respondeu que bem parecia de Sua Alteza, posto que algum tanto dilatada nos argumentos, dando-lhe a entender que era mais estudada pera persuadir como pertendente, que dilatada pera admitir conselho como senhor. D'esta maneira lhe falavam todos os que não queriam ouvir semelhantes respostas ás de D. Anto-

nio da Cunha, ou suceder-lhe o que aconteceu a um fidalgo bem honrado e valeroso d'este reino, que na India acabou algumas emprezas das mais notaveis que lá houve, o qual como reprendesse e aconselhasse a el-Rei a primeira vez que pássou em Africa, não lhe sendo agradavel foi d'elle tão mal recebido, que mandou publicamente (ó gualardão injusto) consultar a medicos filosofos se podia um homem ter menos valor e juizo com idade, querendo attribuir a desatino seu honrado conselho e fiel zêlo. Porém a tudo isto se aventuraram todos, se com sua injuria ou damno se atalhara totalmente a mal fundada opinião. Como fizeram por suas cartas D. Duarte de Castel Branco, depois conde do Sabugal, que neste tempo estava por seu embaixador em Castella, e o conde de Tentugal, depois marquez de Ferreira, e pessoalmente D. Alvaro da Silva, conde de Portalegre, mordomo mór, senhor de muita autoridade e virtude, mas nada aproveitou.

Estiveram estes fidalgos alguns dias entre esperança e temor, porque por uma parte cuidavam que Sua Magestade com sua autoridade e com parecer tambem do duque de Alva tirariam a el-Rei d'este pensamento, e por outra parte, todavia iam vendo o contrario, até que em fim se começaram a fazer prestes, com os mais do reino, offerecendo-se antes a todo o rigor da fortuna, que a qualquer discredito de sua obediencia e lealdade, comprando armas e cavalos, e outras cousas necessarias a guerra, com muita despeza de sua fazenda, pera o que tomáram naos, caravelas e outras embarcações necessarias e capazes. E quanto ás guales escusadas que Franqui diz quando as cousas que convinham principalmente não faltavam, que muito era irem alguns mancebos lustrosamente ataviados, antes o aparato na guerra anima os soldados, e dá temor aos inimigos.

Nesta jornada acompanhou a el-Rei o prior D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, posto que algum tanto desabrido por certas paixões que teve com Christovão de Tavora. O duque de Bragança, D. João, não pôde acompanhar a el-Rei por estar neste tempo mui enfermo, porém ordenou que o acompanhasse seu filho D. Theodosio, duque de Barcelos, com muitos criados, vassallos, e fidalgos da mesma sorte. O duque de Aveiro acompanhou a el-Rei com muitos vassallos, criados e fidalgos, e no que diz frei Antonio seguindo Franqui, que os senhores de Portugal iam providos como a pessoa d'el-Rei, é verdade, porque sempre em seu serviço, como leaes vasallos, gastaram liberalmente sua fazenda sem receberem soldo nem ventaja, como se costuma noutros reinos; porém no que diz que carregaram de seda e baixellas, e ouro, como quem ia pera bodas, parece certo que foi mais imaginação da mercantil miseria genovesa, que outra cousa, porque ninguem levou mais que o que convinha, além das armas e outras cousas convenientes á guerra.

Neste tempo o Cardeal D. Henrique vendo que el-Rei não queria tomar seus verdadeiros conselhos acerca da mal sustentada opinião, se foi pera Evora bem desabridor, e mal contente, largando o cargo de Inquisidor mór, que el-Rei deu a D. Manuel de Menezes, Bispo de Coimbra.

CAPITULO III

Como se partiu a armada, e de algumas cousas que paisaram em Arzilla

Depois que toda a gente de guerra foi junta, cujo numero não chegava a desasete mil homens, convem a saber, nove mil portuguezes, que podia haver nos terços que os coroneis levantaram, tres mil tudescos, dos quaes era capitão Martin de Borgoña, Monsiur de Tanberg, dois mil castelhanos que governava D. Alonso de Aguilar (posto que então não estivessem todos em Lisboa) seiscentos italianos a quem regia o marquez Tomas Sternuile, mil e quinhentos ventureiros portuguezes, homens nobres, além dos mais fidalgos illustres e senhores, que foram na jornada, se partio el-Rei D. Sebastião da cidade de Lisboa, a vinte e quatro de junho de setenta e oito, com grande contentamento e alegria de todos, porque aquelles a quem se deixavam comunicar os perigos que podiam socceder se confortavam nas esperanças de alguma boa ocasião, e os outros nas aparencias do bem que prometia tão fermoso ajuntamento, festejavam os alegres principios, sem haver alguem em toda a armada que mostrasse tristeza ou malenconia com tristes agouros, como treslada frei Antonio de Jeronymo Franqui, affirmando que todos os portuguezes iam já entregues á morte, que não lhes dava menos d'ante mão os medos e temores, e fazendo grandes misterios pera pronosticar seus males, de dar o esporão da galé real em uma náo framengua, sendo pelo contrario maravilha não acontecer algum desastre no porto d'onde saiam juntas mil embarcações, mas antes era tanta a festa e harmonia das charame-

las, pifanos e tambores, e outros instromentos bellicos, que parece certo (como foi verdade) que ali o contentamento se despedia de todos.

O primeiro porto que el-Rei tomou foi o de Lagos, no Algarve, com toda esta armada; aqui se deteve quatro dias, nos quaes se embarcou alguma gente do terço de Francisco de Tavora, que naquellas partes foi levantada, e partido d'ali em breve tempo, chegou a Calis, pera esperar alguma gente que se vinha juntando, castelhanos principalmente, onde esteve oito dias, e lhe fez muitas festas o duque de Medina Sidonia, pera o que menos tempo bastava, e tambem pera o mais.

Nesta conjunção procurou Mulei Moluco por suas intelligencias dissuadir a el-Rei D. Sebastião da empreza, como havia feito d'antes, por via de André Gaspar Corço, lembrando-lhe sua justiça, a inconstancia de Mulei Mahamed, os damnos que d'elle havia recebido, e juntamente prometendo-lhe algumas cousas, ao que el-Rei por nenhum caso respondeo nunca, e d'isto se queixava grandemente Mulei Moluco, como depois se soube em Fez de Reduão, seu grande privado. Nem era possivel, nem justo, que el-Rei lhe respondesse, porque por uma parte no que tocava á justiça de Mufei Moluco, nenhuma tinha, quando os Xarifes fizeram o concerto que os filhos herdassem, e não os netos, nem quando foram catholicos podia militar isto, por ser em prejuizo do neto successor, pois concertar-se com elle menos era cousa licita, pois tomou debaixo de sua proteição o Xarife, com as condições entrambos ordenadas, e quando as não houvera, bastára sómente sua segurança pera não fazer outra cousa, e sem embargo d'esta verdade que todo o mundo viu, além de que por clara consequencia se deixa isto entender, mui facilmente ousa Jeronymo Franqui dizer

de um Rei tão verdadeiro e justo, que deu por reposta a estas cousas, ou mandou dar a Mulei Moluco, que elle havia feito muito gasto, e conduzido muitos estrangeiros, pelo que não podia faltar á empresa, se lhe não desse Tutuão, Larache, e o cabo de Gué, e que Mulei Moluco vendo isto-lhe respondeu que era aquillo partido pera se pôr em pratica quando el-Rei o tivera cercado em Marrocos, e lhe entregára seu inimigo Mulei Mahamed. Por certo que parece esta uma cousa, não sómente indigna de algum credito, mas digna de uma grande reprehensão, pois bem claro está que se el-Rei D. Sebastião mandara dizer isto a Mulei Moluco, que concedendo lhe os lugares sobreditos queria desistir da empresa, faltando com a fé ao Xarife, e pondo em preço a quem lhe mais desse sua verdade, nem sei certo como este autor, e Frei Antonio que o traslada affirmam isto, pois ambos confessam que el-Rei Felipe nosso senhor, que está em gloria, não pôde nunca acabar com el-Rei acordo algum com Mulei Moluco.

Depois que el-Rei D. Sebastião, como atraz dizia, se deteve em Calis oito dias, chegou com toda a armada defronte de Tanjar, onde desembarcou com quatro galles sómente, pera dar ordem a algumas cousas necessarias, mandando a D. Diogo de Sousa que o esperasse em Arzilla com a mais frota, aqui se deteve pouco, e ordenou Muleixeque filho do Xarife fosse correndo a costa até Mazagão pera dar calor aos que quizessem tomar seu bando, com Martim Correa da Silva por capitão dos portugueses que o acompanhavam, e depois veio a Arzilla nas gallés, e o Xarife por terra com alguns mouros de pé e de cavalo. Logo el-Rei mandou desembarcar a gente em terra, e foi alojado o campo junto dos muros da villa, e alguma parte dentro nella.

Pareceo-me rezão tratar aqui primeiro um pouco do sitio e desposição do lugar de Larache, onde el-Rei levava posto a mira, antes que tratemos da eleição que se fez do caminho, pera que mais facilmente se entendam as difficuldades e inconvenientes que se offereceram.

Larache é um porto de mar que tem uma pequena povoação, está situado em trinta e quatro graus d'altura da nossa parte do norte, na costa de Berberia, quinze légoas do estreito de Gibaltar, pouco mais ou menos, correndo a sudueste no mar Oceano, e quatro abaixo de Arzilla, as quaes são de deserto habitadas de animaes mui feros. E' o porto capaz de muitas galés, e de navios de alto bordo até duzentas toneladas, por ser fundo o rio, posto que não mui largo.

A sua barra não é mui facil de entrar: tem uma fortaleza pouco forte na entrada d'ella; sobre um banco de area da outra parte do rio, a respeito de quem vai de Arzilla, abaixo logo tem uma enseada pequena, a que chamam Castil de Genovezes.

Este é o mais principal porto de toda Berberia, por respeito de estar tão perto de Hespanha, e ser o melhor de todo o mar Oceano, e de maior concurso de mercancias de todas as partes, principalmente dos inimigos da Igreja Catholica, que levam por aqui muitas armas aos mouros, e outras semelhantes cousas, em grande perda e damno da Christandade. O seu rio se chama Lucus; e Ptolomeu o nomea Liso; nace na provincia de Elebat segundo Abraham Ortelio, quarenta legoas pouco mais ou menos de sua foz; passa por muitos lugares, principalmente por Alcaçar Quebir; que de Larache estará tres legoas, e de Arzilla sete. Tem um campo que se chama Uderaca, que quer dizer a adargua, o qual vulgarmente se diz campo de Alcaçar, por começar junto a esta

villa, onde foi a batalha, como adiante se verá; e grande, e mui chão, pelo qual se vem metendo uma pequena ribeira da parte do Norte no rio Luccus, cujo nome é Ver Macasin. O que baste por ora pera nosso intento, e se houver alguem que mais particularmente o queira saber, leia a descripção de Africa

Tanto que el-Rei desembarcou em Arzilla como atrás dissemos, chamou os fidalgos a conselho, e propondo-se nelle qual caminho seria melhor a Larache, uns diziam que o mais seguro e breve era ir por mar na armada, e desembarcar em terra, porque senão esperava muita resistencia da parte dos mouros: outros que marchasse o campo por terra ao longo do mar aquellas quatro legoas, que ha de Arzilla a Larache, levando as carretas e carros por trincheiras da parte da terra, e a armada á vista pelo mar, e tanto que o exercito chegasse poderia passar a gente nos bateis das naos a outra banda do rio, d'onde a fortaleza está situada. Outros diziam que marchasse el-Rei por terra até poder passar o rio Luccus com todo o exercito facilmente no campo de Alcaçar onde o vao dá lugar a isso, tomando a mesma villa de caminho, na qual podia deixar o Xarife e bater depois a fortaleza de Larache com as costas mais seguras.

Os inconvenientes que se allegavam eram primeiramente contra o parecer de ir el-Rei desembarcar em terra, estar a fortaleza de Larache situada sobre o banco da arêa, á entrada da barra, de maneira que nem uma ave podia entrar por ella sem risco mui grande dos baixos e da artilharia, e que desembarcar no rolo do mar na costa brava, quando o tempo o consentisse, tambem era notavel perigo pela facilidade com que os mouros com trincheiras na praia se podiam defender da gente que havia de sahir com tanto trabalho com a agoa pelos peitos, a risco de

poder vir uma tromenta e ser forçado levantar-se a armada, e deixar meia gente em terra. E quando desembarcasse toda, como da costa brava se podia tirar artilharia e mantimentos, porque posto que abaixo de Larache um pouco havia uma pequena enseada, onde está uma casa a modo de forte que se chama Castil de Genovezes, era cousa mui pequena, além de estar (como era notorio) tambem trincheirada e fortalecida com a gente que Mulei Amet, irmão de Mulei Moluco ali tinha, que ficava o sitio inexpugnavel. No segundo parecer de marchar o exercito por terra ao longo do mar, tambem diziam de que modo se havia de passar o rio, pois forçadamente os bateis da armada, barcas, ou galés que pera isso eram necessarias, haviam de entrar pela barra dentro, onde como está dito a fortaleza com toda a artilharia, e mosquetes juntamente, havia de defender a entrada de maneira, que metendo tudo no fundo, ninguem ousasse acomete-la, e nenhum outro remedio havia além de serem as quatro legoas de Arzilla a Larache de mui asperas montanhas. No terceiro parecer de marchar o campo por terra, diziam que corriam muito risco por falta dos mantimentos, e dos assaltos que os mouros podiam dar de noite e de dia; além de tudo isto que se offerecia el-Rei a dar uma batalha em que não sómente aventurava a honra e reputação d'este reino, toda a nobreza, valor, e sustancia d'elle, mas sua vida e pessoa, em que consistia a perpetua consolação e remedio de todos.

D'esta maneira se tratou o negocio, e posto que houve muitos fidalgos de contrario parecer, no caminho que se seguio todavia permaneceo a opinião d'el-Rei, como tão propria a seus desejos, e mandou que o campo marchasse por terra a buscar o váo do rio Locus de Larache, pera vir sitiar a fortaleza que

da outra banda estava. O que realmente bem considerados os inconvenientes que nos outros pareceres havia não era mal acertado conselho, se a brevidade e diligencia seguira a resolução, pois não havia neste tempo em todo o campo quem pudesse resistir, nem tão sómente ousasse olhar pera o d'el-Rei, por ser mui pouca a gente que Mulei Amet, irmão de Mulei Moluco pôde ajuntar depois de fortalecer Larache, como capitão que era d'aquellas partes. Tanto que veio de Alcaçar um judeu, que se chamava Gibre, pedir a el-Rei salvo conduto pera os seus que na villa estavam como cousa desemparada, em que não havia nenhum modo de resistencia, com o confessa Frei Antonio, e neste tempo estava ainda Mulei Moluco em Marrocos, que são d'ahi mais de cem legoas, e pudera mui facilmente el-Rei partindo logo tomar Alcaçar e deixar nelle o Xarife com os seus mouros e alguma gente de guarnição, e decer a Larache ao longo do rio, que está d'ahi tres legoas, e fazendo-se senhor da enseada de Castil de Genoveses desembarcar mui facilmente os mantimentos e monições necessarias, sitiando a fortaleza, que mui brevemente pudera tomar, trincheirando-se da banda da terra, mas a tardança de Caliz e de Tanjar, e ultimamente dezoito dias que el-Rei esteve em Arzila, sem haver pera que, foi totalmente a causa da perdição d'el-Rei e de seu campo. Porque neste tempo teve lugar Mulei Moluco pera chegar a Alcaçar com as gentes que tinha convocadas de Sus, Trudante, Tedula, Fez e Miquines. O que certo se el-Rei fôra experimentado como valeroso, pudera mui bem prevenir, lembrando-lhe a prestesa de Cesar, e dos mais que no mundo alcançaram só com ella tantas victorias.

D'este modo aconteceo como havemos dito, e não houve algum fidalgo que aconselhasse a el-Rei senão

aquillo que lhe convinha, porque se alguns foram de voto que se marchasse por terra, não era com pequeno fundamento, havendo a diligencia necessaria, que era bem que houvesse, como todos cuidaram, e alli davam seu parecer sem malicia alguma, como realmente parece. Nem sei como diz Franqui, e Frei Antonio que o segue, que D. Afonso de Portugal, conde de Vimioso, como sagaz e astuto, por se vingar de Pero Dalcaçova aconselhara a el-Rei que fosse por terra, porque faltando no campo os mantimentos lhe puzesse el-Rei a culpa. Por certo que cousas são estas que se não podem crêr, não digo eu de semelhante senhor tão honrado, e tão valeroso, mas de nenhum homem que fosse christão nem douto, ainda que o não fosse, pois bem claro está que os perigosos e temerarios conselhos que Franqui diz, tambem elle os ficava tomando pera si, pois foi no mesmo campo, e morreo na batalha, levando comsigo tres filhos. Mas tornando á nossa relação, depois do campo alojado, como está dito, que mui devagar desembarcou em terra, não sem grande murmuração d'alguns ministros a quem tocava esta diligencia, d'ahi a seis ou sete dias pareceo bem a el-Rei mandar dar um rebate falso, pera vêr como a gente se havia nelle, e sendo dez ou doze horas da noite disparara as bombardas, e começou a ouvir-se em todo o campo, arma, arma, ao que acudiram todos de maneira, que no principio houve grande confusão. Porém o melhor que foi possivel e mais depressa acudiram os terços ao alto das tranqueiras, e os fidalgos se puzeram a cavalo, mas na praia junto ás portas de Arzila houve demasiada grita e confusão porque os que estavam dentro na villa sahiam de rondão ao campo, e outros acudiam dentro a suas obrigações, e juntamente alguns homens do mar, de muitos que na terra havia, se

lançavam com muita furia aos bateis pera acudirem a suas náos ou a seu remedio, como homens desarmados e que não tinham mais obrigação que a de seus navios.

El-Rei neste tempo estava dentro na villa, e saindo ao campo acudiram a elle tantas gentes que se vio mui empachado, e começou a dizer ao alto, e devagar, e d'esta maneira se foi tudo pondo em ordem, e o campo esteve todo a ponto até pela manhã, que se soube pelo que se vio que o rebate fôra falso, da breve confusão do qual Jeronymo Franqui parece que tomou occasião pera dizer que com os primeiros rebates que houve, quando os mouros do Xarife, que ia com el-Rei D. Sebastião, sairam ao encontro dos de Mulei Moluco, foi tamanho o medo dos porugueses, que muitos a quem se tolheo a embarcação se acolhiam pera Tanjar. Sendo assi, que quando os mouros do Xarife sairam a escaramuça com os de Mulei Moluco, além de ser de dia não pelejaram em parte onde homem de quantos estavam no arraial visse tal peleja, nem mouro contrario algum, por estarem mui longe: de modo que não podia haver rezão de medo, nem de vista, nem de ouvida, nem ainda de suspeita, e assi esteve todo o campo mui quieto sempre, sem se mover pessoa alguma. E quando acontecera que o temor dos imigos obrigara a algum coitado a querer fugir do campo, não lhe era mais facil meter-se em Arzila, d'onde tinha as costas e as portas abertas? que acolher-se a Tanjar d'ahi sete legoas, fogindo dos mouros pera os mesmos mouros, que no caminho diz que encontravam e os captivavam. Ora veja agora quem isto lê, se o não vio por seus olhos, se lhe acha algum fundamento, e por aqui póde julgar quão erradas informações houve nisto.

Passados alguns dias houve um rebate no campo, e

appareceram ao longe muitos mouros, a quem el-Rei quiz sair em pessoa, levando na vanguarda D. Duarte de Menezes, mestre de campo general, com quinhentas lanças, onde iam os principaes senhores de Portugal, e o duque de Barcellos junto a el-Rei, armado de armas brancas, d'onde fez maravilhas em tão pequena idade, mas não é maravilha, que na virtude de seus ascendentes tão manifesta em Africa, sopria o valor a seus annos: passou el-Rei pois mui adiante, e foi o negocio de maneira, que foram mais de tres legoas tras os mouros, que se iam retirando: no qual tempo se moveu o esquadrão dos ventureiros (onde eu ia) pouco menos de uma legoa, a dar calor á gente de cavalo, e el-Rei se tornou mui satisfeito de como se houveram na briga, matando alguns mouros, e o duque tanto que elle chegou a Arzilla o foi visitar á sua tenda com um estoque nas mãos, o que sabendo el-Rei, o saio á porta a receber, e gavando publicamente seu animo e sua deligencia, lhe deu muitos abraços.

Passado este rebate (cujo cometimento com tamanha desordem foi com rezão atribuido a el-Rei a temeridade, pelo perigo que podera haver, havendo silada como cada hora acontece) os fidalgos o sentiram de maneira, que sem nenhum temor ou fingimento se foram a elle, fazendo-lhe algumas lembranças, mais de reprensão que de conselho; pelo que parece que não foi bem informado Franqui, pois diz que mais amigos de adulação que de verdade, queriam antes aconselha-lo mal, por lhe serem apraziveis, bem temendo sua desgraça. Antes o sentiram tanto que entre algumas praticas que sobre estas e outras cousas tiveram por algumas vezes, estiveram determinados a persuadir a el-Rei totalmente que não entrasse pela terra dentro, com bem honrado, licito, e fiel

atrevimento. E não faltou algum entre elles que se offereceu a ser o primeiro que se lançasse a seus pés, se todos nisso firmemente concordassem, mas em fim pôde mais o temor de qualquer mancha, na obediencia dos portugueses, que o da certa morte, que quasi diante seus olhos viam.

D'este lugar escreveu Cristovão de Tavora uma carta ao secretario Miguel de Moura, que depois foi escrivão da puridade, e um dos governadores d'este reino (a qual eu vi sendo elle falecido) e entre outras cousas de muita magoa e sentimento ácerca da porfiada tenção d'el-Rei lhe dizia que os encomendasse a Deus, que estavam no mais infelice estado da vida, não querendo elle admitir algum couselho.

E foi tanto assi, que nenhum fidalgo deixou de dizer a el-Rei o que importava, quando se offerecia, que mandando el-Rei D. Enrique tirar devassa depois neste Reino de Luis da Silva, de quem elle cuidava que como seu privado lhe falaria á vontade, por não perder o lugar que tinha: Luiz da Silva se justificou de maneira, que por testemunhas mui graves provou o contrario, e que neste mesmo lugar de Arzilla, depois que com muita humildade confessara a el-Rei as mercês que d'elle tinha recebido, lhe dissera que não fosse pela terra dentro, porque totalmente em semelhante conjunção se ia a perder, com outras cousas mais tocantes a este negocio, bem dignas de indignação, conforme seu humor. No fim das quaes lhe respondeo el Rei com muita paixão, mui asperamente, pelo que se póde bem julgar como lhe falariam os mais fidalgos, que tão pouco perdiam em perder a graça que com elle não tinham.

E assim Martim Gonçalves da Camara, escrivão da puridade, que foi d'el-Rei D. Sebastião e presidente do desembargo do paço que lhe era mui aceito, e de

que tinha grande confiança se houve tambem nos negocios publicos do reino com muita liberdade e zêlo do bem comum, não se persuadindo da muita vontade e gosto que el-Rei mostrava d'esta jornada, e quando a fez a primeira vez, posto que declarou que ia visitar Tanjar e Ceita, como fazia a quasquer outros lugares de seus reinos, e que havia de tornar, como tornou, todavia Martim Gonçalves não foi de tal parecer, antes em elle partindo se apartou logo de seu serviço, e se escusou de continuar nelle, posto que o Infante Cardeal, que ficou então governando, lh'o pedio por muitas vezes, e agora nesta ultima jornada havia annos que elle estava já de todo fóra de seu serviço.

Da mesma sorte fizeram tambem seu officio o padre Luiz Gonçalves da Camara, e os mais da Companhia, que como está dito concorreram sempre com el-Rei, instruindo-o em boa e sã doutrina e bons costumes, e na imitação dos antigos de Portugal, como se vê pela carta que escreveo a seus povos, quando começou a governar, cujo traslado me pareceu bem pôr aqui, assi pera que se veja o muito amor que lhes tinha, como o bom zêlo de seus principios.

CARTA D'EL-REI D. SEBASTIÃO

A SEUS POVOS

JUIZ, Vereadores, e Procurador (de tal lugar, etc.) Eu el-Rei vos emvio muito saudar, etc. quanto mais conhecimento vou tendo das cousas do governo de meus reinos, tanto me parece mais necessario pera elles (além da ajuda e favor que pera isso devo pedir a nosso Senhor) fazer muita conta das lembranças e avisos de meus povos e vassalos, pelo que

vos encomendo muito me aviseis particularmente de tudo o que vos parecer necessario pera bem de meus reinos, assi pera conservação e augmento do culto divino, que é a primeira e principal obrigação dos Reis Catholicos, e de que os Reis passados meus avós tiveram tanto cuidado, os quaes eu muito desejo imitar e seguir, como tambem pera que seja guardada inteiramente a justiça ás partes, e se lhe não faça por meus officiaes, nem por outra pessoa de qualquer calidade que seja agravo, nem vexação alguma, principalmente ao povo meudo, e gente pobre de que eu determino ter especial cuidado, e porque além da obrigação que tenho de prover nas cousas da religião Christã e da justiça desejo tambem pôr em ordem a reformação dos costumes, e de restituir os antigos, a que sou muito afeiçoado, vos encommendo muito me escrevais os meios que vos parecerem necessarios pera isto haver effeito, ainda que em alguma maneira pareçam contrarios ao tratamento costumado de minha pessoa e casa, e a meu particular gosto, porque o mór que eu tenho é prover nas necessidades de meu reino e vassallos, e de os ter taes quaes são e foram sempre os portugueses. Antonio Carvalho a fez em Almeirim, a treze de fevereiro de 1569. Duarte Dias a fiz escrever.

REI.

Este era o fruito que resultava dos bons conselhos e sã doutrina dos religiosos da Companhia, e porque el-Rei D. Sebastião era naturalmente inclinado a cousas de guerra, especialmente ás de Africa, vendo os padres os grandes inconvenientes que d'aqui se podiam seguir (se não usasse d'esta inclinação com a temperança e prudencia devida) lhe foram sempre

lembrando o que convinha, como aconteceo, que estando el-Rei um dia na lição muito imaginativo, dizendo que estava cuidando em tomar Africa, como fosse de idade conveniente (e tinha pera isso exemplo do Imperador Carlos V, seu avô, cuja vida trazia sempre comsigo) lhe respondeu o padre Luiz Gonçalves: Senhor porque vejo que Vossa Alteza falla de siso, lhe fallarei tambem de siso: não póde el-Rei de Portugal passar em Africa sem tres cousas: a primeira sem deixar no reino quatro ou cinco filhos machos: a segunda que arrisque seu reino não indo em pessoa: a terceira que ha de ter tanto dinheiro, gente, e apercebimentos, que o possa fazer com segurança; com a qual resposta el-Rei ficou mui triste e melanconico, por ser tanto contra seu desejo, e presuposto, e assi o padre Luiz Gonçalves seu mestre, antes de elle passar em Africa a primeira vez, se ia já retirando do paço, e de todo se foi antes que el-Rei partisse, e lhe fez uma pratica mui comprida, lembrando-lhe os grandes inconvenientes de sua ida, e agora nesta segunda e ultima jornada já de todo o padre Luiz Gonçalves era afastado do paço, havia alguns annos, e faleceo antes que el-Rei passasse, o que soubemos por pessoas de muita autoridade, que foram presentes, e tinham rezão de o saber, e não foi isto só o que o padre Luiz Gonçalves de Camara nesta materia tinha feito, senão que vendo já de antes que com a tardança de seu casamento se arriscava a successão de seus reinos, começou logo a tratar d'elle sendo moço, e ante tempo lembrando e persuadindo-o á Rainha sua avó, e o Cardeal Infante seu tio, e ao mesmo Rei por muitas vezes, e em diversos tempos apontando, primeiramente na senhora Infanta D. Isabel Glara, filha d'el-Rei Felipe segundo de Castella nosso senhor, que está em gloria, e não ha-

vendo isto effeito, lembrou Margarida, filha d'el-Rei de França; que foi casamento sobre o qual depois o Papa Pio quinto escreveu a el-Rei D. Sebastião, pelo Cardeal Alexandrino seu sobrinho, que a isso emviou, e lhe foi respondido que era d'isso contente, nem queria outro dote mais que entrar el-Rei de França na liga de que se então tratava (que este foi sempre seu zêlo) mas ou porque morreo o Papa antes de o Cardeal chegar a Roma com esta resposta, ou por outros respeitos não houve effeito este casamento, e morrendo pouco depois el-Rei Carlos noveno de França, lembrou tambem a Rainha sua mulher, filha do Imperador Maximiliano, qne ficava viuva e muito moça. Assi pois fallavam a el-Rei D. Sebastião estes religiosos, e nesta conformidade outros muitos, porém como se havia de comprir o que Deos tinha ordenado, nem estas cousas vieram a effeito, nem por outra via el-Rei se deceo nunca de sua opinião.

CAPITULO IV

D'algumas cousas que passaram em Arzila, e como marchou o campo

Neste tempo vendo o Xarife a deliberação d'el-Rei em marchar por terra, muito quizera dissuadil-o, como quem sabia o gram poder dos mouros em campanha, dizendo juntamente que não convinha a Sua Alteza mostrar-se tão zeloso da guerra, nem manifestar todo seu poder, por não virem a suspeitar os mouros que a jornada era mais conquista, que soccorro, e pera se passarem a elle bas-

tava sómente o desembarcar em terra, sem mostrar por nenhum modo querer marchar por ella dentro. Isto dizia o Xarife, julgando quiçá por seu coração que podia acontecer, vencendo el Rei, fazer-se senhor de tudo, ao que el-Rei não respondeu cousa alguma, ou por entender mui bem o temor cauteloso do Xarife, ou porque totalmente seu desenho era vencer antes com perigo, fazendo a guerra descubertamente, que sustentar-se com esperanças de soccorro, a seu parecer vergonhosas, perdendo o tempo e reputação. De que lhe não dava pequeno indicio não vêr passar algum mouro ao Xarife, depois que desembarcara em Arzilla, de quantos elle havia prometido. O qual vendo a resolução d'el-Rei, e como lhe não diffiria a cousa alguma, atribuindo mais a desprezo o pouco cafo que el-Rei fazia de seus conselhos, que a melhor fundamento de sua parte, ficou tão enfadado e aborrecido, que foi visto sair com as lagrimas nos olhos diante do mesmo senhor. Donde nunca mais d'elle se sospeitou bom animo, que não era pouco pera temer, quando havendo da parte d'el-Rei algum bom soccesso, se visse elle com poder, não sómente pera não entregar o prometido, mas pera se vingar com damno dos portugueses.

N'este lugar adoeceram muitas pessoas, e alguns homens nobres e fidalgos deixaram por esse respeito de ir no campo. Aqui falleceu Antonio Velles da Silveira, uchão d'el-Rei, cuja morte elle sentio muito, por lhe ser afeiçoado por suas partes e qualidades.

Passados em fim dezoito dias, que como está dito foi a total ruina de todos, el-Rei mandou marchar o campo na melhor ordem que lhe foi possivel, onde o duque de Barcellos seguia o seu guião real, mas el-Rei lhe mandou que se recolhesse no seu coche, e posto que elle o resusou muitas vezes, dizendo que

não havia de ir no coche, nem sofrer que Sua Alteza pelejasse sem elle o acompanhar, todavia el-Rei o obrigou: prometendo-lhe que no dia da batalha lh'o concederia. N'este tempo Mulei Moluco que de Marrocos havia partido pera Alcaçar, mandando primeiro a gente dos reinos que havemos dito, chegou a um lugar que está no caminho, o qual se chama Tremesenal, onde lhe foi dado peçonha, segundo fama, pelo alcaide do Guali, que pretendia fazer-se Rei, e posto que se descobrio ou sospeitou a treição e foram castigados alguns alcaides, todavia o do Guali ficou sem castigo, ou por não ser de todo descuberta sua maldade, ou por não se atrever Mulei Moluco com elle em tal tempo, porque tinha o mais dos soldados e alcaides de sua parte.

Logo Mulei Moluco se começou a achar mal, e em este lugar aconteceo uma cousa de grande maravilha, a qual parece que foi notavel pronostico da morte d'este Principe. E foi que sendo meia noite estando ella mui serena e quieta, subitamente se alevantou um rumor e estrondo tamanho que se não ouvia ninguem no campo, e visivelmente pareciam de redor d'elle esquadrões de gente armada, e soavam tambores, e grande grita, de modo que todo o campo se pôs em arma, com bem de temor e sobresalto, e se acolheram muitos mouros, tendo por certo serem salteados dos christãos, e passado um grande espaço, tanto que se acabou este trovelino, ficou a noite outra vez mui serena, sem se vêr pessoa alguma de guerra, ou sinal d'isso.

Paasado pois este sobresalto, caminhando Mulei Moluco, como atrás dizia, chegou junto de Alcaçar Quibir. Partio-se o nosso campo como fica dito a vinte e nove de Julho, e a primeira jornada assentou duas legoas de Arzilla, pouco mais ou menos, levando

c caminho direito de Alcaçar Quibir. Aqui chegou o capitão Frncisco de Aldana, a quem Sua Magestade havia dado liçença, o qual trouxe por seu mandado um elmo a el-Rei D. Sebastião, que fôra do Imperador Carlos quinto, com uma carta do duque de Alva, na qual lhe louvava muito o querer sómente tomar Larache, sem entrar pela terra dentro, com outros fundamentos, a qual parece devia ser reposta em confirmação do que el-Rei lhe havia escripto sobre esta mesma materia. Tanto que chegou este capitão tomou logo conhecimento de algumas cousas, como mui pratico soldado que era, e por sua ordem se faziam os alojamentos, e dos capitães João da Gama e Alexandre, sendo engenheiros Felipe Tercio e Frei Estevão religioso do Carmo, que mui valeroso soldado havia sido.

Levava o campo dos portugueses vinte e quatro peças da artilharia, entre pequenas e grandes, e caminhando em fim com muita ordem d'esta maneira, chegou ao quinto alojamento, sem haver no caminho cousa de que se possa fazer menção; porque o mais que houve foram alguns rebates que davam alguns mouros que vinham na retaguarda a vêr se achavam alguma cousa desemcaminhada. Aqui se alojou o exercito em um lugar alto ao longo de uma pequena lagoa, onde na tarde d'este mesmo dia appareceu no campo de Alcaçar alguma gente de Mulei Moluco, junto á ponte do ribeiro Mocasim, pela aparencia da qual se entendeo claramente estar vizinho o inimigo. Mulei Moluco neste tempo acabou de entender o caminho que el-Rei levava, e se veio chegando a Alcaçar, e d'ahi ao campo, junto ao vao do rio Lucus, que os portugueses iam buscar pera seguir da outra banda o caminho a Larache.

N'este ultimo alojamento vendo el-Rei o inimigo diante, e que por força pera seguir seu caminho havia

de passar o mesmo rio, por parte que se havia de encontrar com elle, teve conselho do que devia seguir, e mandando alguns cavaleiros tentar o vao do rio mais abaixo, d'onde passando o campo pudesse escusar vir ás mãos com o inimigo, teve certo aviso como era mui alto, e não podia passar sem perder a artilharia; vendo pois el-Rei este inconveniente, e como passando-se o vao podiam os mouros dar na retaguarda e desordenar tudo, se concluio que o vao se buscasse ao outro dia mais acima, d'onde passasse o exercito sem lhe ser necessario perder a artilharia ou reputação, e se desse a batalha, querendo o inimigo estrovar esta passagem, com muito aplauso e alvoroço de todos, e não como homens que iam acabando as vidas, como diz Frei Antonio. Na tarde d'este mesmo dia apareceram muitos mouros, que segundo se entendeo vinham reconhecer o campo, e el-Rei mandou ao duque de Aveiro que com trezentos de cavalo os reconhecesse, dando-lhe o seu mesmo guião, favor que o duque conheceu de maneira, que apeando-se em um momento lhe foi beijar o estribo, e pelo contrario o Prior D. Antonio, filho do Infante D. Luis sentio estranhamente ser preferido em tal empresa, principalmente pela honra do guião real. Partio-se o duque com a gente que el-Rei mesmo lhe esteve ordenando, por quererem todos ser primeiros, e como fosse já perto da noite, depois de se alongar algum tanto do campo, mandou el-Rei que se recolhesse, e o duque se tornou, dando noticia da gente que era.

Logo pela manhã foi divulgada a nova da batalha, e se começaram todos a fazer prestes. Neste mesmo dia Mulei Moluco como capitão sagaz e experimentado fingio uma carta d'el-Rei D. Sebastião, mostrando-a aos Elches, na qual lhe dizia entre outras muitas cousas que todas inventou pera sua justificação,

que elle não desejava tanto vencer os mouros por sua particular honra e interesse, quanto por queimar vivos todos os renegados da Berberia, o que foi bastante pera de tanto numero de gente, d'esta maneira não se passarem a el-Rei mais que dois homens, que foram os alcaides Mami, e Raposo. Era todo o exercito de Mulei Moluco formado de varias gentes, porque havia nelle andaluzes, ou granadinos, que são os mouros que de Granada se passaram a Berberia, ou seus descendentes, e turcos d'aquelles que ajudaram a ganhar o reino, renegados de todas as nações, azuagos, mouros que descendem de christãos, como adiante se dirá, e mouros naturaes. Todas estas gentes vinham mui bem apercebidas, e no campo havia mais de quarenta peças de artilharia. Era capitão da gente de cavalo (principalmente da que tinha á sua conta) Mulei Amet, irmão de Mulei Moluco, e capitão dos escopeteiros de cavalo Amet Lataba, e dos Elches Uchaali aragoees, do Guali dos andaluzes, e capitão da guarda Ali Muça : estes eram os principaes ; haveria no campo mais de oitenta mil homens de cavalo, e de pé mais de quarenta, segundo os mesmos mouros dizem, porque os portugueses não puderam saber mais que vêr um campo de cinco ou seis legoas tão occupado com seus inimigos, que apenas se enxergava lugar despovoado, e nesta materia é muito de notar Jeronimo Franqui, porque querendo desacreditar os portugueses com o pouco numero dos mouros, todavia vem a confessar que seriam sómente de cavalo quarenta mil, além dos ventureiros e Alarves, e quando fala na gente de cavalo de Portugal, diz que seriam mil e quinhentos, como se contra numero tão pequeno valessem menos quarenta mil que elle confessa, afóra os mais que oitenta mil que os mouros dizem, e tambem Frei Antonio chama ao exercito de Portugal fa-

moso, quando diz que o desbarataram, e que occupava mais de uma legoa, e quando reconta que o vio Mulei Moluco, diz que motejou da pouquidade d'elle, assi que de um mesmo numero por apoquentar de ambos os modos, ora faz infinitos ora tão poucos.

Logo Mulei Moluco mandou mesclar sua gente, de maneira que não ficassem muitos juntos de uma só nação por não poderem haver conselho de se passarem ao Xarife que com el-Rei estava, o qual neste tempo o persuadia que não desse a batalha, julgando os portugueses mui inferiores em numero, e além d'isso tinha novas como Mulei Moluco estava enfermo, mas a falta de mantimento no exercito sofria mal qualquer demora, e não era possivel tornar-se a buscar as náos, senão fosse com o mesmo campo todo junto por respeito dos imigos de que estava cercado, e sendo assi além do muito risco em que se punham, pareceria fogida, e não remedio.

Tanto que foi manhã divulgada a nova da batalha como está dito, todo o campo se pos de festa, pedindo-se alviceras uns aos outros com grande animo, e demonstração de alegria (se bem por Divina vontade foi tão contrario o successo á esperança) el-Rei se mostrou alegremente a todos mostrando com grande majestade o valor de que estava cheio, e não algum tanto humilde e paciente, a modo de quem temia de perto o que de longe não receava, como diz Franqui, e juntamente que todos os mais estavam cheios de temor, o que tambem segue Frei Antonio, qual se com olhos Divinos poderam elles penetrar os segredos de tantos peitos, e o que póde mais maravilhar é que nunca algum d'elles falla em temor ou covardia que nomeie senão todos os portugueses, indo no campo d'el-Rei D. Sebastião quasi outros tantos estrangeiros, que parece deveram participar em alguma cousa de seus visinhos.

CAPITULO V

De algumas cousas que passaram antes da batalha

Baixou o exercito do pequeno monte d'onde estava alojado ao spacioso campo de Alcaçar em tres esquadrões com tão pouco intervalo em meio, que quasi faziam todos um corpo, na fórma seguinte: (sem haver os tratos de paz que Franqui diz) primeiramente o esquadrão dos ventureiros ia na vanguarda com muita parte da artilharia diante, da qual eram capitães Pero de Mesquita e João da Cunha, e no mesmo terço assistia por capitão logo tente, Alvaro Pirez de Tavora em lugar de Christovão de Tavora seu irmão, e por alferes ia Francisco Ferreira Val de Aveso, sargento Pero Lopes, e Janalvres de Azevedo como soldado pratico assistia e dava ordem. Era este terço guarnecido de arcabuzeiros, soldados africanos que residem nas fronteiras, e a seus lados, convem a saber, da mão direita o esquadrão dos tudescos, debaixo da ordem de monsiur de Tamberg, com guarnição de arcabuzeiros italianos, guiados do capitão Hercoles; e da sinestra os castelhanos, que obedeciam a D. Alonso de Aguilar, de seus escopeteiros guarnecidos, de quem era capitão Luis de Godoi; no esquadrão do meio proximo a este eram as gentes do coronel D. Miguel de Noronha, e Vasco da Silveira com guarnição dos seus mesmos soldados. Na retaguarda eram os terços de Diogo Lopes de Siqueira (posto que elle ficou em Arzilla por capitão das galés) e de Francisco de Tavora, com trezentos mosqueteiros, e de uma banda e de outra estava repartida a cavalaria; á mão direita dos ven-

tureiros era D. Jorge de Lencastre duque de Aveiro com o seu batalhão de cavalo, cujo guião seguiam muitos cavaleiros fidalgos, e senhores, (e além de seus criados e vassalos) que el-Rei lhe ordenou sem lhe nomear algum cargo no campo, como a semelhante Principe convinha, pois pela assistencia real não podia ter o maior. Da mesma banda era D. Duarte de Meneses com os fronteiros de Tanjar e Ceita, e o Xarife com sua pequena companhia, um pouco mais adiante, e da esquerda o estandarte real, com muitos fidalgos e senhores, o duque de Barcelos D. Theodosio e o Prior D. Antonio filhos do Infante D. Luiz andavam no campo sem lugar certo de seus criados e vassalos acompanhados. A baguaje ia ao lado direito, entre os cavaleiros e infantaria com lugar não mui bastante, em meio pera se poder recolher em qualquer retirada a gente de cavalo, d'onde se achou depois que fôra grande inconveniente não se formar o campo mais largo, e de modo que ficara lugar sufficiente pera se poder melhor recolher a cavalaria; o terço dos gastadores que levava a seu cargo o capitão Gonçalo Ribeiro Pinto ia junto á baguaje; assi entrou o exercito no campo, e tanto que passou a pequena ribeira do Mocasim abaixo da sua ponte por ser baixa maré, que se lhe comunica pelo rio Lucus, ás dez horas do dia puseram os mouros fogo ao feno e panasco seco, que deu bem grande emfadamento, mas atalhou-se o melhor que foi possivel. O Xarife nesta conjunção se pôs diante de todo o exercito, com as bandeiras tendidas, quasi chamando os mouros amigos, do inimigo campo, mas passaram se-lhe mui poucos, ou por não poderem mais, ou quiçá por ser elle mui malquisto (este é aquelle Xarife do cerco de Mazagão tão nomeado no mundo.)

Assi se passou o dia, no qual se vieram sómente

dois Elches a el-Rei, um d'elles se chamava Mami, castelhano de nação, e outro era o alcaide Raposo, portuguez, e tanto que foi noite o campo se assentou na mesma fórma em que vinha, por estar á vista do inimigo todos com as armas na mão, postos em suas estancias com boa vigia e prontidão, assistindo as sintinelas e andando derredor as atalaias de cavalo.

Este sitio que prevenidamente o campo occupou era o melhor que se podia imaginar, por estar entre dois pequenos braços de rios, Ver Mucasin e outro, bastantes todavia a mui grande parte da defenção. Neste tempo D. Duarte de Meneses como quem tinha tanta experiencia dos mouros e do seu modo de pelejar, sabendo mui bem como elles de noite não são homens de guerra, e se assombram facilmente de qualquer movimento de armas, aconselhou a el-Rei mandasse dar uma encamisada, offerecendo-se com a gente das fronteiras, e muitos fidalgos que se lhe offereciam a desordenar totalmente o campo de Mulei Moluco, seguindo-se dois bons effeitos d'este cometimento, primeiramente mostrar-lhe a ousadia e determinação dos portngueses com muito damno seu, dando lugar com a desordem do sobresalto a se acolherem os temerosos e mal contentes, e se passarem ao Xarife seus amigos, ou ao menos turbada e perdida a ordem em que Mulei Moluco os tinha, largassem o campo com alguma sombra de escusa, quando passar senão pudessem, mas el-Rei de nenhum modo veio nisto. Muitos diziam que estava tão asodado por dar a batalha, que não quiz que houvesse alguma occasião de se desordenar o effeito d'ella, por lhe não tirar o louvor do imaginado vencimento, imitando quiçá com arrogancia aquella tão reprovada opinião do Magno Alexandre, ao menos nos tempos de agora, que tanto se prezava de não vencer com ardis ou

cautelas; outros haviam que era bom conselho não haver encamisada, porque sendo tão poucos os portugueses de cavalo, qualquer pequeno damno que recebessem era muito, podendo fazer tão pouco aos inimigos, porém D. Duarte de Meneses e muitos outros fidalgos e senhores aprovavam de maneira este conselho entendendo o proveito que d'elle pudera resultar que não ficou el-Rei sem muita culpa de se não pôr em effeito. Estes eram pois os homens valerosos e sabios que el-Rei comsigo levava, e não sei certo como Frei Antonio seguindo Franqui diz que não havia em todo o campo um homem livre e sapiente que o pudesse aconselhar com liberdade sem algum temor.

Esta noite se passou toda mui quieta, sem embargo de estarem tão perto os inimigos, fazendo-se prestes cada um pera o dia seguinte de tudo o que á batalha convinha, ajuntando-se os amigos e companheiros pera se ajudarem e favorecerem no conflicto, sem temor algum que se pudesse enxergar ao menos.

Tanto que amanheceo, a quatro de Agosto de setenta e oito, dia de São Domingos, e se vio o largo campo coalhado de infinitos inimigos, o Xarife se foi a el-Rei, dizendo que sua Alteza não devia dar a batalha, antes devia mandar trincheirar o campo da parte d'onde só lhe não faziam reparo os pequenos rios de de que estava cercado, porque além de haver novas que Mulei Moluco estava mui chegado á morte, o sitio era maravilhoso contra a gente de cavalo do inimigo que tanta ventajem, sem comparação, fazia a sua, e sendo cometido no mesmo lugar tinha a victoria certa.

Todas estas rezões eram mui bem fundadas, e assi foram d'el-Rei ouvidas, porém os inconvenientes eram grandes, nascidos só de uma causa, a qual era não

haver mantimento algum no campo, porque só pera cinco dias se fez a provisão, ou por não se poder levar mais, porque o mais d'elle foi ás costas dos soldados, ou quiçá por el-Rei medir as jornadas a seu modo, sem imaginar impedimento, e póde ser que ambas as cousas se ajuntassem, e sendo d'esta maneira mal se podia vencer o inimigo com tardança, pois no mesmo remedio estava o perigo. E não era pouco de temer vir elle primeiro a valer-se da dilação, conhecendo esta falta, pois com muita facilidade com tanto numero de gente de cavalo podia ter um cerco a todos, e sem nenhum damno seu vence-los a pura fome, pelo que mais era a tardança de temer, que de procurar. E assi inteirado el-Rei d'esta verdade detreminou valer-se do forçoso remedio, mandando que o exercito marchasse na fórma em que estava, seguindo a via de Larache, porque se o inimigo o deixasse passar podia chegar lá mui facilmente n'aquelle dia, e segurando as praias desembarcar o mantimento necessario, com que podia sitiar a fortaleza, trincheirando-se da parte da terra como está dito, e quando Mulei Moluco se antepozesse a querer dar batalha, menos era de temer qualquer perigo honroso, que o damno tão sabido da demora, pela grande falta em que o campo estava: posto que bem se pudera esperar um um dia comendo-se os bois.

Vendo o Xarife esta verdade, saio com outro conselho, dizendo que pois a rezão por falta padecia força, ao menos não devia sua alteza offerecer a batalha passando d'aquelle lugar, senão com poucas horas do dia, porque succedendo alguma desventura, (o que Deos não quizesse) haveria tempo e lugar pera se salvar sua pessoa, em cuja vida não sómente estava o remedio de tantos, mas o seu em particular, e que havendo algum bom successo, como se esperava, re-

cebendo os mouros qualquer pequeno damno se passariam de noite mais facilmente a elle.

Não era este parecer do Xarife mal acertado, posto que pera se não seguir se allegaram alguns inconvenientes, principalmente, que dando-se a batalha já tarde, bastava qualquer damno que os portugueses recebessem (aquelles digo que no exercito iam quasi arrebatados, além de serem lavradores, sem nenhuma experiencia) pera a sombra da noite desempararem o campo fugindo a Arzilla, o que de dia não ousariam fazer, com medo dos superiores. D'este parecer do Xarife foram quasi todos os fidalgos, que como leaes vassalos nenhuma cousa antepuseram nunca á salvação d'el-Rei. Permanecendo em fim seu voto ou mandamento, como em todas as mais cousas, e entrando neste conselho (segundo se affirma) o capitão Francisco de Aldana, que em tal estado devia escolher o melhor, como é bem que se cuide, el-Rei mandou marchar o exercito na fórma sobredita.

Vendo Mulei Moluco neste tempo o campo dos portugueses posto em ordem de batalha, começou a ordenar a sua, pondo a infantaria diante, que era toda de arcabuseiros, e a cavalaria atrás, e nesta fórma veio em meia lua todo o seu exercito, cercando o d'el-Rei, de maneira que por toda a parte ficou sendo vãoguarda: costume antigo dos muitos cercarem logo os poucos, como já Cesar dizia, quando de Labieno e Juba foi cercado em Numidia.

Nesta conjunção Mulei Moluco se sentia mui agravado de sua enfermidade, e bem quizera não dar batalha, e assi porque se temia que com qualquer occasião de briga se passassem ao Xarife os mouros que lhe conhecia afeiçoados, como porque entendia a falta dos mantimentos no campo dos portugueses, e esperava sem algum damno ou perigo de sua parte

tomar todos á fome. O que na verdade era cousa mui factivel, como está dito, sendo o mais da sua gente de cavalo e tanta; mas sua enfermidade apertava de maneira com elle, que não ousou fazer o contrario, temendo que se não vencesse em vida, por sua morte sem duvida Mulei Mahamed seria Rei, porque do valor e condição de seu irmão fiava mui pouco, pelo que vendo a morte vizinha, e tão perto os inimigos, se resolveo em vir a conclusão, e do modo que pôde fez uma pratica a seus alcaides, em que lhe mostrava sua justiça, justificando-se de sua parte, e manifestando a maldade de seu sobrinho em meter christãos em Berberia, e o damno que d'isso lhes podia resultar, a qual falla escreve mui dilatadamente Jeronimo Franqui, buscando as melhores rezões que pode por parte de Mulei Moluco, e Frei Antonio a traslada ao pé da letra, calando ambos as verdadeiras e catholicas que por el-Rei D. Sebastião puderam dar, dizendo sómente Frei Antonio uma só vez que falla em nome d'el-Rei D. Sebastião que dizia: eia hijos, e eia cavalleros, Santiago, e a ellos que son canalha. No que certo parece quiz forrar trabalho, pois em todo o gram thesouro da fecunda lingoa hespanhola, não achou outras palavras que acomodar á boca de semelhante Principe.

Mas como dizia d'esta maneira, estando já todo o campo cercado do largo giro que por ambas as partes os mouros pera esse effeito fizeram, e tudo a ponto de batalha, começou el-Rei a discorrer o campo dando ordem a todas as cousas, e fazendo o officio de sargento mór com tanta vigilancia e cuidado, que chegando á bandeira real e vendo uma fileira de cinco cavaleiros sómente, sendo as mais de seis, disse com menencoria: — nesta fileira falta um cavaleiro? — ao que respondeo Gomes Freire de Andrade, que no

meio d'ella estava com dois filhos de cada parte, pois como senhor, um pae com quatro filhos, todos de uma mesma vontade em vosso serviço não soprirão a falta de um homem? — ao que el-Rei respondeu advertindo logo quem era o que lhe falava, revendo-se alegremente em tão fermosa companhia: — tendes muita rezão Gomes Freire. — Assi depois de andar por todo o campo, e particularmente por entre as fileiras dos ventureiros, chamando a si os capitães, fidalgos, e senhores, lhe fez esta breve falla:

Bem sei amados e leais vassallos, que vosso valor não ha mister lembrança, nem eu farei mais que dizer-vos o contentamento que podeis ter com tão boa occasião, pois hoje começaes abrir as portas áquella tão justa e sancta empresa de todo o mundo, tão encomendada e sospirada de meus antecessores. Mui bem sabeis os males que recebe a christandade cada hora d'esta infiel terra, quasi domestica inimiga, e bem se deixam vêr os damnos que se offerecem de novo com a proxima vizinhança da gente que Mulei Moluco trouxe em seu favor, por ordem do Turco, ficando por o novo auxilio tão obrigado amigo d'este imigo commum, que se tanto mal em principio não se atalha, não haverá lugar tão apartado em todo Hespanha, onde alguem possa estar seguro, e em vossas praias, trocada a felice sorte (o que Deus não queira) vos será necessario ganhar as comendas. Bem creio que sabeis, e todo o mundo sabe que o zêlo da santa fé catholica, a necessaria prevenção ao fiel povo, a clemencia que se deve aos afligidos me obrigam totalmente a seguir esta empresa, sem aspirar a outra cousa, pelo que espero em Deos ajudará minha tenção, e estou mui seguro que todos a seguireis aprovando o effeito d'ella. Nem será necessario ó vasallos fieis trazer-vos á memoria por quem fazeis a guerra,

á gente que venceis, a lei que professais, com cujo presuposto já mais vos póde succeder senão felicidade, pois de qualquer maneira os guerreiros de Christo quando tem fé bastante são senhores do campo, e antes da victoria já triumpham: principalmente agora que não ha que temer, senão que desejar, pois em fim esse largo campo que vêdes colmado de tantos inimigos, cujo infinito numero promete mais sua confusão que vosso damno, sabei que não está cheio de outra cousa senão d'aquelles proprios mouros, a pesar dos quaes sustentando vós tantos lugares em sua mesma terra, os fazeis escravos, e cuja multidão não sómente venceis a cada passo sendo tão poucos, mas com rezão de tantos annos a cá vos podeis chamar legitimos herdeiros de seu vencimento, e pois isto em vós é tão certo a ordem vos emcomendo, que os animos bem sei que hão mister moderados.

CAPITULO VI

Da batalha e dos successos d'ella

DITAS estas breves palavras el-Rei mandou dar a Ave Maria, ultimo sinal da batalha, e foi levantado um crucifixo em alto, pelo padre Alexandre, da Companhia, a cuja vista se pôs de joelhos toda a gente que a pé estava, e nesta conjunção desparou a primeira peça do campo inimigo, donde parece que Jeronimo Franqui tomou occasião de dizer que foi tamanho o medo dos portugueses em vendo pôr o fogo ás bombardas dos mouros que todos se prostravam por terra: não sabendo que

esta humilhação foi feita á imagem de Christo, e Frei Antonio declarando bem este passo, diz que se estiravam todos de largo a largo.

Logo despararam outras bombardas, das quaes uma matou alguns homens no esquadrão dos ventureiros, entre os quaes acabaram Gregorio Sarnache de Noronha, e João Brandão d'Almada, que não estavam por certo prostrados por terra, antes com fronte serena e levantada se viam mui promptos a qualquer assalto, nem houve alguem que por animo ou por vergonha bolisse comsigo, nem tão sómente baixasse a cabeça, nem sei certo como dizem estes dois autores que todos os portugueses se estiravam em terra como se estiveram já amortalhados, cousa que parece não podia acontecer, ainda que lh'o mandaram com pena de morte.

Logo desparou a artilharia dos portugueses, e posto que não devia fazer muito effeito, todavia os mouros de cavalo se rebolviam de maneira, que mostraram receber damno, e alguns ficaram mortos d'ella, por cima dos quaes passou o esquadrão dos ventureiros, posto que neste tempo foi morto Pero de Mesquita, capitão que o governava, de uma mosquetada, que foi grande parte de seu desemparo, como adiante se verá.

El-Rei neste tempo andava por todo o campo armado de armas pretas ligeiras, dando particularmente ordem a muitas cousas, e vendo o duque de Barcellos armado a cavalo, lembrando-lhe mui bem como lhe prometera no caminho que no dia da batalha consentiria que o acompanhasse d'aquella maneira, e que sem lhe dizer cousa alguma se antecipara tão valerosamente, ficou assaz maravilhado, e com estranha alegria gabou diante todos seu animo e diligencia. Porém como já se começasse a batalha, e as bombardas fizes-

sem seu officio, el-Rei obrigou ao duque que se recolhesse no seu coche, o que elle não fizera se lh'o não mandara precisamente, e porque el-Rei entendia mui bem isto, vendo o certo perigo em tão pequena idade, quiz prevenir sua ousadia.

Logo se moveram os esquadrões, convem a saber, o dos ventureiros portugueses, os castelhanos que estavam á mão esquerda, e os tudescos e italianos á mão direita; el-Rei nesta conjunção pouco mais ou menos foi ao estandarte da gente de cavalo que á banda esquerda estava, no qual eram os fidalgos velhos e de mais experiencia, e lhes disse (fallando particularmente com D. Luiz de Meneses, alferes mór) que sob pena do caso maior ninguem se bolisse d'aquelle lugar, nem se abalasse o estandarte, senão quando elle em pessoa o mandasse, e passando á mão direita, onde estava o duque de Aveiro com muitos fidalgos (porém os mais d'elles, ou quasi todos mancebos) depois de lhe louvar muito a ordem em que o duque os tinha postos lhe disse que se não bolisse d'aquelle lugar, sem que elle da sua propria boca lh'o dissesse, detreminando parecer escolher o melhor tempo pera isso, e d'esta maneira andava por todo o campo, fazendo quasi todos os officios, por cujo respeito parece que por andar mais solto e desoccupado não ordenou cavaleiros de sua guarda, que foi um dos maiores erros que já mais Principe cometeo no mundo, pois não tão sómente com quatrocentos homens escolhidos que comsigo pudera trazer se livrara da morte, mas se pusera em salvo a todo o tempo, mas emfim, faltou isto, sendo cousa tão clara como o mais por vontade só d'el-Rei, que em tudo se encaminhava ao que Deos d'elle tinha determinado.

Neste comenos os mouros que haviam mui bem considerado haver mais fraqueza na retaguarda, co-

meçaram primeiro a pelejar nella, por divertir a el-Rei, o qual vendo a escaramuça, como andasse tão desejoso de pelejar, acodio com o seu guião sómente que levava D. Jorge Tello e Christovão de Tavora, a dar calor á gente de Diogo Lopes de Siqueira e Francisco de Tavora, onde aos primeiros encontros lhe mataram um cavalo, pelejando a gente por bem grande espaço com muito valor, nem sei como neste paço diz Frei Antonio, seguindo Franqui, que logo entregavam as armas aos mouros, como se pudera estar seu remedio só nisso, durando a batalha inda depois mais de quatro horas, até o fim da qual parece que nem os mouros podiam tomar alguem a partido, nem outrem aceita-lo, quanto mais que afirmam que os mouros os matavam como carneiros sem os quererem captivar, o que certo parece cousa impossivel, pois quando isto pudera acontecer a algum covarde desatinado, bastava sómente o seu exemplo pera ninguem mais se entregar.

Neste tempo o esquadrão dos ventureiros, e os mais que dos lados o seguiam, depois de despararem toda a escopeteria com grande impeto e valor nos mouros, que da mesma maneira haviam desparado a sua, começaram a caminhar, derribando e matando com tanto furor e ousadia os mouros arcabuzeiros de pé, que estavam sem piqueiros que os defendessem, que os de cavalo vendo o desbarate dos seus começaram a fogir, de maneira que Mulei Moluco a quem se deu conta, por vir como está dito mui enfermo em uma liteira, se sahio d'ella, e vendo-se desemparado quasi de todos se pôs a cavalo pera os obrigar com morrer diante a tornarem á batalha, e vendo que nenhuma cousa aproveitava, levando o alfanje contra os nossos, por achar a morte antes que o buscasse, caio do cavalo, e foi secretamente metido na liteira com um

mancebo Elche, por nome Mançorico, onde falleceo de pura coraje e desesperação, ajudado tambem da enfermidade que trazia, avizando primeiro o melhor que pôde que se tivesse em segredo sua morte, e o Elche o soube fazer de maneira, que fez parecer a todos que Mulei Moluco estava vivo, dando as ordens em seu nome que mais convenientes lhe pareciam á batalha.

Foi esta fogida que os mouros fizeram de maneira que muitos não pararam senão em Fez e noutros lugares mais longe ainda, d'onde se publicou o vencimento dos christãos, e no campo se ouvio por grande espaço victoria, victoria, dizendo ser Mulei Moluco morto, que não faltou quem viesse dar esta nova, e Mulei Amet que depois foi Rei, como em seu lugar se dirá, fogio com toda sua gente, e não foi esta fogida ocasionada de alguns Alarves que roubaram a bagaje de Mulei Moluco, como Jeronimo Franqui diz, antes os mesmos Alarves que estavam espiando o que aconteceria, vendo fogir os seus (como confessa Frei Antonio) deram o negocio por concluido, e como cousa que julgavam por de christãos, queriam aproveitar pera si.

Nesta conjunção como os mouros eram sem conto, os que estavam na retaguarda iam levando o melhor dos portugueses sem saberem o que na sua vanguarda passava, e o mesmo acontecia nas partes do meio, porque por todas eram cometidos.

Neste tempo o duque de Aveiro e os fidalgos da companhia da bandeira real, como el-Rei lhes havia mandado que se não bolissem sem elle mesmo lh'o mandar, vendo que não aparecia estavam em grande confusão, porque por uma parte viam quanto effeito fizeram nesta hora, e por outra não tinham paciencia com tanta observancia, porém não ousavam bolir-se como el-Rei lhes havia dito.

Neste comenos o esquadrão dos ventureiros que com estranho valor se havia de todos adiantado, chegou a ganhar a artilharia de Mulei Moluco, e tão perto da liteira onde elle estava morto, que de cinco pendões verdes que junto d'ella estavam foram tomados dois pelos portugueses, quando se levantou uma maldita voz que um capitão por nome Pero Lopes que sarjenteava o terço, infelicemente pronunciou dizendo ter, ter, pondo uma alabarda atravessada diante a primeira fileira, ou por cuidar que levados do impeto e furor os ventureiros haviam passado além do que convinha, ou segundo dizem por acodir a Alvaro Pires de Tavora, capitão do terço (posto que elle o não provocasse a isso, antes segundo se tem estranhasse depois muito) ao qual remetendo valerosamente com os inimigos, e esforçando os seus diante de todos deram uma arcabuzada de que depois morreo, de maneira que os ventureiros tão valerosos quão pouco exercitados pararam retirando-se sem a devida ordem, o que se não acontecera fôra mui facil cousa cortarem a cabeça a Mulei Moluco, e posta como determinavam em um alto pique, desenganados os mouros da morte que sempre lhes encobriram, deixaram totalmente o campo, passando-se ao Xarife que com os portugueses ia. E por aqui se verá de quão pequenas cousas nasce ás vezes tanta desventura, da qual este homem por tão leve occasião foi causa.

Tanto que os ventureiros se retiraram e perdido o furor primeiro, sentiram em sangue frio mais advertidamente os males que receberam, lastimando-se aquelles que vinham feridos, e enchendo-se os mais de confusão, de modo ficaram desordenados que os mouros de cavalo que não se haviam acolhido (que todavia eram infinitos) vendo os seus de pé fazer

cutra vez rostro tornaram de novo á escaramuça, seguindo os desordenados ventureiros.

Neste comenos o duque de Aveiro vendo os inimigos tão perto que quasi lhe púnha a lança sem el-Rei aparecer, incitado de alguns fidalgos que com elle estavam, (posto que sua obediencia lh'o não consentia) forçado da necessidade, deu Santiago, animando valerosamente os seus, e picando rijamente o cavalo, a lança que na mão tinha, de forte se lhe havia metido por uma greta da terra, que quando foi a puxar por ella, de nenhum modo a pôde arrancar, (qual a bandeira no infelice lago trasimeno) e assi não podendo fazer demora, porque a gente de cavalo vinha carregando, levou da espada largando a lança, que parece que a terra inimiga já lhe arebatava, infelice agouro certo, principalmente em mão tão valerosa.

Correo o duque diante de todos, animando-os á batalha e mandou meter o guião nos mouros por um fidalgo seu que o levava por nome Antonio de Vasconcellos, o qual como mancebo se apressurou de modo que alguns do batalhão do duque, ou não tendo tempo, ou quiçá não lhe passando a palavra, o não puderam seguir tão depressa. N'esta mesma conjunção D. Duarte de Menezes que algum tanto do duque estava apartado da mesma banda, com os fronteiros que o seguiam, e o Xarife quc perto d'elle estava com sua pouca gente se moveram a la par entrando nos inimigos, o que vendo tambem os fidalgos que acompanhavam o estandarte real, sem embargo de não aparecer el-Rei, não podendo aguardar mais, deram Santiago, de maneira que juntamente com seus companheiros foi feito tal estrago que pondo em fogida grande multidão dos mouros, começou outra vez a aparecer a victoria da parte dos portugueses.

Mas em fim, em fim que podiam fazer dois mil homens de cavalo, por mais valerosos que fossem, contra quarenta mil que Franqui confessa, fóra ventureiros e Alarves, que vem a ser ainda mór numero do que elle diz, que os portugueses acrescentam.

Nesta conjunção chegou a el-Rei um fidalgo, e lhe disse que os mouros tinham quasi tomada a artilharia, que sua Alteza desse ordem pera se lhe fazer resistencia, o que vendo el-Rei, acompanhado de muitos fidalgos e outros cavalleiros, se lançou entre os mouros que estavam sobre ella pelejando, com tanto valor, que com muito damno dos inimigos lhe fez logo largar a preza, e com a mesma gente que o seguio, e outra que se lhe ajuntou em differentes partes, quasi sem ordem fez algumas entradas nos mouros.

Aqui foram mortos com valor estranho dois irmãos d'aquelles cinco que jnntos entraram na batalha, D. Henrique de Meneses, e D. Simão de Menezes, o qual foi visto com uma bandeira dos inimigos na mão, sobre um montão de mortos, incitando os vivos, (já quasi sem vida) a semelhante exemplo, e ali foi morto D. João da Silveira, filho do conde da Sorrelha, herdeiro de sua casa, e do valor de seus ascentes, D. Manuel de Meneses, Bispo de Coimbra, que com a lança em lugar de baculo no sancto augmento da fé catholica mostrou por obra que inda nas armas fez ventajem ás letras. Da mesma maneira acabou Aires da Silva, Bispo do Porto; D. Antonio de Portugal, conde de Vimioso, e D. Manuel seu filho, que banhando a terra com seu sangue mostraram a innocencia de seu animo na maldade por Jeronimo Franqui injustamente opposta. Tambem foi morto D. Vasco Coutinho, e D. Luiz Coutinho, conde do Redondo, que emfim ousou banhar-se de tal sangue esta terra. O Re-

gedor Lourenço da Silva de uma escopetada, cujo valor parece que não ousava a morte acometer de perto; D. Diogo de Castelbranco, Jorge da Silva a quem não faltava no largo processo de sua honrada vida senão o remate de tão felice morte, querendo antes por sepultura o duro campo dos infieis imigos em terra estranha, que o pomposo sepulchro tão ennobrecido em sua terra. Aqui foi morto Sebastião de Sá, o qual costumado a tantos vencimentos, não podendo sofrer a retirada a que o grosso pezo dos esquadrões imigos obrigava os portugueses, remeteo aos mouros, dizendo á vista de todo o mundo que o seu cavalo não voltava, e alli pelejando foi buscar a morte, temendo quiçá não na achar d'onde ella estava tão certa; tambem acabou D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, valerosamente; D. Martinho de Castelbranco em companhia dos ventureiros, d'onde lhe pareceo esperar mais quedo a morte. Assi acabaram tambem D. Diogo de Meneses e D. Francisco de Meneses filhos de D. Fernando; e D. Luis de Meneses, filho de D. Aleixo, aio d'el-Rei, que todos juntos foram em companhia fazendo tão estranhas maravilhas, como de tal progenie se podia esperar. Aqui morreo tambem o barão d'Alvito D. João Lobo, o qual tomando um barrete vermelho nos dentes, quasi significando que o tempo era mais de obras que de palavras, se lançou entre a multidão de seus imigos, onde acabou valerosamente, depois que por largo espaço á custa de muitas vidas lhe deu a entender a tenção de sua empreza. Tambem acabaram como esforçados cavaleiros D. Alvaro e D. Henrique de Meneses, D. Diogo Lopes Lima, Lopo de Sousa, João Coresma, Sancho de Faria, Manuel de Sousa, Simão da Veiga, e foi morto D. Francisco de Moura, filho de D. Luiz de Moura, fidalgo mui cortesão, e grande homem de cavalo,

mostrando com gram valor na guerra, o effeito do nobre ensaio, em que na paz andava exercitado.

Aqui acabou tambem D. James, filho do duque de Bragança, com bem differente successo do que seus avós tiveram nesta terra, não no valor por certo, mas na fortuna, que nem sempre está propicia ás heroicas obras; tambem foi morto com grande valor, pelejando, D. Rodrigo de Mello, filho do marquez de Ferreira, que então era conde de Tentugal, aquelle honrado velho que se no dinheiro que lhe foi pedido por honra, se mostrou com el-Rei avaro, foi tão liberal por ella em seu serviço que deu prodigamente quanto tinha em cousas que não tem preço, pois mandou na jornada tres filhos. Aqui acabaram tambem valerosamente D. Pedro e D. Lourenço de Noronha, filhos do conde de Linhares, e foram mortos pelejando como honrados cavaleiros dois filhos de Fernão Telles, Jeronymo Telles e Manuel Telles, o qual tendo um notavel pejo nas mãos de seu nascimento, bastante a qualquer dina escusa, de nenhum modo se quiz aproveitar d'isso, antes pera acompanhar el-Rei se começou a exercitar de novo, até que veio a menear a lança, e cuido certo que sem mãos o acompanhara, que não é menos bastante a lealdade, amor, e obediencia que os portugueses tem a seu Rei; assi acabou este ousado mancebo, em que pode um animo honroso quasi milagrosamente suprir a falta da natureza, dando-lhe mãos pera servir seu Rei, e pera buscar memoria, sem fim na vida, e glorioso premio na morte.

De tão illustre sangue como havemos dito andava neste tempo o campo cheio de vivos e mortos, juntamente variando a morte com lamentaveis successos, e sustentando-se a despresada vida á força de valor e de ventura. Era cousa dina de bem grande magoa

vêr neste estado encontrarem-se os amigos e parentes, dando se breve conta das feridas que traziam, e tomando conselho donde com mais honrado effeito poderiam acabar as vidas, que do remedio já não tratavam, impossibilitados do infinito numero de seus inimigos, e assi quando algum fidalgo d'estes, ou qualquer outro homem de valor acabava de matar algum mouro, vendo o pouco que fazia acaso a falta d'aquelle imigo entre a multidão de tantos, perdia totalmente a confiança, e quasi a paciencia sem poder achar algum modo de remedio contra o furor da infernal copia, que tudo punha em cerco, salteava, e descorria sem deixar lugar em que alguem pudesse estar ocioso, de tal maneira que em um certo modo perdia o valor seu preço, pois vendo-se tão poucos contra tantos fizeram tão altas maravilhas, se podia cuidar que era mais necessaria defensão que natural esforço.

Deceram pois os grossos esquadrões dos inimigos por tantas partes sobre os portugueses, que os mais d'elles ficaram mortos no campo, e o duque de Aveiro não podendo com tão pouca gente sofrer o peso de tamanha multidão, se retirou de maneira que invistio forçado dos inimigos por uma parte do esquadrão dos tudescos, desordenando os piqueiros, e depois d'isto perguntando por el-Rei com a pouca gente que lhe ficava, e com outra a quem persuadio que o seguisse, entrou nos mouros outra vez, d'onde perdendo a vida em tão pequeno espaço mostrou quantos processos de infinito valor houve no mundo, e assi foi tamanha a perda d'este Principe, em que a virtude igualava o animo, que se uma só pudera ter igual, nenhuma fôra maior.

Nesta conjunção tambem o Xarife com sua gente acossado dos inimigos envistio sem ordem pelo corpo

da batalha, de modo que tudo já começava a ser confusão e desventura.

Neste tempo os ventureiros se estavam quedos e mal ordenados em seu retirado esquadrão feitos barreira aos escopeteiros de cavalo, sem lhe poderem com os piques fazer algum damno, porque remettendo com elles viravam num momento, o que era realmente um bem lastimoso espectaculo; porque num certo modo se viam aferrolhados, sem poderem tomar satisfação de seus inimigos.

Aqui foi morto diante de todos o capitão Alexandre; com grande esforço se defendeu muito tempo, mas tanto que foi conhecido, pelo mortal odio que lhe tinham, carregaram de maneira os mouros sobre elle, que acabou a vida, não podendo resistir a tantos, e foi feito em muitos pedaços, que senão satisfizeram com menos os sxecutores da covarde vingança. Tambem foi morto de uma escopetada Alvaro Pires de Tavora da Pesqueira, que nestc esquadrão ia, e sendo mortos em fim muitos italianos que bem haviam pelejado como destros soldados, e o marquez Thomás seu capitão, e muita parte dos castelhanos, que tambem o fizeram valerosamente, e os mais dos soldados das fronteiras de Africa que com estranho valor pelejaram por serem como eram cada dia exercitados com estas gentes, e outros homens nobres e soldados de valor sem lhe ser necessario o exemplo dos estrangeiros como escreve Franqui, e segue Frei Antonio attribuindo aos portugueses sómente grande medo; em tempo que realmente todos passavam a mesma miseria carregaram infinitos besteiros e arcabuseiros de cavalo, que regia Amette Lataba, Elche genovês, os quaes matavam sem alguma resistencia os ventureiros e mais soldados que lhe não podiam fazer algum damno, de maneira que tudo era magoa, temor, e confusão.

A gente de Vasco da Silveira e D. Miguel de Noronha, que era realmente a de menos valor, por serem homens quasi todos colhidos por força, sem vontade e sem experiencia, pelejavam no meio mui floxamente, estando todos amontoados sem ousarem sair ao campo ajudar seus companheiros, por mais que seus capitães e coroneis os incitassem e movessem. Alguns querem dizer que el-Rei mandou que estes esquadrões senão bolissem como corpo da batalha, mas em tal tempo era porém mais acto de covardia que de obediencia. Não deixava em todo este tempo a gente de Amette Lataba de perseguir a todos, que mui solta e destra descorria tudo, e foi realmente o remate da perdição de todo o campo.

El-Rei neste tempo andava por toda a parte pelejando pessoalmente, como se só no valor de seu braço estivera o remedio de todos, e havia tomado com suas mãos duas bandeiras aos mouros, e lhe haviam morto outro cavalo, e andando d'esta maneira em um que lhe deu Jorge d'Albuquerque, com Christovão de Tavora sempre a seu lado, e D. Jorge Tello, pajem do guião (que estranhas maravilhas havia feito) bem certificado dos termos em que as cousas estavam, quiz tentar a ultima fortuna, mais desdenhando a dilatada vida, que presupondo novas esperanças. E alli com os mais fidalgos e cavaleiros que se puderam ajuntar entrou nos mouros com tanto valor e ousadia, que todos á custa de muitas vidas lhe davam largo caminho, não ousando a esperar o desesperado eucontro, porém, não tardou muito que tanto esforço em numero tão pouco cedesse á multidão dos inimigos, retirando-se el-Rei ferido no rosto, e fenecendo os mais dos cavaleiros e fidalgos que nesta volta o acompanharam.

Cousa certo é digna de grande admiração vêr a es-

tranha lealdade dos homens nobres, e fidalgos portugueses, e como se não contentavam por serviço de seu Rei aventurarem as vidas presagos quasi da vizinha morte, senão que prodigos de seu sangue queriam tambem sacrificar seus filhos.

N'este ultimo conflito foi morto João Carvalho, o qual andando já com uma lançada pelos peitos mui cansado das entradas que nos mouros havia feito, encontrou seu filho Pero Carvalho, herdeiro de sua casa, moço de grandes esperanças, com duas cotiladas pela cabeça, todo banhado em sangue, de tal modo que apenas foi d'elle conhecido, vendo-se pois d'esta maneira o pai e filho, depois de se darem os ultimos abraços, confortados no glorioso fim que os esperava, partiram juntamente, foram mortos em tão ditosa companhia, ó visão piedosa a cuja vista parece que treme a terra, e o ceo se abre quasi arrebatando os gloriosos espiritos.

Aqui morreo tambem Gomes Freire, o qual foi visto com muitas feridas em todo o corpo, e andando já sem elmo pelos muitos golpes que havia recebido e grande calor do dia, lhe deram uma lançada por um olho, de que acabou a vida. Nesta mesma volta em fim já da batalha, na qual com tanto valor se havia sustentado, e foi morto juntamente não com menos esforço seu filho Nuno Fernandes Freire, fazendo tantas maravilhas um e outro, que de muitos cavaleiros poderam soprir a falta, e não de um só como o mesmo Gomes Freire havia dito a el-Rei.

Aqui morreu tambem Antonio de Sousa, aquelle gentil moço filho de Diogo Lopes de Sousa, governador da casa, com que pôde tanto a força de honra e amor de seu Rei, que não tendo outro o mandou em sua companhia quasi em sacrificio, o qual andando já sem elmo dos golpes que nelle recebera, com

uma cutilada pela cabeça acabou a venturosa vida, antes de tomar quasi posse d'ella, pois não passava de quinze annos.

N'esta conjunção depois da retirada, como havemos dito, vendo D. Fernando Mascarenhas que junto a el-Rei estava, virem se chegando alguns mouros a elle, não sofrendo como leal cavaleiro a proxima offensa que se lhe offerecia, se lançou entre elles tão ousado a receber a morte, que todos lhe deram lugar á custa de suas vidas, até que a tanta multidão cedeo a virtude, e foi morto ás lançadas diante de seu Rei. Cousas por certo são estas todas dignas de não passarem em silencio, com grande inveja das gentes, e larga satisfação dos justos Principes.

Aqui acabou tambem Gonçalo Nunes Barreto, que com grande valor se havia sustentado em todas as entradas, porém como trouxesse algumas feridas, principalmente uma escopetada que o atravessava de parte a parte, andava remetendo aos mouros com a espada na mão tinta em sangue, buscando sómente na ultima vingança honrada sepultura ; quando sem vigor algum da mortal ferida caio do cavalo abaixo, quasi nos meus braços (que acaso me achei presente) armado de armas brancas, onde acabou em um momento, com os olhos no ceo, pera onde seguramente caminhava. Aqui morreo tambem como honrado e valeroso cavaleiro D. João Pereira, filho de D. Francisco Pereira, e Luiz de Alcaçova foi morto no ultimo da batalha, e Manuel Coresma, dando com tal morte felice sepultura a vida, e claro testemunho dos limitados termos da fortuna. Aqui acabaram tambem Estevão Soares de Mello e Bernardo de Mello, ambos em companhia como esforçados cavaleiros, e foi morto D. Gonçalo Chacon, cavaleiro castelhano, pelejando com estranho valor em todos os perigos da

batalha, e D. Alonso de Aguilar, coronel dos castelhanos, o qual acabou tão valerosamente, que sendo algumas vezes mui necessaria, e quasi forçosa a retirada, sempre dizia, remetendo com os inimigos:—nunca Dios quiera que la casa de Aguilar buelva atrás,—como eu lhe ouvi algumas vezes.

Aqui acabou tambem Francisco de Aldana, que como gentil capitão e bom soldado fez obras mui dignas de seu nome, e foram mortos pelejando valerosamente Thomé da Silva, Joanne Mendez de Oliveira, Christovão de Alcaçova, D. Pedro da Cunha, D. Nuno Manuel, Christovão de Brito, André Gonçalvez, alcaide mór de Cintra, e Alonso Peres Pantoja, de duas escopetadas; D. Sancho de Noronha, D. João e D. Luis de Castro, filhos de D. Alvaro de Castro, Lionel de Lima, D. Mathias de Noronha, D. Gaspar de Teive, Sebastião Gonçalvez Pita, Francisco Anriques, João Gomes Cabral, D. Rodrigo de Castro, e D. Rodrigo seu sobrinho, e D. Diogo de Castro, da casa do Torrão, e foi morto Lourenço Amado, fronteiro em Tanjar, como valeroso cavaleiro que era, e se mostrou em Arzilla na primeira escaramuça diante el-Rei, de quem foi mui louvado; e assi foi morto com valor estranho D. Garcia de Menezes, ao qual el-Rei por sua muita idade quiz estorvar que o acompanhasse sem o poder nunca acabar com elle, e juntamente seu filho D. Duarte de Menezes, e D. Gonçalo de Castelbranco, e assi foram mortos valerosamente Manuel de Miranda, Antonio Lobo, alcaide mór de Monçarás, D. Manuel de Lacerda, Matheus de Brito, Ruy de Figueiredo, Fernão de Sousa, D. João Manuel, D. Francisco seu filho, D. João Anriques, Bertolameu da Silva, D. Pedro de Menezes, mestre de campo general, Garcia Afonso de Beja, Francisco Dominguez de Beja, filhos de Rodrigo Afonso; Sebas-

tião da Silva, filho de Fernão da Silva, João da Silveira de Beja, Duarte Dias de Meneses, Lopo de Sousa, Martim Afonso seu filho, D. Luis de Almeida, D. Alvaro Coutinho, Jorge da Silva, filho de Duarte da Gama, Anrique Corrêa da Silva, filho de Ambrosio Corrêa, D. Manuel Rolim, e D. Afonso, conde de Mira.

Tambem houve alguns fidalgos que morreram logo depois da batalha, como foram Luis da Silva, filho de Brás Telles, em um aduar, de muitas feridas que recebeo, e D. Antão de Almada, D. Fadrique Manuel, cujo corpo resgatou sua mai D. Joanna de Taide, Nuno Furtado de Mendonça, aos quaes neste lugar podemos tambem dar a sepultura, pois nelle com tanto valor tomaram posse da gloriosa morte que tiveram.

CAPITULO VII

Do fim que teve a batalha

D'esta sorte acabaram estes e outros muitos fidalgos e senhores que não é possivel serem referidos, e alguns nobres cavaleiros, sendo dos mais a que não quiz a morte tambem acompanhados, que só em não ficarem vivos lhes fizeram ventajem, se vivos se podem chamar aquelles que de feridos e cansados ficavam tambem nas mãos da morte. Dos quaes não fazemes em particular menção alguma, posto que muitos fizeram obras dignas de eterna memoria, assi porque seria processo infinito, como porque na verdade na batalha onde el-Rei morreu só mortos se podem nomear.

Já neste tempo os que ficaram vivos andavam sem

ordem pelejando cada um na parte onde se achava, e os fronteiros de D. Duarte de Meneses que em sua companhia fizeram maravilhas nas armas, tambem eram quasi todos acabados, e os mouros do Xarife.

Neste tempo foram mortos grande parte dos tudescos, com Monsiur de Tamberg seu capitão, de infinito numero de Alarves que com elles investiram, sentindo a fraqueza em que estavam. Na retaguarda era já morto Francisco de Tavora, que sustentou com grande valor aquella parte, a qual se havia mui fracamente neste estado, por serem já muitos mortos, e os mais entrados do temor e espanto da morte não faziam mais que buscar remedio a vida.

Vendo os mouros neste tempo a gente tão cançada, e já tão pouca, como a cercassem de todas as partes, por se aproveitarem da occasião que a fortuna lhes offerecia apertaram de novo rijamente, andando sempre Amette Lataba fazendo irreparaveis damnos com o grosso batalhão dos escopeteiros de cavalo, de modo que por muitas partes começaram a romper o campo, posto que noutras se pelejava ainda, porém mais por venderem bem as vidas, que com esperanças de victoria. E sendo em fim quatro ou cinco horas da tarde, havendo-se começado a batalha ás onze, se acabou de declarar a desventura dos portugueses, e não como diz Jeronimo Franqui em pouquissimo espaço, antes cuido certo que nunca se vio tão pouca gente, sendo o mór numero d'ella tão mal exercitada e de tão fraca calidade sustentar tanto tempo o grosso pezo de tantas gentes, sendo por tantas partes combatidos que todos careciam de socorro, e ninguem podia socorrer seus companheiros, e assi os mal reparados esquadrões começaram a encolher-se desordenadamente, havendo grande confusão e miseria em toda a parte, porque cada um procurava não se

achar da banda de fóra, e querendo todos estar de dentro, como não podia ser, cahiam uns sobre outros desordenadamente, e muitos se metiam debaixo das carretas, outros buscavam alguma boa occasião de se salvarem em cavalos que no campo andavam sem dono: de maneira que não havendo já defensão, usavam os mouros a seu alvedrio ou de piedade captivando, ou sem ella, matando covardemente ousados. Pelo que era tanta a confusão e desventura, que nem pode ter nome, nem contar-se, e neste estado bem podem confessar os portugueses quanto de suas covardias escreve Franqui, e traslada Frei Antonio, mas tambem parece que não podem elles negar que nunca houve no mundo alguma gente de todo rendida e desbaratada, por mais valerosa que fosse, que deixasse de esconder os olhos á morte, e mais ainda assi alguns obstinadamente se defendiam.

El-Rei neste tempo bem certificado de tanta desventura, depois de lhe matarem outro cavalo, fazendo as maravilhas que todo o mundo vio, andava acompanhado de alguns fidalgos que pretendiam salva-lo a troco de suas vidas, quando se vio cercado de uma multidão de Alarves, d'onde não sentindo os que o acompanhavam algum remedio a sua salvação, se apartou um d'elles por conselho dos mais com um lenço posto na ponta da espada, e dando conta aos mouros como alli estava el-Rei, no melhor modo que lhe foi possivel lhe responderam que largassem as armas primeiro, e então poderiam tratar do que lhe convinha. A qual reposta el-Rei sentio de maneira, que sem escuitar mais acordo se lançou a elles furiosamente, acompanhado dos que o seguiam, pelejando todos com desesperada ousadia por sua salvação, onde dizem que caio depois de morto o cavallo. Até este passo houve algumas pessoas dignas de fé que ousa-

ram revelar o acontecido, porém se viram mais, não se sabe, o que se vio sempre claramente é, que nunca alguem disse que vira matar a el-Rei, e não é muito realmente, pois nenhum homem que ficasse vivo é rezão que tal confesse.

Neste ultimo conflicto foram mortos com estranho valor D. Jorge de Lencastre, de uma escopetada, D. Antonio da Costa, filho de D. Gileanes da Costa, D. Alvaro de Castro, D. Jorge de Faro, João de Mendoça, Luiz Alvres de Tavora, Christovão de Tavora, D. Antonio de Noronha, D. João Mascarenhas, Luis de Castillo, e o desembargador Antonio Velho Tinoco, ouvidor do campo, o qual depois de pelejar valerosamente na batalha entrou nos mouros, onde foi morto, dizendo: — ora, senhores, aqui não ha mais que a alma a Deos, o corpo a honra e assi foram mortos o desembargador Francisco Casado de Carvalho, forriel mór do campo, e seu irmão Pedralverez de Carvalho.

O Xarife neste tempo pretendeo salvar-se, e querendo passar a ribeira do Mucasim se afogou, por estar nesta conjunção a maré cheia, que do rio Lucus se communica com elle.

Esta foi na verdade a summa de toda a desventura, e o que se pôde colher de vista propria e de alguns fieis companheiros, e se houver alguem que visse outras muitas cousas e não estas que dissemos, saiba que tudo podia acontecer, mas que não é possivel escrever-se tudo, como se pode julgar pelo que acontece em uma pequena briga, que sendo a sustancia toda uma, reduzida a tão limitados termos, cada um conta as cousas de maneira que corre muito risco a verdade do successo: e lembra-me que vi fallar nesta materia em conversação algumas vezes, sem já mais uma pessoa concordar com outra, porque cada

um quer que seja sómente aquillo que elle vio, e pois não é possivel contestar com todos, baste que se apontem as principaes occasiões da perdição, que na verdade a materia não dá de si nenhum gosto pera se dilatar curiosamente.

Os mouros que nesta batalha morreram foram muitos, porque só dos que recebiam soldo faltaram desoito mil, vistos e examinados depois os livros de matricula em Fez, segundo os mesmos mouros diziam, e confessava Reduão, Elche portugues visorei de Berberia, por quem corriam estas cousas, posto que Jeronimo Franqui diz que não morreram mais que tres mil, porém como se não achou lá neste tempo, não é muito. Dos christãos morreram bem a metade, mas ainda assi foram outros tantos os mouros.

D'esta maneira passou toda a jornada que Jeronimo Franqui escreve, da qual parece certo devia ter errada informação, porque não parece possivel ousar algum homem dizer semelhantes cousas, tão fóra do que aconteceo, porém se com tudo chega a tanto a maldade humana, seja Deos louvado que foi servido não sómente dos males e perdas d'este reino, mas ainda permitio com tanta ousadia a solta mentira em maliciosas lingoas. Frei Antonio de S. Romão, castelhano, monge de S. Bento, segue Franqui trasladando-o quasi todo, com algumas cousas mais de quem devia ser mal informado, como é bem que se cuide de um religioso, mas quem por ventura não vir como elle contesta com Jeronimo Franqui nas cousas que cegamente escreveo, cuidará que as não diz todas, pois promete no seu tratado da jornada e morte d'el-Rei D. Sebastião tirar-lhe toda a malicia e mau zêlo com que as disse, e o que mais se pode notar é que dedicando o livro ao Comdestable de Castella, e atribuindo-lhe o nome de portugues, pelo novo paren-

tesco do duque de Bragança, cuidarão que se inclina elle em favor dos portugueses, sendo tanto pelo contrario que bem notado o modo com que trata da herança do reino de Portugal, parece certo que quer diminuir a verdadeira estimação que os Reis de Hespanha devem fazer d'elle, e o respeito e amor que a seus naturaes é devido; dizendo que Sua Magestade herdou esta gram coroa que se havia destroncado de Castella, como se não houvera acrescido nada, e tornara a seu primeiro ser, da maneira que foi dada em casamento ao conde D. Enrique, não sendo então mais que um condado mui pequeno e mui estreito, e agora um grande imperio, como elle mesmo confessa. Pelo que muito mais se lhe pode estranhar que a Justo Lipcio (que como tão estrangeiro podia ignorar estas cousas, posto que mui docto) não fazer lembrança da venturosa successão d'este dilatado reino, escurecendo o contentamento que os novos Principes d'isso podem ter, fazendo com rezão mercês a seus vasallos, que nunca grandes bens são menos de estimar por mais que se mereçam. Nem ha rezão alguma pera que os Reis de Hespanha deixem de amar aos portugueses como a filhos, antes lh'o devem de fôro, pois bem claro se vê que toda a herança passa com suas condições. As condições d'este reino foram sempre serem os vassallos filhos e o Rei pai e senhor, mercês e obrigações tão conhecidas como nos portugueses se tem visto, não digo eu neste reino, mas cinco mil legoas d'elle, onde nunca houve em tanta multidão de gentes no discurso de tantos annos um pensamento de desobediencia, que não tem menos força o amor e lealdade dos portugueses. Como bem se vio quando D. Antonio filho do Infante D. Luis veio a esta cidade de Lisboa com dez ou doze mil homens, e não houve portugues algum de sustancia que

se passasse a elle, nem ainda dos mais humildes (se não foi por força) antes se defenderam como de crueis imigos d'aquelles que por amigos e libertadores se apregoavam, cousa que posto que fosse de tão justa obrigação, não deixa de ser de grande merecimento diante de seu Rei e seu senhor com perpetuo credito de sua fidelidade e paternal amor de benigno Principe.

Quando a Rainha D. Caterina nossa Senhora que está em gloria governou estes reinos sem falar portugues, defendeo aquelle tão memoravel cerco de Mazagão por honra mais que por necessidade, só com chamar a séus vasallos filhos, e os ter nessa conta, sustentando a posse em que os deixou el-Rei D. João seu marido e nosso senhor, sendo em tanto estremo amada e obedecida, que o mór trabalho que tinha era mandar aos grandes sobpena do caso maior que senão embarcassem, e tirar das náos por força os filhos meninos dos homens nobres, fidalgos e senhores, que se dmbarcavam levados do amor sem saberem onde iam. Continuando este zêlo e fidelidade de maneira, como se póde vêr ainda agora no tempo em que isto estamos escrevendo, que estando uma armada holandesa mui grossa sob a cidade de Lisboa, se embarcaram á porfia quinhentos homens nobres d'este reino, em companhia de D. Luis Fajardo, general do mar Oceano por sua Majestade, e mais de cento e quinze fidalgos illustres e senhores, onde entravam muitos dos principaes morgados, e de tão poucos annos alguns, que só o valor lhes dava idade, sendo tão desigual o partido no numero das náos, e tão certa a briga, como se podia esperar de gente que parece não esperava outra cousa, sem serem constrangidos, nem quiçá animados uns nem outros, mais que da fiel ousadia portuguesa e zêlo do serviço de seu Rei. Antes foi

isto cousa em muitos tão pouco esperada, que de alguns era tanto animo julgado a desatino, mas desatino honroso, d'onde se póde bem vêr a lealdade dos portugueses como está dito.

Mas tornando a nosso proposito que mui largamente havemos descorrido fóra d'elle, sendo tão enteressados na materia, digo que quinhentos homens, fidalgos illustres os mais d'elles, entraram nesta batalha, na qual houve familia de que não escapou alguem, e aquelles que viveram foram pouco mais de duzentos, pela maior parte mui feridos. Grande por certo foi a desventura dos portugueses, porém se não fôra a morte d'el Rei, em cuja vida se acabou todo o remedio e consolação de tantos, não ia tanto em se perder uma jornada de quem elle pudera tomar satisfação, vivendo com discurso mais maduro, e palpavel experiencia, que muito mais gente não menos illustre se perdeo em quatro jornadas de Inglaterra, e já hoje não lembra, mas a falta d'el-Rei agravou tanto este negocio, que até semelhantes homens se atrevem a destruir a honra dos portugueses com tanta soltura, não sentindo quem se magoe d'este reino.

Tres cousas não póde negar o mundo todo á nação portuguesa, as quaes são bom nacimento, valor e religião. Primeiramente no que toca aos bons respeitos celestes pera serem bem nacidos, que sempre em nós influem conforme a sua calidade. E' de saber que o mundo está repartido em cinco zonas, convem a saber, duas frigidas que ficam debaixo dos polos, uma torrida a quem corta a equinocial pelo meio, duas temperadas: das quaes aquella que está da nossa parte do Norte, e começa em vinte e tres graos e meio, é repartida em nove climas, ou regiões, e d'estas regiões a do meio se chama de Roma: a qual é a mais temperada e melhor, em cuja altura e respeito

Hespanha está posta, e Portugal no meio de sua melhor altura, e mais occidental que todos os reinos de Europa, e na qualidade da terra em mais benigna e mais suave parte de todas, por onde nenhuma gente do mundo tem melhores respeitos pera ser bem nacida, antes só em ser a victima além das mais prerogativas faz a portuguesa vantaje a todas, pois vemos que das cinco partes do mundo Europa é a melhor no valor e na sciencia, que é todo o bom das gentes, e da Europa o mais occidental.

Pois no valor bem sabe o mundo todo que Portugal sendo um pobre condado, se veio a fazer tão nobre reino, pelo grande esforço com que os portugueses lançaram fóra os mouros de que estava quasi todo occupado, com tantas e tão insignes batalhas e nobres maravilhas, defendendo-se juntamente de seus visinhos hespanhoes, tão valerosos, e não se contentando com se fazerem a seu pesar isentos lhe entraram algumas vezes por seu reino, saindo com todas estas cousas a seu salvo por espaço de quinhentos annos pouco mais ou menos, até quando Deos foi servido que a rezão sómente os vencesse na succesão d'el-Rei Felippe nosso senhor que está em gloria, e porque se acabe de vêr quão sobido valor foi sempre o d'esta nação, digo que Deos com sua propria boca o aprovou, quando em toda a christandade escolheo sómente os portugueses pera levarem sua sancta fé a partes tão remotas e inimigas, empresa tão maravilhosa de tanto perigo e sofrimento, que muitos lhe chamaram doudice, e todo o mundo temeridade, e vemos todavia que a vontade do mesmo Senhor (seja elle louvado) foi feita, e que responderam suas obras ao presuposto da divina eleição, durando de cem annos a esta parte com tanto valor cada dia em crecimento os effeitos d'ella.

Pois no que toca a religião, bem sabem as gentes todas o puro zêlo que tem da sancta fé catholica, e o particular cuidado e devação do culto divino em que ninguem lhe faz ventajem, tanto que Abraham Ortelio, autor mui grave, quando descreve as grandezas e qualidades das provincias de todo o orbe conta por maravilha o infinito numero de igrejas e suntuosos templos que ha no reino de Portugal (onde á porfia parece que cada hora vão em tanto augmento) tão enrequecidos pela pia vontade e devação dos Principes, e mais gentes, atribuindo quasi a elle sómente por excellencia o grande fervor e zêlo da christandade, como reconta dos mais outras grandezas. E Estrabo, antiquissimo escriptor, diz que os portugueses foram sempre mui tementes aos Deoses, e grandes amadores de seu culto, que não é menos antiga esta pia inclinação que sempre tiveram ás cousas divinas, ainda que fosse então por ignorancia erradamente, d'onde se póde inferir que já Deos neste tempo os ia dispondo pera o que d'elles depois determinava. Não trato d'outras muitas cousas de que os volumes naturaes e estrangeiros estão cheios, pelo que convem a brevidade, e porque seria processo infinito.

Pois agora sobre todas estas verdades que com rezão parece não deve negar Franqui, nem Frei Antonio de S. Romão, diga o mundo o que quizer, que tantas mercês como Deos tem feito aos portugueses os pode fazer viver mui confiados, que não ha sua Divina Majestade apartar nunca a face d'elles, como no campo de Ourique de boca propria se penhorou, nem podem com rezão ser desconsolados com tanto castigo da mão divina : que culpas castigadas reduzem sempre a mais perfeito estado os peccadores diante de Deos, a quem elle menos sofre, quanto mais ama.

LIVRO SEGUNDO

RELAÇÃO DO CAPTIVEIRO NA JORNADA DE AFRICA

CAPITULO I

Rendida a batalha decem os mouros aos despojos

Depois que os mouros alcançaram esta victoria, tão pouco d'elles merecida e esperada, sendo o campo de todo rendido, cessou em parte seu furor, e não sentindo já alguma resistencia remeteram aos despojos, usando tão malda clemencia que devem ter os vencedores, que muitos que parece não acharam lugar de exercitar sua ira em quanto durou a batalha, fartavam depois seus animos covardes nos já rendidos; sendo principaes executores d'esta vil façanha infinitos Alarves que deceram á presa dos altos montes onde estavam a la mira.

Via-se no campo tanta desordem e confusão, como se pode imaginar de semelhante miseria, sendo tão varias as sortes e tão tristes, que ainda depois de tanta desventura só por ventura se escapava, como aconteceo ao duque de Barcelos D. Theodosio, a

quem Deos milagrosamente livrou da morte, pera consolação e remedio de tantas vidas. Porque sendo captivo de dous Alarves, como fosse visto em seu poder de um soldado azuago que percebeo em um momento a calidade da presa, de maneira remeteo a elle que tirando-o com violencia de suas mãos, um d'elles querendo pagar se do que lhe cabia, covardemente atrevido, levou do alfanje pera partir pelo meio de um só golpe, em tão pequena quantidade, por ventura a mór pessoa que nunca até li nestas partes se vio em tal miseria, porém o azuago como soldado esperto, movido assi da gentileza do menino, como do real semblante, a quem não pôde escurecer a sombra da morte, meteo subitamente de por meio a longa escopeta emparando o golpe, o qual vinha com tanta furia, que sem embargo de dar primeiro nella chegou dc maneira á cabeça d'este Principe que lhe deo uma ferida, bastante ao cobrir todo de sangue, permitindo Deos que lhe acontecesse a caso o que lhe roubou a sorte por sua pouca idade, que não passava de doze annos.

Aqui foi tambem captivo o Prior D. Antonio, filho do Infante D. Luis, cujo venturoso successo (sem ventura o tantos) em seu lugar diremos, e os mais cavaleiros fidalgos, e senhores, os quaes se viam nesta ultima miseria, com muitas feridas entregues á morte, que por maior pena os não quiz receber em honrosos perigos.

Os mouros do Xarife que foi com el-Rei D. Sebastião passavam a mesma miseria, posto que muitos fingindo ser da banda de Mulei Moluco captivavam alguns christãos, por se melhor encobrirem, e se salvaram com elles em Arzilla.

Alguns cavaleiros de nossas fronteiras dos poucos que ficaram se fizeram em um corpo, e posto que

com assaz perigo de suas vidas se salvaram em Tanjar, como aconteceo depois de tudo acabado a outras pessoas, e não em tempo que pudessem com perderem as vidas ser de proveito em cousa alguma, e porque sobre esta materia houve depois em Portugal alguns juizos differentes, me pareceo bem dizer aqui o que nisto passa, já que são taes os tributos da vida que não val a um homem pelejar até o não querer a morte, trilhando mil vezes o natural termo pera escapar das maliciosas lingoas, menos piedosas que ardentes balas e agudos ferros.

Primeiramente bem se sabe que o campo d'el-Rei estava assentado em fórma quadrada quando se deu a batalha, como atrás fica dito, e o dos mouros ao redor d'elle. Foi cerrando as pontas de maneira que o cercou todo, occupando em circulo quasi o espacioso campo do rio Lucus. Assi que onde quer que os esquadrões estavam, ou fosse de uma banda ou da outra era a vanguarda, e assi juntamente se começou a batalha com pouco intervalo em todo o lugar, a qual d'este modo se foi continuando em quanto da parte dos christãos houve resistencia. Pelo que como é possivel que alguma pessoa fosse tão desatinada que pera salvar a vida e buscar a liberdade se fosse meter debaixo das armas de seus imigos, que por então não perdoavam a cousa viva, e quando assi fosse de que maneira podiam escapar de mortos ou captivos? Pelo que fica manifesto que ninguem se podia salvar da batalha, senão depois de tudo rendido e desbaratado, porque então deixaram os mouros a fórma em que pelejavam desemparando o campo em muitas partes, pera acodir á presa dos captivos e bagaje.

Pois sendo isto verdade, e sendo assi que a verdadeira fortaleza consiste em aventurar a vida por cousa

que valha mais que ella, como se tem ordinariamente pela patria, pelo Rei e pela fé, não havendo pera que dar satisfação a nenhuma cousa d'estas, porque não pretenderia cada um salvar a vida e buscar a liberdade, pois no que toca á defensão da fé nenhum mouro obrigou a christão neste conflicto que o deixasse de ser, e no bem comum da patria, quantos mais se salvassem, mór proveito seria, pois na defensão da pessoa real, que auxilio podia receber um corpo defunto da miseravel gente já de todo desbaratada; não nego eu que se alguem escapasse da batalha, durando as esperanças de victoria, não seria eterna infamia, porém salvar-se aspirando com viril animo a melhor fortuna, é cousa digna de louvor, e não de vituperio, como se lê de Caio Terencio, varão na gram batalha de Canas, que salvando-se com muitos soldados foi do senado por isso mui bem recebido, ainda que tinha a culpa toda da perdição, porque o morrer quando não era tempo, não sómente fôra tirar filhos a Roma, mas dar mais gloria a seus inimigos.

Muitos exemplos d'estes pudera dar, qual foi na de Ravena e de Lepanto, e de filhos que deixaram pais, e pais a filhos, poupando-se pera acabar em vinganças honrosas, que não póde sempre o valor humano ter ligada a fortuna a seu alvedrio, nem haver mór fraqueza que não saber defender a vida reservando-a a melhor uso quando não é necessario perde-la.

Mas tornando a nossa relação, sendo já bem tarde, os mouros se foram recolhendo cada um com sua presa, com assás temor uns dos outros, porque o mais poderoso não sómente a tomava ao mais fraco, mas acontecia ás vezes mata-lo primeiro por escusar ouvir suas rezões. Os despojos que os inimigos alcançaram do campo foram mui poucos, tirando a presa dos

captivos, porque eram tantos que a muitos não coube mais que um pedaço de tenda.

CAPITULO II

Levantam os mouros por Rei Mulei Amet e enterram os seus que na batalha morreram

Na tarde d'este mesmo dia foi levantado por Rei Mulei Amet, e porque se saiba como Deos quando é servido escolhe as mais tristes pessoas pera mór castigo, e juntamente como a fortuna o pôs no trono real tão pouco d'elle esperado, é de saber que este Mulei Amet era tido em tal conta de seu irmão Mulei Moluco, que chegou Reduão, Elche portugues a lhe dar uma bofetada, sem por isso haver uma minima reprehensão, porém posto qoit fosse qual era, trazia debaixo de seu governo dezoue mil homens de cavalo, com os quaes entrou na batalha, e no tempo em que os ventureiros chegaram junto aos cinco pendões verdes, a par da liteira de Mulei Moluco, sabendo elle que era morto, com toda a gente de sua companhia se acolheo, vendo totalmente acabada a vida, na qual tinha só sua fortaleza, soccedeo logo por vontade divina o que havemos contado, e rendido o campo e sabida geralmente a morte de Mulei Moluco, começaram os alcaides e mais gente de guerra a sobalçar Mulei Amet, cuidando todos que os acompanhara na batalha, e que no campo devia estar, e era tanto pelo contrario que levandolhe mui depressa alguns amigos seus esta nova, o foram achar em Alcaçar, que eram d'ahi duas legoas,

onde estava acolhido, tornou logo ao campo com a mesma velocidade com que havia saido, mostrando a todos a face mui serena, bem mais digna de asperas reprehensões que de victoriosas acclamações. Logo se juntaram os alcaides Gorri, Cahia, Solimão, Lataba e Doquali (que por então não pôde fazer outra cousa) e de commum consentimento foi levantado por Rei, este que tão pouco antes não achava em tamanho reino um palmo de terra em que se desse por seguro (qual um vil Claudio nos palacios de Caligula) e posto que alguns poseram a boca no filho de Mulei Moluco, não permaneceram por estar em Argel, e ser mui moço. Logo o novo Rei mandou buscar o corpo do Xarife, e foi achado no rio Mucasi, onde se afogou, querendo salvar-se, e trazido ante elle, cuidando todos que como Principe benigno lhe mandasse dar a devida sepultura, o mandou esfolar, e encher a pelle de palha, e foi por seu mandado trazido num pao mui alto por todo o arrayal vituperosamente, cousa que deu grande escandalo a todo o mundo; isso porém lhe fizeram fazer alguns Cazices, dizendo que não merecia menos, pois metera christãos em Berberia, e assi dizia depois muitas vezes que nunca fizera cousa de que mais se arrependesse, porém muitos diziam que a maldade do caso lh'o fazia dizer com temor do merecimento d'elle.

Neste tempo estava ainda o duque de Barcelos em poder do azuago, tratado com muito respeito, que os Principes parece que trazem escripta na fronte a reverencia que se lhes deve, sem embargo que quando o captivaram, sendo preguntado quem era, disse que filho de um mercador, offerecendo-se antes com real animo a passar os trabalhos da pessoa, cujo nome elle tomava, que os mimos e favores de Principe que era, conhecendo em tão pequena idade com maduro

juizo que ninguem entre geraes desaventuras deve pretender felicidades.

Isto foi logo sabido, e assentaram os fidalgos que já estavam conhecidos que se devia dar conta ao Xarife, visto a tenra idade d'este senhor, e o perigo que podia correr sua vida e seu respeito, o que foi mus bem considerado, porque em qualquer d'estas cousas ia muito, e mui pouco no interesse, a que só se podia respeitar. Logo se deu ordem, e foi achado o duque, e trazido á tenda real no mesmo dia, a quem o Xarife fez as devidas cortezias, e mandou dar a liteira em que seu irmão Mulei Moluco entrou na batalha, na qual foi até Fez.

Cerrada a noite aos mais dos captivos foram lançados ferros, e alguns fogiram, mas salvaram se mui poucos, porque os mouros além de os irem esperar aos caminhos, tinham grande vigia, e quando de uns escapavam, davam em outros de pior condição ás vezes, mas entre estes poucos que se salvaram, por não haver mal que de tanta desventura não procedesse, permitio Deos que chegaram a Arzilla na mesma noite tres ou quatro homens, e como a tal tempo e a taes horas lhes não quizessem abrir, vendo elles o perigo que corriam se esperassem até pela manhã, disseram que vinha ali el-Rei D. Sebastião (cautela certo digna de um grande castigo, pelos damnos que d'ella resultaram, posto que sua tenção não fosse mais que buscar seu remedio, sem imaginarem o que podia acontecer.) Abriram-se logo as portas com tanto alvoroço e contentamento de todos, como se póde imaginar, e como o capitão mandasse acender algumas tochas, um d'elles se embuçou, que parece era o principal, fingindo os outros nelle grande respeito, por escaparem d'esta maneira da furia do povo e dos soldados, pois não podiam contestar com a verdade

do que haviam dito, e realmente com rezão se puderam temer se o engano se manifestara.

Chegou logo esta nova á armada, e veio Diogo da Fonseca, Corregedor da côrte, a inteirar-se do caso, e entrando na casa d'onde estes homens estavam com o capitão Pero de Mesquita, o mancebo embuçado se descobrio, e foi visto que era um homem fidalgo, (não da casa d'el-Rei, nem da côrte por certo) cujo nome não sabemos, nem é bem que se saiba, e sendo mui reprehendido elle e seus companheiros, deram por desculpa que não haviam dito que vinha alli el-Rei, senão que vinham d'onde el-Rei estava.

Neste meio tempo começou a fama a fazer seu officio, e foi confirmada a opinião de ser aquelle el-Rei D. Sebastião, no mar e na terra, porque havendo precedido tão claros indicios, e sendo a nova tão amiga, por mais que do capitão e de Diogo da Fonseca eram desenganados, ninguem queria cuidar o contrario, principalmente embarcando-se este mancebo escondido, ou com temer do povo, ou por lhe parecer que vindo áquellas horas seria notado, e na verdade foi, deixarem-no embarcar d'esta maneira, uma grande inadvertencia e mal empregada piedade, pois em qualquer damno que recebesse não ia nada, principalmente merecendo elle mui bem algum castigo, e muito em dar occasião a nunca se ter por certa a morte d'el-Rei D. Sebastião, d'onde nasceram tantas desventuras, que chegou um lavrador por nome Pedro Afonso, do termo da cidade de Lisboa a fingir el-Rei D. Sebastião vivo, e pôs em seu lugar um Matheus Alveres, pedreiro, que mostrava aos simples lavradores, de modo que chegou o negocio a se ajuntar muita gente da Ericeira e de Cintra, com que Pedro Afonso cometeo algumas crueldades, como foi matar o desembargador Gaspar Pereira do Lago, e despenhar alguns officiaes

da justiça, e correram muito risco alguns vassallos leais, e ministros graves d'el-Rei, como foi Diogo da Fonseca, Corregedor que então era da côrte, a quem o Archiduque Alberto mandou castigar este tumulto, e se viu de maneira que esteve mui perto de perder a vida, se não fôra a muita industria e valor que usou, e foi necessario mandar logo o Cardeal algumas companhias de soldados pera acabar de atalhar este furor.

E assi se entende que fez o glorioso S. João Baptista milagre, pedindo a Deos livrar-se este povo de Lisboa, porque no seu dia estavam estas gentes concertadas pera entrarem e dastruirem esta cidade debaixo do nome d'el-Rei D. Sebastião, e outras cousas que depois soccederam de grande desatino e desventura que não ha pera que se refiram, as quaes se naceram da imaginação de ser el-Rei vivo, é ainda maior magoa, pois se perderam então licitos desejos, sabendo mal usar d'elles, pois bem claro estava que sendo assi não havia pera que tomar armas nem usar d'outras invenções, senão dar graças a Deos, havendo só de pormeio el-Rei Felipe nosso senhor, Principe tão catholico, e que tanto amava seu sobrinho.

Mas tornando ás tendas d'onde passamos a noite, digo que tanto que foi manhã, abertos os olhos, desperto o entendimento, cahio sobre todos tão profunda tristeza, que apenas lhes deixou sentido livre pera poderem cuidar em cousa alguma, antevendo em um momento a larga summa de tantas miserias, e sobretudo o sentimento da despenhada honra portuguesa, que tão pouco antes estava no lugar d'onde não podia ser mais levantada, acabava de todo a paciencia.

Estando pois d'esta maneira, como Deos sempre consola os affligidos, lançando os olhos pera o caminho viram vir muitos carros, e derredor d'elles muitos mouros e mouras gritando, os quaes vinham car-

regados dos seus mortos, que parece que no espaço que lhes ficou do outro dia sairam a buscar de Alcaçar, e posto que esta visão em tal estado lhes não podia dar algum contentamento, foi porém parte de grande consolação, fazendo um breve discurso em como aquelles que com mais rezão puderam chamar-se ditosos iam d'aquella maneira despedaçados e mortos em sua terra, com tanta grita e lastima de seus parentes, sem algum gosto da mal lograda victoria, e elles todavia ainda que maltratados e captivos estavam com vida, e facilmente podiam passar qualquer adversa fortuna, e assi neste pensamento com os olhos postos na misericordia divina ficaram com alguma consolação. Grandes eram as lastimas que se ouviam nesta commum miseria, aos homens a quem faltava qualidade pera sofrimento honroso, chorando os miseraveis de maneira, e dizendo algumas cousas na lembrança do desemparo de suas casas, que causavam a todos outro novo tormento, dando bem clara mostra da fraqueza de seus animos. Pelo que realmente deviam ter os Principes grande conta com seus commissarios, no modo de levantar gente pera a guerra, castigando rijamente os erros que nessa parte se cometem, porque muitas vezes largam mancebos mui praticos e mui gentis escopeteiros, e tomam em seu lugar um simples cabreiro, ou pobre lavrador, a troco de mui baixo preço, e d'esta maneira vem a formar esquadrões bem numerosos (como foram os que el-Rei levou) de valentes soldados ao parecer, e de innocentes ovelhas nas obras; tambem parece notavel erro como a experiencia nesta desventura nos tem mostrado, querer um Principe fazer guerra ao menos voluntaria, com gente colhida por força e com rigor, porque como terá particular cuidado no que toca a milicia um pobre official que deixa a casa cheia de filhos, sem

outro remedio algum mais que aquelle que por suas mãos lhe ganhava no officio, em que sómente estava exercitado, ou como deixará o lavrador por mais robusto e bem disposto que seja pera a guerra, os campos orfãos dc quem com suor de seu rosto esperava tirar o fruito pera sustentar seus filhos e pagar suas rendas.

Nunca segundo entendo, depois qne houve guerras no mundo se cometeo tão temeraria empresa com tão mal disciplinada e simples gente, sendo a mais d'ella levada sem saber onde ia, de maneira que caminhando por mandado d'el-Rei, partiam gemendo com mil sospiros, com os olhos postos em seus filhos, como as vacas em Palestina quando por mandado de Deos levavam o santo peso da arca sagrada: vêde com que valor esta pobre gente remeteria a seus inimigos, sendo por nosso mal a mais numerosa em nosso campo. Quem por ventura não vir estas cousas com olhos de rezão, dirá que d'onde estava o valor dos portugueses de que tanto se presam, mas bem notada a fraqueza e qualidade d'esta gente que el-Rei levava, bem se deixa entender que posto que fosse de Portugal, não podia ter nome de portuguesa e d'isto deu bem claro testemnnho a fidalguia d'este reino, e a gente nobre d'elle no estrago que fez em seus inimigos, morrendo e matando como elles mesmo confessam, e se mostrou por obra, e assi se vio depois por experiencia quão grande erro fôra não levar el-Rei a gente nobre de Portugal de cavalo, que fôra muita, e de muito valor, e não lavradores pobres miseraveis que em nenhuma parte do mundo servem de mais que de lavrar os campos.

CAPITULO III

Manda o Xarife buscar o corpo d'el-Rei D. Sebastião

No mesmo dia da batalha passando Sebastião de Resende, um moço da camara d'el-Rei, captivo, pelo campo donde estava a multidão de corpos mortos de amigos e inimigos, todos nús e despojados, sem differença alguma, vio entre outros muitos o real corpo d'el-Rei, cujo criado era, e como por então não pudesse fazer outra cousa mais que derramar infinitas lagrimas, guardando bem na memoria o posto e lugar em que o vira, ao outro dia pela manhã dando conta aos fidalgos, foram de parecer que se dissesse ao Xarife, por não perecer o real corpo sem a devida sepultura. Logo se lhe deu conta, e elle mandou que se buscasse por dous mouros, em companhia de Resende, e foi achado no mesmo lugar que havia dito.

Vendo pois Resende aquelle fermoso e real corpo depois de o banhar de amargoso pranto, despio a sua camisa com que o cobrio, juntamente com umas ceroulas até o joelho, que no chão por desprezadas deviam ficar, e pondo-o em uma cavalgadura foi trazido á tenda do Xarife.

O' miseravel vida, caducas esperanças, desenganado espelho da presumpção humana, que vio o dia de antes um Rei mancebo tão amado e tão temido, senhor de um reino tão rico, e tão honrado, sobre um soberbo cavalo pisando o inimigo campo livre e seguro entre seus vassallos, todo rodeado de luzentes armas e do puro amor, e o vê agora posto em uma humilde cavalgadura atado com uma corda, coberto de sangue, suor e terra com o rosto disforme do transito

mortal, e de uma ferida que na testa tinha, e outra mui grande debaixo do braço direito, que parecia de azagaia, por certo que não ha mister pouco socorro do ceo um pobre entendimento pera se abater humilmente debaixo da incomprehensivel ordem e governo da providencia divina, vendo em um só momento sepultada a honra das gloriosas armas dos portugueses, as esperanças de um Rei tão valeroso, o perpetuo emparo e consolação de tantos, e de todo em fim cifrado e perdido nesta só vida quanto nem cuidar se sabe.

Tanto que o real corpo chegou a vista dos fidalgos que presentes estavam, e de outros captivos, todos se puseram em um vivo pranto, e de giolhos com estranhavel amor e obediencia lhe foram bejar os pés sendo já d'elles reconhecido, se poderam todavia olhos tão cubertos de lagrimas ter inteiro reconhecimento.

Logo o Xarife lhes mandou dizer que vissem aquelle corpo, e se fosse d'el-Rei D. Sebastião se lhe daria a devida sepultura, e do que nisso assentassem lhe dessem conta. Fez-se o que el-Rei mandou, e posto que não houvera outras testemunhas mais que as infinitas lagrimas e sospiros, bastavam pera se dar inteiro credito ao miseravel successo.

Feita a diligencia e certificados os fidalgos que presentes estavam, o Xarife lhes mandou dizer se queriam resgatar o corpo de seu Rei, ao que responderam que si, e visse sua Majestade o que lhe haviam de dar, porque no primeiro lugar de christãos se entregaria a quem mandasse.

Tanto que o Xarife teve esta reposta como a sua tenção era certificar-se sómente com esta diligencia se era aquelle o corpo d'el-Rei D. Sebastião, não diffirio a mais, e mandou que o puzessem em um caixão, o qual se fez das andas em que ia Jorge da Silva, e nellas foi levado a Alcaçar.

Altissimo Senhor, Benigno e justo Juiz, como é possivel que tendo tanto amor aos homens como vossas obras tem mostrado, os venhais a desemparar de maneira que deixeis seu governo em suas mãos. São todos os animaes governados pelo homem com muita rezão, pois lhe faz tanta ventajem na parte distincta e suprema do uso d'ella, assi parece pois que os homens deveram ser regidos por outras intelligencias de materia mais sublime, e de mais levantado juizo, sem paixão natural de ira, odio, ou inveja, como póde uma creatura humana socorrer a falta alheia, se quanto o mundo tem lhe parece pouco pera remediar sua necessidade, ou seja verdadeira ou cobiçosa, como póde um juizo humano quando seja o melhor que houve no mundo acodir a tanta diversidade de cousas sem lhe ser necessario entregar muitas vezes os poderes reaes em mãos famintas, vis, e cobiçosas, muito contra o que deseja, pois não póde sempre acertar nas eleições. Pois que esteja na vontade de uma só creatura assolar um reino, sem querer ou por defeito natural, ou por qualquer outro furor admitir conselho algum, é cousa certo digna de grande lastima. Por outra parte Senhor, já que permitis que se herde a liberdade das gentes como se fôra campos e arvoredos, parece que devia ser o herdeiro de tão alta mercê bem digno d'ella no entendimento, bondade e justiça, mas em fim Senhor, bem claro está que todas nossas miserias nascem da multidão de nossos peccados: E sobre tudo a quem fôra tão bemaventurado que pudera não sómente fazer vossa vontade, mas ser muito devoto d'ella, que sendo vós quem sois, bem claro está que hão de ser vossas obras justas, verdadeiras e santas, e que a desconsolação que temos do modo e termo d'ellas, nasce do defeito de nosso entendimento pelo grande amor que temos ás cousas da terra, e a nós

mesmo, turbando-nos isto a vista dos gloriosos fins que tantas vezes estão encubertos debaixo da mór tristeza.

CAPITULO IV

Enterra se o corpo d'el-Rei D. Sebastião, e vai Belchior do Amaral a Arzilla e Tanjar com licença do Xarife

Depois do infelice reconhecimento do corpo d'el Rei D. Sebastião entraram os fidalgos que presentes se achavam em conselho na miseravel fórma em que o tempo o consentia, e assentaram que se deviam resgatar todos juntos, assi por ficar o preço mais favoravel, como por atalhar o damno que resultaria do muito que por si prometessem alguns mal soffridos impossibilitando-os mais.

Foram d'este parecer D. Duarte de Menezes, D. Duarte de Castelbranco, depois conde do Sabugal, D. Fernando de Castro, D. Miguel de Noronha, Belchior do Amaral, com a resolução do qual foi D. Duarte fallar a el-Rei, a quem elle com atenção ouvia por ter conhecimento de suas obras e pessoa, sendo capitão de Tanjar. O qual lhes respondeu mui conforme ao que elles pediam, que era resgatarem-se juntos, dizendo que lhe parecia mui bem, mas que os fidalgos se vinham ajuntando cada hora, e sendo juntos os poria em preço mui acomodado, o que já não podia ser senão em Fez. D'esta resposta ficaram mui satisfeitos, mas não entenderam por então a causa d'esta boa vontade, a qual era porque os fidalgos levados neste desejo incitassem aos mais a se descobrirem.

Depois d'esta resolução pareceo bem aos do con-

selho a quem os mais haviam dado sua authoridade, que se devia pedir ao Xarife mandasse pôr em guarda do corpo d'el-Rei algum fidalgo, assi por authoridade, como por não acontecer ficar de maneira que se pudesse outro pôr em seu lugar, dando-se d'aqui occasião a nunca se ter aquelle por verdadeiro, tornou D. Duarte com isto ao Xarife, o qual o concedeo mui facilmente, e foi ordenado que Belchior do Amaral fosse acompanhar o corpo, e dar-lhe sepultura. Partio Belchior do Amaral pera Alcaçar, e nas logeas das casas de Abraen Sufiane, alcaide da mesma villa lhe fez a sepultura, ajudado de um tudesco, onde no caixão em que vinha foi enterrado, cuberto de cal e arêa, e de infinitas lagrimas, pondo lhe alguns sinaes de pedras e tijolos, pera se conhecer a todo o tempo.

Feita esta lacrimosa diligencia, parecendo bem a estes fidalgos ordenarem alguem que fosse a Arzilla dar conta do estado das cousas, nisto vieram todos, e escrevendo D. Duarte de Castelbranco o que se havia de guardar, e pedindo-se ao Xarife desse licença, respondeo que assi se ordenasse, e o mensageiro fosse aquelle que pera Alcaçar fôra sobre sua palavra, Partio-se Belchior do Amaral, e entrou em Arzilla, onde achou Pero de Mesquita, capitão, com assaz temor do Xarife lhe vir pôr cerco por estar tudo desapercebido, porém elle como sabia o caminho que o Xarife levava, assegurou o capitão e todos os mais.

Quando os fidalgos se ajuntaram como atrás fica dito, foi assentado que a pessoa que viesse a Arzilla, além de dar conta do estado das cousas, pretendesse haver algum dinheiro do que na armada ficara pera se dar ao Xarife a conta do resgate dos fidalgos, assi porque com isso o começassem a granjear, como por elle o ter significado, porém vendo Belchior do Amaral como em Arzilla nem estava D. Diogo de Sousa

com a armada, nem havia outro algum remedio se partio no mesmo dia, como quem só procurava por descanso os trabalhos a que se offerecia, e tanto que chegou a Tanjar deu conta ao capitão Pero da Silva, que na cidade por el-Rei estava, segurando-o dos receios que com rezão pudera ter da determinação do Xarife.

Estava neste tempo surto em Tanjar um galeão da armada, com uma caravela, que D. Diogo de Sousa mandou com D. Francisco de Sousa seu sobrinho, a saber o que passava, e como Belchior do Amaral depois que fez os devidos officios ácerca da segurança da terra, e das mais cousas necessarias não sofresse uma hora só de repcuso, escrevendo uma carta em que relatava aos governadores a morte d'el-Rei D. Sebastião, no aparecimento de seu corpo, com as mais cousas passadas e tocante a este infelice negocio se deliberou em partir dando a carta a D. Francisco, ao cabo de tres dias nos quaes além de outras muitas magoas e miserias que nesta cidade vio aconteceu uma cousa bem digna de memoria, assi pela maravilha d'ella, como pelos honrosos effeitos que a causaram.

Estava nesta cidade Frei João da Silva, filho de Ruy Pereira da Silva, guarda mór que foi do Principe D. João, religioso da ordem dos pregadores, mui docto e excellente pregador, a quem por sua qualidade e virtude amava muito el Rei D. Sebastião, e o não acompanhou por ficar com todo o cuidado dos enfermos do campo, e além d'isso mal disposto. O qual tanto qne soube a vinda de Belchior do Amaral lhe mandou pedir por sua indisposição o quizesse vêr, e sendo visitado lhe disse: Senhor, uma cousa ei de perguntar a vossa mercê, sem querer saber outra alguma, a qual é se el-Rei D. Sebastião por ventura é morto, ao que Belchior do Amaral respondeu que

morto era, e elle o enterrara com suas mãos. Tanto que Frei João da Silva ouviu e percebeo este cruel desengano, no qual parece que vio cifrados quantos males havia de padecer este reino, sem fallar palavra alguma se virou pera a outra parte na cama onde estava, e deu a alma a Deos. O' bemaventurada vida a quem soube acabar uma honrada tristeza antes da desesperação fazer seu officio, fenecendo quasi na mesma batalha com seu Rei e seu senhor. E mais felice agradecido espirito que o soube seguir, logo mostrando que sómente se detinha em quanto não sabia d'onde o havia de ir buscar.

Depois que Belchior do Amaral deu a carta a D. Francisco de Sousa se tornou a seu captiveiro, podendo facilmente usar de liberdade, pois ninguem fôra seu fiador com o Xarife, senão elle, porém neste particular posto que lhe não faltaram alguns conselhos, Belchior do Amaral deu primeiro voto contra si, imitando aquelle excellente consul Attilio Regulo quando foi inviado a Roma pelos cartaginenses pela redempção de seus captivos, foi isto cousa que depois o Xarife estimou muito, tendo grande opinião dos portugueses.

CAPITULO V

Parte o Xarife de junto de Alcaçar a Fez, resgata-se o Prior D. Antonio, filho do Infante D. Luiz

Depois que el-Rei esteve alguns dias neste lugar, que atrás dissemos, se partio mui de vagar mandando diante os fidalgos que cada hora se vinham ajuntando entregues a um alcaide com ordem que cada dia se entregassem a outro, parece que

por não se poderem consertar com elles, não tendo tempo pera isso, o que resultava em grande damno de todos, porque experimentavam a cada passo differentes humores, e todos inimigos. Alguns d'estes fidalgos que não eram conhecidos ficaram em Alcaçar e Tetuão, e em outros lugares onde passaram infinitos trabalhos, por senão descobrirem, e alguns se salvaram neste sofrimento, e outros vieram a Fez e a Marrocos a poder d'el-Rei, posto que não foram do numero dos oitenta.

As cousas que neste caminho aconteceram foram tantas o tão miseraveis, que nem se podem contar, nem sei se cabem nos limites de nossa paciencia, pelo que me pareceo bem passar em silencio, pois se se houvessem de referir de novo seria dar outra vez o mesmo tromento aos ouvintes que nesta desventura são tão interessados, e não é rezão que tantos males se passem tantas vezes.

Seguindo pois el-Rei seu caminho, e fazendo mui pequenas jornadas por respeito da muita gente que levava, e dos negocios que se offerecem nas novidades de semelhante estado, ao cabo de dezoito dias chegou com seu campo á vista de Fez. Chegaria o Xarife a este lugar com sessenta mil homens de cavallo, e quinze mil de pé, porque os mais se partiram feridos, além dos que na batalha morreram, e tanto que entrou na cidade estando a seu parecer mui descançado em seus paços, se levantou entre a gente de guerra que no campo fóra das portas estava um rumor de maneira que pareeia outra nova batalha, porém como o alvoroço fosse sómente sobre as pagas que parece lhe haviam prometido, havendo satisfação da parte d'el-Rei ficou o negocio quieto, e elle seguro, posto que mui resentido do successo.

Passado este tumulto ao outro dia mandou o Xa-

rife apregoar que todo o mouro que tivesse fidalgo, o trouxesse a seu poder, como por determinação da guerra estava ordenado, e quem o contrario fizesse seria mui rigorosamente castigado, além de perder o captivo.

E pera milhor haver assi os fidalgos mandou cerrar os portos, e que não houvesse cafilas, nem comercio, por se não salvarem alguns, o que durou muito tempo, e foi uma das maiores desconsolações que os captivos receberam. Com este mandamento emfim, e grande temor d'el-Rei, acodiram muitos mouros trazendo os fidalgos que tinham, os quaes muito contra sua vontade aceitavam o novo melhoramento de senhor, querendo antes sofrer as miserias de seu captiveiro, que ter descanso d'onde não era rezão.

D'esta maneira se iam ajuntando de todas as partes, e sem embargo d'este mandamento alguns fidalgos não foram entregues por serem de alcaides principaes, como foram tres que mandou o alcaide Alichechito, e outros semelhantes senhores com que el Rei devia dissimular. Os do numero foram aposentados assi como vinham em casa dos judeus, e o duque de Barcellos na do Xeque, ou governador d'elles.

Bem differente sorte de todos teve neste tempo o Prior D. Antonio, filho do Infante D. Luis, permitindo o assi Deos por seus occultos juizos, o qual foi captivo de um alarve honrado, vizinho d'aquelle aduar que chamam de Talemaçude, que D. Duarte de Meneses sendo capitão de Tanjar destruio todo: o qual tanto que o captivou pera milhor se encaminharem suas cousas o despio dos vestidos que trazia, dandolhe outros tão baixos e miseraveis que sendo buscados os fidalgos, e levando um mancebo moço da camera d'el-Rei que com elle estava preso pelos pés, o desprezaram e largaram como a um pobre soldado,

o qual d'esta maneira foi levado ao aduar, e preguntando-lhe o mouro que significava aquella insignia (dizendo isto pelo habito de Malta que lhe achou) elle respondeo cautellosamente que aquillo era sinal e obrigação de certos cacizes de christãos, e por isso trazia cruz branca da igreja que comia, e deu a isto mui facilmente credito o mouro, e folgou de lhe ouvir dizer que comia renda de igreja.

Estando pois tido nesta conta, como no aduar estivesse tambem captivo um cavaleiro de Tanjar, que se chamava Gaspar da Gram, por sua ordem, e de um judeu por nome Abraham Gibre se concertou com o mouro em dois mil cruzados, pelos quaes o judeu ficou, metendo em cabeça ao mouro que se até janeiro aquelle Cacis não estivesse na sua igreja o Papa a proveria, e elle ficaria sem se poder resgatar, de modo que o mesmo mouro o trouxe a Arzilla sem nenhum intervallo nem perigo, em tão pouco tempo que não passaram dous mezes, d'onde se póde vêr no successo de tantas bonanças as longas miserias a que Deos começava abrir as portas, juntamente com as de Arzilla, por seus occultos juizos.

CAPITULO VI

Do que passavam os captivos em Fez. Descreve-se a cidade

Fez é uma cidade, a maior e mais principal de todo Berberia, está situada em trinta e um gráos de nossa altura, ha nella duas partes, convém a saber, Fez o novo, que contem alcaçova, paços reaes, casas de senhores, alfandegas, aduanas:

e isto cercado de mui bons muros, faz uma pequena cidade: logo junto d'ella dous tiros de pedra, ladeira abaixo, está Fez o velho, bem murado, e assentado entre alguns outeiros e chapadas. Foi parte d'esta gram cidade chamada Elbeida, que quer dizer a branca, edificada por um grande pregador entre os mouros que se chamava Idriz, na era de setecentos e noventa e oito; a outra parte maior a quem sómente divide um pequeno rio, se chamou Aynaul, e foi edificada por Acem, neto do mesmo Idriz; hoje se chama uma e outra Fez o velho, corte do ponente; depois dizem que Joseph Luntuna fez d'estas duas cidades uma pondo-lhe o nome do rio proprio que se chamava Fez, como mais largamente se refere na descripção de Africa, onde se dizem d'esta cidade tantas grandezas que parece cuidaram que nunca podesse haver tanta testemunha de vista, como por nossos peccados houve (se já não foi erro da impressão) porque fazem a Fez o velho, sem o novo, de oitenta e quatro mil vizinhos, e que a sua mesquita maior occupa meia legua de campo, e tem dentro em si dez mil esteios de marmore grossos, que vem a occupar um espaço fóra de consideração.

O que d'isto me parece, como quem o vio de vagar, com informação de alguns captivos velhos, e de judeus já hoje convertidos, que se criaram na mesma terra, é que Fez o velho terá trinta mil vizinhos, e a sua mesquita quatrocentos esteios de tijolo, e não de marmore, e poderá ter de uma porta a outra, estando toda em fórma redonda, trezentos passos, sendo como é mui fermosa, com doze portas que respondem a todos os bairros, de modo que se póde entrar mui facilmente nella de qualquer parte, estando no meio da cidade como está; tem de renda oitenta mil cruzados, os quaes lhe come el-Rei, dando mui poucos aos

seus Cacizes, que são muitos. E no que toca a Fez o novo a quem põem na mesma descripção oito mil vizinhos, a qual edificou Jacob, primeiro Rei de Fez o velho, dos Benamerines, como fortaleza pera recolher sua gente, terá mil vizinhos, quando muito, por ser cousa mui pequena. E' toda a cidade de Fez o velho mui cheia de casas e infinita gente, e juntas ambas as cidades, que ambas por estarem muito perto parecem a mesma cousa, fazem um bem soberbo e fermoso apparato; toda a casa em Fez o velho tem esguichos de agoa, que do rio tomam bem facilmente; ha nella trezentos e tantos moinhos e pizões.

A Judearia tambem é parte da cidade, a qual está junto aos muros de Fez o novo, de modo que parece tudo uma cousa; tem muros não mui altos, de que toda está cercada em fórma redonda, terá mil vizinhos, é toda cheia de casas, mui altas e sobradadas, não tem mais que uma só porta, a cuja entrada estão sempre mouros officiaes d'el-Rei, que recebem seus tri butos, e fazem em um certo modo guarda á miseravel gente.

A esta cidade pois tão opulenta e nobre acodiam todos os christãos captivos, e mui poucos tinham remedio pera ficar nella, por haver já mnitos, que tal foi o successo de nessa desventura, e só aquelles que tinham habilidades naturaes, ou sciencia em alguma arte, não sendo fidalgos conhecidos, alcançavam favor e tinham mais accomodada sorte, e assi era grande o contentamento e consolação d'aquelles que vinham de outras partes e ficavam nesta cidade, porque além de estar o Xarife nella, estavam todos os fidalgos e concurso de mercancias.

E além d'isso muitos Elches senhores que favoreciam os christãos, entre os quaes havia um português de nação que se chamava Alichequito, mui rico

e valido do Xarife, de mui boa natureza e condição, o qual era totalmente emparo e refugio dos captivos, mas sem embargo d'estes commodos bem se deixa entender quantas e quão diversas miserias e trabalhos podiam padecer os captivos em Fez e em outras partes no discurso de um anno e meio, que os fidalgos do numero estiveram em Berberia, de cujo tempo e successo foi nossa tenção escrever mais particularmente, das quaes não é possivel fazer lembrança, assi por sua qualidade e aspereza, como porque seria dar a sentir de novo o mesmo captiveiro, antes sendo a materia tão triste entendo certo que não havia pera que fazer menção de coisa alguma, porém como Jeronimo Franqui tratando d'este captiveiro condemna a nação portuguesa, dizendo ser mal sofrida e pera pouco, me pareceo rezão todavia apontar algumas cousas, pelas quaes se poderão julgar as outras, e se verá claramente o que se podia padecer. E digo ainda mais que não é minha tenção sómente justificar cousas tão justificadas, senão que como isto sejam miserias e desventuras que passaram portugueses, as quais sempre diante de Deos, ou seja por castigo de peccados, ou por seu alto juizo, habilitam os peccadores e os fazem capazes de sua divina graça e misericordia, não é bem que passem em silencio, servindo juntamente de se emmendarem erros, e de milhor discurso nas cousas que podem soccedor, tendo-se tambem por mui certo que não ha Deus nunca de desemparar este reino por mais que com rigor o vejam castigado, que os pais não castigam por odio senão por amor.

E tornando á nossa obrigação, digo que muitos homens havia aos quaes seus amos tinham presos nas cadeias publicas por se cortarem em alto preço, onde dormiam no chão, e não tinham outra cousa pera comer mais que algum pobre mantimento que os la-

drões que estavam na prisão lhes davam das esmolas que nella recebiam, que não bastava o estremo de sua necessidade a não se apiedarem a quantas miserias lhe viam padecer. Outros moiam trigo e cevada em uma mó de mão, ou cardavam lã, com tarefa certa, de maneira que ás vezes depois de não descansarem em todo o dia lhe ficava tão pequena parte da noite que não tinham de repouso uma só hora; muitos haviam cavar de dia as vinhas e hortas, sendo mais sofrivel trabalho, porque descansavam de noite, posto que alguns com grossas bragas que levavam passavam grande tormento no caminho. Outros havia que tinham cinco, seis amos, aos quaes o miseravel captivo servia toda a semana por distribuição, experimentando cada dia differentes humores e varios trabalhos, porque cada mouro d'estes por pequena parte que tivesse nelle, pera lhe dar tormento a tinha toda: alguns havia a quem seus amos punham a aprender officios bem humildes e trabalhosos, e por certo que vi eu muitos já bem destros nelles, trabalhando com infinita paciencia de dia e de noite. Outros havia de mais curta ventura e miseravel estado, os quaes seus amos tinham carregados de ferro de dia, e em prizões mui escuras de noite, metidos em um tronco sem verem pessoa alguma, e quanto mais sofriam peor era, porque a maldade e cobiça dos mouros d'este honrado sofrimento concebia grande calidade em suas pessoas, e assi pera effeito de se cortarem em alto preço carregavam mais a mão em suas miserias.

Estas e outras muitas cousas que como está dito senão podem referir, passavam os captivos ordinariamente em Fez, Mechines, e em outros lugares metidos pelo sertão dentro, as quaes sendo tão estranhas e trabalhosas eram mui suaves a respeito do que padeciam os captivos de Alcaçar, Tetuão, Larache e

Salé, que por estarem perto de nossas fortalezas os tinham os mouros em masmorras.

São as masmorras umas covas grandes em que os mouros recolhem os captivos de noite pelos terem mais seguros, e tem uma só boca por onde decem a ellas, d'onde padecem grandes miserias de fome e sede, e outras cousas semelhantes no uso de sua limpeza que não podem ter nome, pelo que deve todo o christão dar muitas graças a Deos de o livrar de tantos trabalhos, e ter muito zêlo e cuidado da redempção dos captivos, pera que o mesmo Senhor o guarde de tanta desventura.

Isto era o que passavam os captivos com muito animo e paciencia, nem os fidalgos por levarem melhor vida se descobriam nunca, salvo quando corria risco seu respeito, sua vida ou consciencia, porque então fôra fraqueza sofrer qualquer injuria pelo interesse de seu resgate, a quem só se podia respeitar, cousa nunca admitida na opinião portuguesa, mas não havendo estes perigos todos sofreram muito não estimando os trabalhos, de que lhe não dava piqueno exemplo o que padeceo nesta mesma terra o Infante D. Fernando, e muitos se livraram sem serem conhecidos. Por onde se póde vêr quão enganadamente Jeronimo Franqui diz falando geralmente dos portugueses que quando são captivos os mouros os tem em muita estima por se cortarem logo em alto preço como gente diliciosa e pera pouco, pois o contrario se vio neste captiveiro, quanto mais que bastava só a nunca imaginada e trabalhosa viagem da India pera se dar a palma aos portugueses de sofredores de trabalhos e perigos, mas nesta materia de captiveiro ousaria a affirmar que estimam os mouros mais a um português por miseravel que seja, que ao mais principal genovês, não como entende Franqui, senão porque aos por-

tugueses como contínos vizinhos e inimigos estimam elles muito terem em captiveiro, tanto por se livrarem dos males recebidos, como por estarem livres dos que podiam receber, e assi mui raramente resgatam os cavaleiros das nossas fronteiras, e a muitos d'elles dão peçonha de que morrem logo ou pelo tempo adiante, e além d'isto tambem qualquer português lhe importa mais, e a rezão é porque o genovês no mesmo dia em que se vê captivo se torna facilmente mouro, e sendo isto assi nenhum proveito vem a seu dono de taes captivos, porque ficam d'el-Rei e não dão nada por seu resgate, e assi os mais dos Elches de Berberia são genovezes.

Não quero trazer a lembrança a passagem do gran Turco Amurates em Ungria, nem julgar de seus cambios, nem do edito publico de Carlos setimo Rei de França, nem de quando se pôs em contingencia (entre alguns homens d'estes) a quem se seguiria se a parte do gran Turco, se a dos catholicos Imperadores, nem dos refrães de Italia tantos e tão verdadeiros, nem em fim de outras cousas muitas, que não é bem que tenham nome, assi por não serem do que toca a nossa relação, como porque na verdade em todas ellas não deve ter culpa alguma a senhoria de Genova, cujo solido corpo com tanto gasto de seus tesouros e esparsimento de seu sangue resiste de contino aos inimigos de nossa santa fé catholica, mas estes seus partos indignos lhe solicitam bem differente opinião, e dão claro testemunho da pouca fé que em todas as cousas se deve dar a semelhantes homens.

CAPITULO VII

Manda o Xarife aos fidalgos que se ponham em preço

D'ESTA maneira que havemos dito corriam as cousas, estando todavia os portos cerrados que foi cousa entre todos mui sentida, quando o Xarife depois de ter em seu poder cincoenta e quatro fidalgos com as diligencias que se fizeram, mandou que se resgatassem, trabalhando muito que fosse cada um em particular, e que se não falasse no duque de Barcelos juntaram-se logo todos muito contra sua vontade, porque como tinham escripto a el Rei D. Enrique o modo em que estavam, não lhe pareceo bem aceitarem alguma cousa sem sua ordem. Mas não podendo fazer outra cousa, elegeram pera este effeito D. Duarte de Meneses, D. Miguel de Noronha, D. Fernando de Castro, D. João de Meneses, e feita a eleição estavam aguardando o que o Xarife pediria, porém logo lhes foi dito que o costume era prometerem os captivos primeiro, o que foi mui bem entendido pela tardança que houve da parte d'el-Rei.

Certos os fidalgos d'isto prometeram por si oitenta mil cruzados, de que o Xarife ficou tomado de maneira, que jurou de os não resgatar nunca, com grandes queixumes de sua dissimulação e fingida pobreza, porém passada a menencoria mandou pedir pelo alcaide Cahia um conto de onças, que são quatrocentos mil cruzados, ao que os fidalgos não responderam a proposito.

Vendo isto o Xarife lhe mandou um rol, no qual estavam quinze da companhia, pelos quaes dizia lhe haviam de dar sómente os quatrocentos mil cruzados.

Decido el-Rei d'estas esperanças, ou verdadeiras ou

fingidas, disse a D. Duarte de Meneses que se determinasse, e lhe dessem pelos fidalgos (que já chegavam a setenta) quatrocentos mil cruzados, e quando não lhe haviam de dar um conto de ouro, além d'isto tentou levar ao cabo uma cousa contra toda a rezão, a qual era que nenhum christão havia de sair de Berberia se lhe não entregavam Mulei Naçar seu sobrinho, e irmão do Xarife que veio nesta jornada, que estava em Arzila, ao que D. Duarte respondeo que elles não se podiam obrigar ao que estava na vontade d'el-Rei, porém a injusta petição durou muito tempo.

Nesta conjunção o alcaide Cahia a quem elles tinham por bem zeloso lhes disse que elle acabaria com o Xarife que resgatasse os oitenta (a que já chegava o numero) em quatrocentos mil cruzados, isto disse este alcaide com bem differente tenção do que os fidalgos cuidavam, porque como detreminava matar el-Rei, em companhia do Guali, no caminho de Marrocos, e ficar-se com o reino de Fez, conforme ao repartimento que entre si tinham feito, vinha-lhe muito a proposito não se irem os fidalgos d'ahi, os quaes neste tempo elegeram assi pera este negocio, como pera irem a Portugal, D. Jorge de Meneses, Vasco da Silveira, Aires Telles, Christovão de Moura, D. Francisco de Portugal, Pero Guedes, D. Francisco d'Almeida e Manuel Soares. Tambem elegeram pera este negocio e pera acodirem aos enfermos D. Duarte de Castelbranco, meirinho mór, e Luis Cesar.

Juntos estes fidalgos, e os mais do conselho, concluiram que se dessem quatrocentos mil cruzados, e neste mesmo dia indo o alcaide Cahia falar a el-Rei sobre estas cousas foi por seu mandado morto juntamente com o do Guali, Gurri e outros, pela conjuração que haviam feito.

Esta morte do alcaide Cahia foi mui sentida de todos os fidalgos, porque o tinham propicio. El-Rei neste tempo estava de peor disistão que nunca, porque era persuadido dos Cacizes que não aceitasse menos de um conto d'ouro, e além d'isso, os alcaides que soccederam neste seu negocio eram seus inimigos, porém como os sobornassem acabaram com el-Rei que fosse nos quatrocentos mil cruzados, como lh'os havia prometido o alcaide Cahia.

Estando as cousas d'esta maneira, e tratando-se alguns pontos do contracto, lhe foi dito que havia de ser com condição que todos os que morressem fossem d'ahi por deante por conta dos vivos, e que o tempo de darem o dinheiro havia de ser sete mezes, o que os fidalgos não quizeram aceitar de nenhum modo, dizendo a el-Rei que podiam morrer tantos, que se impossibilitassem os vivos, e sua Majestade perdesse o resgate de uns e outros, e além d'isso que não devia como Principe benigno chegar com elles a ultima miseria, pondo-se da parte de sua desventura, pois em fim tudo era por vontade de Deos, a quem os vencedores, além da natural humanidade deviam temer, cuidando que tambem lhe podia cair a mesma sorte, e na reputação de sua grandeza a cerca de outros Principes tambem lhe traria grande louvor a liberal piedade justamente usada.

Com esta reposta foi o Xeque dos judeus e André Corço, um italiano que foi grande privado de Mulei Moluco ao Xarife, o qual a sentio de maneira, que jurou por toda sua lei destruir todos estes fidalgos, e não faltaram alcaides que lhe aconselharam que lhes mandasse cortar as cabeças, atribuindo mais a desprezo sua dissimulação que ás impossibilidades que arguiam.

Logo el-Rei os mandou chamar, e elles entendendo

que devia ser pera se vingar de sua reposta ordenaram que em lugar de alguns que eram chamados (os quaes estavam doentes) fossem outros, pera o que se offereceram logo D. Gileanes da Costa, Pero Guedes e Bernaldim Ribeiro que foram com os mais eleitos tirando Luis Cesar, que pera fazer alguns negocios ficou de fóra. Chegando ao paço acharam Amubemseleme que era um mouro alcaide, védor da fazenda d'el-Rei, mui mal inclinado e inimigo dos christãos, o qual lhes mandou dizer da parte do Xarife (estando elles no pateo de fóra a sua vista) que até aquelle tempo sua Majestade os tivera por fidalgos, mas que d'ahi por diante os teria por perros e vilãos, pois procederam de maneira e fôra tal o termo que com elle usaram, que lhe parecia aquelle mui pequeno castigo, e logo mandou lançar a cada um d'elles duas bragas, dando-lhe bem pouco aos ferreiros que as lançavam de errar o golpe de quando em quando, de maneira que saindo d'este trabalho algum tanto escandelisado Vasco da Silveira disse com menencoria (quando quiçá se esperava d'elle outra cousa) faço voto a Deos de nunca mandar lançar braga em nenhum captivo meu, ainda que seja mouro, honrada ira certo bem digna de tal fidalgo. D'esta maneira foram todos levados á prisão da sejana.

CAPITULO VIII

Conclue-se o corte dos fidalgos, e os cacizes de Fez o querem estorvar com el-Rei

Estando na sejana presos como fica dito estes fidalgos, e com muito perigo de suas vidas por haver muitas doenças entre os captivos d'el-Rei que nella estavam, no segundo dia d'esta prisão mandou el-Rei a ella pera mais terror presos da mesma maneira o padre Frei Antonio de Lacerda, Frei Vicente da Fonseca e Frei Luis das Chagas, os quaes estando com elles mui contentes dos males que padeciam pelo bem que d'isso a tantos resultava, sem quererem vir de alguma maneira nas duras condições que o Xarife lhes queria pôr, offerecendo a vida em tão honrado sacrificio, todavia seus companheiros, que estando livres d'estas penas sentiam com mór força o damno d'ellas, não lhe lembrando o interesse, que nunca em semelhantes pessoas foi ante-posto ás obras de virtude, acordaram que se deviam acceitar todos os partidos, ou por melhor dizer os mandamentos do Xarife, e d'esta maneira sendo soltos se começaram a preitejar, sendo tão desigual o partido que de uma parte estava um Rei tyranno diverso na fé, natural no odio, tão livre e tão seguro sem temer respeitos, em sua terra, e de outra um numero de infelices captivos (posto que de alto valor) maltratados e feridos, com tão pouco remedio, em terra alheia, debaixo do cruel zêlo de um covarde imigo sem algum reparo a seus livres golpes, de maneira que estas eram as duas qualidades dos preitejantes. Vêde com que receio ou piedade concederia o domador livre, honrosos e seguros partidos a quem

não tinha outro remedio senão aceitar por condição mui justa qualquer extremo de miseria, de modo que dêpois de bem reconhecidas estas verdades, e sabida a tenção d'el-Rei que sempre se ia encaminhando a mais deshumanos termos, foi concluido que se aceitasse o livre mandamento de seu absoluto senhor, como fizeram por força já os romanos na perdição de Canas dispostos ás condições de Anibal, que elle ainda depois não comprio, pelo que o negocio foi mais acto de obediencia que de concerto, e assi ninguem com rezão lhe póde chamar partido, errandolhe o nome pera condemnar de longe a quem pera aceitar de perto lhe faltava (como dizer se póde) o livre alvedrio. Quanto mais que se vio por experiencia que não foi inremedeavel, e tambem se veio a descobrir uma cousa, em que Deos por sua misericordia por bem occultos meios era de sua parte, porque como está dito o alcaide de Cahia favorecia o partido por lhe ficarem em Fez. Aceitaram em fim os fidalgos o corte em quatrocentos mil cruzados, que vem a razão de cinco mil cada um, e não sei certo como Jeronimo Franqui com menos piedade que os mesmos mouros lhe acrescenta oitenta mil cruzados, dizendo que se cortaram a seis mil e a mais ainda.

Treslado do contracto que os oitenta fidalgos do numero fizeram com o Xarife, tirado de Arabigo

Por mandado do servo de Deos e guerreiro em seu serviço mandador dos fieis Abelabis-Hamet por Deos exalçado filho do mandador dos fieis Bem Audela Mahamet o Xeque Xarife Alçanides o qual Deos sempre esforce e exalte seus mandados, e estenda com prosperas victorias suas bandeiras altas, por quem elle é, e por suas mercês.

Foi o concerto entre nós, e nossos captivos os oitenta fidalgos que captivaram em nossa bemdita guerra que nós os cortamos em dez centas mil onças, dinheiro da moeda corrente des o tempo da feitura d'esta, os quaes são os nomeados por nomes e sinais nas tres meias folhas d'este papel assinadas, e lhe damos de prazo sete mezes, que começaram do dia em que este foi feito, e se algum d'elles morrer ou fogir no dito tempo, correrá por conta dos mais, e do que trouxerem de roupa ou mercadoria a esta comarca aquilo que se tomar pera nossa honrada casa, ou se comprar por nosso mandado, não lhes custará nenhuma dizima, e só do que venderem commummente a pagarão como é costume, e depois de pagarem o sobredito se poderão ir em liberdade aonde quizerem, o que fazemos a saber a todos os que nossa carta virem, dada em Fez a dez de Outubro, anno 1587.

Rol dos fidalgos do numero dos oitenta

A

Antonio de Tavora — D. Antonio de Castelbranco — D. Antonio Pereira — Antonio de Mendanha —D. Antonio da Cunha — Aires Telles da Silva — Aires Telles — Ambrosio Paçanha — Aires de Miranda — Antonio de Azevedo—Afonso de Torres—D. Afonso de Meneses—Alvaro da Silveira — Antonio de Mello

B

Bernaldim Ribeiro — Belchior do Amaral

C

Cristovão de Mello — Cristovão de Moura — D. Constantino de Bragança

D

D. Duarte de Meneses — D. Duarte de Meneses Alcanhais — Diogo da Silva — D. Diogo de Castro — Damião Dias — Duarte Coelho Dalbuquerque — D. Diogo de Meneses Roxo— D. Diogo de Meneses—D. Duarte de Castelbranco, depois conde de Sabugal —

F

D. Fernando de Meneses—D. Fernando de Castro— D. Francisco Dalmeida — Francisco de Sampayo—D. Filipe de Portugal — D. Francisco de Castelbranco— D. Francisco de Meneses — D. Fernando Anriques— D. Francisco da Gama —D. Francisco de Portugal.

G

D. Garcia de Noronha — D. Gelianes da Costa — Gaspar de Souza — Gil Fernandes de Carvalho.

J

D. João de Meneses Siqueira — D. João Coutinho — D. João de Castro — João Rodrigues de Sá—João de Mello — D. João de Lencastre — D. João de Azevedo — D. João de Sousa — João Freire de Andrade — D. Jeronimo Lobo — João de Barros da Silva—D. João de Meneses Roxo — D. Jorge de Meneses — D. João de Portugal — Jorge Dalbuquerque Coelho.

L

D. Luiz de Portugal — Luiz Cesar — D. Lourenço Dalmada — D. Luis de Lencastre — D. Luis de Meneses — D. Lourenço de Noronha.

M

Manuel Soares — D. Miguel de Noronha—D. Martinho de Sousa — D. Manuel de Sousa — Manuel de Vasconcellos — D. Manuel Pereira.

N

D. Nuno Mascarenhas — Nuno de Mello.

P

Pero Guedes -- D. Pedro Deça.

R

Ruy Gomes de Azevedo — Ruy da Silva.

S

Simão Freire de Andrade — Simão de Sousa.

V

Vasco da Silveira — Vicente de Saldanha — D. Vasco de Taide.

Deram estes fidalgos seu bastante poder aos eleitos, e concluindo o negocio mandou el-Rei abrir os portos, que foi grande consolação a todos, e foi D. Duarte de Meneses falar-lhe, ao qual elle fez muitas cortesias, querendo remediar em parte o demasiado rigor que usara; logo lhe pedio licença pera irem a Portugal seis fidalgos, e o Xarife veio nisso com condição que lhe haviam de dar vinte e cinco mil onças á conta de todo o resgate. Entraram os fidalgos em conselho sobre quem iria ao reino, e foram eleitos D. Miguel de Noronha, D. Duarte de Castelbranco, meirinho mór, Vasco da Silveira, D. Duarte de Meneses, Luis Cesar e Manuel Soares; feito isto, e buscado o dinheiro que o Xarife pedio assinou o alvará de licença pera os eleitos partirem a dar conta a el-Rei do que estava feito, e pedir-lhe mercê e remedio.

Nesta conjunção algũns fidalgos mancebos começaram a dizer que bastava irem sómente a Portugal quatro, o que devia ser (segundo parece) porque tendo mais companheiros cuidavam ser mais lembrados, do qual movimento (que fôra bem escusado) nasceo que como el-Rei quasi se tinha arrependido, mandou chamar D. Duarte de Meneses e lhe disse que os cacizes de Fez o velho lhe faziam certos requerimentos (como logo diremos) e que lhe parecia justiça deferir a elles; a isto lhe respondeu D. Duarte que não sabia mais

que ter um alvará por sua Majestade assinado, e começar a pagar a essa conta.

Estando como acima apontei el-Rei nestes termos parece que tiveram os cacizes da mesquita de Fez o velho noticia do contrato, e consultando entre si que seria bom tirarem d'este negocio um grande proveito á republica, além de fazerem serviço a Mafoma nos damnos que recebessem os christãos, e dando conta d'isto ao Cati (que é como seu bispo a nosso respeito) foram fallar a el-Rei dizendo que sua Majestade dava liberdade a oitenta fidalgos por quatro centos mil cruzados, no qual contrato fôra enganado, e que elles lhe queriam dar mais oitenta mil onças que o povo lhe emprestava logo em dinheiro, sem esperar sete mezes, e que além do proveito que se conseguia d'onde era piedade não se usar d'ella, fazia grande serviço a seu Mafoma. A estas palavras respondeu el-Rei (posto que a D. Duarte disse outra cousa) que elle tinha celebrado contrato com os christãos, pelo que não havia de alterar nesse negocio cousa alguma, ao que o Cati replicou que a escriptura não estava inda feita, pelo que bem podia sua Majestade dar o negocio por não concluido: e el-Rei lhe respondeu que entre os christãos era uso e costume nas pessoas de qualidade ser escriptura publica o que se assentava de palavra, e pois elles trataram isto confiados em seu estilo, não era rezão que elle fosse de menor qualidade, antes tratando com elles ficava obrigado a estar pelas cousas concluidas a seu modo, quando fôra qualquer particular, quanto mais que a sua real pessoa não convinham semelhantes obras. Com esta reposta foi Deos servido que se aquietou o Cati e os seus cacizes.

Por este successo e perigo em que todos se viram se acabou de entender a misericordia que Deos com elles usara, assi na tenção do alcaide Cahia, como em

não serem admitidos os cacizes, e certo não se póde negar o muito primor e honra que usaram aquelles que facilmente puderam negociar seu resgate, em quererem por não deixarem seus companheiros com pouco remedio aventurar-se ás miserias que lhes podiam socceder nas condições do contrato, tomando ás suas costas o carregado peso da pobreza, e fazendo a sorte commum como a geral desventura. Nem é menos digna de memoria a fineza que fixeram D. Gileanes da Costa, Pero Guedes e Bernaldim Ribeiro em se offerecerem a entrar no lugar dos fidalgos eleitos, que el-Rei mandou chamar, quiçá pera lhes cortar as cabeças, como em tal tempo se podia facilmente cuidar.

Neste tempo depois que os fidalgos foram soltos, pretenderam resgatar o corpo d'el-Rei D. Sebastião, porém foram avisados como lhes seria mui perjudicial falar nisso, por não cuidar o Xarife que podiam facilmente dar tanto dinheiro, e tratar de mais res gate que o seu, e além d'isso que elle determinava dar o corpo d'el Rei de graça a el-Rei Felipe nosso senhor, que está em gloria, pelo que os fidalgos cessaram de fallar mais neste negocio, que o coração lhes não sofria estar em silencio.

Tambem do resgate do duque de Barcellos se quizera tratar temendo-se outra doença perigosa como uma que teve, mas o Xarife respondeo que sem procuração de seu pai não podia diffirir a isso, querendo parece dizer, que não havia pera que pôr em resgate semelhante Principe, de quem o dinheiro nunca podia ser preço, como tambem do corpo d'el-Rei havia significado.

Nesta conjunção se foram ajuntando mais alguns fidalgos pelas intelligencias que el-Rei tinha, os quaes ia recolhendo Amubenselleme em uma torre escura, e bem pequena, em Fez o velho, onde estavam bem

apertados, com grandes bragas pera se cortarem em alto preço, mas elles que vinham bem acostumados de seus primeiros amos, gracejavam dos medos e carrancas que lhes faziam, sofrendo estas miserias com tanto valor e paciencia que os mesmos mouros se maravilhavam. Estes fidalgos e outros foram depois a Marrocos, os quaes por então mandou el-Rei aposentar na Judearia com os mais.

CAPITULO IX

Entram os padres da Santissima Trindade a fazer o resgate, parte o Xarife pera Marrocos, partem os eleitos

Depois que o Xarife pôs em quietação a cidade e tudo mais com a morte dos alcaides que havemos dito, por se dizer serem culpados em crime læsæ Majestatis, tendo tambem concluido com o resgate dos oitenta fidalgos se partio pera Marrocos onde chegou em breve tempo assocegando tudo com sua presença, e nesta conjunção pouco mais ou menos entraram tambem em Fez dous religiosos da Santissima Trindade, Frei Ignacio, e Frei Agostinho ao negocio do resgate dos captivos, que foi a maior e primeira consolação que todos tiveram, os quaes logo começaram a buscar os meninos e mulheres moças, cuja idade era menos capaz das miserias communs do captiveiro, e como levassem credito, dinheiro, e algumas fazendas que em Ceita deixavam sentio-se logo em todos grande consolação, e os fracos se animaram em seus trabalhos, e os meninos e mulheres viram particularmente seu remedio. Tambem estes re-

ligiosos davam ordem a alguns homens nobres e fidalgos pera sobre fiança se poderem pôr em salvo, e d'esta maneira exercitavam seu piedoso officio com muito zêlo e caridade, e em breve tempo mandaram uma cafila de trezentas e tantas pessoas.

Tanto que os fidalgos como atrás dissemos concluiram em seu resgate ordenaram na sejana uma igreja, sendo D. Francisco de Portugal filho do conde de Vimioso o que com mais zêlo tratou d'isto, resgatando os ornamentos que no campo foram por muito preço pera celebrar os officios divinos. Armou-se logo a igreja o melhor que foi possivel com algumas imagens de Nossa Senhora e de outros sanctos, que todas custaram muito, porque os mouros faziam grandes escrupulos de as darem aos christãos, porém o dinheiro os tirava logo.

Ordenadas estas cousas e comprado o consentimento de Amubenselleme que era todo o governo d'el-Rei, se começaram a pôr em uso os officios divinos, dizendo-se missa todos os dias, onde acodiam os fidalgos e mais captivos que pera isso tinham liberdade, e todos os domingos e dias santos havia pregação com tanta ordem e concerto, que dava grande consolação a todos. Além d'isto havia excellente musica dos capellães do duque e d'el-Rei, de maneira que parecia um paraiso, posto que no meio do inferno, e muitas vezes os mouros ás escondidas buscavam lugar pera ouvir este suave ajuntamento, e como entre elles não ha musica por arte, permitindo-o assi Deos por não se profanar cousa tão divina em louvor do seu Mafoma, ficavam como attonitos, ouvindo a desusada melodia.

Chegou-se n'este tempo a nossa Quaresma, e foi a igreja armada, e cubertas as imagens; o milhor que foi possivel havia completas, terças, quintas e saba-

dos, e pregações quasi todos os dias; e posto que houve algumas turbações por parte dos cacizes da mesquita maior, chegada a semana sancta foi Deos servido que não houvesse cousa alguma, tirando em virtude de taes dias toda a força aos secazes do demonio, e os officios se começaram quarta feira com toda a solemnidade que se póde imaginar, onde se juntaram muitos fidalgos, além dos oitenta do numero, e outros homens nobres. Quinta feira houve uma solemne procissão dentro na mesma sejana de muitos disciplinantes com tanta devação, que não havia quem se tivesse com lagrimas, tanto que até os mouros de guarda que a sejana tem ajudavam a este sentimento.

Foi encerrado o Senhor com toda a solemnidade, e os mais dos captivoa e fidalgos comungaram na igreja por sua devação, e vinte e quatro horas em fim esteve o Santissimo Sacramento triumphando dos demonios em sua propria terra, sem haver algum temor ou sobresalto, antes alguns mouros que das guardas alcançavam poder vêr algumas cousas d'estas estavam maravilhados e confusos de maneira que o mesmo Senhor particularmente parece que lhes abrandava os animos; e sexta feira e sabado se fizeram os officios costumados, e na manhã da Pascoa houve procissão mui solemne.

Havia já neste tempo em Fez grandes enfermidades, por ser a terra muito humida, mas a Divina Providencia que de longe nos prepara o remedio, vendo quantas miserias se haviam de padecer, emviou quasi milagrosamente a esta cidade um homem por nome Francisco Veles, de Cele d'onde estava captivo, castelhano de nação, grande fisico e boticario, que foi nesta parte a melhor parte sua, por não haver boticas em Berberia, o qual foi realmente como instrumento divino, vida e saude a muitas pessoas.

Entre os fidalgos que faleceram foi logo um dos primeiros D. Francisco de Portugal, vedor da fazenda, em cujo aposento me achei acaso algumas vezes, e realmente foi vêr sua morte um dos mais lastimosos spectaculos da vida, porque por uma parte estava nelle representando a fortuna abreviadamente a summa de seus tragicos processos, vendo um fidalgo tão illustre de tánta virtude e partes já tão prospero, e com rezão valido de seu Rei em uma pobre casa, humilde cama, em terra inimiga, enfermo e captivo, por outra via-se nelle a mesma humildade, tomando com tão serena face os males da mão divina, que parece triumphava sua paciencia de qnantas penas padecia, consolando com animo quasi presago de divinos premios os amados filhos de que estava rodeado, e as gentes todas que admiradas estavam vendo aquelle espantoso e despenhado salto de nossa miseravel vida. Trás este bom fidalgo faleceo logo seu filho D. João, e D. Luis de Meneses, alferes mór d'este reino, sendo estranhamente sentido de todos, o qual em sua vida resgatou a bandeira real dos mouros; assi faleceo tambem D. Antonio da Cunha, Simão de Sousa do Pombal, com duas grandes cutiladas pelo rosto, que na batalha houve, d'onde no preço houroso de taes feridas foi o primeiro que nos mostrou fermosa a fealdade, e Damião Dias de Meneses.

Tambem faleceram D. Antonio de Noronha, D. Manuel, João Tavares de Sousa, D. Jeronimo Manuel, e Vasco da Silveira, aquelle valeroso fidalgo a quem tanto contra sua vontade na batalha emprestou a morte tão pequeno espaço de vida. E D. João de Meneses, Antonio de Tavora, D. Jorge Tello de Meneses, pajem do guião d'el-Rei das muitas feridas que na batalha houve, fazendo tão notaveis cousas na defensão do seu senhor e de sua insignia, que sen-

do el-Rei o mesmo valor chegou a reprender sua ousadia.

Tambem faleceo Alvaro Pirez de Tavora, e Pero Monis, de uma postema que se lhe gerou do cancaço da batalha, grandes golpes que nas armas havia recebido, os quaes todos foram enterrados com outros alguns homens nobres em um campo sagrado que está junto a Fez o novo que se havia comprado pera esse effeito, tirado o alferes mór, cujo corpo veio a este reino á sua sepultura, e D. Francisco de Portugal. Pelos mais d'estes fidalgos se deram muitas esmolas e foram feitos officios na egreja da sejana, e acompanhados á sepultura no melhor modo que foi possivel.

Passados já alguns dias depois que el-Rei deu licença pera os fidalgos irem a Portugal, se partiram D. Miguel de Noronha, D. Duarte de Castelbranco, Luis Cesar e Manuel Soares que pera este effeito foram eleitos, aos quaes foi dado juramento dos santos Evangelhos diante de um crucifixo, que bem e verdadeiramente tratariam o que convinha ao remedio de seus companheiros, sem aceitarem d'el-Rei mercê alguma, nem tratarem de seu particular em quanto elles estivessem captivos, o que prometeram e se partiram logo, e depois de passarem alguns trabalhos e perseguições no caminho chegaram a Alcaçar, onde acharam André Gaspar Corço, aquelle italiano que atrás dissemos que fôra privado de Mulei Moluco, o qual levava ordem pera entregar o corpo d'el Rei D. Sebastião em Ceita, por mandado do Xarife, á instancia d'el-Rei Felipe nosso Senhor, que está em gloria, que pera isso e outras cousas havia mandado Pero Vanegas por embaixador ao Xarife, com grande presente, e depois de se ordenar Manuel Soares pera assistir em Tanjar sobre a materia do resgate se partiram estes fidalgos, e André Corço com elles, e chegaram a

Ceita com o real corpo, o qual foi entregue a D. Lionis Pereira, capitão da mesma cidade, e a D. Rodrigo de Meneses, que por ordem d'el Rei D. Enrique estava já n'este lugar pera tratar o resgate geral dos captivos. Aqui estiveram estes fidalgos poucos dias, e com pouco repouso, porque mais levavam na memoria e na vontade o remedio e consolação dos companheiros que deixavam captivos, que o presente gosto de se verem em liberdade.

Chegaram em fim a Lisboa, onde foram mui bem recebidos d'el-Rei D. Enrique, o qual á sua petição mandou logo que Paulo Afonso, Pero Barbosa e Francisco Carneiro fossem juizes do lançamento que se havia de fazer a cada um conforme a suas rendas e possibilidade, porque entre elles havia (como está dito) alguns que não tinham cousa alguma, pelos quaes pagavam os outros, que com rezão houveram de pagar mais de cinco mil cruzados de seu resgate, e assi o corte de todos juntamente deu remedio a muitos, sem perjuizo dos mais.

Logo por ordem dos fidalgos procuradores, e diligencias dos juizes foi junto muito dinheiro com que acodiram ás pessoas a quem tocava, conforme ao que foi lançado, e el-Rei D. Enrique que lhes fez mercê de cem mil cruzados, e com todo este dinheiro e outro pera o resgate geral e muitas peças ricas mandou por embaixador ao Xarife D. Francisco da Costa á petição dos fidalgos, que depois falleceo em Marrocos, quasi em captiveiro com muita honra e satisfação de sua parte, e perpetu obrigação de seu Rei e de sua patria, e sua Majestade neste mesmo tempo mandou tambem Pero Vanegas por seu embaixador ao Xarife com grandes presentes pera o obrigar a tratar bem os captivos, e lhe pedir o duque de Barcellos seu sobrinho.

Todas estas cousas alcançaram estes fidalgos pro-

curadores com tanto cuidado e diligencia, que mostraram bem quam escusado fôra o juramento que pera esse effeito lhe tomaram em Fez.

Neste tempo depois que o Xarife foi em Marrocos, mandou levar á mesma cidade o duque de Barcellos, cuja ausencia em Fez se sentio muito, e foram em sua companhia alguns fidalgos, e o padre Frei Ignacio de Jesu, no qual caminho pôs quinze dias sofrendo os trabalhos d'elle com viril animo, onde o Deus livrou dé muitos perigos, pera ser como é refugio commum da patria, gloriosa causa de bem nacidos fruitos, seguro emparo áquella memoravel casa da real prosapia. Depois de partido o padre frei Ignacio ficou o padre Frei Agostinho correndo com o negocio dos captivos, os quaes encaminhava em cafilas pequenas de mouros e judeos particulares com muito cuidado e diligencia, porém no meio d'estas cousas foi Deos servido leva-lo, cuja morte foi de todos mui sentida por sua diligencia, zêlo, e virtude, e pela falta que fez no melhor de seu negocio.

Neste mesmo tempo vieram novas a Fez como estava o Xarife mui doente, de que todos os fidalgos e homens nobres ficaram com rezão tristes, temendo lhes não guardasse o novo successor o contracto do seu resgate, e não fôra muito, porque se soube que elle se arrependera depois de o ter feito. Fizeram-se grandes devoções por sua saude, que a tanta miseria nos chegou a fortuna, que nos era necessario pedir a Deos aquillo que menos desejavamos; d'ahi a poucos dias veio nova que o Xarife estava bem, a qual todos geralmente festejaram, porque os mais dos captivos pendiam da liberdade dos fidalgos, pelos bens que d'elles recebiam.

FIM DO 1.º VOLUME

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXIX)

JORNADA
DE
AFRICA

POR

Jeronymo de Mendoça

Natural da cidade do Porto : em a qual
se responde a Jeronymo Franqui, e a outros,
e se trata do succeesso da batalha,
captiveiro, e dos que n'elle
padeceram por não serem mouros,
e outras cousas dignas de notar

(VOLUME II)

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1904

CAPITULO X

Como se livraram alguns captivos, e de algumas fogidas

E' tão estreito o caminho que seguimos, e tão cheio de aspereza, que ainda que meu talento fôra outro, entendo cérto não pudera em tanta desventura deixar de ser molesto aos ouvintes. Pelo que apesar do respeito e sentimento que se deve a nosso lamentavel processo me pareceo rezão decer de quando em quando a cousas mais humildes, por vêr se posso com algum disfarce suspender os animos cansados de ouvirem tantas miserlas com mais licença do que até agora fizemos, porque tambem nos imos alongando dos successos que pedem outro respeito. E posto que em parte se me atribua isto a leviandade, saiba-se todavia que de industria me condemno por dar algum alivio. E tudo sofrerei como isto assi seja, antes que aventurar-me a ser tão desabrido como promete a narração d'este successo assi deserta e nua.

Havia neste tempo entre os captivos varios successos porque uns se livravam por desusados modos, outros estavam injustamente presos por fidalgos, outros havia que de maltratados e perseguidos vinham

a fazer concerto com a desesperação, entregando-se antes ao desengano do tempo nas mãos de seus amos, e na esperança de algum bom successo, que a perecerem com desusados tromentos, e muitos se livraram como aconteceu a este de quem diremos, pera que se julgue o que podia acontecer aos mais, que de outra maneira seria processo infinito.

Havia um mancebo nobre o qual era captivo de um Cacis da mesquita maior, que depois de lhe dar muitos tromentos porque se cortasse como fidalgo, o levou a uma torre da mesquita nú da cinta pera cima, com as mãos atadas atrás, e lhe disse: — Sabe que o fim de tua vida é chegado, ou por ventura o principio de tua felicidade, pois se como fidalgo que és te não cortas em cinco mil cruzados, eu te lançarei d'esta torre abaixo, e se por outro modo queres fugir á morte, antes alcançar a verdadeira vida, convem que sejas mouro. Vendo o mancebo esta cruel deliberação, ficou tão sobresaltado como se póde imaginar, porém como nas condições que seu amo lhe offerecia antepunha o interesse ao zêlo que de sua lei mostrava, ficou muito quieto, conhecendo que tudo eram invenções da cobiça, e respondeo com muita isenção, que fidalgo não era, e mouro não queria ser. Vendo o Cazis esta resposta determinou acrescentar ao medo algum novo tormento, e lhe disse: — pois tu como falso e cauteloso negas teu proprio ser, e como inimigo de Deos não segues seu caminho, eu te darei a morte de maneira que nem o ceo te veja, nem de ti saiba a gente. Calou o mancebo a todas estas cousas com o coração em Deos, e o mouro com o favor d'outro que consigo levava o trouxe a um quintal, donde tinha um poço mui alto, e atando-lhe uma longa corda nas mãos, que como está dito tinha atrás atadas, o foi largando por ella pouco e pouco abaixo,

com grandes ameaças e interrogações, mas elle que ia cheio de novos espiritos sofrendo tudo com muita paciencia a nada respondia, porque por uma parte no que tocava a ser mouro estava disposto a padecer mil mortes, e no mais confessando de si o que não era impossibilitava o remedio da vida.

Vendo o mouro esta firmeza sospendeu o mancebo todavia antes de chegar abaixo, dizendo (em castelhano que mui bem falava) pois como pertinaz e endurecido tu mesmo te queres dar a morte, d'essa maneira que ficas acabarás a vida, e dando volta á corda em cima do poço se foi a sua casa, deixando porém vigia a vêr a determinação do captivo, o qual esteve d'esta maneira bem grande espaço da noite encomendando-se a Deos, e traçando no entendimento algum modo de remedio veio a dar em uma sotileza a maior que jámais pôde inventar a gram mestra necessidade, como adiante se verá. Gritou logo o mancebo em altas vozes, e foi soccorrido do Cazis que não tinha o ponsamento em outra cousa, e sobindo acima com assás trabalho disse: — Senhor, é tão natural aos captivos, quanto são mais fidalgos e senhores emcobrirem sua calidade não pelo interesse, mas pela franqueza que mostrariam não sabendo sofrer miserias, que minha dissimulação fica bem desculpada, pelo que dês agora cedendo a minha fortuna e a tua felicidade me dou por vencido e descuberto, e quero que hajas sete mil cruzados de meu resgate, differente preço do que imaginavas, porque saibas que não nasceo meu sofrimento de miseria. Ouvindo o mouro estas palavras teve que havia vencido uma grande batalha, e abraçando o mancebo lhe disse que nunca de seu valor e sofrimento imaginara menos.

Recolheo-se o captivo formando um gram respeito em sua pessoa com significação de grandes cousas, e

tanto que foi manhã deu conta do estado em que estava, e do remedio que pretendia por outro captivo de casa a um fidalgo honrado seu amigo, pedindo-lhe vinte miticais pera principio de suas cousas, o qual lh'os mandou logo

Tanto que o dinheiro chegou e o mouro vio á primeira enxadada as primicias da descuberta mina ficou tão entrado de suas esperanças, que se foi ao captivo, dizendo que se não communicasse d'aquella maneira, porque el-Rei o tomaria; vendo o mancebo tão bom principio a seus desejos lhe disse: pois assi é, já que por teu respeito eu deixo de acodir a minhas necessidades, é necessario que tu soccorras a ellas com a maior dissimulação que fôr possivel. A mi me convem em quanto de Portugal não chega o meu resgate, resgatar algumas pessoas de minha obrigação, e hei de tomar dinheiro a cambio, porém não queria dar este proveito senão a alguns mouros teus conhecidos, e de muita confiança, e no que toca á satisfação dos interesses perde o cuidado.

Ficou o mouro d'isto mui satisfeito, e deu conta a alguns cobiçosos que lhe começaram a dar dinheiro a rezão de cincoenta por cento cada mez. Foi o mancebo tratando isto com muita moderação, e pagando o interesse a uns do que tomava a outros em differente moeda, por não dar alguma sospeita, até que veio a ter a cantidade que havia mister pera buscar mouros guiadores de cavalo, por ordem do mesmo fidalgo (como foi seu dissenho quando no poço estava) e do captivo de casa a quem se havia descuberto.

Chegado em fim o dia tão desejado d'este mancebo, e felicitado de todos, ao cabo de alguns mezes em que elle gastou mui largamente á custa dos mouros, quando mais a cobiça os tinha cegos, se pôs em

salvo pela via de Melilha com seu fiel companheiro, e como os mouros eram de cavalo, e saíram a prima noite mui bem concertados (porque tambem nesta companhia se salvou Luis de Godoi, capitão do terço dos castelhanos) não houve remedio, por mais que o desesperado Cazis e seus companheiros fizeram, sendo o mais pera notar de tudo que nenhum d'elles ousava dizer que o fogido era fidalgo com temor d'el-Rei, nem que lhe deram dinheiro a cambio, e assi ficaram todos olhando uns pera outros, porém tanto que se soube quem o captivo era, e os tormentos que lhe havia dado o Cazis, até os mesmos mouros louvavam a invenção do mancebo, e os companheiros o fizeram prender como a seu fiador. Muitas d'estas causas aconteceram que não é possivel serem referidas, d'onde os mouros vieram a não apertar tanto com os captivos, e a resgata-los antes de fogirem.

Outros captivos havia de mais curta ventura e menos intelligencia, que com passarem grandes tormentos, e se offerecerem a muitos perigos eram nelles tomados, e sempre na sorte peioravam, e algum houve que se entregou totalmente á desesperação como foi um tudesco, que vendo-se mui mal tratado e perseguido de seu senhor em Fez o velho, porque se cortasse em alto preço, determinou vender-lhe a vida mais cara ainda do que lh'a elle queria fazer comprar, e tomando um alfange a primeira cousa que fez foi matar seu amo, e saindo pela cidade foi matando quantos achava, tirando molheres e meninos, até que o encerraram em um aposento e o mataram ás escopetadas depois de ter feito um grande estrago, e foi isso causa de liberdade a todos, porque os mouros os largaram logo aos padres, pelo que elles quizeram, e os judeos o fizeram com tanta pressa que no mesmo dia lhes não ficou algum em casa dando-os de graça,

com condição que nenhum tornasse á judearia, e por alguns dias não ousaram abrir as portas.

Lembra-me ácerca do entranhavel medo que esta gente tem, uma historia muitas vezes repetida e celebrada dos mouros, a qual foi, que estando uma vez o Xarife em campanha contra um levantado, como tivesse pouca gente, vendo-se em grande necessidade, lhe disse um privado seu: — Senhor parece-me bem que pois não ha outro remedio que mandes armar dous ou tres mil homens judeus que ha nesta cidade, pois te não faltam armas, porque em fim ainda que tenham este nome, todavia são homens como nós, e vendo-se juntos e bem armados, de crêr é que pelejarão mui bem; e mandando dar ordem foram em um momento os judeos armados de todas as armas, dos quaes se fez um esquadrão mui fermoso, de que o mouro se satisfez grandemente, e caminhando contra seu inimigo, chegou á sua vista com aquelle fantastico esquadrão, e com os mouros que o acompanhavam, o qual vendo tanta gente ficou maravilhado, cuidando ser novo soccorro de turcos, e todos os que o seguiam se acolheram e elle juntamente. Vendo el-Rei aquelle serviço que os judeos lhe haviam feito, lhe agradeceu muito a boa vontade, louvando a postura de todos, e dizendo aos seus, que fermoso esquadrão aquelle estava. Isto dizia el-Rei, quando no meio d'estes louvores chegaram dous inviados de todo o esquadrão, pedindo a sua Magestade lhe fizesse mercê mandar-lhes dar tres ou quatro mouros pera os guardarem dos rapazes que lhe não fizessem algum mal pelo caminho d'ali até á cidade. O qual vendo tão gracioso temor e petição disse: — parece-vos que se meu imigo soubera o valor d'esta gente que estavamos bem aviados; logo el-Rei lhes mandou dar a guarda que pediam, que lhes não foi pouco necessaria.

E porque se saiba como esta gente de quem contamos tão miseravel fraqueza não tem perdido o valor de sua antiga ousadia senão pelo largo uso de seu abatimento entre esta barbara gente permitindo-o assi Deos por seus peccados, contaremos brevemente uma bem grande façanha que já em nosso favor fizeram, digna de eterna memoria. A qual é que sendo Nuno Fernandez de Atayde capitão de Safim no tempo de Mulei Amet o Xarife maior, vieram pôr cerco tres alcaides sobre a mesma cidade com mais de cem mil homens, e estando Nuno Fernandez mui apertado, tiveram noticia d'isto dous judeus que viviam em Azamor por nome Isac Benzemero e Ismael, os quaes se determinaram vir em seu soccorro, pera o que ordenaram á sua custa duas fragatas, com duzentos homens de sua nação mui gentilmente ataviados, e entrando em Safim de noite sem serem sentidos dos cercadores foram mui bem recebidos de toda a gente, e do capitão com quem tinham muita amizade, e ajuntando-se com outros que na terra havia sairam por uma porta falsa que de noite fizeram ao campo dos mouros, e dando nelles de madrugada fizeram espantoso estrago nos cercadores tornando-se a recolher com muito animo e concerto, de maneira que os mouros havendo desasete dias sómente que estavam de cerco, e vendo esta determinação tão valerosa, e a grande defensão que da cidade se fazia, o levantaram e por aqui se verá quanta differença faz esta gente em si mesmo em companhia de christãos.

Mas tornando a nosso proposito de que nos desviamos por divertir um pouco o pensamento cansado de ouvir magoas, digo que além dos muitos descontos e miserias que os captivos padeciam havia tambem sucessos desastrados, como aconteceo a um mancebo fidalgo, posto que não era do numero, o qual

por bem pequena ocasião demasiadamente colerico matou um judeu, de quem era captivo, dando-lhe com um pao na cabeça, cousa que com rezão os judeus sentiram tanto, que fazendo d'isto queixume ao Aqueme Amubenselleme (porque elles não tem alçada pera dar morte) deu ordem que fosse morto a ferro, como lá se costuma, e dependurado á porta da Judearia, antes que os fidalgos o soubessem, d'onde o alcaide Allichequito o mandou tirar por lh'o pedir D. Antonio Pereira.

Parecerá cousa fóra de proposito, que sendo um christão captivo de judeos, e matando seu amo não tenham elles alçada pera lhe darem morte, pelo que me pareceo bem dizer aqui brevemente alguma cousa ácerca d'isto.

Tem a Judearia de Fez e todas as mais em Berberia um maioral a quem chamam Xeque, o qual é posto por el-Rei e disposto todas as vezes que lhe bem parece, e no que toca á justiça criminal, tem alçada pera mandar açoutar, tirar orelhas e narizes, e com que não seja morte, toda a mais justiça, porque isto reservou el-Rei pera si, por respeito do que pode importar absolvição quando se offerecer. As cousas civis correm em outra fórma, porqve tem juizes na primeira instancia, e depois appellação, porém em todas estas cousas quando el-Rei quer ou os seus Aquemes fazem o que lhes bem parece. Tem tambem cadeia em que o Xeque manda prender, e d'onde ás vezes levam os seus captivos, pelos terem mais seguros, tendo porém sempre muito cuidado d'elles.

Lembra-me que fui um dia a um carcere d'estes visitar um captivo, onde vi um judeu mui bem disposto e membrudo, e querendo saber porque estava preso me foi dito que o tinham ali mui mimoso e bem tratado os outros judeos, porque não podia sofrer as

sem rezões dos mouros, ferindo alguns, e dando nelles sem algum temor, porque parece que era de tanto coração o pobre homem que nem o longo uso de sua desventura podia acanhar seu animo, e pera remedio d'isto o tinham alli d'esta maneira, porque em saindo fóra era revolta toda a Judearia. Eu falei com este judeu, e certo que mostrava o que d'elle se dizia, de que tive assás magoa, porque pudera aquelle animo feroz, sendo milhor disposto em outra parte fazer muitos serviços a Deos, e dar seu justo premio ao coitado que padecia por sorte ao contrario de toda a rezão.

Mas tornando a nossas fogidas, além de muitas esmolas que os fidalgos davam pera ajuda do resgate dos captivos, e outras obras em que se occupavam dignas de louvor, e os homens nobres em sua possibilidade, entendiam tambem em dar ordem como fogissem, ficando por fiadores aos mouros que serviam de guias, correndo o negocio por ordem de alguns captivos velhos, e dos christãos mercadores da Aduana, que é um lugar onde vivem em liberdade, fechados sobre si, e ha muitos e mui honrados.

Os mouros guiadores se entregavam dos captivos, e os levavam com muita fidelidade, que tanto póde o interesse que faz a um homem aventurar-se a perder a fazenda, a vida, e honra por salvar o mór inimigo que tem, que d'ahi a poucos dias ás vezes lhe paga este beneficio com duas escopetadas. Mas deixando as maravilhas do interesse pois estamos em tempo (Deos seja louvado) que elle se faz ser mui bem conhecido, digo que a voltas d'estes mouros que tratavam verdade fielmente, muitos havia traidores que iam cometer alguns innocentes, dizendo que os levariam a salvamento, e buscando elles dinheiro pera a jornada, depois que os levavam um pouco fóra da

cidade eram roubados e mortos, e outros que livravam melhor, depois de lhe apanharem o que podiam manifestavam a seus amos sua tenção, que lhes servia sómente de muitos açoutes.

D'esta maneira andava a sorte variando com bem de sobresaltos de todos, porque até aquelles que escapavam chegavam taes a nossas fronteiras, que alguns morriam do trabalho recebido, além dos perigos e miserias qne passavam. E outros havia a quem soccediam cousas, que tomaram antes estar captivos toda sua vida, que passar pelo tormento e sobresalto d'ellas. Como aconteceo a um homem nobre, o qual fogio em companhia de um mouro que o trouxe a Arzilla, e chegando de noite ao pé dos muros, como lhe não sofresse o coração esperar até que se abrissem as portas pela manhã, pedio que o alassem por cordas; foi logo a seu rogo atado com duas que deviam ser de algum poço, e começando a sobir bem junto das ameas estalou uma d'ellas, ficando pela outra que milagrosamente teve mão nelle, o qual vendo-se d'esta maneira, receando que se puxassem pela corda estallaria roçada das pedras do muro, como a outra, gritou que estivessem quedos encomendando-se a Deos. Logo deixaram de puxar de cima, e o mancebo se vio na maior agonia que se póde imaginar, porque o muro era mui alto, e em fazendo qualquer movimento com a corda, sabidamente havia de estallar por ser fraca, e estar roçada, pois pera se deixar estar assi até pela manhã corria o mesmo risco, além de ser tamanho martyrio, de modo que elle estava em uma ancia mortal, sem ter onde se apegasse, provando os de cima a mão sem lhe poderem chegar.

Por certo que parece esta uma cousa que nem sonhando se póde padecer, mas rezão será que o não deixemos estar aqui tanto, foi Decs em fim servido

trazerem os soldados outra corda, que custou bem de trabalho por ser de noite, e dando-lh'a nas mãos o allaram acima, um pelas orelhas e outros pelos cabellos, onde chegou tal que muitos dias andou como assombrado, e elle me affirmou algumas vezes, que em tal estado, tomara antes por se vêr fóra d'elle estar captivo toda sua vida. E não é de maravilhar, que o trago da morte é mui espantoso.

Estas e outras cousas semelhantes aconteciam aos que bem livravam, que se se houvessem de contar todas seria processo infinito, mas este caso baste pera mostra dos mais.

Tambem havia outro modo de fogida, a escala vista, como dizem que assi como era mais difficultosa, assi a não cometiam senão pessoas tratadas de maneira que se arrojavam quasi sem nenhuma esperança. Das quaes fogidas diremos aqui uma, que posto que não teve o successo tão felice como as outras, é digna de contar, assi pelo que passou nella, como porque aprendam os captivos a ter paciencia em seus trabalhos, não cuidando que se podem remedear facilmente. E quando fogirem tenham mais noticia do caminho.

Entre alguns homens fidalgos que por varios acontecimentos foram levados a Argel, foi um bem honrado e conhecido que se chama Luis Pereira, o qual estando captivo em um aduar bem longe de Arzilla, como fosse tratado mui asperamente, porque de dia o tinham amarrado a uma estaca, com uma corda pelo pescoço, e de noite em um tronco, além de muita fome que padecia, e outras miserias que a esta se seguem, determinou fogir a Arzilla, e não tendo outro tempo pera o poder fazer senão de dia, publicamente perante todos, escoando a laçada lançou a fogir com algum pouco mantimento que pôde haver

ás mãos, e como se embrenhasse á vista dos que o seguiam, em vez de correr pera a parte onde estavam os nossos lugares, e pera onde elle mesmo levava o rostro fogindo, se voltou pela terra dentro, de modo que sendo buscado pela via de Arzilla teve tempo pera se embrenhar até á noite, donde começou a seguir seu caminho, não pelas estradas pelo perigo que corria, se não pelos valles e montes, atinando o melhor que podia pera a parte do mar.

Passaram-se pois alguns dias neste caminho, que elle continuou com grande vigia e diligencia, em quanto lhe durou o pouco mantimento que levava, até que em fim chegou á vista do mar, descalço e com os vestidos em mil pedaços das brenhas e matos que passava. E como já totalmente fosse mui cansado e quasi sem alento da grande fome que padecia se encostou uma noite a uma pequena arvore, cuidando em seu remedio, e o que devia fazer. Estando pois d'esta maneira mui cansado e duvidoso, sentio vir rompendo o mato um grande vulto negro, e como em tal estado nem forças tivesse pera se sobir na pequena arvore, se virou subitamente pera o vulto, com desesperada ousadia, com um pequeno bordão que na mão levava, e posto que neste tempo era bem mancebo, parece que tinha ouvido que todo o animal teme e acata o rostro do homem, e por se valer d'este remedio não sentindo outro se deixou estar mui seguro. Quiz Deos em fim que passou este animal, o qual era um leão mui grande, sem remeter com elle pela rezão que acima dissemos, ou por milhor dizer por misericordia do mesmo Senhor. Vendo todavia Luis Pereira este animal se sahio do mato a buscar na praia alguma lapa onde passasse o dia, por vir amanhecendo, e andando buscando lugar accommodado, encontrou uma cova na ribada do mar, don-

de lhe pareceo que mui seguramente podia esconderse. Começando pois a entrar por ella dentro, vio alguns ossos de animaes, de modo que com o faro que d'ella sahia, e com elles, entendeo que era o aposento do leão que no mato vira, e deixando mui depressa a cova se sobio por uns médos de areia, o milhor que pôde, determinando cobrir-se d'ella, quando vê claramente entrar o leão em sua casa, havendo tão pouco espaço que estivera pera se recolher nella. D'esta maneira foi Deos servido livral-o d'estes dous encontros.

Vendo o captivo isto se foi alongando do lugar tão cansado e perseguido de fome, que apenas se podia ter em pé, e foi amanhecer junto a um lugar cercado de muros, que totalmente cuidou que era Arzilla, o qual se tivera practica de nossas fronteiras entendera que não podia ser, pois vio um rio mui fermoso, antes conheeera ser Larache, e que á mão direita sabidamente lhe ficava Arzilla d'ahi quatro legoas, mas faltou a tanto animo a melhor parte, como sempre foi o conhecimento das cousas, vendo-se pois este mancebo tão perseguido da fome, e com tanta fraqueza que se não podia levantar do chão buscando algum remedio, foi visto de um alferes Elche italiano, e levado a uma galé que no porto estava, donde foi aferrolhado a Argel, e andou remando um anno sem por nenhum caso querer dizer quem era, sofrendo as condições da vida que todo o mundo sabe, e foi Deos em fim servido resgatar-se por accomodado preço, por seu grande sofrimento e paciencia honrosa, porém bem notados os perigos que passou e a vida que se lhe offerecia nos tormentos da galé, não fica mui acertado conselho aventurar-se alguem sem muita ordem como está dito.

Outro modo quasi de fogida havia entre os fidal-

gos e homens nobres, o qual era, que muitos se concertavam com seus amos, antes de irem ter a mão d'el-Rei, e lhe davam certo preço, de modo que o senhor ficava satisfeito, e elles tomavam sobre si o risco de se porem em salvo, ou fogindo, ou peitando os senhores dos portos. Como aconteceo a tres fidalgos que tinha o alcaide Alichequito, Anrique de Sousa, Nicolao de Sousa e Simão da Cunha, os quaes depois que passaram muitas miserias e trabalhos, por não serem descobertos, vindo ter á sua mão por assaz ventura, se resgataram intervindo o padre Frei Ignacio nisso, pelo preço que custaram ao alcaide, e além d'isso lhes deu ordem para por via de Larache se porem em salvo, e assi aconteceo, posto que em Larache peitaram muito dinheiro, e no caminho tiveram muitos perigos, e no mar estiveram mui perto de se alagarem ou tornarem a ser captivos.

CAPITULO XI

Da fogida que cometteo Virginia, e do successo d'ella

Tambem nesta geral desaventura houve molheres que tiveram intelligencia pera se porem em salvo, que tudo com os mouros acabava o interesse, mas não aconteceo assi a uma moça italiana, de quem me pareceo bem fazer particular menção, por ser grande sua fé, boa sua vontade, e posto que o sogeito seja um pouco humilde, não é por isso bem que passe em silencio, que as maravilhas de animo, as obras de virtude, tanto são mais de estimar, quanto menos se esperam da pessoa, e porque melhor se en-

tenda, é de saber que entre os capitães do terço do marquez Esternuile, havia um que se chamava Hercules, o qual trazia uma moça mui bem parecida, com quem vinha desposado segundo opinião de sua companhia, e nobre segundo seu parecer, a qual entre outras molheres de differentes nomes foi captiva de dous Alarves, que a traziam mui mal tratada a pé, e descalça, descomposta de maneira que lhe foi necessario cobrir o que menos escusava de alguns baixos fatos, e caminhando d'esta maneira, acaso passou um poderoso alcaide, o qual entrado em um momento de sua gentileza, lançou arrebatadamente mão d'ella, tomando aos Alarves até a mais pequena peça de seu vestido, e como sua pessoa corresse muito risco em qualquer parte, quanto mais nesta donde só reina a licenceosa maldade do seu Mafoma tão encomendada. Logo o senhor absoluto tratou da moça a seu modo, satisfazendo a vontade tanto contra a sua que ohegou a perigo da morte em sua honesta defensão, o que se póde mui facilmente crêr pelo que adiante diremos.

Seguindo pois o mouro seu caminho de maneira se deixou levar d'esta affeição que d'outra cousa não tratava. Sentiram muito isso dous filhos homens que o alcaide tinha, alguns querem dizer que foi mais enveja que magoa de suas mãis, e tudo se ajuntaria. Chegado este alcaide a Fez, o qual se chamava Amubenselleme, começou a mortal enveja com bem grande rezão a fazer seu officio, indinando-se as molheres e seus filhos por sua parte, fazendo-lhe alguns queixnmes, porém o mouro a quem amor não dava liçença pera guardar justos respeitos, pisava tudo livremente, fazendo senhora da casa aquella que tanto contra sua vontade o era d'elle.

No meio d'estas bonanças tão mal festejadas de quem as possoia, como um captivo do alcaide Ali

chequito, Elche português andasse mui desejoso de saber de seus sucessos, movido ainda da primeira magoa que d'ella teve, vendo a no caminho descalça, donde lhe valeu em algumas cousas o melhor que lhe foi possivel, veio a saber de seu estado, e procurou fallar com ella, assi pera a consolar em suas ricas mi serias, como pera lhe fazer as devidas lembranças no perigo de sua alma, porém como a casa do alcaide fosse mui grande e respeitada, temia não lhe soccedesse algum desastre, havendo má sospeita de suas piedades, e assi lhe mandou dizer por um italiano, que lhe deu conta de sua vida, folgaria de a vêr com licença do alcaide, fazendo-lhe a saber quem era, e lembrando-lhe os beneficios que d'elle recebera.

Deu-lhe o captivo conta d'isto, e ella lhe mandou dizer que mui seguramente podia vir, porque o alcaide não lhe tolhia cousa em que pudesse imaginar seu gosto e consolação. Com esta segurança foi o captivo visita-la, e como ella andasse em trajos de moura, ficou algum tanto sobresaltado á primeira vista, mas o captivo italiano lhe disse que o alcaide a não deixava andar d'outro modo, pera poder significar que era tambem moura, desculpando-se em parte com as gentes do grande amor que lhe tinha. Folgou Virginia muito de vêr este mancebo, e lhe disse: — ó charo amigo, quanta alegria tenho, se em tal estado póde haver alguma, de vos vêr com vida, e d'onde podeis ter esperança de remedio, e juntamente de achar em vós tão fiel testemunha a minha lealdade: estes habitos que vêdes (tristes agouros de mortaes blasfemias) me obriga a trazer este injusto possuidor de minha liberdade, inimigo cruel, forçoso amigo que tanto contra meu consentimento goza do infelice corpo, mas já póde ser que seja esta sua coriosidade ou dissimulação caminho a meu remedio, porque d'esta ma-

neira tenho mais tempo e licença pera poder tratar d'ella. Isto dizia Virginia com tantas lagrimas que bem mostrava a verdade de seu coração, a quem o captivo consolava o milhor que podia diante de um Elche velho castelhano, que era sua guarda, e metendo mais a mão nas esperanças de seu remedio lhe veio a perguntar pelo seu capitão Hercoles, ao que ella respondeo: sabei que a fortuna o tinha mui bem feito comigo senão fôra o descredito de minha forçada vontade, e o perigo d'alma, pois está em liberdade a milhor parte minha, Hercules meu bem, e todo o meu remedio está livre em Ceita, posto que tambem reciprocamente em Fez assista. D'esta maneira lhe foi Virginia significando as esperanças que tinha de sua liberdade, porque Hercules além de a ter cortada em oitocentos cruzados entendendo quão mal podem ter preço contentamentos amorosos pretendia por todos os meios sua liberdade buscando mouros de guia com todo o favor e segredo possivel.

Quando Virginia isto dizia, pondo o captivo os olhos nella enxergou que estava prenhe, e quizera dissimular com o que entendia, mas ella que sentio mui bem este pejo disse com muitas lagrimas: Bem sei que com rezão foram sempre as obras mais dignas de fé, que as palavras, mas eu como verdadeira testemunha de mi mesma ouso a affirmar que foi isto que vêdes obra sómente da absoluta natureza, que se outra cousa sospeitara do consentimento de minha alma, ou gosto de meus sentidos, eu propria rasgara em minha vingança as mal ocupadas entranhas dando com a morte honrada satisfação a minha vida. Estas desculpas dava de si Virginia, e realmente se a boa philosophia dá lugar bem se póde ter que fallava verdade, pelo que mostrou por obra. Depois d'isto Virginia foi dando mais particular conta a este mancebo,

o qual se despedio d'ella com assás compaixão de suas magoas, e temor de seus sucessos.

Estava neste tempo o capitão Hercules em Ceita negociando o resgate de Virginia, e de mil cruzados que o Papa lhe mandou pera o seu dava elle oitocentos, porque quando esta mercê chegou estava já resgatado. E vendo que tudo isto não bastava pera conseguir seu intento, determinou gastar este dinheiro sollicitando por outro modo, e teve taes intelligencias que Virginia pôde ordenar sua fogida com os mouros de guia, e com outras pessoas que ajudaram a isso.

Chegada pois a noite, de todos tão vigiada, Virginia se partio em trajos de mouro com capilhar de gram que ás vezes costumava trazer por disfarce, em cima de um ginete com seus companheiros, e seguio a via de Melilha que não era mal assertado conselho, pois estava mais certo ser buscada pera as nossas fronteiras. Tanto que amanheceo e o alcaide achou menos Virginia, ficou tão furiosamente desatinado, que não lhe lembrando obrigações e dignidade, começou a correr a terra com todas as justiças e mais gente de sua casa, cuidando que não podia ser a fogida de uma delicada moça, mais que até seus vezinhos, porém achando alguns indicios de mais longa viagem se tornou pera casa tão triste e descontente que se se pudera por este respeito haver piedade d'elle fôra mui bem empregada. Logo acodiram as molheres mui consoladas de sua desconsolação, com fengido semblante, dizendo que se não agastasse que tudo tinha remedio, e assi o dera Deos a Virginia como ellas o desejavam, não por seu bem d'ella, mas por sua quietação d'ellas. Em fim o alcaide despedio logo muitos mouros de cavalo pera todos os logares d'onde podia haver sospeita, com grandes prometi-

mentos, porque além das saudades que amor lhe sollicitava, bastantes a não deixarem lugar a outro sentimento, sintia muito como mouro que era acertar seu filho de vir ao mundo em parte d'onde pudesse ser christão. Não faltavam neste tempo aos filhos do alcaide algumas lembranças pera o indignarem, mas o mouro havia mister mais consolação e remedio que ser persuadido ao que menos pretendia.

Passados emfim alguns dias (que nunca duram muito alegres esperanças) foi Virginia tomada no caminho de Melilha sendo desemparada de suas guias, que pera se livrarem da morte lhes foi assi necessario, e como além do respeito que o alcaide mandou que se tivesse com ella sua gentileza se fazia respeitar em toda a parte, foi tratada com toda a cortezia, e trazida diante do alcaide nos mesmos trajos em que ia. Chegou em fim Virginia triste, cançada, e quasi esmorecida a casa do alcaide que por uma parte estava mui contente, e por outra mui sentido de tal determinação, e assi entre magoa e menencoria lhe disse:

«O' fera ingrata, se o devido respeito d'esse innocente fruito que de nossas vontades amorosas divera ser um doce nó, te não pôde mover a piedade, porque te não moverá aquelle amor tão sem limite que te fez sendo captiva livre domadora de um senhor escravo, se minha altiva sorte antevendo quiçá o que amando mereço me quiz enriquecer com tua pobreza, que culpa tenho eu na desventura que me fez felice; senão te offendi nisto em que pude offender-te, que com tão vil desprezo pretendeste deixarme, não vês ingrata escrava, antes cruel senhora, como por teu respeito, depois de me alhear a mi mesmo tudo o al puz em bando; fazendo-te com liberal entrega, idolo d'alma, alma d'esta vida, e pizando

(triste de mim) com desatinada ousadia a justa observancia da lei em que vivo. Se tanto desejo tinhas de não ser senhora, d'onde nunca pareceste captiva, eu te fôra mui fiel guia, que pois quiz amor que por ti não tivesse liberdade em parte alguma, pouco importava mudar estado e vida a troco de te vêr contente. Mas tu como inhumana usando mal de minha singileza e sacrificio, não só me desprezaste, mas excedendo os limites de toda a crueldade (em meu damno admirabil) dismentiste o poder da natureza, que nunca fez cousa bella pera causar tristes effeitos. Se porventura minha fealdade me faz sem culpa ser de ti aborrecido, o sol que o ceo serena, e dá luz ás estrellas tambem anda com os raios pelo chão: mui bem puderam teus ingratos olhos assi como traspassam minhas entranhas descobrir nesta alma tanta fermosura que bastara a encobrir minha torpeza.»

Isto dizia o mouro e outras muitas cousas em arabigo, que vem a ser em português o que havemos dito pouco mais ou menos, as quaes na verdade contou um judeu por nome Dinar, que se achou por interprete no lastimoso caso. Chorava a triste Virginia ouvindo estas palavras com bem differente magoa, porque a não tinha mais que de sua curta ventura, e d'este modo se recolheo tão aborrecida de si mesma, e tão cansada que adoeceo de uma grande enfermidade, e em breve tempo dos sobresaltos e trabalhos passados moveo d'aquelle infelice fruito de seu forçoso ajuntamento. Sentio o alcaide grandemente este desastre, assi pelo trabalhoso accidente, como por temer Virginia mais endurecida menos penhorada, e nestas desconfianças bem sollicitadas de seus filhos e molheres passou alguns dias o mouro, entre esperança e temor, até que Virginia deliberada outra vez por não sofrer tal vida, não cessando os intelligentes

officios que lhe procurava o seu capitão Hercules, tornou a fogir quasi da mesma maneira.

Sintio este desprezo e ousadia o alcaide de modo que já de si aborrecido mandou seus filhos que a fossem buscar com a costumada gente de cavallo, e que a puzessem em parte d'onde se resgatasse, porque não sentia seus olhos capazes de tanta agonia, e como os filhos estivessem tão prontos na ira, bem estimulados de suas mãis, não quizeram mais que uma pequena licença pera sua desejada vingança. Partiram logo, e posto que alguns dias se pôde a triste Virginia occultar de seus imigos, metida em brenhas, sofrendo mil miserias, em fim veio á sua mão, e trazida a casa do alcaide meia morta e consumida, foi posta em prisão onde o mouro não ousou a vê-la. Sentindo isto os filhos e molheres foram carregando a mão em suas culpas, de maneira que o mouro começou totalmente a perder as saudades d'ella, que tanto póde um desamor em um peito barbaro.

Vendo isto as molheres e o bom principio que levavam seus crueis propositos, ajuntaram á infelice moça falsamente novas culpas, por onde o mouro como ellas fossem sobre paixões amorosas perdeo a paciencia totalmente dizendo que não aparecesse mais diante d'elle, de tal modo que seus filhos e molheres ousaram cometer a crueldade que logo veremos.

O' sorte indigna da belleza humana, que foi na vida Lucrecia, Helena e Hero, mais que ferro, incendio e precepicio, quem vio esta moça no nosso campo tão bella que arrebatava os olhos de todos, e a vê agora condemnada de sua propria belleza, tão pobre só por muito enrequecida, é cousa certo digna de grande magoa, principalmente levando as mais das molheres que foram captivas mui bem.

Mas tornando a nosso proposito, digo que os filhos

do alcaide movidos do mortal odio das mães que presentes estavam, e de sua bruta e natural ferocidade tiraram a triste Virginia da prisão d'onde estava, sendo fóra da cidade o desesperado e aborrecido alcaide, e com estranha furia sem piedade alguma lhe ataram as mãos tão cruelmente, que ella entendeo mui bem o fim de seus dias, e como estivesse tão cançada já da vida que apenas se sustentava nella, vendo a vizinha morte que os agudos alfanjes prometiam, começou a dizer em altas vozes:

O' ministros crueis do indigno mandamento, prontos, cobardes na vingança injusta, com quanta mais rezão esses agudos ferros puderam exercitar-se no piedoso socorro de minha triste vida, que na vil façanha da innocente morte de uma miseravel captiva, desemparada, só e estrangeira. Se minha triste sorte, a quem vós chamaveis alta ventura, turbou alguma ora vossa paz e socego, Deos sabe que nunca em tal estado sollicitei vossos desgostos. Que lei tão rigorosa condemnou já mais estranhas culpas, em quem de vontade livre carecesse? por buscar minha honesta e justa liberdade, e por vos deixar na quietação da vossa, estou em tanta miseria, e quando com pias entranhas devera ser socorrida ou perdoada ao menos, então vejo triumphar de minha morte aquelles de cuja vida eu pudera ser senhora. Mas pois meus licitos desejos, honrado presuposto, aborrecido estado, são os verdadeiros cutelos que dão fim a esta triste vida, e não esses cobardes alfanjes, não vos quero lembrar mais vossos erros, nem mostrar minha innocencia.

Isto dizia Virginia diante das assanhadas molheres do alcaide, a quem o mortal odio não dava lugar a piedade alguma, antes incitavam seus filhos ao cruel acto, os quaes remeteram a ella, de maneira que não

pôde quasi neste amargoso transito pronunciar como quizera o sancto nome de Jesus que invocava. Decem os agudos alfanjes sobre as madeixas de ouro, cobre-se a palida neve do corrente sangue, sae da fermosa boca o brando spirito, com o doce amado nome juntamente.

Assi acabou Virginia, e como todos em casa estivessem da parte de seus imigos, foi dito ao alcaide que morrera de sua morte natural; foi enterrada por alguns captivos com grande magoa de todos. O que sentio d'este successo Hercules, que por seu respeito havia muito tempo que estava em Ceita, do lastimoso caso se póde collegir.

Pareceo-me bem dizer aqui o fim que teve este alcaide, permitindo-o assi Deos por ser o mór inimigo que os christãos tiveram, o qual foi, que sendo mandado pelo Xarife ao reino de Guago, nova conquista, veio de lá por suas culpas preso, e acabou miseravelmente, tanto que um captivo bem honrado me affirmou que chegara a dar-lhe esmola; só este mouro vi não fazer gasalhado e cortesia aos fidalgos, porque todos os mais os tratavam com grande respeito pelo conhecimento que de seu valor tinham em nossas fronteiras, e até o mesmo Rei dizia que não eram seus captivos, senão seus devedores.

CAPITULO XII

Como devem fogir os captivos

Pareceo-me, pois estamos tratando de fogidas, dizer aqui algumas cousas que nestas materias ouvi praticar a alguns captivos velhos e experimentados que se salvaram fogindo, e tambem apontar outras mui necessarias pera este fim. Porque (por nossos peccados) cousa é que póde acontecer a muitos que agora o não imaginam, e tambem estou lembrado que alguns homens em Miquines deixaram de fogir por não saberem onde estão os nossos logares. Pelo que trataremos um pouco conforme ao que ouvimos e entendemos, e posto que a materia não seja muito gostosa, todavia porque póde alguma hora ser de proveito bem se póde sofrer. E se houver alguem que se dê por mui seguro de nunca ser captivo, póde deixar este capitulo, mas eu não sou d'esse conselho, antes encomendo a meus filhos que não tão sómente leiam isto muitas vezes, mas ainda que o saibam de cór.

Primeiramente deve considerar toda a pessoa em seu captiveiro, sua qualidade, fazenda, e remedio que tem pera se resgatar, e que senhor tem, e as esperanças em fim de que se sustenta, porque muitas vezes póde acontecer que o resgatem por tão acomodado preço que seja mui grande desatino procurar fogida, aventurando-se a encontrar no caminho outro peor amo, ou por varios casos a morte, como aconteceo muitas vezes sobre a defensão de sua pessoa, ou por má inclinação dos mouros, com quem encontra, de maneira que sempre se ha de attentar mui bem o primeiro respeito.

Deliberado em fim o captivo, havendo que totalmente lhe é necessaria a fogida pera conseguir liberdade, deve buscar e escolher um companheiro, porque além de ser grande alivio e consolação a companhia, é tambem remedio muitas vezes, ainda que não seja pera mais que pera tomar conselho e perder o temor. Primeiramente deve buscar o mantimento conforme aos logares d'onde cometer a fogida aos nossos que vai buscar. Este mantimento deve ser grãos terrados e passas que ambos occupam menos lugar, e é comer que esforça e põem sustancia. Tambem deve primeiro advertir que não ha de fogir senão pelo verão (salvo se a comodidade do tempo der outro lugar) em conjunção que cs trigos estejam altos pera se esconder. No dia em que fogir ha de procurar ser logo a noite pera que leve aquelle espaço aos mouros que o hão de ir buscar. E porque são mui differentes os lugares diremos de cada um onde demora, e o caminho que deve seguir o captivo, guiando-se pelo norte como estrella fixa, pera que apartando-se ou chegando-se a ella conforme ao caminho que levar acerte sua viagem.

Começando pois em Marrocos o primeiro lugar nosso é Masagão, onde forçadamente hão de vir os captivos buscar seu remedio, pelo qual respeito lhe fica mais difficultoso por ser lugar certo, e d'onde o vão buscar até as portas, principalmente se é pessoa de resgate, pera o que é de saber que Masagão está de Marrocos vinte e cinco legoas (que eu andei) muito bom caminho, e onde entra parte do campo da Aduquela, e para sabermos o como se ha de reger o captivo pela estrella, é de saber que esta cidade está em vinte e nove graos e dous terços da nossa parte do norte, e quem estiver nella caminhando sempre ao mesmo norte, e quarta do nornoroeste virá a dar em Masagão, de maneira que póde caminhar quasi ao norte

por ser pouca a distancia carregando algum tanto sobre a mão esquerda, mas o mais seguro e melhor é quem partir de Marrocos caminhar ao norte sobre a mão direita a nordeste até dar no rio que vai ter a Azamor e se chama Morobea, e não póde haver milhor guia, porque Masagão fica duas leguas de Azamor sobre a mão esquerda chegado ao mar ao longo do mesmo rio.

Deve o captivo se fôr fidalgo não cometer a fogida a Masagão estando em Marrocos porque é quasi impossivel escapar, porque logo correm até as portas onde estão até o tomarem, salvo se estiver primeiro um mez ou dous metido em alguma casa antes que parta, de maneira que os mouros ou cançados ou enfadados desesperem como já disse. Porém sendo mesquinho póde seguir a ordem que digo, attentando bem que antes que amanheça se deve esconder em algumas brenhas, e quando não entre os trigos entrando por elles sem fazer rastro algum com muito tento, e não deve fazer pegadas na estrada junto d'onde se meter, antes um bom espaço atrás deixar o caminho. Tambem deve ter grande animo e sofrimento, porque posto que veja junto a si mil mouros onde cuide que não póde escapar não ha de esmorecer, senão se fôr necessario fazer-se morto como a raposa, porque aconteceo já escaparem captivos, sendo muitas vezes trilhados de seus proprios amos.

No modo do mantimento fará sempre a provisão possivel, comendo quando puder de uma erva que chamam tagarrinha, a modo dos nossos cardos, da qual devem primeiro ter conhecimento, e de uns palmitos que nascem ao longo do chão, porque muitas vezes acontece entregarem-se os captivos a pura fome, e por respeito da agua se devem acomodar sempre quando lhe fôr possivel ao longo d'ella, ou valer-se

de modo que lhe não seja necessario i-la buscar de dia; por nenhum caso dormirá de noite sendo-lhe possivel, antes deve repousar todo o dia embrenhado no trigo, ou em qualquer parte. Se por ventura lhe fôr necessario caminhar sem estrada, deve observar a estrella do norte pera por ella ir buscando aquella parte ou rumo que lhe é necessario, e porque póde acontecer turbar-se o ceo algumas vezes de modo que a não veja devem marcar algumas estrellas conhecidas da parte do sul, porque tambem levando as costas nellas podem servir em quanto não aparece o norte. Chegando a vista de nossa fortaleza não se alvorocem nem desmandem, antes com muita vigilancia e cuidado mais que nunca vigiem mui bem tudo, e se fôr homem fidalgo que tenha sospeitas que o buscam, não deve cometer a nossa fortaleza de noite, porque está certo estarem-no aguardando ás portas, antes deve ir se chegando pera certo emboscando-se em alguma parte, e depois de amanhecer, quando as nossas atalaias descobrirem o campo remeter a mór furia com a fortaleza, porém sendo mesquinho póde de noite chegar-se, não ás portas, mas um grande espaço abaixo ao longo do mar, de maneira que se souber nadar se meta nelle, e venha nadando pouco a pouco ao longo da arêa, e reconhecendo o campo o milhor que lhe fôr possivel, e o milhor é deixar-se estar ao longo da fortaleza na agoa até sairem as atalaias, porque sendo em verão será mui facil cousa, com tanto que senão ponha a tiro de escopeta, porque as velas de cima do muro lhe não atirem cuidando ser mouro espia, que em tudo é necessario ter muito tento e advertencia, e este mesmo respeito devem guardar seguindo a estrella aquelles que se acharem perto de Marrocos pouco mais ou menos.

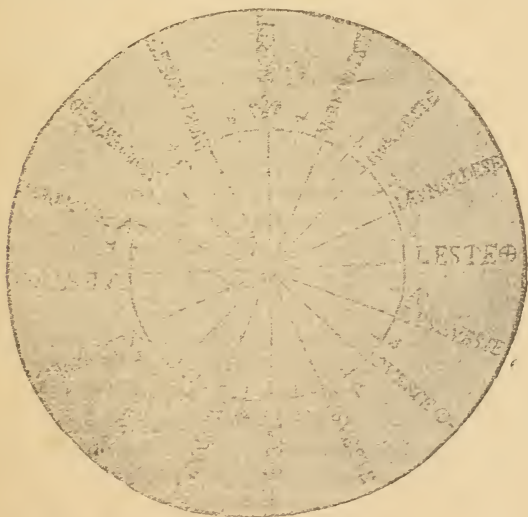
Isto é o que toca aos captivos de Marrocos, e

quanto aos de Fez, que está da nossa parte do norte em trinta e um graos de altura, é de saber que o captivo se ha de aperceber pera trinta legoas, porque o mais acomodado logar nosso é Tanjar, por Arzilla ser já de mouros, e deve seguir o nornoroeste, e assi dará em Tanjar, e se tomar mais pera o norte uma quarta dará em Ceita, e seja-lhe por aviso que tem por passar o rio Sabugo, e o Lucus junto a Alcaçar, que de verão lhe não serão mui difficultosos, ainda que não saibam nadar, guardando o que se tem dito, e o mais que o tempo de si der. Miquines está de Tanjar trinta e duas legoas, e d'altura da nossa parte do norte em trinta gráos; quem d'elle fogir ao mesmo lugar de Tanjar deve seguir sempre o norte, e quem da dita cidade quizer fogir a Mazagão, que são vinte e cinco legoas, deve seguir ghuesnoroeste, até dar no rio de Azamor Morobea, que o guiará como está dito no de Marrocos.

De Fez não devem os homens fidalgos nem de Alcaçar ou Tutuão fogir senão pera Melilha ou Orão, porque d'esta maneira sendo buscados nas fronteiras de Portugal como mais certo valha couto poderão escapar, nem tão pouco o devem fazer senão com guias seguras, e a cavalo, estando primeiro escondidos alguns dias como está dito. Alcaçar Quebir está em trinta e tres graos e meio da nossa parte do norte, onze legoas de Tanjar, de modo que o captivo caminhando sobre o mesmo norte algum tanto sobre a mão esquerda dará em Tanjar, e se quizer ir a Ceita ha de tomar á mão direita ao nornordeste pontualmente. E se fôr de Fez pera Melilha deve seguir o nordeste, e quem de Fez fôr pera Orão deve seguir o lesnordeste. De Tetuão a Ceita são cinco legoas todas ao longo do mar ao nornoroeste que se deve seguir, e é cousa mui sabida, e quem de Tetuão qui-

zer ir a Tanjar deve seguir o nornoroeste, são dez legoas de caminho.

Todas estas cousas (as quaes queira Deos que nunca sejam necessarias) são escriptas conforme o que mostra a descripção de Africa, e o que contém Abraham Ortelio, e juntamente o que se vê por experiencia, e o que se póde significar mais veresimil, salvo melhor juizo, ou experiencia palpavel que vence tudo. Tambem deve o captivo conhecer os rumos da agulha que mui facilmente póde aprender pera se reger em seu captiveiro, além de ser mui necessario a todo homem nobre pera saber edificar, guardando os respeitos á maldade ou bondade dos ventos, que realmente sendo cousa tão facil, é grande descuido não se saber, pelo que por curiosidade, posto que em outras partes se veja mais declarado, quiz pôr aqui a fórma da agulha, e os nomes dos ventos, partidas, e quartas.

FL. 3 *Fac-simile da edição de 1607* VOL. II

Parece-me que havemos tratado bastantemente o que convém ácerca das fogidas, descrevendo o sitio de todos os lugares principaes, tirando Larache e Celle, donde o captivo não ha mister mais, pera se acolher a Tanjar que caminhar ao longo do mar, que sempre lhe ficará á mão esquerda, e não poderá haver melhor guia seguindo o Nordeste, e se quizer tomar Ceita, o Lesnordeste, e advirta que tem por passar o rio Sabugo e o Lucus, ha de Celle a Tanjar quinze legoas, e onze de Larache.

Tambem me pareceo mui necessario tratar um pouco ácerca do sofrimento e paciencia que o captivo deve ter, e o modo com que se ha de governar, porque na verdade muitas vezes logo no principio se não tem advertencia mui facilmente cai em algum descuido que lhe custa depois a liberdade pera sempre.

Primeiramente deve todo o christão encomendar-se a Deos com todo o fervor e devação, e particularmente á Virgem Nossa Senhora, consolação e guia de todos os captivos, por quem Deos cada hora tantos milagres faz neste particular, e posto que se não veja arrebatar pelos ares, ou amanhecer um dia em terra de christãos, como por intercessão d'esta Senhora se tem visto algumas vezes, não deve desmaiar nem deixar suas orações, que Deos não obra sempre nas mercês que faz miraculosamente, mas vai dispondo as cousas de maneira por ordem natural, que bem consideradas vem a ser milagrosas, e eu tenho realmente que ninque saie de captivo se não por milagre, porque sendo os mouros tão cobiçosos que jámais se satisfazem com o que lhe prometem, havendo que pois dais tanto, podeis dar mais, e sempre vão com esta sede, não é possivel ser de outra maneira. Tanto que um christão se vir captivo deve considerar que Nosso Senhor foi d'isso servido por castigo de peccados, ou por seus

occultos juizos, e que não foi elle o primeiro a quem soccedeo tal desgraça, tomando juntamente a paixão e tristeza (que na verdade é mui desuzada) com muito animo e paciencia cfferecendo a Deos sua alma, e a vida a todo o genero de trabalho e miseria, assi não deve de fallar em nenhum modo em seu resgate significando (se lhe fôr possivel) que não perdeu muito em tamanha perda, porque os mouros no principio não fazem senão vigiar o que diz e o que sente, donde formam logo no captivo, ajudados de sua malicia, a qualidade que lhes bem parece conforme ao que sentiram.

Não deve tambem por nenhum caso mudar o nome (salvo quando se chamar de Dom que entre elles é cousa mui sabida) porque isso só basta pera o terem por fidalgo, como aconteceo a alguns pobres homens nesta jornada, mal advertidos, que pondo-se outro nome sem haver pera que, e depois sendo a caso chamados pelo seu de outros captivos, os mouros os tiveram por fidalgos sem mais outro algum sinal, e padeceram só por esta ignorancia depois muitos annos miseravelmente, até que muito a sua custa se vieram os mouros a desenganar: e algons acabaram a vida nesta opinião.

Tambem se advirta que a primeira cousa que os mouros fazem é vêr se lhe podem colher alguma carta ás mãos que escrevam a seus parentes, e algumas vezes lançam dissimuladamente espias dos andaluzes, que se fingem christãos com muita facilidade, porque falam espanhol como naturaes, e se na carta lhe podem colher alguma palavra que faça a seu caso, já mais se esquecem d'ella, dando-lhe tamanho credito, como é rezão que seja, pois elle por sua mesma letra o confessa, no que se deve estar sobre aviso, e offerendo-se isto escrever com muita cautela,

e de maneira que da propria industria dos mouros se fique elle aproveitando.

Já mais diga que é casado ainda que o seja, porque logo os mouros fazem conta que tem fazenda, que mui bem sabem que em terra de christãos não casam de graça como na sua, onde os dotes são quasi nada. E quando escrever lhe fôr totalmente necessario não deve de o fazer senão por via dos christãos mercadores da Aduana de quem tiver conhecimento.

Seja mui diligente e bem assombrado em todo o serviço, porque além de granjear com isto a vontade a seus senhores e lhe abrandar os animos pera lhe não darem cada ora infinitas pancadas, criando-lhe particular odio sobre o geral que lhe tem, servirá tambem de o não venderem pera remar nas galés de Argel, como fazem a muitos de quem senão fiam por sua má sombra e malenconia, d'onde já mais tem remedio se não por maravilha, além do immenso trabalho e des ventura das galés.

Guarde-se em todo o modo de tratar com as mouras familiarmente, recebendo mimos e favores d'ellas, porque na verdade é gente mui laciva, e com animo disposto a qualquer desordem, e não se engane alguem consentindo em semelhantes desventuras, e cuidando remedear suas necessidades, porque além do perigo da alma tamanho e tão manifesto, de qualquer maneira que os mouros o venham a sentir o enterram vivo, e quando não a mesma moura lhe dá peçonha de que morre, ou logo, ou depois miseravelmente, querendo como em sacrificio com tal morte purgar sua culpa, que d'outra maneira tem que senão póde salvar.

No modo de comer tenha paciencia, e tambem na cama e gasalhado, e jámais em cousa alguma mostre brio, comendo facilmente o mantimento ordinario que lhe derem sem mostrar asco em cousa alguma, que

em tudo isto andam sempre os mouros de aviso e de mui pequenas cousas fazem grandes misterios, e concebida uma vez opinião de que são fidalgos, tem depois mui trabalhoso remedio. Se fôr captivo de algum alcaide que tenha cargo d'el-Rei, ou seja rico (porque dos mais d'estes é elle herdeiro legitimo) seja-lhe por aviso que na ora em que el-Rei o mandar matar, ou elle morrer naturalmente fuja logo de casa, e se vá escondidamente onde alguem o tome pera captivo, que não faltará quem o aceite, porque d'outra maneira como fazenda confiscada fica logo d'el-Rei, d'onde tem mui pouco remedio porque o Xarife não resgata senão fidalgos a cinco mil cruzados ao menos, havendo que não convém a Sua Magestade dar ouvidos a outro preço, além de ser estado ter muitos captivos.

Todo o captivo que estiver em algum Aduar deve pretender que o vendam pera a cidade, porque os turcos os vão comprar a estes lugares pera o remo, e os alarves os dão mais facilmente. Deve todo o captivo ainda que realmente seja mui pobre mostrar que o é não nas palavras a quem os mouros não dão algum credito, mas nos effeitos, porque pouco aproveita não ter uma pessoa alguma cousa de seu se os mouros concebem o contrario, antes lhe é peor que aos ricos; pois em fim os que o são, a custa de sua fazenda rimem depois seus descuidos; mas os pobres ficam de todo impossibilitados de maneira que a uns e outros é necessario fazerem mui bem o officio de captivos, e não cuide alguem que levará milhor vida se se manifestar, porque então é pior, que os mouros como sentem d'onde tirar, carregam a mão com tormentos e miserias, pera que vá o captivo dando mais do que prometeo, imaginando sempre que ninguem promete quanto póde dar.

Muito deve pretender o captivo vir a poder de algum judeu, porque na verdade como está dito são d'elles mui bem tratados, e como se temem que sendo o captivo de preço, posto que não seja muito lhes seja logo tomado, acomodam-se mais depressa no resgate, e não lhes falta intelligencia pera os porem em terra de christãos, e seja por aviso a todo o captivo que não use mal da brandura e paciencia do judeu em sua casa descompondo se com elle, como acontece ás vezes a algum ignorante mal sostido e mal agardecido, porque posto que o judeu não ouse a dar lhe nem a castiga-lo, ou por sua boa natural inclinação ou porque o longo costume de sofrer miserias lhe tem feito habito de paciencia, todavia por remir sua vexação dá parte no captivo a algum mouro, e conta do que passa, o qual lhe tira a malicia com muito açoite, e o faz trabalhar de noite e de dia, porque depois que o mouro tem alguma parte usa neste negocio (como dizem) parte por todo, e depois d'isso sempre o miseravel captivo se arrependerá tarde.

Isto é o que passa ácerca dos captivos nobres e honrados, e tambem dos miseraveis em seu modo, e no que toca aos fidalgos fronteiros que são logo conhecidos, e por lei da guerra d'el-Rei, não ha tanto que advertir, sómente lembramos que se não julgue cada um neste estado pelo que de si cuida, antes deve imaginar que é pobre ainda que o não seja, e se o fôr da-lo mui claramente a entender em seus effeitos, porque posto que os mouros saibam mui bem os nomes a todos quantos tem, e cujos filhos são, tendo el Rei nisso particulares intelligencias, pelo que lhe convém, todavia em qualquer descuido ou pouco sofrimento podem prometer mais de si que o que elles cuidam, além de não ser honra em tal estado não saber sofrer miserias, quanto mais que muitas cousas se

offerecem de que se podem aproveitar e granjear a liberdade, como aconteceo a Pero Guedes, que sendo fronteiro e pelejando em uma escaramuça, onde matou tres ou quatro mouros, antes que o captivassem, segundo me affirmou um Elche português (que se achou presente) como lhe dessem algumas lançadas entre as quass foi uma na garganta, tomou occasião pera se fazer mudo, e em tres ou quatro annos que esteve captivo jámais fallou palavra, por mais que os mouros buscassem invenção pera isso, até que o resgataram por mui differente preço, o que realmente foi uma das mais notaveis cousas que ácerca de captivos jámais aconteceo, digna por certo de muito louvor, não pelo que ganhou sofrendo, mas por mostrar quão bem saberia ter sofrimento noutras cousas maiores. E assi se maravilhavam os mouros estranhamente, quando depois souberam que não era mudo, e agora em nosso captiveiro vinham a fallar com elle, por vêr se era verdade o que diziam, que não acabavam de crêr caso tão estranho. Do que convém aos captivos serem de Elches já haviamos tratado, e assi o devem procurar sempre, pois são os que milhor livram.

CAPITULO VIII

Como pregava o padre Frei Vicente da Fonseca e os judeos ouviam suas pregações. Do modo em que os Elches vivem, e são d'elles tratados os christãos

Já neste tempo estavam todos os religiosos que foram captivos conhecidos, e por ordem d'el-Rei postos em casa dos judeos, entre os quais havia o padre Frei Vicente da Fonseca, da Ordem dos Pregadores, o qual particularmente pregava só a fim de confundir os judeos, tratando sempre da sagrada escriptura, e trazendo todas as profecias dos sanctos Prophetas da lei velha, citando os lugares em hebraico, a cuja pregação assistiam sempre vinte, trinta judeos rabinos, principalmente um a quem chamavam Rabi maior, por ser entre elles o mais docto; as pregações se faziam em casa de D. Francisco Portugal, filho do conde de Vimioso, que era nas casas dos mesmos judeos, sendo coisa muito de notar a prontidão com que todos ouviam sempre, sem se descomporem em acto nem em palavra por mais que Frei Vicente dissesse, guardando a obrigação de bons ouvintes, e depois de se acabar o sermão vinha o Rabi maior repetir algumas cousas com muita brandura e modestia, tanto que alguns não sofrendo que elle escutasse rezão, lhe chamavam christão, ao qual Frei Vicente diante dos mais satisfazia sem querer por nenhum caso responder a outro por não fazer confusões, salvo se o mesmo Rabi entrava nas perguntas.

Foram estas pregações de Frei Vicente bastantes no pouco tempo em que estivemos em Fez a se converterem muitos judeos, e se vieram fazer christãos, dos quaes eu conheço alguns nesta cidade de Lisboa,

por onde se póde bem julgar quantas judias fizeram o mesmo se tiveram a sua liberdade, e certo nellas fôra mui mais facil a conversão, por serem naturalmente mui castas e honestas, além de terem mui bom entendimento, tanto que entre duas ou tres mil molheres que haverá na Judearia, não ha uma só d'aquellas que chamâmos solteiras, nem a consentiram de nenhum modo; tambem se lhes não póde negar que tem muita brandura e piedade, como eu vi muitas vezes usar com captivos, assi em lhe socorrerem em suas necessidades, como nas doenças, pelo que realmente temos obrigação de nos magoar muito de sua miseria.

Toda esta gente andava tão cheia de maravilha vendo a verdade e cortesia com que dos fidalgos e gente nobre era tratada, que não cuidavam senão como lhes haviam de fazer a vontade, como se foram seus amados filhos, chorando mil vezes o desterro de Espanha, e com muita rezão certo pelo mortal odio que os mouros lhes tem, e miserias que padecem taes que senão poderão contar inda que não fôra por mais que por offensa dos ouvidos humanos, magoa por certo grande em gente de rezão e entendimento, e que tão querida foi já de Deos, em quem todavia sómente os christãos captivos (depois dos Elches que senão tem por mouros) achavam algum remedio e consolação, sendo tratados com muita humanidade aquelles que foram a seu poder, além de que era grande alivio a todos entenderem-se com elles, porque fallam em geral castelhano, senão são alguns judeos mouriscos de que se lá não faz conta, pelo que temos particular obrigação além da ordinaria de rogar a Deos pelo melhoramento de seu infelice estado, pera que venham ao verdadeiro conhecimento, e não se perca tanta gente cada ora com tanta miseria.

D'esta maneira passavam os captivos que acerta-

ram de ser de judeos, porém a mais acomodada e melhor fortuna foi d'aquelles que vieram a poder de Elches, porque além de acharem logo com quem se entendessem, algumas vezes aconteceu serem senhor e captivo ambos de uma patria, e por ventura parentes, e quando isto não fosse todavia são filhos de christãos, e posto que lhes não podemos tambem assi chamar pois arenegam, por mais que elles digam que em seus corações o são, todavia parece que nem de mouros podem ter nome, e assi deixando de ser christãos mostram serem differentes no exterior do que são no interior, e com muita rezão dizem alguns d'elles que os Elches é a mais desgraciada gente do mundo, pois os mouros os tem por christãos, e os christãos por mouros, porém que nem uns nem outros acertam, porque nenhuma d'estas cousas são.

Vive esta gente no trato de sua pessoa e em todas as mais cousas mui differente dos mouros, e os mais d'elles não tem mais que uma molher, podendo ter muitas; muitos ha que zombam de Mafoma publicamente e rezam as nossas orações, posto que lhes não aproveitem, e alguns quando bocejam fazem o sinal da cruz na boca, que não póde em fim o demonio vencer o sancto costume, por mais que d'elles tenha tomado posse. A mais d'esta gente bauptiza seus filhos quasi publicamente. A'cerca do que me parece bem contar aqui uma cousa bem digna de notar tomando um pouco de mais atrás o sucesso, porque tambem se vejam os perigos e miserias a que um captivo está sojeito.

Pouzava bem junto de Alichiquito o alcaide Roposo, tão nomeado em toda Berberia, o qual se passou ao campo dos portugueses no dia da batalha, como está dito em companhia de Mamy. Era este homem português de nação mui esforçado, e de boas condições, e

sendo por sua desventura captivo, veio ter a Fez a casa de um judeo que o comprou, o qual tinha uma filha mui formosa, segundo ainda agora mostrava, com quem elle parece que se embaraçou por amores, e vindo a moça por discurço de tempo a fazer-se prenha começou a manifestar seu perigo e desventura, dizendo ao captivo como por seu respeito havia de ser apedrejada publicamente (que não se castiga com menos, cousa entre os judeos tão estranha) além da infamia de sua pessoa e de seus parentes, e que tudo isto estimava em nada a respeito da immensa dôr que sentia, vendo que o haviam de apedrejar vivo primeiro diante seus olhos, isto dizia chorando muitas vezes, tanto que o captivo não sintindo algam remedio na vida se veio a determinar com a morte, dizendo: bem sei senhora que por meu respeito estais no mais infelice estado da vida, no qual eu tenho dobrada pena, sentindo muito mais ainda os vossos males de que fui occasião, porém como nossas desventuras tiveram todavia principio de verdadeiro amor nascido de vossa belleza, rezão será que em tudo me sejaes companheira, pois fostes a causa, sabei senhora que estou deliberado pagar com a morte os erros de minha vida, pois sendo christão, e conhecendo o verdadeiro Deos, quebrei tão facilmente seus preceitos, dando com desatinos (posto que amorosos) não sómente occasião a perecer com morte infame tão estranha belleza, mas ainda a se apresurar o tormento d'essa alma que é tanto mais bella. Mas pois isto agora não tem remedio humano, rezão será que busquemos o divino, salvando as almas que livres da miseria d'esta vida vão ambas num momento em companhia gozar da eterna bemaventurança, pera que nasceram, deixando o demonio frustrado com as duras prisões na mão com que nos tem atados, a mi no indigno estado de quem a Deos co-

nhece, e a vós na longa confusão e geral cegueira de vossos erros.

Bem sabeis por quantas vezes vos tenho declarado a verdadeira lei de Christo, mostrando-vos claramente os errados caminhos que seguis, e pois Nosso Senhor foi servido que a voltas de nossos erros se tirasse de tamanha peçonha a mesma triaga, sendo nossa conversação parte pera virdes ao verdadeiro conhecimento da lei de Deos, como vós mesma me confessais, desejando muito agoa de bauptismo, tambem o sangue póde servir de agoa, confessando a Fé Catholica sem algum temor, pela qual verdade eu diante vós, e em vossa ajuda passarei alegremente a morte por mais cruel que seja, sendo-vos amigo e leal namorado noutros amores bem differentes dos de agora. Ao que ella respondeu: ai coitada de mi, quão longe estou de achar consolação em cousa alguma, pois até com as mesmas rezões com que me persuadis me estorvais, muito bem entendo quão pouco vai em que se perca uma vida tão triste como a minha, senão levara trás si essa de quem eu só vivo, perecendo juntamente o innocente fruito de nossos mal logrados amores, pelo que já o tempo costuma dar remedio a tudo, tambem nelle podemos esperar com o favor de Deus, principalmente não só a salvação das vidas, mas das almas, vivendo em terra de christãos muitos annos com fruitos de benção a seu serviço.

Vendo pois este captivo a mal deliberada moça tão cheia de temor e espanto da morte lhe disse com grande sentimento: pois senhora que determinação é a vossa em tão evidente perigo? eu não sinto modo, lhe respondeu ella, mais que um só, cujo remedio vos será ainda mais penoso que o proprio dano, pois nos será forçado tomar fingidamente a lei dos mouros até escapar d'esta furia, debaixo da qual podemos viver

christãmente até de todo nos pormos em terra de christãos, porque posto que estes caminhos sejam torpes e infames, todavia o fim d'elles é honrado e glorioso. Com estas falsas aparencias pondo este mancebo os olhos na esperança dos tempos se deixou levar d'estas fingidas rezões, podendo mais com elle o temor de perder a amada companhia, que o respeito de Deos.

Assi escaparam ambos, tomando a lei dos mouros, com presuposto de viverem cristãos, e realmente se lhes isso aproveitara nas obras o pareciam, como logo veremos.

Tinha esta gente tres filhos, e o mais velho seria já de quinze annos, os quaes eram bauptizados, e em sua casa se chamavam pelos nomes de christãos, e fóra de mouros, porém não quando algum captivo fallava com elles, porque o não consentiam de nenhum modo. Era este alcaide mui grande amigo de todos os christãos e particularmente de Frei Vicente da Fonseca, ao qual parindo sua molher neste tempo chamou pera bauptizar um filho, e em sua companhia algumas pessoas que ajudaram a festejar o bauptismo, onde a caso me achei, logo o alcaide querendo festejar a Frei Vicente lhe disse: (mostrando-lhe a molher) eis-ahi senhor a causa de todos meus cuidados, veja agora vossa paternidade se foram bem assertados meus erros, ao que Frei Vicente respondeo, obedecendo ás leis de cortesia, que a senhora Zaida certo lhe parecia bem digna de se acharem por ella desculpas donde as não havia, e que sua mercê estava bem no conhecimento d'isto, pois não sómente tinha feito por seu amor todo o possivel, mas ainda o que se não podia fazer; ella todavia quando se ouvio chamar Zaida, disse graciosamente: não me trate vossa paternidade mal, que o meu nome dentro no meu coração é Ma-

ria, e tambem nesta casa, até que Nosso Senhor Jesu Christo queira que noutra milhor parte se possa elle nomear á boca cheia. Neste passo se arrazaram os olhos de agoa a Frei Vicente e a todos os mais, assi de piedade no sentimento d'esta magoada gente, como de prazer vendo toda uma casa com tão bons desejos nas entranhas de Berberia.

Logo Frei Vicente com as portas cerradas bauptizou o menino de quem foi padrinho um mercador christão, que se chamava Inygo de Melohi, e dando todos muitas graças a Deos pelo presente acto, se despediram do alcaide e da moura que foi judia e confessava ser christã. Assi vive a mais d'esta gente, e aos Xarifes lhes dá bem pouco d'isso. Tanto que Molei Moluco quando algumas vezes entrava na igreja dos christãos em Marrocos por curiosidade lançava agoa benta aos Elches, e se alguns faziam d'isso escrupulo, ria-se muito d'elles, dizendo pera que é negar a verdade; e tambem ás vezes lhes dizia: as vidas e as pessoas me sirvam fielmente, que das almas não me dá cousa alguma, e na verdade bem sabem os Reis de Berberia que os Elches não são mouros, porém como lhe sejam mui fieis e os mouros inconstantes e traidores, tem-nos em muita conta, e fazem-lhe muitas mercês e honras, porém com tudo nenhum por mais contente que seja deixa de trazer na memoria e na vontade vir-se a terra de christãos, como logo veremos em um successo que me pareceo bem contar aqui: o qual posto que não escuse sua fraqueza e desatino, servirá de grande consolação a muitos, a quem a miseravel sorte chegou quiçá suas cousas a tão triste estado, esperando uma hora boa de seu remedio e salvação.

No tempo de Molei Amet, o Xarife mais velho, estando elle uma sesta feira na mesquita maior de Marrocos, acompanhado de muitos alcaides e gente de sua

guarda, por ser dia mui solenne a seu modo, e juntamente dos mais principaes cacizes entrou pela porta um homem quasi negro de queimado do sol, vestido de asparo sayal, com o cabello solto e comprido, descalço, e de modo que toda a gente que na mesquita estava ficou cheia de maravilha sem fallar palavra, esperando em que pararia tão estranho aparecimento. Logo este homem sem fazer reverencia a el-Rei, nem a outra pessoa alguma, se sobio na cadeira ou lugar d'onde o cazis maior havia acabado de pregar, e com alta e clara voz começou a dizer d'esta maneira: Christo vence, Christo reina, Christo ha de vir a julgar os vivos e mortos, e tudo o que não é isto é mentira.

Vendo el-Rei tão estranha cousa, e os mais alcaides que com elle estavam o quizeram logo matar, ao que por nenhum caso resistio o determinado cavaleiro de Christo; estando pois o negocic d'esta maneira, acodiram os cacizes dizendo que era um homem doudo, que sua Majestade não lançasse mão do que dizia; d'esta maneira foi lançado fóra da mesquita, e livre por doudo o mais sezudo homem do mundo, do qual depois se soube como era Elche que andava fazendo penitencia e buscara aquelle lugar pera passar honroso martyrio, e assi andou até que se veio a terra de christãos, porque os mouros vendo-o tão resoluto por não desacreditarem sua lei não quizeram lançar mão d'elle.

Por aqui se póde vêr como esta gente podia tratar seus captivos, e na verdade a experiencia o mostrou bem em nosso captiveiro, pelo que posto que seja de abominar a desventura d'estes erros, não devem os Principes deixar de recolher e dar remedio áquelles a quem lavou a culpa o verdadeiro arrependimento, e nós temos mui grande obrigação de rogar a Deos que

os livre do captiveiro d'alma, e tambem da vida que realmente bem se podem chamar escravos, por mais livres que vivam.

CAPITULO XIV

Amotinam se os Azuagos, parte Reduão pera Marrocos, e no caminho os fidalgos o persuadem a que se vá a Mazagão

Assi passavam estes captivos como havemos dito, e os mais que eram de mouros tinham assás de desventura, e porque se saiba que não sómente padeciam miserias em seus trabalhos, mas muitas vezes os perseguia a fortuna até com as mesmas apparencias de contentamento e liberdade, contaremos algumas cousas que lhe aconteceram.

Estavam neste tempo alojados em Fez cinco ou seis mil soldados Azuagos, todos escopeteiros, e faltando lhes a paga se amotinaram, e formando um esquadrão começaram apellidar Mulei Naçar um sobrinho d'el-Rei que estava acolhido em Arzilla, chamando assi quantos christãos podiam haver, com os quaes começaram a marchar pera Arzilla, e foram caminhando perto de uma legoa, quando trouxe a fortuna Reduão, Elche português, mui valeroso e valido d'el-Rei, que como adiante diremos veio com grandes poderes a Fez, o qual tinha tanta authoridade que ousou chegar sem algum medo á boca das escopetas, e dando e tomando sobre o negocio, fez abrandar a desesperada gente com lhes prometer pagas e outras mercês, as quais permitio Deos que fossem como adiante diremos, e Reduão em pago d'esta notavel obra e de outras muitas foi morto a ferro em Mar-

rocos. Logo se desfez o esquadrão, e os captivos se tornaram a seus amos, dissimulando o melhor que lhes foi possivel, mas aos mais d'elles aproveitou bem pouco, que os mouros souberam de sua fogida, e foram castigados mui asperamente, soltando-se tamanha alegria em tanta tristeza.

São estes Azuagos descendentes de christãos de differentes nações que no tempo de um Rei dos Merines, fazendo muitas obras por seu mandado lhe prometeo liberdade, depois considerando ser muita gente e que lhe podia d'ahi vir algum perjuizo lha deu, mas não consentio que se viessem a terra de christãos, assinando-lhe terras em que vivessem livres, havendo que com isso compria sua palavra. D'esta maneira estiveram muitos annos guardando a lei de Christo, até que pela fragilidade de nossa natureza e corrupção de costumes com a ajuda de tão má vizinhança vieram a ser meios mouros, e depois mouros de todo, como agora se vê. Toda esta gente quando guardava a lei de Christo, sendo de certa idade bem piquenos lhe punha seu pai na face aquelle divino sinal da santa cruz, pera se deferençarem dos mais, e prezamse tanto hoje d'isto seus descendentes, ainda que mouros, que todos trazem os mesmos sinaes postos por seus pais, e geralmente lhe chamam Azuagos, a quem el Rei tanto que chegou a Marrocos, assi pelo alvoroço que fizeram quando elle entrou em Fez, como por este de agora, mandou matar sem ficar algum, espalhando-os dissimuladamente pelas provincias, e em um só dia deu ordem pera isso, que d'outra maneira fôra mui difficultoso por serem muitos, e mui valerosos.

Grande lastima foi vêr morrer tanta gente em uma só hora, e mais descendendo de christãos, posto que por outra parte foi mercê de Deos, assi por faltar aos

mouros esta valerosa companhia, como por não se enriquecer o inferno cada hora com tantos descendentes de quem adorou a Christo.

Mas tornando a nosso proposito, depois que se acabou este tumulto e Reduão deu comprimento ás cousas que por el-Rei lhe foram mandadas, como atrás apontamos, partio pera Marrocos, levando em sua companhia a mãi d'el-Rei, e Lela Suna, uma mui fermosa dama com quem estava esposado, da geração dos Bocresias, que são os mais nobres mouros de Berberia, e gram parte dos thesouros reais, e outras peças mui ricas; iriam em sua companhia bem mil almas de todas as nações, porque como em cafila mui segura foram muitos judeos, turcos, armenios, christãos e Elches, de maneir aque era um fermoso arraial, posto que a mais da gente fosse de negocio, e não de guerra. Partiram em sua companhia seis fidalgos, convem a saber, D. Antonio de Castro, conde de Monsanto, Antonio de Moura Telles, João Monis, Martim de Castro, Ruy Dias da Camara, Simão Corrêa Barem, e além de alguns captivos nobres e outros do numero comum levava mais de duzentos homens Elches mui gentilmente concertados, e dous ou tres alcaides mui principaes parentes da noiva, dos mesmos Bocresias, a qual levava muitas damas e outras molheres que iam metidas em umas grandes gaiolas cubertas de sendais, de modo que nenhuma cousa aparecia d'ellas, e da mesma maneira iam as duas Rainhas, posto que com mais aparato.

Seguia seu caminho Reduão mui devagar, assi por respeito da muita gente, como pelo que se devia a authoridade de semelhantes pessoas, e além d'isso como fosse temeroso e pensativo pelo que em Fez lhe havia acontecido, levava totalmente o animo quebrado, e mui pouco gosto de sua viagem, e porque

melhor se entenda a rezão d'isto, é de saber que o Xarife ou pelos novos temores que de tal personaje podia ter, ou pela antiga lembrança da bofetada que d'elle havia recebido, não querendo imitar a el-Rei de França nas injurias do duque de Orliens, determinava tirar-lhe a vida, e pera o poder milhor fazer, segundo depois se vio o mandou a Fez com grandes poderes e favores, porque em Marrocos parece que por então senão atrevia com elle.

Sentio isto mui bem Reduão em Fez, porque uma noite estando em um banho entraram cinco mouros pera o matar, os quais sendo sentidos dos Elches que fielmente o serviam acudiram em sua defensão, de maneira que dous ficaram mortos, e os tres foram bem mal tratados, lançando Reduão fama que eram ladrões por dissimular o negocio (que tanto respeito se deve aos Reis, que nem de seus injustos mandamentos tendes licença pera vos queixar) e d'outra vez lhe foi dado peçonha em um presente que lhe mandaram, porém como elle andasse de aviso não quiz comer cousa alguma, antes fez a experiencia em um cão, e vio claramente o effeito d'ella, de maneira que com estes desenganos ia mui cançado e receoso, porém por outra parte, como o demonio tinha tomado posse d'elle, lhe metia em cabeça que sem embargo d'estas cousas el-Rei vendo sua fidelidade e diligencia se esqueceria de tudo.

Chegando pois d'este modo além do meio do caminho junto ao rio Morobea, que vae ter a Azamor, como D. Antonio de Castro e Antonio de Moura Telles, ou lhes fosse alguma cousa revelado pelos Elches do temor e sentimento de Reduão, ou vissem uma conjunção tão boa com estranho valor ousaram acometter uma das mais honradas empresas que se pode imaginar. E assi foram a Reduão que parado

com todo o campo ao longo da ribeira estava, e lhe fizeram a pratica seguinte, havendo porém primeiro tratado o que convinha a cerca de sua deliberação com os mais fidalgos, que tambem foram d'este parecer.

O' valeroso português a cujo alto merecimento parece que rendida a fortuna te veio a pôr nas mãos a mais facil, honrada e justa empresa, de quantas alguma hora venturosa occasião deu a pessoa alguma. Porque além da divina reconciliação d'alma, a cujo respeito val tão pouco a vida tudo quanto nella se póde desejar se busca de um só golpe: pois te offerece primeiramente a justa vingança de teus conhecidos inimigos, a pompa soberana com que entrarás no reino em que naceste, enchendo os olhos de estrenha alegria a todos teus parentes, na restauração com tanta ventajem da honra já perdida, e além do comum contentamento, quasi te farás absoluto senhor de todo um reino, que te não ficará em menos obrigação, pois com esta tamanha presa podes mui facilmente resgatar a troco todos os portugueses que hoje miseravelmente padecem nesta infelice terra, lisonjeira inimiga de tantos mal aconselhados christãos, a quem tambem se offerece nesta milagrosa conjunção a doce liberdade de todos, sempre tão desejada, que a cada passo buscam pera salvar as almas com tanto risco de suas vidas. E agora sendo aqui contigo mais de duzentos homens todos inflamados d'este mesmo desejo, olha com quanta facilidade podes sair de tão fermosa empresa. Da qual nunca te póde socceder senão felicidade, pois quando fosse tamanha a ingratidão d'el-Rei de Portugal que te negasse um titolo mui honroso, que mór honra podia ser que have-lo tambem merecido. Quanto mais que basta pera o comprar em qualquer parte os grandes thesouros que livremente levarás contigo, e o que de

nossos resgates te daremos. Este rio que vês vai direito a Azamor, lugar quasi despovoado, e sem detenção alguma manda marchar com qualquer honesto desvio todo este campo ao longo d'estas agoas, cujo curso parece que te está chamando a gloriosa empresa.

Quando estes fidalgos acabaram de dizer a Reduão estas e outras cousas, depois que o Elche as escuitou mui bem com assás maravilha de sua deliberação lhe respondeo mui grave e sagásmente. E' tamanha a liberdade que os captivos tem pera cometerem as cousas de que possam conseguir o effeito d'ella que não me maravilho da estranha ousadia de vossos risonhos conselhos, nem vos quero dar outra penitencia a tamanho atrevimento, mais que a confusão e vergonha em que vos vereis, não me sabendo responder a nada, do que tambem rindo, e sem haver pera que vos quero preguntar.

Dizei-me por vida vossa quando fôra possivel (do que Deos me livre) que minha lealdade pudera quebrantar-se, cedendo a força do vil interesse que me haveis significado, de que modo se podera conseguir o desejado fim de tão desatinado prosuposto, pois forçadamente pera esse effeito se haviam de comunicar duzentos homens Elches de tão varias nações e differentes humores, onde impossivel cousa seria sustentar-se o segredo, e não se achar algum de differente vontade, o que sendo revelado por qualquer via aos mouros que aqui vão, mal podia alguem escapar de suas mãos. Pois d'outra maneira se eu quizesse caminhar com toda esta gente pera Azamor, que rezão podia dar de minha partida, sabendo todo o mundo que vou direito a Marrocos, e eu sempre assi o tenho dito, por outra parte se os Elches não fossem todos de minha opinião quem havia de matar os mouros

que sabidamente haviam de ser contra ella, assi que de qualquer maneira parece-me senhores (com vosso perdão) que sereis mais pera a guerra que pera o conselho d'ella.

Grande contentamento foi o dos fidalgos assi em verem tomar tão facilmente a Reduão sua ousadia, como no desejo que lhe enxergaram de querer saber a modo de zombaria o remedio que lhe podiam dar, e logo com mais liberdade e confiança lhe começaram a dizer d'esta maneira.

O' venturoso alcaide chamado da mão divina a tão gloriosos fins pelos mais faceis meios que nunca houve na vida, sabe que as tuas proprias difficuldades são verdadeiros argumentos nossos, pois quanto ao que dizes que tudo póde cometer um captivo por se vêr livre, bem claro está que isso se não deve entender em nossas pessoas, pois basta pera nosso resgate a metade da renda que cada um de nós tem cada anno, de modo que sem nenhum receio com o favor de Deos nos julgamos já livres, pelo que posto que foramos os mais desasizados homens do mundo, se não viramos a facilidade d'esta empresa, como era possivel com tão pouca necessidade aventurarmos as vidas: assi que nossa ousadia facilita teu perigo. E quanto ao primeiro inconveniente, bem claro está que nenhum Elche d'esta companhia por mais filhos e molheres que tenham, deixam de sospirar pela salvação da alma e honra da vida, pela qual rezão tudo se póde fiar d'elles, e quando te não pareça este seguro conselho, aqui vão trezentos christãos captivos de partes, e d'el-Rei, com os quaes nós degolaremos todos os mouros que aqui vão, dando-lhe tu suas armas que de noite póde ser mui facilmente, pois tão confiados e seguros dormem, e feito isto a que mui seguramente nos offerecemos de força todos os Elches hão

de seguir teu parecer, porque já então ficam sempre sospeitosos a el-Rei, quanto mais que elles abraçarão de modo a desejada occasião, que não será necessario algum prometimento ou rogo, porque sabe que todos o vem significando com estranhas ancias, como póde ser que de alguns tenhas entendido e nós de todos. E quanto a serem muitos os mouros bem se deixa vêr que os mais d'elles são gente inutil e desarmada que passa seu caminho, e os outros são judeos, e uns e outros se haverão por bemaventurados em escaparem de nossa furia, deixando o campo cheio de despojos, e os mais que pódem fazer resistencia não amanhecerá nenhum vivo, salvo aquelles quatro alcaides Bocresias que logo amarraremos, e acabada esta segura empresa que deixa a nossa conta sem meteres nisso nenhum cabedal, pódes mui facilmente caminhar com todas estas riquezas ao longo d'este rio até Azamor, que está duas pequenas legoas de Mazagão. onde irá algum de nós diante pedir as alviceras de tão nobre façanha, e a gente te virá receber, em caso que possa haver quem nos resista.

Quanto mais que em um dia e noite somos em Mazagão, sem poder haver no campo quem ouse a olhar tão sómente pera nós, e primeiro que de Miquines possa vir gente por estar mais perto d'aqui, antes que lá chegue a nova já estaremos em salvo. Tudo isto que dissemos está pelos fidalgos e mais captivos d'esta campanhia ordenado, com parecer dos Elches quasi todos, com tanta facilidade, dando tu licença como verás mui brevemente. Já que te não parece possivel sob color de algum novo mandamento d'el-Rei chegar de paz a Azamor, e sollicitar a nossa gente por nosso meio a este mesmo effeito.

Calou Reduão a todas estas cousas, dando com sua dissimulação tão vivas esperanças aos fidalgos, que

quasi se começavam a fazer prestes incitados dos Elches, que estranhamente sospiravam por esta empreza, e assi passado algum tempo mais do ordinario, que totalmente lhes fazia cuidar na certa deliberação do alcaide, se tornaram a elle com novos argumentos, porém o desventurado que por seus peccados tinha merecido a Deos differente fortuna, se resolveo dizendo que o Xarife se fiara d'elle, e elle se não podia fiar de tantos: e que por derradeiro sempre em Portugal seria tido por um vilão arrenegado, e em Berberia era Principe, e christão dentro em sua alma, grande foi a magoa e tristeza de todos estes fidalgos, que bem lembrados de sua obrigação ousavam pôr em tamanho risco suas vidas, só por dar liberdade a tantas gentes.

Partiu-se em fim Reduão, levando a triste via de Marrocos, pera onde o deixamos ir, que antes de muitos dias o iremos lá vêr em bem differente e miseravel estado, tão arrependido de sua mal empregada fidelidade, como temeroso de perder aquella sua tão infame e triste vida. E realmente fallando eu depois com alguns d'aquelles Elches neste reino que ali se acharam presentes e depois se vieram soube como a empreza era cousa mui factivel, e que bastavam pera se resgatarem todos os portuguezes a mãi e mulher d'el-Rei e os alcaides Bocresias, mas parece que o não permittio Deos por nossos peccados.

CAPITULO XV

Descreve-se a cidade de Marrocos, trata se do caminho de Fez a ella

Bem se deixa entender quantas e quão diversas cousas passariam os captivos em todo este tempo que estiveram em Fez vivendo sempre em um intenso desejo de verem suas molheres e seus filhos, e sustentando-se de esperanças que a cada passo se turbavam com a infidelidade dos mouros, da qual nunca podiam estar seguros, assi no receio de lhe el-Rei não comprir seu resgate, como no perigo geral, debaixo de tão certos e tamanhos inimigos, e assi foi realmente particular mercê de Deos acharem os fidalgos as casas dos judeos em que se recolhessem, que nenhum d'elles podera viver nas dos mouros, por serem avaros, crueis e maliciosos, e pelo contrario acharam nos judeos muita brandura, affabilidade e cortezia, além de ser alivio mui grande entenderem-se com elles na lingoagem, porque como está dito fallam todos castelhano, e assi em todas as cousas eram estes fidalgos tratados como em suas proprias casas com muito amor e singeleza. As suas occupações ordinarias eram pela menhã irem ouvir missa, e a tarde ajuntarem-se em boa conversação os amigos e parentes, tratando de seu remedio.

Alguns havia que aprendiam arabio e hebraico por não darem lugar a ociosidade nas tardes do verão se sobiam aos terrados das casas, donde com os olhos postos nos altos montes que respondem a nossa parte de Espanha estavam fazendo saudades. Nisto recebiam grande alivio por ser a vista mui fermosa, e já mais nenhum d'elles sahia da Judearia, salvo quando

eram chamados por mandado d'el-Rei ou de seus Aquemes.

Os outros captivos homens nobres que andavam sobre fiança tinham mais liberdade, porque iam a Fez o velho visitar e soccorrer seus amigos, e algumas vezes a um campo que está na Judearia, onde se os judeos enterram, lugar mui aprazivel, cercado do jardim d'el Rei, pelo qual se dizia vulgarmente, quanto melhor era naquella terra conversar os mortos que os vivos; aqui vão as judias certo tempo do anno prantear seus defuntos, e certo era cousa pera notar, vêr entrar algumas moças galanteando e rindo umas com outras, e tanto que chegavam ás sepulturas a que cada uma ia dirigida tirarem os mantos e começarem suas lamentações falando em altas vozes com o defunto, como se lhe houvera de responder, e depois que faziam isto (como por officio) logo se tornavam rindo e folgando, e vinham outras que faziam o mesmo; nisto tinham os captivos algum alivio, que muitas vezes magoas com magoas se consolam, porém sempre com aquelles sobresaltos de se verem captivos, que na mór alegria arrebatava tudo, sem deixarem um só momento o animo quieto.

Andavam neste tempo os fidalgos do numero com grandes esperanças de liberdade, porque D. Francisco da Costa, além dos presentes que levou ao Xarife da parte d'el-Rei D. Enrique tinha todo o comprimento do resgate ordenado em letras e em fazendas, e assi era mui grande o alvoroço e contentamento de todos, com as saudades mais vivas e mais penosas, fazendo-se prestes o melhor que lhes era possivel, o que geralmente sofriam mui mal os mouros por sua maldade, e pelo mortal odio que nos tem.

Nesta conjunção partio uma cafila, onde fomos alguns captivos á cidade de Marrocos, da qual agora

convem tratar um pouco, deixando as cousas de Fez no estado que havemos dito, até que digamos como sairam os fidalgos do numero e outros muitos captivos que com seu remedio e á sua sombra vieram.

Ha de Fez a Marrocos cento e tantas legoas sem haver em todo o caminho estallaje, lugar, ou villa, salvo a cidade de Tedula, que da estrada estará duas legoas, pelo que as pessoas que caminham vão em cafilas de cem homens ao menos, com toda a ordem e concerto de guerra, por respeito dos Alarves que são naturalmente ladrões, e porque neste caminho vimos algumas cousas de notar, me pareceo bem tratar d'elle particularmente, porque tambem se veja o modo em que os mouros caminham, e o que passam os captivos em sua companhia.

Partio em fim a nossa cafila, indo todos em som de guerra, e aquelle dia já bem tarde sem descansar nem comer senão á noite, fomos fazer jornada a uma ribeira mui fresca, donde havia tanto peixe, que foi necessario pera poderem beber as cavalgaduras baterem a agoa com varas, porque uns lhe saltavam nos olhos, outros lhe picavam na boca, e alguns se lhe metiam pelas ventas. E realmente que ha bem poucos dias que um captivo natural de Lisboa, que se chama Luis Alveres me disse fallando nisso, como seria possivel dar-lhe algum credito quem o não vio por seus olhos, o que não é muito, porque os Alarves de nenhum modo comem peixe, nem tem nisso o cuidado. Aqui nos aposentamos esta noite onde o mesmo Luis Alveres com anzois que fez de agulhas pescou mui facilmente muitos, e de mui bom sabor, com que nos valemos na presente miseria.

Ao outro dia fomos caminhando na maneira sobredita, todos postos em som de guerra, e como fizesse grande calma, encontrando uma piquena ribeira de

agoa mui clara, os mais dos captivos assodadamente nos lançamos a ella, e alguns bocados bebemos, primeiro que sentissimos que era salgada, o que vendo alguns Elches de nossa companhia, e juntamente a confusão em que estavamos, festejavam muito nosso engano, e na verdade todos ficamos mui suspensos, porque logo na mesma ribeira vimos andar crangejos, e as pedras cubertas de caramujos, e tanto mais nos causava maravilha vêr que vinha da parte da terra, e de nenhum modo podiamos atinar com a causa, mas logo nos foi dito que a ribeira passava por uma serra de sal, que a natureza naquella terra cria, por lhe não faltar cousa alguma, e que as agoas até não chegarem á serra eram doces (como logo adiante vimos) e depois de passarem por ella salgadas, como a nossa custa experimentámos.

D'esta maneira iamos caminhando, aposentando-nos sempre ao longo das ribeiras, donde pela intelligencia de nosso companheiro eramos soccorridos de peixe, que a ser d'outra maneira nenhum de nós chegara vivo, segundo a miseria dos mouros. Em todo este caminho até o meio d'elle, onde está a cidade de Tedula, não vimos cousa alguma, senão alguns aduares pelas montanhas, que são uns pequenos povos de tendas de lã de cabras, situados em circulo, d'onde os Alarves de noite recolhem seus gados.

Tedula é um lugar bem pequeno, donde prende o nome o espacioso campo de Tedula, que será de quinze legoas em comprido, e seis de largo, todo igual e chão, por onde caminhamos dous dias, que realmente cansavam os olhos de vêr tão fermoso espaço; alguns rios passamos neste caminho, principalmente aquelle em que Reduão esteve quasi determinado em sua bem aventurada partida.

Depois de termos andado pouco menos que as duas

partes do caminho, fomos fazer jornada a uns montes, por não haver ribeira alguma naquella paragem, onde encontramos uns aduares de mouros, tão pobres que não comiam outra cousa mais que a farinha que tiravam de uns certos espinheiros, cujo fruito era bem amargoso, moido em mós de mão, e não havia mais que uma lagoa de agoa chovediça, da qual nós tambem bebemos, depois de todos os cavallos entrarem a beber nella, que baste pera se haver dito o mais. Ha neste deserto infinitos leões, e logo nos aduares se chegou uma moura velha a um Elche de nossa companhia que se chamava Mami, e se passou no dia da batalha a nossa parte (como está dito) e lhe disse em sua linguagem que havia poucos dias que um leão lhe arrebatara uma ovelha diante seus olhos, e que vendo ella isto correra a elle com estranha ousadia, dando-lhe com a roca que na cinta trazia por cima da cabeça, chamando-lhe sujo e covarde, qne não tinha coração pera os bravos touros d'aquella montanha, senão pera a fraca ovelha de uma moura pobre, e que o leão ouvindo isto largara a presa, e se fôra baxando a cabeça, corrido e vergonhoso. Isto affirmava a moura, e posto que parece obra de entendimento humano, Mami e os mais companheiros lhe davam credito, acrescentando todavia que aquelles mouros usavam de certas palavras de encanto, como cá fazem aos lobos, e na India ás serpentes.

Ao outro dia fomos fazer jornada a um campo cercado todo de uma piquenn ribeira, onde nos aposentamos por ser lugar deputado pera isso, assi por rezão da agoa que só ha naquella parte, como por ser seguro dos leões, por respeito de estar cercado d'ella. Puzeram-se as tendas, e os mouros começaram a apanhar lenha pera fazer fogueiras, de que costumam cercar-se nas partes onde ha estes animaes; estando

d'esta maneira já quasi noite vimos pelas faldas de um piqueno monte da outra parte da ribeira atravessar um leão, olhando pera nós com passo vagaroso, dando alguns urros bem tristes e medonhos; quizera um captivo da companhia atirar-lhe á espingarda, mas por nenhum caso lho consentiram, porque fôra cousa mui perigosa assanhal-o, em fim elle passou de nós bem perto reconhecendo tudo, e toda a noite ninguem dormio com fogos e com desparar escopetas, estando todos postos em ordem como quem esperava um grande assalto; passada a noite que elles quasi toda andaram ao redor da cafila, ao outro dia pela manhã, já sol saido nos partimos, e como chovera alguma cousa de noite vimos o rasto de muitos que pela estrada andavam, e caminhando mais um pouco adiante ouvimos ao longo de um mato uivar muitos adibes, que são uns animaes como raposas pequenas, e querendo saber que fosse aquillo, nos foi dito que todo o leão trazia comsigo bem contra sua vontade quarenta, cincoenta d'aquelles, os quaes se não sustentavam mais que da presa que o leão fazia, depois de satisfeito, e quando elle se descuidava o desatinavam com brados, até que importunado se levantava a buscar presa, andando todavia a seu lado sempre mui precatados que lhe não chegue o leão, como tambem fazem os peixes a que chamam romeiros, com o tubarão, na costa de Guiné.

D'esta maneira caminhando, e aposentando-nos sempre ao longo das ribeiras, ao cabo de doze dias chegamos a Marrocos que está segundo o que parece ao pé dos Montes Claros, porém seis legoas d'elles chamam-se estes montes por outro nome Atlante, os quaes atravessam toda Berberia de Levante a Ponente, são mui alvos e fermosos, estão sempre os seus cumes cubertos de neve, pela qual rezão lhe chamam

claros; está esta cidade em vinte e nove gráos e dous terços de nossa banda no norte, onde sempre residem os Xarifes, é toda chã e mui bem assentada, terá quinze ou vinte mil vezinhos, por haver dentro nella muitas casas dc senhores, e alguns palmares e jardins ; está propriamente assentada como a cidade de Sevilha, e tem no meio uma fermosa torre a qual dizem que fez o mestre da de Sevilha ; tem quatro maças de prata em cima no chapitel, emfiadas em um varão de ferro mui grande a maravilha, e segundo se refere na historia dos Xarifes, um Rei dos Benamerines as mandou fazer dos quintos que lhe couberam do despojo de uma guerra de Espanha, e tem profecia que um Rei christão as ha de ganhar, e assi quererá Deos que posto que elles não possam profetizar que assertem sem saberem o que dizem como fez Caiphás na morte de Christo, e venham a pagar os interesses da individa occupação, com largarem toda a propriedade.

Nesta cidade acontece logo dous tres annos não chover, porque as serras dos Montes Claros parece que chamam a si as nuvens, como as montanhas na provincia de Lima da outra parte do mundo novo, porém decem das serras algumas ribeiras, das quaes se fazem artificiosamente muitas levadas que regam os campos, e d'esta agoa se bebe que é mui boa, e vão algumas dentro a cidade por debaixo do chão ; as casas são como as de Fez, e as ruas tambem, posto que mais largas. A mesquita da Alcaçova e passos reaes tem tres maçãs d'ouro mui grandes encima do chapitel como as de prata que havemos dito, as quaes não são todas de ouro, senão tem de redor grossura de um dedo d'elle, que vem a ser muito segundo são grandes, e as de prata são vazadas por dentro, como mais largamente se contem na historia dos Xarifes.

Os campos d'esta cidade são mui grandes e fermosos, dão muito trigo, porque são todos regados, ha muitas fruitas de todas as qualidades, senão cerejas e castanhas. Tem nesta terra os christãos captivos d'el-Rei um lugar cercado, a que chamam tercenal, donde vivem a seu modo, tendo igreja e pregações e tudo o mais como em terra de christãos; são officiaes, e pagam a el-Rei tributo. Os passos reais estão dentro na Alcaçova, lugar mui forte, bem murado, e com cava, são mui fermosos, onde Molei Moluco fez uma casa mui sumptuosa (que eu vi) na qual dizia que havia de ter a el-Rei D. Sebastião que assi o julgava por cousa sem duvida, antevendo em seu pequeno poder o certo fim de sua temeridade, e provera a Deos que assi acontecera, pois qualquer outro mal fôra suave a respeito de tanta desventura.

Nesta cidade como em côrte mais principal residem todos os alcaides e senhores, e a gente de guerra ordinaria, que o Xarife tem que serão desasete mil homens, aos quaes fazem paga cada quatro mezes; a mais gente se chama Masaguania, que são os alcaides, que residem nas villas e lugares e na mesma cidade, os quaes são obrigados acompanhar o Xarife todas as vezes que os houver mister, com sua gente de cavalo e de pé, pagando-lhe soldo, como aos ordinarios em quanto dura a guerra, e quando estão de paz não vencem mais que certa vestiaria que tem cada anno, porém nos aduares tem consignado suas rendas, e os alarves lavradores lhes pagam a rezão de quatro cruzados por cabeça cada anno, mas elles se dão tal ordem que os fazem pagar a dez e doze. As rendas dos Xarifes são muitas, mas a principal é d'esta qualidade, a que chamam guarramas, e nunca as vão colher sem exercito formado e acontece muitas vezes haver guerra mui cruel e serem os d'el-Rei

desbaratados pelos alarves, não podendo sofrer os desaforos que com elles usam.

Dizem que terá o Xarife tres contos de ouro de renda, fóra o que agora lhe vem da nova conquista do reino de Guago, e que estando um dia fallando nos muitos milhões d'el-Rei de Espanha, e do Gram Turco dissera que era mais rico que ambos, porque se tinha tres não gastava mais que dous, e certo disse mui bem, pois vemos cada dia e cada hora tantos homens perdidos que deixados levar das vaidades gastam mais do que tem, sem mais outra rezão ou fundamento.

Tem Marrocos uma Judearia como a de Fez, mas não de gente tão rica por haver pouco que os saquearam. São os mouros nesta cidade infinitos, assi pela assistencia dos Xarifes, como pela abundancia d'ella, porém de muitos generos, porque uns são azuagos que descendem de christãos, como havemos dito, outros se chamam andaluzes que são os que se passaram a Berberia das guerras de Granada, outros descendem de judeos tornadiços, e muitos de turcos, os outros que são os verdadeiros e naturaes, são arabes, e nós lhe chamamos vulgarmente alarves. Estes são de Arabia, donde tomam o nome; são pardos na côr, tem o cabelo nedeo, e são os mais nobres e mais antigos; são naturalmente mudaveis e pouco fieis, vivem os mais d'elles nos campos e montes em aduares, que são uns pequenos povos de tendas de lã de cabras, assentados em circulo por recolherem dentro seu gado de noite, e cada vez que lhe está bem mudarem o lugar como seja de tendas o fazem mui facilmente pera onde lhes bem parece, que a terra é comum por ser toda d'el-Rei, e tamanha que pera tudo basta.

Em Berberia não ha outra nobreza senão esta an-

tiguidade dos alarves (que lhes vai mui pouco, antes são todos quasi pobres lavradores) mais que aquella que os Reis dão por merecimento das armas, e valor da pessoa, que realmente parece cousa mui justa senão tivera uma grande crueldade, a qual é que a fidalguia que o pai alcançou por seus merecimentos não abrange a seus descendentes, porque acontece ser um mouro alcaide mui principal, e nobre nos livros d'el-Rei na fórma em que elles o costumam, e tanto que morre ficam seus filhos pobres e abatidos. E não é isto sómente na gente nobre, mas nos Principes, tanto que um irmão do Xarife que comnosco ia era em Alcaçar depois de nossa perdição porteiro de apregoar jumentos perdidos, e sobrinho do mesmo Rei que então reinava.

Não é isto assi por certo neste nosso reino, senão que bastou uma só vez chegar um homem a ser fidalgo pera o serem seus descendentes de juro, por mais inutis e pera pouco que sejam, e quanto isto é mais assi pois não é rezão que se imitem em nada as condições e regimentos de barbaros, todavia parece que deviam ter os Reis (principalmente neste reino) muita conta com os merecimentos e qualidade das pessoas, fazendo estas mercês por serviços honrosos, como quasi todas as nações do mundo fizeram, buscando modo com que gratificar as obras de valor e merecimento.

Antiguamente chamavam se vilãos aquelles que moravam dentro nas villas, porque como fracos officiaes não se davam por seguros em parte que não fosse mui bem murada, pelo que os homens principaes e cavaleiros (no tempo em que não havia foros em casa d'el-Rei) edificavam torres no campo onde se recolhiam com sua gente de pé e de cavalo, e donde sahiam a pelejar com os mouros tão fortes como inda hoje se vêm na cidade do Porto onde

pousam os descendentes d'estas gerações que já naquelle tempo de trezentos quatrocentos annos a esta parte eram nobres e fidalgos, e nesta maneira ha neste reino outros lugares de muita antiguidade e nobreza, cujos descendentes não parece rezão certo serem preferidos, por rezão do novo fôro que seus avós, quiçá confiados em sua qualidade não quizeram pretender, salvo quando bastantes merecimentos no bem comum da patria no serviço d'el-Rei forem dignos de semelhantes honras e mercês.

Mas tornando a nosso proposito por não fazer tão larga digressão fóra d'elle, posto que havia bem discorrer sobre esta materia que não resultaria em pouco proveito da honra d'este reino, que todos somos obrigados a desejar, digo que entramos nesta cidade d'onde havia muitos captivos, tratados porém com muito mais respeito e humanidade, pelas rezões que logo diremos.

CAPITULO XVI

Como foram os embaixadores recebidos do Xarife, e eram tratados os fidalgos captivos

Já neste tempo eram chegados a Marrocos os embaixadores Pero Vanegas por parte de Sua Magestade, e D. Francisco da Costa por el-Rei D. Enrique, aos quaes fez o Xarife mui desuzadas honras e cortesias em seu recebimento, e gasalhado assi por serem os primeiros que nunca até li entraram em Berberia com nome de embaixadores como por sua qualidade, além dos presentes mui ricos que cada um levava, que de tudo o enriqueceram nossas miserias. Foram estes embaixadores aposentados em casas mui nobres, onde lhe mandava dar o Xarife mui abun-

dantemente cada dia o necessario pera elles e pera toda sua gente: tanto que os sobejos bastavam a outras muitas pessoas que d'isso se queriam aproveitar, posto que a D. Francisco como lá ficou até que faleceo veio o Xarife pouco e pouco a tirar tudo.

Eram nesta cidade tratados os captivos melhor que em toda a outra parte, assi por ser a gente mais nobre e principal, como pela assistencia dos embaixadores a quem el-Rei deferia mui particularmente. Os fidalgos captivos que foram trazidos por seu mandado e intelligencia de Alcaçar, Tetuão, Larache, Sallé, e de outras partes estavam aposentados dentro na judearia em uma rua a que chamam Derbe com guardas mouros á porta em casas despejadas que os judeos lhe largaram por ser gente mui pobre, que nem pera si tinham gasalhado pela rezão que havemos dito. Os que estavam neste recolhimento, além de outros que se puderam livrar da mão d'el-Rei, eram os seguintes:

D. Duarte de Meneses — D. Pedro de Meneses — D. Antonio de Castro, conde de Monsanto — D. Francisco de Portugal, filho do conde de Vimioso — D. Manuel Mascarenhas — D. João Tello — D. Duarte da Costa — D. Marcos de Noronha — Francisco Barreto de Lima — Martim de Crasto — João Monís — Christovão de Mello — D. Enrique de Meneses — Miguel Telles de Moura — D. Gaspar de Sousa — D. João Pereira, depois conde da Feira — D. Alvaro da Silveira, filho do conde da Sortelha — D. Antonio Dalmeida — Antonio de Saldanha — Fernão de Mendoça — D. Manuel Pereira — D. Pedro de Castelbranco — D. Pedro da Cunha — João Brandão de Lima — Ruy Gil Magro — Simão Mascarenhas — D. Brás Enriques — D. Martinho Enriques — Pedro do Cem — Nicolau de Faria — D. Lucas de Portugal —

Pero Corrêa Dandrade -- Damião de Sousa — Heitor de Moura — João Gomes de Lemos da Trofa — Ruy Lopes Coutinho — Diogo de Mendoça Arraes -- Antonio de Moura Telles — Ruy Diaz da Camara — Simão Corrêa Barem.

Havia mais além d'estes fidalgos alguns religiosos em que entrava o padre Frei Vicente da Fonseca, e outros homens nobres aos quaes chamavam do segundo rol.

O duque de Barcelos foi por mandado do Xarife aposentado particularmente fóra da Judearia nas casas do embaixador de Castela, onde estava com alguns fidalgos seus criados como a semelhante Principe convinha, e neste tempo visitou o Xarife duas vezes, o qual lhe fez tantas cortesias com tão grande respeito que não fez falta a idade em cousa alguma, pera não lhe dar tudo o qne lhe era devido. Os fidalgos que estavam no Derbe se agasalhavam em camaradas, conforme ao parentesco ou amisade que entre elles havia; alguns se acomodaram em casa de D. Francisco de Portugal, filho do conde de Vimioso, forçados de sua afabilidade e cortesia, onde havia missa todos os dias, e pregações a seu tempo, que esta era a primeira cousa em que punha o cuidado, além de ser emparo e refugio a todo o homem nobre em Berberia, mas que podia faltar a quem das melhores partes tinha tudo.

Todos estes fidalgos que estavam em Marrocos, ou os mais d'elles vieram a poder d'el-Rei depois dos do contracto do numero de differentes partes como havemos dito, onde passaram (em quanto lhes foi possivel) muitos trabalhos por se não descobrirem, porém sendo malsinados não tiveram outro remedio. Tanto que foram juntos assertaram que se devia dar conta a el-Rei D. Enrique, e não fazerem nada sem

seu mandamento, o que foi mui bem considerado de sua parte, e agradecido da d'el-Rei: e o Xarife não apertou com elles esperando que resgatando-se cada um em particular lhe viesse mais proveito que de todos juntos, manifesto sinal de como não estava mui saboroso do corte dos oitenta, assi porque nunca nos mouros a cobiça tem limite, como pelo que lhe haviam os cacizes metido em cabeça.

Deram estes fidalgos conta a el-Rei D. Enrique no estado em que estavam, e como a petição dos procuradores dos oitenta sua Alteza tinha ordenado mandar D. Francisco da Costa por embaixador determinou que elle os resgatasse, e assi tanto que foi em Marrocos começou a tratar do resgate de cada um em particular, e ajudando-se do favor d'el-Rei pera com o Xarife foram cortados a cinco mil cruzados, e alguns a dois e tres, mas outros a dez, quinze e dezaseis como foram D. Duarte de Menezes, D. Antonio de Crasto, D. Francisco de Portugal, Martim de Crasto, e além d'isso todos deram um mouro por si do aduar de Tali Maçude que custou cada um mais de duzentos cruzados. El-Rei Enrique lhes fez mercê a cada um de quinhentos mil réis, que vem a ser outro tanto como mandou aos fidalgos do numero nos cem mil cruzados, de que lhe tambem fez mercê, os quaes lhe dava D. Francisco ou em letra ou em dinheiro.

Occupavam-se estes fidalgos ordinariamente em ouvir missa, e depois em honestas conversações, sendolhe mui grande alivio estarem todos juntos; davam muitas esmollas e ajudavam a resgatar muitos captivos, dando ordem a alguns pera fogirem no que se lhes deve realmente muito louvor, porque além de se aventurarem a pagar seu resgate encorriam na indignação d'el-Rei; eram todavia depois que vieram os

embaixadores tratados com mais respeito, mas sem embargo d'isso tambem estavam sogeitos a quantas miserias trás consigo o infelice estado de captivos, e assi haviam mister muito favor divino pera se livrarem a cada passo de cousas que lhe aconteciam como logo veremos nesta que me pareceo rezão contar pera que se julguem as mais.

Depois que o Xarife pretendeo haver ás mãos Molei Naçar seu sobrinho, dizendo que não havia de deixar sair algum captivo de Berberia em quanto lho não entregassem, como havemos dito, nunca mais deixou de tentar isto por todos os modos, ou de lhe tirar a vida, pera o que mandou chamar um dia Antonio de Moura Telles, estando elle bem descuidado de semelhante sucesso, e lhe disse: eu estou informado que és homem de quem se póde confiar qualquer negocio de importancia, e que manterás segredo no que te fôr encomendado; a mi me importa não menos que a segurança de meus reinos e quietação de minha pessoa, que não viva Molei Naçar meu capital inimigo, pelo que fazendo pera este effeito de ti particular eleição te quero dar liberdade, e além d'isso vinte mil miticais, e fio de tua pessoa e fidalguia que comprirás meus licitos desejos, dando o castigo que merece dignamente um levantado, que conspirou contra a pessoa de seu natural Rei e senhor. Esse mouro qne ahi vês de cujo valor e lealdade eu estou bem certeficado levarás contigo, que pera este effeito em tudo seguirá tua ordem, e debaixo d'este mandamento, e de minha palavra pódes ir mui seguro, que eu te darei um alvará pelo qual se saiba em todo o tempo que como escravo meu te pude mandar a este negocio, no qual se por ventura fores achado não temas cousa alguma que o poder dos Reis não é limitado, e a mais obranje que no seu imperio.

Estava neste tempo Antonio de Moura posto de giolhos diante d'el-Rei considerando por uma parte a vehemencia e magestade com que o mouro dispunha tão levemente de seu credito, vida e honra, por outra quão vesinho estava da morte, dando qualquer escuza por justa que fosse: pondo os olhos juntamente no mouro companheiro, o qual era agigantado, e mostrava no semblante estar já com as mãos no homicidio, de modo que se vio cercado de mil sobresaltos, até que pôde com o favor divino responder d'esta maneira:

Bem sei senhor que o conceito e opinião dos Principes póde dar novo ser a qualquer homem, pelo que posto que conheça mui bem minha fraqueza, já des agora me quero julgar capás de grandes cousas, e assi me offereço a fazer tudo o que convem a teu serviço obedecendo como captivo teu que sou, sem mais outro algum premio que a satisfação que me ficará de haver comprido o licito mandamento de um tão grande Principe, e porque mais seguro estejas que farei tudo o que me fór possivel sem antepôr alguma cousa a teu serviço, eu te quero dar fiança dos cinco mil cruzados em que estou cortado. Folgou com isto muito o Xarife gabando-lhe o mostrar-se tão desenteressado, e lhe entregou seu companheiro encomendando-lhe de novo o segredo d'este negocio. Partio-se Antonio de Moura praticando com este mouro que mui bem fallava castelhano com toda a dissimulação possivel, e como a sua determinação foi logo quando respondeo ao Xarife por se livrar da morte pagar o que devia de resgate, e não cumprir seu mandamento deu a fiança dos cinco mil cruzados em que estava cortado.

Andou d'esta maneira Antonio de Moura alguns dias, nos quaes ia algumas vezes ao Xarife por seu

mandado, e o mouro seu companheirr juntamente a praticar o modo que se havia de ter neste negocio; e estando já de caminho aviado de tudo, parece que teve o Xarife esperanças por outra via, que não ha pera que se diga, de poder vir isto melhor effeito, e desistindo d'este primeiro conselho estava mui arrependido de se ter descuberto a Antonio de Moura, e assi por se livrar de se saber alguma hora tamanha maldade, trocando a sorte de um outro innocente, determinou matar a Antonio de Mouro debaixo de qualquer aparencia de justiça, pera o que chamou um Elche, ao qual informou mui bem do que havia de fazer, dizendo que confessasse que lhe furtara uma espada de ouro, e que a vendera a um fidalgo, e sendo-lhe pera este effeito mostrados todos apontasse em Antonio de Moura.

Começou logo el-Rei a queixar-se d'este furto, e mandou prender o Elche, o qual confessou tudo como lhe era mandado. Estando pois Antonio de Moura bem descuidado de todas estas cousas entrou pelo Derbe dentro o Elche preso, e sendo-lhe mostrados os fidalgos apontou em Antonio de Moura que mui bem conhecia, como lhe estava mandado. Bem se pode julgar qual este fidalgo ficaria, percebendo logo a qualidade da malicia, assi por que via tardar o seu despacho, como por lhe ser revelado alguma cousa do novo dissenho e determinação d'el-Rei.

Vendo pois Antonio de Moura como o Xarife por encobrir suas maldades não se fiando d'elle lhe queria tirar a vida, tomando por achaque este furto, de que ella se conhecia bem innocente, se foi na mesma hora a casa do embaixador Pero Vanegas, dizendo como o Xarife o queria matar por um testemunho falso que lhe levantavam a cerca da espada d'ouro (sem por nenhum caso lhe descobrir a verdade do

negocio) estranhou isto muito Pero Vanegas, porque Antonio de Moura se justificou de maneira que ficou elle inteirado de sua innocencia, e lhe disse que logo iria ter com o Xarife; não tardou muito que Antonio de Moura fosse preso e levado a uma casa que está na orta d'el Rei, donde se costumavam pôr os delinquentes que haviam de padecer, na qual esteve toda a noite cheio de tão estranha agonia, como se pòde considerar de um innocente condenado á morte por tão desusados e escondidos modos.

Tanto que Pero Vanegas soube d'esta prisão quizera ir logo fallar ao Xarife, mas não lhe foi possivel por ser já mui de noite: porém pela menhã de madrugada se foi ao paço, e mandou dizer a el-Rei que lhe queria fallar em uma cousa de muita importancia; mandou o Xarife que entrasse, e como elle pera significar melhor suas queixas e a determinação que tinha fosse vestido de caminho com as esporas calçadas, lhe preguntou o Xarife que novidade era aquella? ao que elle respondeo que se vinha despedir de sua Majestade, e que estava já d'aquella maneira, pois não era bem que elle estivesse mais em terra donde sua Majestade mandava matar um fidalgo tão honrado como Antonio de Moura por uma espada, posto que fôra de diamantes, quanto mais que elle estava innocente de semelhante furto, que pedia a sua Majestade revogasse a sentença, e no que tocava a satisfação posto que não houvesse de sua parte culpa alguma, outra espada se lhe daria de mór preço.

Ficou el-Rei maravilhado da determinação do embaixador, e procurou em todo o modo vêr se podia descobrir mais neste negocio, e se lhe tinha Antonio de Moura descoberto alguma cousa, mas como o embaixador não sabia nada, mal podia descobrir o que el-Rei pretendia saber. E vendo o Xarife todavia como

Antonio de Moura, nem com o temor da morte descobrira seu segredo, houve que era capás de se poder fiar d'elle, e detreminou perdoar-lhe a culpa que não tinha, dizendo ao embaixador que logo o mandaria soltar, e que sua tenção não era senão descobrir o furto de que estava mui queixoso. Mas pois elle era innocente que o Elche o pagaria: beijou-lhe o embaixador a mão por esta mercê, e foi logo pela manhã solto Antonio de Moura, depois porém de ter passado este espantoso trago da morte.

Ao outro dia o mandou o Xarife chamar onde se vio em outro sobresalto mui grande, principalmente quando entrou na casa onde elle sómente estava. Porém com muito animo se pôs de giolhos diante d'el-Rei, o qual lhe disse: uma só cousa quero que saibas, a qual é que o braço dos Reis não ha lugar que não alcance; vai-te muito em bora, e onde quer que estiveres faze conta que me tens presente.

Partio-se Antonio de Moura significando com muita obediencia o segredo d'este negocio, e em breve tempo veio a Mazagão por seu resgate. E nesta cidade ha bem poucos dias que me elle confessou, preguntando-lhe eu por estas cousas depois de ser morto este Xarife, que nunca isto em sua vida revelara a alguma pessoa (que tanto respeito se deve ao segredo dos Principes) e sómente o descobrira a el-Rei D. Enrique, vendo passar um dia pela rua Nova d'esta cidade o mouro que o Xarife lhe dava por companheiro, por nome Abraen, d'onde infirio que desenganado o Xarife do que por outro modo pretendia, mandou o mouro pera matar Molei Naçar, no que se fez diligencia e se deu todo o remedio: e mais me affirmou, que quando o Xarife o chamara pera este negocio lhe dissera algumas cousas que lhe haviam acontecido, as quaes ninguem podia saber senão por

via do demonio, e não é muito pelas grandes feitiçarias dos mouros.

Estes e outros successos havia a cada passo, e porque se acabe de entender quão necessario era o favor divino pera se livrarem não sómente d'aquillo de que podiam ter receio, mas ainda do que não podiam recear, me pareceo bem contar aqui outro perigo bem grande, em que se vio tambem um d'estes fidalgos. E porque milhor se entenda, é de saber que entre os mouros ha uma certa maneira de ermitaens, que fazem mui aspera vida, além da comum abstinencia, os quaes são mui estimados e havidos por sanctos em sua lei, a quem geralmente chamam Morabito; trazem sempre os pés descalços e a cabeça descuberta, com grande grenha, um pellote de aspero saial sobre a tisnada carne, são mui dados a sua escusada oração, e d'esta mesma sorte ha tambem mouras havidas por tão sanctas entre esta barbara gente, que chegaram algumas a dar passaporte pera entrar no ceo, como se verá em uma senhora, cuja vida primeiro contaremós, porque melhor se entenda o que havemos de dizer.

Tinha o Xarife Molei Amet que neste tempo reinava em Marrocos uma irmã, a qual chamavam Lela Mariam, molher já de idade, e que nunca casou, tão avisada, grave e contrafeita que os mouros a tinham por sancta, com tão grande conceito de sua virtude que chegou como havemos dito a dar passaportes pera o céo, os quaes eram tidos em mui grande estima, e não havia senhor que os não pretendesse por valias, ou os não comprasse por dinheiro, não reparando no preço, por grande que fosse, ou por cuidar realmente que tinha o ceo certo, ou por lisongear el-Rei seu irmão, tudo póde ser que se ajuntaria, a cerca do que aconteceram algumas cousas em nosso

tempo assás graciosas, que não convem a nossa relação.

D'esta maneira vivia esta senhora mui amada d'el-Rei e de todo o mundo, a qual neste tempo esquecida algum tanto de sua hipocresia, se deixou levar de um pensamento amoroso, significando a D. Francisco de Portugal, por meios que lhe não faltaram que lhe não eram desagradaveis suas cousas, e posto que em principio tratou isto com muita singelleza e confiança, a modo de zombaria, chegou porém a lhe mandar dizer (metendo este negocio em rezão de virtude e matrimonio) que se reparava em ella ser d'outra lei, não lhe desse d'isso, porque não seria senão o que elle quizesse, do que D. Francisco de Portugal ficou mui emfadado, porque neste negocio, ou negando ou concedendo qualquer perigo era mortal. E temendo muito algum testemunho falso que as molheres levantam facilmente por qualquer desdem, começou a resentir-se como bom christão que era, da facilidade com que se deixara levar d'estas zombarias, que podiam vir a ser pesadas, do que lhe não dava pequeno indicio vêr que chegando se neste tempo a Pascoa dos Christãos, deu Lela Mariam um banquete mui esplendido a todos os fidalgos a nosso modo.

Andando pois D. Francisco descontente e receoso, porque a moura gracejando, tratava todavia de ameaças, chegou um recado do Xarife, no qual lhe mandava que fosse logo a elle; bem se póde julgar qual ficaria com tão grande sobresalto, principalmente sendo esta senhora tão amada d'el-Rei e tida por tão sancta, mas D. Francisco a quem não accusava a consciencia, como nunca tivesse outros temores, tratando todavia primeiro de sua alma, foi muito confiado, com animo disposto a sofrer mil martyrios quando se offerecessem, chegou em fim donde o Xarife estava, o

qual tratou sómente com elle sobre a materia de seu resgate, de que tornou mui satisfeito, e entrando pela porta da Judearia, onde o estavam esperando com assás de temores arremessou o cavalo em que vinha, enchendo os olhos a todos de estranha alegria, que geralmente era com rezão amado. Foi a moura todavia d'aqui por diante sofrendo milhor seus desenganos, e lançando a boa parte as cousas, que em fim como senhora não quiz que outrem soubesse este desprezo, senão amor sómente, quando fosse verdade o que se suspeitava, mas ella procedeo de maneira, que bem se póde ter que foi este negocio mais graça e passatempo que outra cousa, porém quando acontecera (como pudera ser) que a moura seguira outro caminho, e amor, e piedade, ou particular respeito não bastaram, bem se deixa entender o perigo em que este fidalgo estava, sem ser culpado em cousa alguma, pelo que se póde bem julgar a quantas cousas não esperadas como havemos dito estavam todos sojeitos debaixo da vontade e alvedrio de seus inimigos.

Foi depois esta senhora sempre continuando todavia com muito boas obras, emquanto estes fidalgos estiveram captivos, e mandou alguns presentes a D. Francisco quando sahio de captiveiro, os quaes elle saberia mui bem satisfazer, como tão liberal e magnanimo que era.

Tambem havia nesta cidade uma mulher portugueza, mui amiga dos christãos (que entre tantas miserias algum refugio se achava ás vezes) a qual se chamava Lela Quebir, que quer dizer senhora grande, e era casada com um Elche, Viso-rei da provincia de Dará, mui privado do Xarife, e parece que foi filha de algum cavalleiro d'aquelles que captivaram no cabo de Gé, porém ella vivia de maneira que só nos

trajos era moura, e assi fazia muitas esmolas aos captivos, mandando de graça todos os que vieram a seu poder, e aos fidalgos mandava muitos presentes, principalmente quando se partiam, sendo de alguns visitada, como se estivera neste reino; tinha duas filhas mui bem parecidas que falavam português como sua mãi, casadas com dous Elches, um d'elles era homem nobre, castelhano de nação, natural de Cordova, por nome Solimão, o qual depois de estar resgatado se tornou mouro, pelo que o Xarife o tinha em grande conta, e o fez seu estribeiro mór; o outro era português, vedor da fazenda, de maneira que a casa era toda de grandes a seu modo, e assi os seus aposentos occupavam todo um bairro, com muitos mouros de guarda á porta.

Era esta senhora (que assi lhe podemos chamar por suas grandezas, e porque morreo da maneira que logo diremos) mui afabil, branda, e por estremo avisada, tanto que mais parecia criada no regaço das Princesas de Orbino, que entre esta barbara gente, mas o animo de christã parece que lhe dava novo ser; ella, suas filhas, e todas suas donzellas turcas e andaluzas falavam português, de maneira que não havia differença em ccusa alguma da casa de um senhor de Portugal á sua, mais que nos trajos, que tanto discordavam com as palavras, não deixavam porém de falar o arabio, como quem se criou na mesma lingoa, mas só com os mouros de fóra usavam d'elle, que os de casa tambem sabiam falar português. Tinha esta senhora um captivo d'el Rei em sua casa, homem nobre do segundo rol, o qual era seu parente, ou ao menos soube fingir que o era, ao qual deu oitocentas onças pera seu resgate, e por seu respeito fez bem a muitas pessoas, e eu posso mui bem testemunhar d'isto que sempre em Marrocos estive nesta

casa, posto que foi pouco tempo. E certo é cousa digna de maravilha vêr a facilidade, amor, e cortesia, com que esta gente tratava, e não digo eu os fidalgos e senhores, mas qualquer captivo nobre, sentando-os á sua mesa sobre almofadas de borcadilho d'ouro, em casas soberanas de maneira que parecia um notavel desproposito, mas realmente aquelle intenso desejo que trazem de continuo da lei em que nasceram (de quem jámais se esquecem) os faz com tanta igualdade considerarem-se em terra de christãos. Deleitavam-se muito estas senhoras em ouvir fallar nas cousas de Portugul, e ás vezes choravam muitas lagrimas nas lembranças d'ellas, posto que nunca as conhecessem, que tanto póde a força de rezão e amor da patria.

D'esta maneira viviam estas gentes, sendo porém seus maridos os principaes alcaides que el-Rei tinha: e o visorei marido de Lela Quibir mui gram personagem, e de muita confiança, pelo qual respeito era esta senhora summamente amada do Xarife, e tambem por suas partes, de maneira que a visitava muitas vezes, e estando ella doente da enfirmidade de que falleceo, mandou dizer ao Xarife que se a queria vêr como moura que o não fizesse, porque ella era christã, e sem embargo d'isso elle a visitou, dissimulando o que entendia, e d'esta maneira falleceo, confessando-se geralmente alguns annos depois que os fidalgos se vieram, e bem se póde cuidar que haveria Nosso Senhor misericordia com sua alma, e que suas filhas seguiriam o mesmo caminho.

CAPITULO XVII

Da fogida que fizeram D. João de Vasconcellos e D. Luis Coutinho de Marrocos, da morte de Reduão e como partio a cafila dos captivos

Houve nesta cidade mui notaveis fogidas, principalmente a que fizeram D. João de Vasconcellos, e D. Luiz Coutinho, assi pelo desusado modo d'ella, como pela qualidade das pessoas, e foi que estando captivos de Lela Mariam a senhora irmã d'el-Rei havida por sancta, de quem havemos tratado, se havieram com um mouro da serra do Farrobo, junto a Tanjar, por nome Amet, o qual depois que se concertou com elles trazendo em sua companhia alguns homens nobres se partio pera Fez, indo os fidalgos em trajos de mouros, e os mais como captivos. No mesmo dia em que se deliberou publicamente, como quem fazia seu caminho ordinario os mouros que os fidalgos e captivos acharam menos, por mandado d'el-Rei correram em um momento ao caminho que vae pera Mazagão imaginando bem mal o que elles tomaram, que era pela terra dentro, ao revés do que cuidavam, e não sómente buscaram tudo, correndo todas as vias, mas foram até as portes de Mazagão, onde cuidavam que tinham a presa certa, e estiveram setecentas lanças sobre a villa dous mezes. Neste tempo chegaram os fidalgos a Fez, com sua guia e mais captivos, mui d'espaço conversando e fallando com os outros mouros das cafilas e dos aduares, e tanto que chagaram á cidade o mouro Amet por dissimular comprou umas casas onde se recolheu com a companhia, dando a entender que eram novos Elches, e que vinham ao serviço d'el-

Rei. Entre tanto os mouros que estavam de cerco sobre Mazagão, desesperados já da presa se tornaram a Marrocos sem poderem atinar em cousa alguma, imaginando sómente que os captivos se puseram primeiro em salvo que elles chegassem.

Amet neste tempo se partio publicamente com sua companhia de Fez, com muita dissimulação e confiança pelo caminho de Alcaçar, onde não entraram, porque a sua tenção era só dar a entender que seguiam seu caminho direito, e assi passaram como que iam pera Tetuão, entrando em uns aduares junto d'elle, d'onde se foram a Tanjar, passando tantos perigos e trabalhos como se póde imaginar de semelhante caso, os quaes eu realmente folgara de escrever todos, mas não pude achar mais informação, antes falando com um d'estes captivos nobres que digo, o qual foi por ventura um dos primeiros no perigo e no negocio, por ser mui bom soldado, já mais pude acabar com elle que me desse a informação particularmente, e na verdade são nesta maneira de contar suas cousas os portugueses mui emcolhidos, não sendo assi pera as obrar, do que João de Barros com tanta rezão se queixa.

Nesta cidade como havemos dito estavam todos os alcaides principaes, mouros, andaluzes e Elches, entre os quaes Reduão em privança e dignidade fazia ventajem a todos, o qual havia poucos dias que chegara de Fez, como dissemos, e corria neste tempo com todo o peso do resgate dos fidalgos, quando estando no cume de suas mal entendidas bemaventuranças el-Rei determinou de o matar, ou fosse porque lhe seria revelado que dera ouvidos á deliberação dos fidalgos ou por se livrar de semelhante personajem que é o mais certo, não se esquecendo nunca de sua antigua injuria. Sentio isto mui bem Reduão por mais

que o Xarife com elle dissimulasse, e foi dar conta a Pero Vanegas, embaixador de sua Majestade, como a pessoa a quem el-Rei tinha grande respeito, tratando de sua fidelidade, e como seus inimigos o perseguiam injustamente levantando-lhe testemunhos falsos, e que lhe pedia quizesse informar a el-Rei, mas o embaixador a quem sua Majestade havia mandado a soccorrer captivos, e não a remedear Elches, inteirado tambem, e magoado da occasião que elle deixou perder, lhe respondeo que semelhantes materias eram mui pezadas, e os Reis depois de justificados comsigo eram mui máos de dissuadir, quanto mais que sendo elle christão, e falando por Elche mais depressa o julgaria o Xarife complice que intercessor, pelo que não havia de falar em cousa alguma, nem lhe estava bem.

Partio-se Reduão com esta resposta tão desconsolado e arrependido que chegou ao confessar a alguns Elches (os quaes se vieram depois a este reino, de quem se isto soube.) Andando pois d'esta maneira, valendo-se de alguns amigos com suas justificações o mandou el-Rei chamar sobre a materia do resgate, e entrando pela porta da camara foi arrebatado dos da guarda, que logo lhe tomaram os papeis e chaves que levava. Vendo-se o triste d'esta maneira, bem certificado de sua desventura, ou fosse por cuidar que escaparia, ou porque realmente o demonio tinha tomado posse d'elle, disse sómente que o deixassem fazer a Celá, e que dissessem a el-Rei que morria mouro; deram-lhe os siteres mui breve tempo a esta infernal oração, e como o Xarife havia mandado que o matassem, sem lhe escuitarem cousa alguma, em um momento o acabaram ás cotiladas.

Feita a diligencia soube el-Rei o que havia dito, e em premio de haver tambem contestado mandou que o levassem ao posso dos Principes que está no seu

jardim, a que chamam de guerreiro, d'onde lançam os Moleis que elle manda matar com rezão ou sem ella. D'esta maneira acabou este miseravel homem, no qual os fidalgos e mais captivos perderam bem pouco, porque era contra todos por se justificar com el-Rei; sentiram isto muito os Elches, e pelo contrario se alegraram os andaluzes, que são grandes seus enemigos, porém o Xarife os mandou chamar, e os assegurou com muitas palavras, dizendo que os tinha em conta de filhos, e que estivessem seguros, que Reduão pagara o que merecia.

Cousa é certo digna de maravilha, vêr a conta que os Reis de Berberia fazem d'esta gente, posto que seja um pobre official mechanico, como dizem d'este que era filho de um sapateiro de Villa Real, porém a mi me affirmou Antonio de Moura que era homem nobre natural de Portalegre, onde tinha parentes, e que elle o vira em moço na mesma cidade; seja d'onde fôr, elle foi bem malaventurado, e bem mal aconselhado.

Neste tempo o padre Frei Ignacio de Jesus corria com o resgate geral dos captivos, com muita diligencia, zêlo e cuidado como religioso que era de muita virtude e sanctidade dando conta ao embaixador D. Francisco, e communicando com Luis Fernandez, ao qual el-Rei D. Enrique pera este effeito mandou em companhia do embaixador, e assĩ foi ordenando uma cafila de muitos captivos, os quaes depois de resgatados e avindos com seus amos, ou com dinheiro, ou com fiança pagavam os quintos a el-Rei de seu resgate, e depois d'isto os dizimos d'estes quintos, invenção ou tyrannia que só mouros poderam descobrir Foram estes captivos por algumas vezes ao tribunal do paço, d'onde lhe escreveram os nomes e tomaram os sinais, e depois de bem examinados partiram de

Marrocos, levando quatro mouros de guarda, e dous escrivães, e um irmão religioso da Sanctissima Trindade.

D'esta maneira caminhando ao cabo de cinco ou seis dias chegaram a vista de Mazagão, que de Marrocos estará vinte e cinco legoas; bem se póde julgar o contentamento e alvoroço com que esta gente veria aquelles fortes e amigos muros desparando as bombardas, todos cubertos de bandeiras, e de molheres e meninos, com as mãos levantadas, dando graças a Deos de verem sair de captiveiro mais de quinhentas pessoas, onde tambem vinham seus pais e seus maridos. Indo pois d'esta maneira já mui perto dos muros, como na vida não ha prazer perfeito, encontraram com o alcaide Cabus, fronteiro naquellas partes, o qual estava de pazes, pezando lacre e ootras mercadorias por conta de alguns fidalgos, e como visse tanta gente, ou fosse da magoa que d'isso recebeo, ou por cuidar tiraria algum proveito mandou parar a todos, e tomando conhecimento da cafila não houve os despachos por bons, e mandou que cominhassem pera Azamor; partiram logo os captivos com muitos mouros de guarda pera esta cidade, com os olhos postos em Mazagão, e com tanta tristeza como se póde imaginar; sentio isto muito João de Mendoça, capitão da mesma villa, mas como o alcaide estava com mais de mil homens de cavalo, não pôde resistir a cousa alguma.

Neste tempo os escrivães d'el-Rei começaram a fazer seus protestos de maneira, que o alcaide Cabus mandou tornar os captivos, os quaes mui devagar e contra sua vontade tinham já andado uma legoa, e assi quando chegaram era já perto da noite, pelo que aquelle dia não pôde haver despacho. Aposentaramse todos ao longo do mar, e como o campo estava de

pazes algumas pessoas mandaram de Mazagão de cear a seus amigos e parentes. Toda esta noite não houve entre elles alguem que pudesse dormir, e como era mui perto, alguns se puseram em salvo, não esperando o exame do outro dia, e foi Nosso Senhor servido que o alcaide não attentou nisso; tanto que foi manhã foram os captivos diante d'elle, lendo os mouros seus nomes, e elles mostrando os sinais que lhes tomaram, porém no meio do negocio o alcaide mandou que se fossem embora.

Sairam logo de Mazagão muitos clerigos com as cruzes levantadas em procissão, e os captivos começaram a caminhar a modo tambem de procissão, com uma cruz de pao que levantou o padre que com elles ia, a qual os mouros folgaram mui pouco de vêr. D'esta maneira caminharam um pouco em ordem, mas tanto que entraram dos valos pera dentro, cada um lançou a correr, olhando pera trás de quando em quando, sem saberem se iam por ceo se por terra (como dizem) parecendo lhe ser aquillo um sonho. E realmente é tamanho o contentamento de sair uma pessoa de captiveiro, que fica como fóra de seu sentido, nem póde haver alegria no mundo que com esta se compare: e eu o posso mui bem affirmar como quem o vio por experiencia.

Tanto que os captivos entraram das portas adentro era cousa muito pera notar vêr o alvoroço e desatino com que as molheres vinham abraçar seus maridos e seus filhos, e postos todos já então em mais ordem foram em procissão á igreja, onde com muitas lagrimas e soluços deram infinitas graças a Deos, o qual foi servido que estivessem ahi neste tempo seis ou sete caravellas do reino onde se embarcaram os mais dos captivos e vieram a salvamento; outras cafilas houve porém de menos porte, e tambem alguns

mouros e judeos punham em Mazagão por sua conta alguns captivos.

CAPITULO XVIII

Conclue-se o negocio dos fidalgos do numero, e dos mais de Marrocos; partem pera Ceita. Despede-se o duque do Xarife, segue o mesmo caminho

Neste tempo o embaixador D. Francisco da Costa que como honrado fidalgo e mui bom christão não descançava uma hora concluindo com os fidalgos que estavam em Morrocos, como tivesse preparado em fazenda, credito, dinheiro, e em pedraria os quatro centos mil cruzados que tocavam aos oitenta do numero, entregou ao Xarife a copia toda ficando por fiador de alguma parte, com o que lhe deu pleraria quitação, e tanto que concluiu enviou logo a Fez este recado, pera que os fidalgos se fizessem prestes, o qual foi recebido com aquelle gosto e alvoroço que só póde julgar quem foi captivo.

Neste tempo o embaixador Pero Vanegas como sua Magestade o havia mandado com grandes presentes ao Xarife só a fim de tratar bem os captivos, e se haver moderadamente em seu resgate, tinha feito seu officio com muito zêlo e cuidado, e alguns fidalgos eram já em Portugal (por ordem do embaixador D. Francisco) porque tanto que lhes vinha seu resgate se iam por Mazagão ou Ceita, porém como a tenção de sua Magestade fosse principalmente pretender a liberdade do duque de Barcelos seu sobrinho, depois que o Xarife concedeo isto a Pero Vanegas sem algum resgate, e deu liberdade da mesma maneira a

D. João da Silva, conde de Portalegre, que estava em Alcaçar captivo, e mui ferido posto que tivesse outros negocios importantes sobre os quaes ficou lá algum tempo, logo ordenou que o duque se viesse.

Despedio-se em fim o duque do Xarife, o qual lhe fez as costumadas cortesias, e partio pera Ceita com alguns fidalgos seus criados, e outros muitos captivos que resgatou. Nesta cafila vieram tambem D. Francisco de Portugal, D. Manuel Pereira, Simão Correa, e outros fidalgos, por cujo resgate ficou o embaixador D. Francisco, e elles o pagaram em Ceita, e o Xarife lhe fez mercê de seu sobrinho D. Duarte da Costa sem pagar cousa alguma.

Muitos ficaram todavia em Marrocos por não terem o comprimento de seu resgate, mas não foi muito tempo, sendo já falecidos nesta mesma cidade D. Anrique de Meneses, Pero do Cem e D. Gaspar de Sousa. D'esta maneira livraram estes fidalgos e os mais do numero pelo muito zêlo e diligencia do embaixador D. Francisco da Costa, o qual esteve depois muitos annos em Berberia, assim em refens do dinheiro porque havia ficado, como tratando alguns negocios, e tambem realmente porque o Xarife queria fazer honra e magestade de o ter por embaixador: porém elle acabou em Berberia quasi em captiveiro sendo liberdade a tantos, pelo que na verdade se lhe deve grande louvor, e el-Rei lhe está em muita obrigação além dos premios que terá no ceo, que nunca faltam quando faltem os da terra. E da mesma sorte em seu modo tambem não é pouco de louvar a deligencia e zêlo de Luis Fernandez, e lhe está em muita obrigação el-Rei e este reino, pois acabou em Marrocos nestes mesmos officios; não fallo já no padre Frei Ignacio de Jesus, e Frei Antonio da Concepção, e os mais religiosos da Santissima Trindade que lá tam-

bem morreram, pois não é novo nelles acabarem neste santo officio, com tanto fervor e caridade como cada dia vemos.

Depois que os fidalgos do numero tiveram ordem d'el-Rei por via do embaixador D. Francisco pera se poderem ir, com passaporte real, e dois alcaides com guarda sufficiente de pé e de cavalo, se começaram a fazer prestes com tanto alvoroço e diligencia, como se póde imaginar, por outra parte era cousa muito de notar vêr o sentimento e saudades que os judeos tinham d'esta partida, assi pelo proveito que recebiam da ospedaje, como realmente pela afabilidade com que se communicavam todos. Nem é de espantar que isto assi seja, porque a aspereza e crueldade dos mouros lhes fazia amar summamente a brandura e cortesia dos christãos, além de que os judeos são naturalmente mui afaveis. Choravam as mais das judias, que por tradicção de seus pais e avós estavam bem lembradas da grandeza de Espanha e liberdade que nella tinham, dizendo: O' bem aventurada gente que com tão pouco tempo de desterro torna a sua amada patria com tamanha alegria, donde só lhes serviram as miserias que passaram de saber conhecer milhor o bem e quietação da vida, e de alegres memorias que dos males passados dão contentamento. Mas tristes d'aquelles que entre barbara gente em perpetua miseria vêm crescer cada dia males, que não podem ser maiores, contando tantos annos sem contar outra cousa: O' coitadas de nós quão enganadas viviamos quando com a primeira nova que chegou a esta cidade em que os christãos venceram, davamos com pesar e desatino com a cabeça pelas paredes, prouvera a Deos que assi fõra, sairamos um dia do aspero jugo d'esta infernal gente, trocando felicemente a sorte noutra, cuja nobreza e virtude,

pera mais nossa magoa e saudade conhecemos em tão pouco tempo. Isto dizia quasi toda esta gente despedindo-se de uns e outros com muito amor e singeleza, pondo-se os meninos e molheres em cima dos terrados para vêr sair a cafila, e os mais dos homens acompanhando e ajudando os fidalgos, o que realmente causava um novo sentimento a todos, que tudo facilitam as condições do trato humano, e as magoas estranhas fazem proprias.

Nesta despedida os mais dos fidalgos e outros homens nobres se compunham com os judeos a cerca das dividas particulares de seus cambios, sobre o que vieram alguns a este reino com comissão dos mais, onde lhe foi feito comprimento de justiça, dos quaes um que se chamava Gibre, e outro Vilhalom vendo o trato dos christãos e como foram agasalhados em Portugal nunca mais quizeram tornar a Berberia, posto que não deixaram de ser judeos, e Gibre se deixou ficar em Tanjar, e Vilhalom foi a Italia, e primeiro esteve em Ceita, donde mandou chamar uma filha sua, e se despedio d'ella pera sempre, por não tornar a vêr as miserias e desventuras que não conheceo nunca senão vendo as bonanças.

Tanto que os fidalgos estiveram de todo aviados com tendas, e tudo o mais necessario a semelhante caminho, levando em sua companhia muitos captivos homens nobres, e outros do numero comum, que á sua sombra e com seu remedio se resgataram além de seus criados, se partiram de Fez no fim de Novembro de setenta e nove, na força e rigor do inverno, indo todos em companhia em uma fermosa cafila, com aquelle contentamento e alvoroço que bem se deixa entender, e posto que eram tão grandes as chuvas e tormentas que muitos correram risco, e todos passaram grandes trabalhos, tanto que chegaram a se

perder uns dos outros por espaço de tres ou quatro dias, todavia com as vezinhas esperanças de liberdade que tudo facilitam, passavam alegremente este caminho. Chegaram em fim a Alcaçar, onde estiveram dous dias descansando de tantos trabalhos, refazendo-se do necessario, aposentados em tendas fóra dos muros da villa.

D'aqui partiram pera Tetuão ao longo do campo d'onde foi a infelice batalha; neste lugar faleceo Duarte Coelho Dalbuquerque, um fidalgo bem honrado e valeroso, que em fim veio a achar a morte onde a buscou tantas vezes, e posto que elle vinha enfermo eu cuido certo que o não matou se não a lembrança d'aquelle infausto dia, magoa perpetua e desconsolação a tantos. Levavam estes fidalgos e os mais captivos neste tempo os olhos postos no ceo, que não podiam sofrer a vista de tal terra, e por bem largo espaço com infinitas lagrimas foram encomendando a Deos os amigos e parentes, de quem a morte e saudade lhes não causava menos magoa que enveja. Chegaram em fim a Tetuão ao cabo de quarenta dias que puseram em trinta legoas de caminho pouco mais ou menos (posto que antes que partissem alguns estiveram esperando por tempo) no que se podem vêr os trabalhos da jornada.

Neste mesmo tempo chegou tambem o duque de Barcellos a Tetuão, e D. Francisco de Portugal, e todos os mais da companhia pelo caminho de Celle, onde tiveram o Natal com tantos trabalhos e enfadamentos quanto a jornada, e duas ou tres vezes maior sendo a mesma conjunção, onde o duque se vio em muitos perigos posto que vinha em um ginete mui fermoso que o Xarife lhe deu, porém tudo passou com varonil animo, facilitando a todos o caminho com sua presença, que não sei que tem esta vizi-

nhança dos Principes que a sua sombra anima e dá calor, e a sua vista nutrimento.

Nesta villa foi visitado o duque, como em todos os mais lugares dos alcaides principaes na fórma que convinha, e o Xarife lhes devia ter mandado; aqui se deteve cinco ou seis dias, e os mais fidalgos e captivos juntamente, onde alguns passaram assás trabalho, porque os alcaides d'estes portos raramente os deixam passar sem mui boas peitas, e ás vezes os tomam por fidalgos, e captivam de novo sem mais outra rezão ou justiça, que parecer-lhes bem. Neste lugar se viram alguns fidalgos em grande trabalho, porque os judeos que de Fez vieram em sua companhia (que seriam dez ou doze) aos quaes elles deviam muito dinheiro que haviam tomado a cambio pera suas necessidades os embargaram, de maneira que se viram sem algum remedio, mas D. Francisco de Portugal, a quem isto veio a noticia, chamou dous judeos por quem corriam seus negocios, e lhes mandou que tomassem sobre sua cabeça todas estas dividas aos outros. Foi logo da maneira que ordenou D. Francisco todo feito, e segundo se entende importava o negocio mais de seis ou sete mil cruzados, e sem estes fidalgos saberem cousa alguma, nem darem neste negocio uma só passada lhes disse quando estavam mais desesperados de poderem achar remedio nesta terra: vossas mercês se podem ir embora cada vez que quizerem, os quaes ficaram mui contentes com assás maravilha de tal liberdade, e mais obrigados ainda do modo que do benefieio lhe deram os agradecimentos. D'esta maneira valeo este fidalgo tambem a muitos homens nobres que trazia a sua conta, e fez outras cousas neste captiveiro bem dignas de louvor.

Partio-se em fim o duque de Barcellos de Tetuão, e D. Francisco e os mais fidalgos d'esta companhia

juntamente com os do numero, e chegando a um lugar que se chama Ônegrão, tres legoas de Ceita, D. Francisco se apartou do duque com alguns que de Marrocos vieram, e outros captivos, e foi embarcar nas galés do marquez de Sancta Cruz sem entrar em Ceita, onde no mesmo dia chegou o duque com os mais fidalgos e senhores. As alegrias e contentamentos que nesta saida do Egipto podia haver não faltará quem as diga, que a mim só de tristezas me coube poder fallar, e tornando a nosso proposito, neste tempo os captivos que ficaram em Fez, Marrocos, e outras partes, ou por cuidarem seus amos que eram fidalgos, ou por não terem quiçá quanto lhes pediam de resgate, não bastando o que el-Rei mandava dar, passavam mui trabalhosamente a vida sem o favor e ajuda dos fidalgos, posto que o embaixador D. Francisco da Costa socorria de Marrocos onde estava a alguns, mas não podia a todos, que eram grandes as miserias que passavam.

E porque se acabe de entender quão enganadamente Jeronimo Franqui diz que os portuguezes são mal sofridos e pera pouco, me pareceo bem pôr aqui os fidalgos que vieram a mão d'el-Rei, fazendo elle tanta diligencia nisso, claro argumento dos trabalhos que passaram encobrindo sua qualidade, não porque sofressem mais que os outros, mas porque tiveram mais ventura em seu sofrimento, podendo com sua honra sustentar-se.

A

D. Antonio de Menezes — D. Anrique de Portugal — Antonio Pereira Deberredo — Antonio Pereira dentre Douro e Minho — Antonio de Melo, alcaide-mór d'Elvas — Antonio da Vasconcelos — Antonio

de Mendoça — D. Afonso de Noronha — D. Afonso de Silva d'Elvas — D. Alvaro de Crasto — Ambrosio de Aguiar — Anrique Pereira de la Cerda — D. Antonio Rolim — Alvaro Ferreira Pereira do Porto — André de Brito — Anrique de Sousa, depois governador da Casa.

B

Bernaldim de Carvalho — Bertholameu da Silva — Brás Soares — Bernaldim Dalte.

C

Christovão Falcão de Sousa — Christovão Freire — D. Christovão de Noronha.

D

D. Diogo de Menezes — Diogo Lopes de Carvalho — Diogo Botelho — Diogo Peçanha — Diogo Lopes de Carvalho, filho de Bernaldim de Carvalho—Diogo das Povoas — D. Duarte de Larcão.

E

Egas Coelho.

F

D. Francisco Mascarenhas, depois conde de Santa Cruz — Fernão Martins Mascarenhas — Fernão de Sousa d'Elvas — Fernão de Sousa — Francisco de Sousa — Fernão da Silva — Fernão Cabral — Fernão de Castro — D. Francisco de Noronha — Francisco

Carneiro — Francisco de Paula — Fernão Gonçalves Cogominho—D. Fernando de Noronha, depois conde de Linhares — Francisco Teixeira de Tavora—Francisco Freire — Fernão Telles — D. Fernão Anriques.

G

Gomes Borges.

J

D. João Coutinho, depois conde do Redondo — D. João de Portugal — João da Silva — João de Saldanha—João de Saldanha, filho de Luis de Saldanha—Jeronimo de Saldanha — Jorge Barreto — João Francisco Lafetar — Jorge Furtado — D. João de Vasconcelos — Jeronimo Anriques — Joanne Mendes de Ataide — João Gomes Serrão — Joanne Mendes de Carvalho — D. João da Costa — D. João Anriques — D. João de Vasconcelos — D. João de Menezes — Jam Alvers Caminha — D. João Dalmeida.

L

Luis Martins de Sousa — Luis da Silva — Luis de Brito — Luis de Gois — D. Luis Coutinho — Luis Pereira do Porto.

M

D. Manuel de Castelbranco, depois conde de Villa Nova — Manuel Pereira de Lacerda — D. Manuel da Cunha—Martim Gonçalves da Camara—Martim Gonçalves Tavares — Miguel Telles — D Martim Afonso de Castro — Miguel de Suniga — Manuel de Melo — Manuel de Macedo — Miguel Soares — D. Miguel da Silva d'Elvas.

N

Nicolau de Sousa — Nuno Fernandes de Magualhães — D. Nuno Alvres Pereira, depois conde de Tentugal.

P

Pero Peixoto — D. Pedro Dalmeida — Pero Vaz Corte Real — Pero Mascarenhas — D. Pedro da Silva d'Elvas — D. Paulo de Larcão — D. Pedro d'Abranches.

R

D. Rodrigo de Noronha — D. Rodrigo Lobo, filho do Barão — D. Rodrigo de Castro.

S

Simão da Cunha — Simão Cabral — Sancho de Toar — Simão da Cunha, filho de Ruy Gomes.

T

Tristão da Cunha.

Vasco Martins Monis.

Além d'estes fidalgos que são quasi outros tantos como os que vieram a poder d'el-Rei, e outros de que não podemos ter noticia, houve infinitos homens nobres que tambem se livraram por mesquinhos, e alguns estiveram quinze e vinte annos em captiveiro sem haver entre elles quem se tornasse mouro, salvo se foi por ventura ou desventura algum coitado de tão pouco momento, que não pôde ser conhecido, havendo tantos que por largos tempos sofreram tantas miserias, nas quaes acabaram, e outros que publicamente por não serem mouros padeceram crueis mortes, como são estes dos quaes agora dando fim a nossa jornada trataremos.

LIVRO TERCEIRO

DOS MARTYRIOS QUE HOUVE EM CAPTIVEIRO NA JORNADA DE AFRICA

CAPITULO I

Havendo de tratar d'aquelles que padeceram pela fé de Christo nesta jornada, como cousa pertencente a ella, parecia rezão chamar a todos martyres, que se uns confessando a fé em captiveiro morreram por ella, os mais nesta mesma confissão e sancto augmento acabaram pelejando na batalha, e mais quando podemos piamente crêr que todos estão, na gloria. como a madre Teresa de Jesu nova fundadora da Ordem das Descalças já hoje beatificada, confessa em suas vizões dizendo que queixando-se a Deos do estrago e desventurada batalha d'el-Rei D. Sebastião, o mesmo Senhor a consolou, e lhe disse que sabes tu, se os achei eu em estado pera os trazer a mi, o que realmente é uma grande consolação pera todos aquelles que tão enteressados são com as pessoas que acabaram neste conflicto, e além d'isso tambem vemos como na opinião das gentes se tem realmente por martyres aquelles que acabaram pelejando contra mouros, como foram os que morreram em Sacavem resistindo aos de Alemquer, e os inglezes e portuguezes acabaram na tomada d'esta cidade de Lisboa, que estão enterrados em S. Vicente de

Fóra, e junto ao mosteeiro de S. Franisco cujas casas se chamam hoje dos Martyres por este respeito. E dá bem claro testemunho d'esta verdade o sancto cavaleiro Enrique, homem alemão, dizendo que por virtude d'aquelles martyres portuguezes que alli em S. Vicente com elle estão enterrados e morreram na tomada de Lisboa, deu Nosso Senhor saude a dous mudos que o tomaram por seu intercessor. E assim foi visto no campo de Alcaçar que nenhum corpo de christão se corrompeo, antes se mirraram todos sem algum máo cheiro, e naquelle anno fóra de curso, admiravelmente cresceo o rio Lucus de maneira que os levou ao mar, permittindo Nosso Senhor dar-lhe inda aquella sagrada sepultura. Mas pois em quanto a igreja Catholica não approva e determina o nome que se lhes ha de dar o não podemos nós fazer, chamar-lhe-hemos ao menos a uns e outros cavalleiros de Christo, que confessando sua sancta fé por não serem mouros, e pelejando contra elles, acabaram as venturosas vidas. E porque já dos mais que fenece-ram na batalha temos feito menção, diremos agora d'aquelles que noutra vova batalha pelejaram só com as armas de paciencia, e vencidos venceram, porque com esta lembrança se vá continuando a memoria de tão santas maravilhas, em quanto elles não vem á luz com a verdadeira authoridade.

CAPITULO II

Do modo em que vivem os captivos em casa do Xarife, que elle manda fazer mouros por força, e como procediam sete moços que mandou matar

Altissimos são certo os juizos divinos, e grandes e escondidos seus segredos, quem pudera cuidar que estava o Redemptor da vida no meio do som das armas e estrondo da guerra, escolhendo pera defenção de sua santa Fé Catholica, entre tantos soldados fortes e robustos sete guerreiros meninos, em cuja fraqueza determinava manisfestar mais suas forças. Ou quem de tamanha desventura como foi a nossa pudera imaginar tão felice successo, que venha aparecer mui pouca perda a respeito do conhecido bem d'estas ditosas almas, que estavam quiçá bem fóra de tão felice morte, passando a descuidada vida, pelo que nas cousas de Deus além da divida sojeição a seu alto juizo, será mui acertada oração de nossa parte, que sua divina Majestade se lembre de nosso descuido, e tenha piedade de nossa ignorancia pera nos alumiar, pois sendo-nos tão alheios seus segredos, mal podemos acertar d'outra maneira.

Trouxe Molei Moluco de Turquia um novo e desuzado costume nos Reis seus antecessores, o qual é servirem-se das portas adentro de moços Elches, e alguns d'elles castrados dos quaes segundo é fama, não sómente se servem dos officios ordinarios da casa, mas tambem de outras cousas que não é bem que tenham nome: os quaes fazem ser mouros, ou ao menos parecer que o são com desuzados tormentos, e como não seja capaz d'elles sua tenra idade concedem por força, o que negam quando lhes é possivel,

e tanto que estão nestes habitos e nesta reputação os mandam ensinar a lêr e escrever, e a outros officios e artes, conforme a inclinação de cada um, vivendo sempre em recolhimento, e nunca saem fóra senão juntos em companhia do alcaide que d'elles tem cuidado; o numero ordinario são quarenta, cincoenta, e mais se mais o Xarife póde haver.

D'este rebanho infelice assi opprimido escolheo Nosso Senhor sete cordeiros, mostrando sua Divina misericordia, que não póde haver no mundo tão máo estado em que ella não tenha lugar, quando da nossa parte haja qualquer sancto e bom desejo, como havia nestes servos, que só nos actos exteriores eram mouros, e cinco d'elles o foram por força e um nem com infinitos tormentos se apartou da Fé, senão foi por manifesta ignorancia como adiante se verá, e o outro em quem Nosso Senhor quiz mostrar mais suas maravilhas era mouro de nação, filho de Elche e de moura, sem nenhum conhecimento de nossa sancta Fé, antes mui doutrinado na ceita e Alcorão de Mafoma, tanto que lia por elle ao Xarife e estava ordenado a Cazis e mestre de todos esses moços, e nesta confiança o mandou o Xarife communicar com elles, porque sendo da sua idade os pudesse melhor afeiçoar a si e reduzir a sua ceita, mas a Divina misericordia fez caça do caçador, e convencido o mestre dos discipulos deu tão fermoso salto, que de Ali que se chamava sendo mouro, se chamou d'ali por diante Francisco da Esperança, com tanto amor e conformidade com seus companheiros que não sómente foi seu fiel amigo, mas seu conselheiro como adiante se verá.

Tinham estes moços alguns christãos captivos d'el-Rei, de quem se fiavam, e por quem corriam com os religiosos da Sanctissima Trindade, que residiam em Marrocos, fazendo o resgate geral, os quaes lhe bus-

cavam livros devotos por onde liam todo o tempo que dos mouros se podiam esconder e dos mais companheiros de quem se não fiavam, tambem tinham imagens e cruzes escondidas entre seu fato, e ao tempo da oração as tiravam e diante d'ellas se emcomendavam a Deos; jejuavam a Quaresma e Advento e os mais dias da obrigação, dos quaes sabiam por estes christãos captivos, pelo que sendo algumas vezes accusados diante el Rei, foram mui rijamente castigados; preguntavam pelas pregações que os padres faziam, e quando lhes decorria alguma duvida a cerca dos bons costumes e honra de Deos a communicavam com os religiosos que dissemos; folgavam muito de ouvir falar na vida dos santos, sendo confrades em todas as confrarias, e fazendo muitas esmolas, e o mais que podiam haver gastando nestas santas obras, e assi na penitencia como em todo o mais eram christãos senão nas apparencias, em quanto não chegava sua desejada hora tinham todos algum modo de sogeição a um companheiro seu, que se chamava Simão de Freitas, porque como tinha bom entendimento e natural, era mais visto nas cousas da virtude, e assi lhe obedeciam como a mestre e maioral. D'esta maneira viviam, mui conformes, porém o demonio que não póde sofrer estes santos desejos lhes meteo em cabeça que tudo quanto faziam era perdido, e nada lhes podia aproveitar, tomando terceiros que não eram d'esta companhia que lhes diziam isto cada hora, com os quaes pensamentos andavam todos mui tristes e descontentes, porém como acodisse a misericordia divina, dando conta d'estas cousas ao padre Frei Ignacio de Jesus e Frei Antonio da Conceição, que são os religiosos que havemos dito, com os quaes continuaram até a derradeira hora, eram logo confortados em seus bons principios, fazendo-lhes a saber

como aquellas tentações eram do demonio, as quaes tivessem a bom sinal e principio de sua salvação, porque ainda que no estado em que estavam não mereciam graça nem gloria, mereciam chega-los Deos a tempo de se publicarem por christãos e alcançarem tudo o que taes obras mereciam, e porque o demonio isto entendia ordenava aparta-los d'estes bons principios cerrando a primeira porta a seu remedio, o qual conselho estes moços tomavam como vindo do ceo, cobrando novo animo e exercitando as pias obras, de maneira que não temiam já serem sentidos, antes desejavam que se descobrisse a verdade que em seus corações estava.

CAPITULO III

Do meio que Nosso Senhor tomou pera estes seus servos se publicarem por christãos

PENHORADA a misericordia divina das sanctas obras e ardente zêlo d'estes cavaleiros de Christo, quiz mostrar e descobrir ao mundo quem elles eram, tomando por meio a paixão e desavença que houve entre um Elche companheiro na casa, não na conversação, com outro d'esta ditosa companhia, os quaes aprenderam juntamente um officio, e como este Elche que era bem mouro tratasse mal este, em que conhecia o animo de christão jurou elle um dia de ser mouro por se vingar d'este seu inimigo, o qual se chamava Xabão, e com esta indignação o deshonrou de maneira, e todos os mais geralmente que eram mouros, que o Elche lhe fez grandes juramentos de o fazer ser mouro em que lhe pes, e assi como se foi da obra buscou logo o alcaide

Amar, que tinha cuidado d'elles, pera lhe descobrir tudo. Sabendo isto os mais companheiros christãos, se foram a este Elche persuadindo-o não sómente a não fazer queixume, mas a confessar a lei de Christo, com aquellas palavras e rezões que o Espirito Sancto lhes mostraria, porque em taes tempos não salta com o dom de sua divina sabedoria, mas o Elche estava tão entrado do demonio e persuadido á vingança, que nenhuma d'estas cousas quiz escuitar, antes prometeo descobrir a todos, e dizer como o queriam tirar de ser mouro. Com as quaes palavras e infernal resolução se veio a travar uma briga entre todos, de maneira que começaram a dizer alguns que o tempo era chegado de se manifestarem por christãos, e um d'elles que se chamava Simão de Freitas, de mais autoridade e respeito entre todos (como havemos dito) se levantou logo, e com voz alta e mui segura, disse: Agora, agora é tempo, oh constantes cavaleiros de Christo de se manifestar nossa tenção, e todo aquelle que quer seguir esta bandeira se venha a mi; ajuntaram-se logo a elle muitos, e se publicaram por christãos, e o primeiro de todos foi Francisco da Esperança, o qual muitos dias havia que desejava publicar-se, mas como Deos o tinha guardado pera consolação e soccorro de sua ditosa companhia, parece que lhe reprimio a força do espirito. Vendo Simão de Freitas tão bom principio a seus desejos começou a animar os companheiros, chamando pelo nome de Jesu, mas como o paço da morte é tão espantoso, e o dom de morrer pela fé é particular graça divina, retiraram-se alguns ficando sómente oito, e na hora da venturosa morte sete como adiante se dirá.

Vendo Xabão auctor d'estas differenças o que passava se foi ao alcaide Amar, e lhe disse que os mais dos moços eram christãos, e se queria saber esta ver-

dade mandasse chamar Abraem, que era um menino de doze ou treze annos natural de Faro no Algarve, e dando lhe tormento elle descobriria tudo, posto que tambem era christão. Mandou logo o alcaide trazel-o ante si, o qual não podendo soffrer os tromentos como sua tenra idade prometia, descobrio a verdade, e nomeou aquelles que eram christãos.

Vendo isto o alcaide Amar mandou trazer a todos diante de si estando com elle o acuzador Xabão, o qual se algum com temor ou receio dizia que lhe alevantavam aquillo, insistia dizendo, porque negas agora o que tantas vezes me confessaste. Porém como o demonio ia já de vencida, todas quantas armas dava a seus secazes se viravam contra elle, e assi foi parte esta acusação (que estranhamente sentiram) de cobrarem tão grande animo corridos de sua fraqueza, que todos juntos com estranha ousadia disseram diante do alcaide Amar eram christãos como sempre foram, e que confessavam e criam a fé de Nosso Senhor Jesu Christo, de que o alcaide ficou tão furioso e admirado, que rebentava de paixão e tristeza, tornando a dar tormento ao menino pera descobrir se havia mais alguns companheiros, ao que elle sómente respondeo que não sabia mais que de si, que tambem era christão, como os outros.

CAPITULO IV

Dá conta o alcaide Amar do que lhe havia acontecido

Vendo o alcaide Amar tão admiravel determinação, e como não podia deixar de dar conta a el-Rei, porque sendo o sucesso tão publico temia com rezão ser castigado, se o soubesse por outra via, foi logo a elle, e dando-lhe conta de tudo, ficou o Xarife tão furiosamente desatinado, que apenas pôde perguntar a causa de tamanha novidade, e quasi não deu credito ao alcaide, mandando chamar a um mancebo grego de nação por nome Girão, pera se acabar de certificar, ao qual perguntou mui particularmente a causa porque se chamavam christãos, quais eram os que isto confessavam, ao que o mancebo respondeo: Molei sabe que os mais dos moços são christãos, com que o Xarife ficou tão magoado e corrido por se haverem criado em sua casa e á sua mesa, que todo aquelle dia esteve como attonito, sem se detreminar em cousa alguma, e sendo manhã mandou chamar o alcaide Abraem Sufiane, seu Viso-rei, e com muita rezão grande privado, e o alcaide Mancor tambem mui seu valido. (Este é aquelle Elche mancorico que foi metido na liteira com Molei Moluco quando elle faleceo como havemos dito.)

Neste comenos o Elche Xabão inimigo mortal d'esta ditosa companhia e particular ministro do demonio (de quem no fim d'este processo contaremos um caso mui notavel) não sómente disse ao Xarife o que passava, mas de novo lhe descobrio todos os christãos com que se elles comunicavam, e por cuja intelligencia tinham os avisos que havemos dito dos religiosos da Santissima Trindade, cousa que o Xarife

sentio de maneira que logo os mandou prender, com determinação de não ficar nenhum vivo, os quaes foram presos em um momento e trazidos ao Mexuar com grande estrondo e furia; e só um que se chamava Antonio Mendez escapou, e como a couto se acolheo a casa de uma irmã d'el-Rei, porém não lhe valeo cousa alguma, porque por força foi tirado. Nesta conjunção chegaram os alcaides a el-Rei, o qual lhes deu conta do que passava, mostrando no gesto a dôr e sentimento que d'isto tinha, e fazendo particular queixume de Francisco da Esperança, dizia em altas vozes:—Como será possivel que se ouça e diga em nossos reinos que tambem o filho de Aduel Melique se tornou christão, sendo moura sua mãi, e seu pai mouro, não havendo causa nem rezão alguma de tamanho desatino, mais que um simples movimento, cousa não só digna de espanto em tão pequena idade, mas de grande vituperio a nosso Mafoma, e nossa lei? E assi cheio de ira e de estranho furor, mandou que todos os christãos que haviam sido medeaneiros d'estas cousas fossem mortos a ferro, mas o alcaide Abraem Sufiane, que posto que mouro tinha mui excellente condição e compassivas entranhas, acodio a isto, estranhando-lhe muito o que elle tanto estranhava, e dizendo que em fim os christãos por obrigação de sua lei como os mouros pela sua tinham rezão de procurar com todo o favor e diligencia o bem dos seus. Porém pois neste negocio havia tamanhas culpas como fôra induzir-se um mouro a ser christão que sua Magestade devia saber qual dos christãos era mais culpado, e com sua morte dar exemplo a todos. Nisto veio o Xarife, depois de convencido, todavia mais do respeito e amor que tinha a Sufiane, que de lhe parecer rezão o que elle dizia, e como soubesse mui bem o nome de todos, mandou que ma-

tassem a Antonio Mendes, aquelle que atrás dissemos que se acolhera a casa da irmã d'el-Rei, que era havida por sancta.

Era este Antonio Mendes natural da cidade de Tavilla, no reino do Algarve, ordenado de ordens de Evangelho, o qual realmente posto que se não comprenda neste ditoso numero, parece que não tem menos lugar, pois por uma parte foi o principal instromento d'este successo, cujas ditosas culpas o conduziram a tão felice morte, como logo diremos, e por outra se os que morrem por rezão e verdade são bemaventurados, elle padeceo por ambas estas cousas, por onde se póde crêr que não terá menos premio que seus companheiros, tendo em particular tanto merecimento, no merecimento de cada um; e assi é muito de louvar a diligencia, zêlo e caridade que neste negocio teve o embaixador D. Francisco da Costa, e os religiosos que havemos dito, persuadindo e animando todos estes cavaleiros de Christo, no que não sómente se offereciam a qualquer indignação do Xarife, mas a padecer semelhante morte. Porém eu cuido realmente que elles não desejavam outra cousa, do que deu bem claro testemunho o processo de suas vidas, acabando nestas e outras sanctas obras da redempção dos captivos em Marrocos donde estão enterrados.

Mas tornando a nosso proposito, chegou Antonio Mendes amarrado com as mãos atrás, ao Xaraque, onde recebeo a morte que lhe deram ás cutiladas os citeres d'el-Rei com muita constancia e paciencia, sem embargo de lhe offerecerem a vida, querendo ser mouro, e depois de morto os mouros lhe puseram fogo e tiraram muitas pedradas, porém não acabou de arder, porque como o fogo não foi mandado por el-Rei não foi bastante, e d'esta maneira esteve

dous dias no terreiro, porque não queria el-Rei de nenhum modo que o enterrassem, sobre o que trabalhou muito o mordomo da misericordia do tercenal, que é um lugar cercado em que os christãos captivos d'el-Rei vivem, e tem igreja, e as mais cousas que no captiveiro havemos dito, mas como el-Rei determinava de ser castigo exemplar, não deferia a nada, até que em fim por via do mesmo alcaide Sofiane houve por bem dar licença pera o enterrarem, e foi levado á misericordia, onde lhe deram sepultura, fingindo todavia que o levavam a enterrar ao campo donde os christãos se enterravam, porque os mouros não consentem que se enterrem dentro na alcaçova, mas a divina misericordia que se não esquecia de quanta elle tivera na salvação de seus fieis amigos lhe deu este lugar tão honrado, como em principio de paga. Os mais christãos foram presos na sejana, onde estiveram muitos dias carregados de ferros, mas em fim pela boa condição de Abraem Sufiane escaparam da morte, que d'outra maneira entende-se que nenhum remedio tiveram, entre os quaes foi preso um homem honrado, por nome Francisco Soares, que hoje está nesta cidade de Lisboa, e Domingos de Torres, natural de Mazagão, cuja felice morte diremos em seu lugar.

CAPITULO V

Como os servos de Deos foram levados diante do Xarife

Era tão grande o sentimento que el-Rei tinha da sancta deliberação d'estes guerreiros de Christo que não repousava uma só hora, e assi veio muito cedo pela manhã ao Mexuar, onde ás mesmas horas mandara vir o alcaide Suñane, e Mançorico. No qual tempo estavam tambem os amantes de Christo esperando a sua hora tão desejada, e consolando-se uns aos outros, com animo presago de celestes premios, sendo Francisco da Esperança o que com mais força os incitava, dizendo que o não desemparassem na batalha, pois pera esse effeito como capitães de Christo o haviam armado cavaleiro, e que nenhum temesse a breve morte, pois elle não receava a sua, que mui bem sabia quão dilatada havia de ser, pois o haviam de atanazar e cortar os pés e mãos, e fazer seu corpo em pedaços mui meudos, por ser sua culpa a respeito dos mouros muito maior, porém que em tão ditosa pena estava tão contente, que tomara ser julgado capaz de mór tormento. Estas e outras semelhantes cousas dizia Francisco da Esperança a seus companheiros, os quaes o asseguravam de seus animos com muito amor e conformidade.

Estando pois todos nesta maneira entrou com elles o alcaide Jaudar, elche castrado que se criara com todos, o qual começou a dizer a Francisco da Esperança com muitas lagrimas de piedade que se tornasse mouro, e que olhasse o que fazia, porque o tinha enganado, e não se deixasse morrer neciamente, ao que elle respondeo com animo muito seguro: ó Jaudar

amigo, se assi como no mundo pera lograr as vidas somos companheiros, o foramos agora pera salvar as almas, quão bem empregada que seria a tenção com que me persuades, de cujo effeito eu estou bem longe pela bondade de Deos, mas o tempo é breve, e tu não buscas pera ti remedio, antes procuras o dano d'outrem, baste só pera tua confusão a facilidade com que me verás morrer pela verdadeira lei de Christo, que se d'outra maneira a mi me fôra dado, eu vos fizera confessar a todos o engano em que viveis.

Ditas estas breves palavras antes que o renegado lhe desse alguma reposta, chegou um recado do Xarife em que o mandava levar tão depressa que apenas se pôde despedir de seus companheiros, lembrando-lhe sómente que o não deixassem, não tanto pelo que temia de seu particular desamparo, como pelo bem que de sua companhia a todos esperava.

Partio em fim Francisco da Esperança com as guardas que o levavam, pedindo perdão a todos, e publicando em alta voz á fé de Jesu Christo. Entrou na casa onde el-Rei estava, o qual quando ouviu pronunciar quasi diante de si o sancto nome do Redemptor da vida, cheio de estranha ira lhe disse: O' incredulo malvado, quem te enganou e te persuadio a que fosses christão: ao que elle respondeo mui seguramente, e sem algum receio: ninguem me enganou, des que nasci sou christão (havendo parece que não nascera senão no dia em que o foi). Vendo isto el-Rei todo inflamado em viva colera lhe disse: por ventura teu pai não foi mouro? tua mãe e teu irmão não são mouros? tu não sabes de cór a lei de Mafamede? ao que elle tornou a responder: meu pai nunca foi mouro, minha mãe é sómente a Virgem Maria, verdade é que tres vezes passei o Alcorão, mas nunca

nelle achei cousa em que me pudesse salvar, e só na fé de Jesu Christo espero ser salvo.

Isto disse Francisco da Esperança, e repetindo el-Rei que olhasse o que fazia, pois o havia de pagar com morte infame, elle respondeo rindo-se d'estas ameaças: ó Principe da terra, sabe que christão sou, e christão hei de morrer, e que não ha tormento que me seja estranho, nem mal que não deseje padecer pela fé de Jesu Christo; nesta confiança verás como te estimo, sendo minha franqueza claro argumento de quão pouco podes a respeito de quem me faz ousado. Ouvindo el-Rei estas palavras se deu por respondido, e cheio de estranha confusão e maravilha mandou que o levassem, e lhe trouxessem dous dos que diziam ser christãos. Foi este cavalleiro de Christo mui contente com aquelle auxilio divino que sentio diante d'el Rei, e com uma alegria spiritual em altas vozes que lhe sairam d'alma, ia dizendo viva a fé de Jesu Christo, e chegando a seus companheiros lhes disse: Irmãos não haja alguem que deixe de confessar o verdadeiro Deos e verdadeiro homem, como eu agora fiz com seu favor e ajuda, que neste ultimo dia primeiro a outra vida se nos apparelha um bem fermoso triumpho de nossos inimigos.

Os dous companheiros que foram logo levados eram Simão de Freitas e Fernão Ginez, os quaes seguindo as pizadas de seu mestre e seu discipulo iam mui contentes dizendo em altas vozes viva a lei de Christo, pedindo juntamente perdão a todos, e primeiro áquelles que os levavam atados, havendo de ser pelo contrario, mas a verdadeira humildade sempre se encarrega das culpas alheias. Chegaram em fim d'esta maneira donde el-Rei estava, o qual lhe preguntou se eram mouros ou christãos, ao que elles responderam sem algum temor que christãos eram, e

preguntando-lhe el-Rei a causa de tal mudança disseram que no que sempre fôra nunca houvera mudança, estando tão detreminados na confissão da fé catholica, tão livres e confiados, que o alcaide Jandar que era o que os trazia diante d'el-Rei, reprehendeo grandemente Simão de Freitas, vendo que lhe fallava d'aquella maneira, mas elle mostrou na reposta quão pouco temia o poder humano, dizendo em altas vozes: a verdade que nunca guardou respeitos, falla de meu coração; pelo que não deves estranhar me a liberdade com que fallo, que em fim el Rei não é mais que um homem. Isto disse Simão de Freitas diante do Xarife sem algum temor; o qual vendo sua determinação e a de seu companheiro, como temesse alguma verdade clara, (que sempre os injustos principes fogem, tirando a vida aos professores d'ella, como Herodes a S. João) e perseguindo aquelles que a publicam mandou que os levassem ao Xaraque, e lhe cortassem as cabeças; pegaram logo d'elles dous elches da companhia, e com as espadas na mão os levavam fóra pera esse effeito, e saindo já pela porta mandou el-Rei que os tornassem pera dentro e levassem a seus aposentos, e a causa d'isto foi uma carta que lhe escreveram Xabão e seus companheiros, em que lhe pediam por mercê lhes desse a execução d'esta morte, que por honra dos elches os queriam matar; isto concedeo el-Rei mui facilmente, e por esta rezão os tornaram pera dentro, e não morreram fóra publicamente. Quando Simão de Freitas isto vio, parecendo-lhe que seria mais alguma dilação disse: se de Deos tenho a vida, não ma póde el-Rei tirar, e se hei de morrer pera que é tanta detença? e Fernão Gines disse a um dos elches que pera os degolarem foi buscar uma espada: andai, andai irmão, e ajude-vos Deos, como quem diz, na vossa diligencia está nosso remedio.

Logo os tornaram pera a casa onde seus companheiros estavam, dos quaes foram alegremente recebidos, principalmente de Francisco da Esperança, por vêr que os tinha já seguros na confissão da fé de Jesu Christo. Depois d'isto mandou el-Rei que trouxessem outros dous, e trouxeram João e Domingos, os quaes iam mui alegres e contentes encommendando-se a Deos e á Virgem Nossa Senhora, pedindo perdão a todos, como seus companheiros fizeram, e chegando diante do Xarife lhe preguntou se eram mouros ou christãos, com muita ira e paixão do que com os mais lhe havia soccedido, de modo que João Francês não acertava palavra, não perdendo porém a vontade que tinha de padecer por Deos, ao qual o mesmo Senhor acodio infundindo de novo em seu companheiro Domingos esta parte do espirito que lhe faltava, de tal modo que respondeo por si e por elle, dizendo que ambos eram christãos e sempre o foram ; vendo isto el-Rei já mui cansado e corrido mandou que os levassem a casa dos outros, donde ambos pelo caminho em altas vozes foram confessando a lei de Christo, e com este alvoroço e alegria chegaram a seus companheiros que os não receberam com menos contentamento.

Depois d'isto mandou el-Rei que lhe trouxessem outros dous, e logo lhe levaram Amaro e Antonio, que bem persuadidos iam de seus companheiros, a quem el-Rei da mesma maneira fez preguntas, se eram mouros ou christãos, amoestando-os primeiro que olhassem o que deziam, mas elles responderam que christãos eram, e christãos haviam de morrer, com a qual reposta el-Rei se deu por concluido, e ficou tão envergonhado do pouco fruito que de seu trabalho tirara, que sem querer mais ouvir palavra mandou que os levassem. Chegaram estes dous mancebos a

seus companheiros, dos quaes foram recebidos alegremente, e todos postos em um animo conformes em Deus, estavam esperando sua ditosa hora.

Entre esta venturosa companhia foi levado tambem um moço do qual se não faz menção, porque com o temor da morte disse que éra mouro, e fazendo el-Rei preguntas a outro, qual era o menino a quem havia atromentado o alcaide de Amar, respondeu com muita izenção que christão era, e sempre o fôra, do que el-Rei se maravilhou estranhamente e os alcaides que com elle estavam, vendo tanta firmeza em tão pouca idade, que não chegava a treze annos, e foi isto causa de se indinar mais contra os servos de Deus, e mandou que matassem este menino em lugar d'aquelle que havia desmaiado, e no temor da morte lhe guardara o devido respeito; era este mancebo João Francês, como está dito, a quem Deus sem embargo d'isto tinha concedido tão felice sorte como adiante se verá, e o menino escapou com vida por enganos do alcaide Jaudar, indo já pera padecer como tambem diremos.

Quando estes cavaleiros de Christo se tornaram a recolher de dous em dous por mandado d'el-Rei, depois de sua verdadeira e admiravel confissão, estavam muitos Elches e mouros fóra da porta esperando por elles, e vendo como sem temor algum confessavam em altas vozes o nome de Jesu, carregavam sobre elles com muita ira, despreso e bofetadas, principalmente sobre o mais pequeno que dissemos, de cuja tenra idade tinham particular paixão, como de cousa que mais significava o poder divino, e com maior clareza os confundia, mas elles bem inteirados na preço d'essas deshonras sofreram tudo com muita pociencia e alegria, pera mais confusão de seus algozes.

Nesta conjunção posto que ao Xarife haviam signi-

ficado aquelles que tornaram a dizer que eram mouros, depois da primeira confissão de christãos, todavia os mandou vir diante de si, os quaes vencidos do temor da morte confessaram ser mouros, o que bastou sómente pera el-Rei lhes perdoar e mandar que se fossem embora, ou por melhor dizer em tão má hora.

Depois de todas estas cousas vendo o Xarife a facilidade d'estes que mais agravava a firmeza e constancia dos outros, cheio de estranha confusão e ira disse aos alcaides que sem duvida alguma haviam de morrer todos aquelles que tanto em seu desprezo e abominação de sua lei confessaram publicamente a de Christo, e por mais que o alcaide Abraem Sufiane procurasse mitigar-lhe a furia, dizendo que eram meninos, e que na dillação do tempo estava muitas vezes o remedio d'estas cousas, pelo que não devia sua Magestade chegar ao cabo d'ellas tanto no principio, não foi nada bastante ao dissuadir de sen intento, porque como Deus os tinha escolhidos, parece que endurecia o coração d'el-Rei pera mór confusão sua, e gloria d'elles.

CAPITULO VI

Do que passaram estes cavaleiros de Christo depois de saberem como estavam condemnados á morte, e de uma tentação grande que tiveram

Nesta conjunção como se fossem acabando as horas em que o demonio podia ter alguma esperança, chegada quasi a manhã do fim glorioso d'estes cavaleiros de Christo, pretendeo combate-los com novo pensamento de vingança, accomodando-se já a seu prosuposto, e assi começaram a

dizer uns aos outros, que pois estava tão certa sua morte, o bom seria vingarem-se primiro de todos aquelles que lhe tinham culpa, como era do alcaide Amar, que os descobriu a el-Rei, e de Xabão seu acusador, e de todos os mais em fim que foram contra elles. E tão levados estiveram os seis d'este pensamento diabolico, que lhes faltou mui pouco pera o porem em effeito, tendo já pera isso facas e alfanges escondidos. Mas o senhor das vinganças, o pai das misericordias em cuja divina mente estava seu remedio prosuposto, não consentio que cahissem no cabo da jornada, inspirando no seu bom Francisco da Esperança um novo zêlo e fervor divino pera melhor os confundir com as palavras d'aquelle que com mais rezão pudera ser animado e persuadido, pois naceo mouro: o qual tanto que soube d'este desatino se foi a elles e lhes disse:

O' fieis amigos, amados companheiros, que desatino é este, que cruel inimigo entrou em vossos corações, que vos vejo com armas offensiveis, quando só das da paciencia devereis estar armados, pois no que toca a tomar satisfação dos mouros nenhum proveito se póde conseguir, mas antes com seu dano os vingamos de nós mesmos, dando claros indicios que não foi nossa morte amor divino senão furor humano, pois mostramos por obra mais effeitos de ira e de paixão, que de paciencia: e pera com Deos seremos condenados como usurpadores de seu divino officio, a quem só compete o certo juizo das cousas, e a vingança d'ellas. Triste satisfação certo seria qualquer que se tomasse, pois esperando premio, nos fariamos devedores, e tendo dado fielmente conta, de novo entrariamos nella. Pois vêde qual seria nosso sacrificio tirando a outrem as vidas, quando por Deos as damos? Cesse por seu amor a infernal furia, que não é este

o tempo de buscar fama gloriosa na vida, senão gloria com Deos na morte. Estas e outras cousas disse Francisco da Esperança a seus companheiros, ás quaes se renderam logo todos conhecendo as invenções do demonio, com grande arrependimento de sua errada tenção.

Passadas estas cousas tanto que foi manhã mandou o Xarife chamar o alcaide Jaudar, e lhe disse que fosse onde estavam estes servos de Deos, e os afogasse a todos. Partiu-se o alcaide, e foi ter com elles á casa donde estavam, levando consigo quatro moços Elches já grandes, e seis pequenos, dos quaes os que com mór prazer isto fizeram foram quatro por nome Bogatiar, Solimão, Piáli e Jairão, que foi o que em seu nome e dos mais escreveu a carta a el-Rei convidando-se pera algozes, que tão vizinhos são nesta miseravel vida os bens dos males e as sortes ledas das tristes.

Chegaram emfim estes infernais ministros com Jaudar seu capitão, onde os servos de Deos estavam mui alegres, animando-se uns aos outros, principalmente Francisco da Esperança, o qual com estranha ousadia estava persuadindo a um moço que se chamava Mancôr seu companheiro na primeira consulta de se publicarem por christãos, mas com receio de perder a vida não seguira seu sancto proposito, e como fosse grande seu amigo, e em principio de sua conversão o havia bem doutrinado na fé, com grande magoa lhe dizia que não perdesse tão felice hora com temor da morte, pois na verdade seu coração outra cousa sentia differente de suas palavras, e pois fôra mestre da verdade, não fosse confessor da mentira, mas como padecer pela confissão da Fé seja particular graça da misericordia divina, nenhuma cousa aproveitou com elle.

Juntos em fim os infernaes ministros, o primeiro a quem chamaram ao sacrificio foi Francisco da Esperança com aquella má vontade e zêlo que do Xarife devia ser encommendado, cuja morte e dos mais poremos d'aqui por diante em capitulos particulares.

CAPITULO VII

Vida e morte de Francisco da Esperança

NASCEO este venturoso menino como fermoso lyrio entre as espinhas na cidade de Marrocos: seu pai se chamava Abdel Melique, castelhano de nação, de Malega natural, o qual se tornou mouro como acontece a muitos, posto que os mais d'elles, ou quasi todos o são fingidamente; sua mãi era moura de nação: tiveram outro filho mais velho o qual chamaram Amet, e a este Ali: morto seu pai ficou em poder de seu irmão, e não se podendo sustentar por sua pobreza, tiveram intelligencia pera entrar em casa d'el-Rei sendo de idade de sete ou oito annos, o qual o mandou logo aprender o Alcorão em companhia de alguns moços Elches, os mais d'elles feitos por força, entre os quais se avantajou. De maneira que lhe encommendou el-Rei a doutrina de todos, porque sendo companheiro e de uma idade os persuadisse mais facilmente, mas elle deu as armas contra si, porque o mestre saio tão bom discipulo como logo veremos.

Era Francisco da Esperança moço de boa inclinação, e por extremo affeiçoado a bons custumes, e como seus companheiros (cujo numero como havemos dito era mui grande) eram de mui varias nações, e

sómente os castelhanos e portuguezes são os que menos se esquecem da Fé que no bauptismo receberam, e dos bons costumes, começou Ali a inclinar-se-lhe mais tratando com elles mui familiarmente, e pera o poder melhor fazer aprendeo a lingoa espanhola que em breve tempo soube mui bem: e como por esta rezão e por sua boa natureza viesse a ser particular amigo dos espanhois, e elles sentissem nelle sogeito pera lhe manifestar que eram christãos, se lhe descobriram alguns d'esta ditosa companhia; alegrou-se elle muito com isto, pedindo-lhe com muita efficacia que lhe ensinassem a fé de Nosso Senhor Jesu Christo, porque tambem queria ser christão como elles eram. Foi doutrinado d'estes moços em tudo o que convinha, e de crêr é que sendo isto obra do Espirito Sancto elle acodiria de maneira que não faltasse o necessario, e lhe fosse a verdade declarada, ainda que por tão pequenas lingoas e humildes pregadores. Logo lhe ensinaram a doutrina christã, e todas as mais orações, e fizeram qus rezasse os sete psalmos, o qual pera poder saber melhor as mais d'estas cousas escrevia em arabigo, e assi entre ambas as lingoas ia aprendendo tudo com tanto zêlo e coriosidade que a todos causava maravilha: e assi quanto mais ia sabendo de nossa sancta fé, mais aborrecia a seita de Mafoma: e como era obrigado ir todas as quartas feiras ouvir a pregação dos mouros á mesquita com os companheiros, mais ia por contemporizar que por outra cousa, rindo se grandemente dentro em seu coração do que lhe ouvia dizer ácerca dos milagres de Mafoma, principalmente do primeiro que os mouros contam, o qual é que trazendo-lhe Mafoma a seita, viera a lua do ceo e se lhe metera no corpo, e por cada manga de sua vestidura lhe sahia uma ametade: e como os mouros depois de morrerem pera ganha-

rem o ceo, vão por um caminho em que gastam tres mil annos caminhando sempre pera baixo, e mil pera cima, e outras cousas semelhantes, como os rios de mel e de manteiga, e delicias venereas, o que lhe fazia cada hora aborrecer mais tal seita e vir com grande amor e vontade no conhecimento da lei de Deos, aprendendo todas as orações, de Nossa Senhora principalmente, e a primeira que soube foi aquella que começa Ave Sanctissima Maria Madre de Deos, Rainha dos ceos, etc.

Rezava todos os dias o rosario, fazia muitas esmolas secretas, e depois que começou a aprender a doutrina christã se pôs nome Francisco da Esperança, e se mandou assentar com este nome na confraria de Nossa Senhora do Rosario, e outras muitas.

Dava esmola á misericordia de dinheiro, cera e azeite, todas as suas palavras eram dirigidas a Deos, ao qual sempre pedia que o recebesse em seu gremio, e em terra de christãos acabasse a vida, se via alguma cousa malfeita entre seus companheiros, logo lhes ia á mão, e não podia sofrer desconcertos contra os bons costumes: e tão grande era o desejo que tinha de sua salvação e de lhe não faltar nada pera isso, que mandou preguntar ao padre Ignacio de Jesu o dia de antes se cahia em algum erro ou culpa, morrendo sem ser bauptizado, porquē elle estava disposto a ser o primeiro de todos, ao que logo teve a resposta que convinha: e de tal maneira se aproveitou do conhecimento de Deos, que nunca nelle houve desfalecimento em cousa alguma, antes cada vês em tudo aproveitava mais, até chegar ao ponto de sua ditosa hora. E assi como foi o primeiro que seguio Simão de Freitas, tambem o foi na morte que estando entre todos emcomendando a Deos sua alma, e á Virgem Nossa Senhora, lhe deram recado que o cha-

mava o alcaide Jaudar, e como elle entendesse mui bem o pera que era, com muito alvoroço se começou a despir, ficando em camisa e ceroulas, e uma roupeta turquesca.

Chegaram logo os algozes, e foi levado a uma casa bem triste que pera isso escolheram, mas mui alegre e sumptuosa ao cavaleiro de Christo, o qual tanto que entrou pela porta rezando o Psalmo de Miserere mei Deus, vendo o alcaide Jaudar rodeado de seus infernais ministros, lhe disse com muita humildade e paciencia, porém com grande animo e constancia: vedes-me aqui irmãos, que é o que me quereis? Ao que respondeo um dos algozes: queremos-te matar: mas elle não desmaiou, antes com um semblante mui alegre lhe disse: seja embora em nome de Deos.

Vendo um d'estes ministros do demonio por nome Ramadão a vontade com que se offerecia a morrer lhe disse: irmão Ali torna-te mouro, e não morras christão; ao que elle respondeo com tal constancia que bem mostrava estar Deos em sua alma: não vim eu aqui pera me tornar mouro, senão pera morrer pela fé de Jesu Christo.

Estando pois este forte menino mui consolado e constante neste passo tão espantoso, o demonio que tão mal sofria vêr fóra de seu laço semelhante presa, principalmente sendo fruito da triste geração a elle dedicada, trouxe neste momento a seu irmão Amet, o qual lhe disse vendo-o d'aquella maneira: O' irmão Ali, enganaste teu corpo, e pois has de morrer, ao menos morre mouro, ao que elle respondeo, como quem estava cheio da graça do Spirito Sancto: Irmão vai-te com Deos, que eu sou christão, e christão heide morrer. Beijou-lhe então o irmão a cabeça, não certo sem algum mysterio, que Deos faz amar a verdade, e até aos mesmos perseguidores d'ella, e o

menino humilmente lhe fez seu acatamento como a mais velho, e despedido d'elle com os olhos postos em terra e o coração no ceo fez oração a Deos dizendo: Senhor perdoai-me, e havei misericordia de mi; e acabando estas palavras breves, lhe lançaram os algozes o baraço ao pescoço, e encostando-o a umas hastes de lança que pera isso tinham apertaram rijamente sem nenhuma piedade. Quebrou logo a corda da muita força que puzeram, porém em um momento a concertaram, e dobrando-a, por lhe não quebrar, lhe tornaram a dar outra laçada na garganta, apertando com tanta furia que a corda quebrou outra vez, parece que com piedade, mas não quebraram porém os duros animos dos crueis algozes, antes com gram presteza foram buscar a um poço outra, mas o forte cavaleiro não desmaiou com taes dous golpes, antes no meio d'esta aflição (que Deos pera maior merecimento permitio que tivesse) estava com os olhos no ceo todo emlevado nas saudades d'aquella immensa gloria, a cuja porta já chegara duas vezes.

Trouxeram logo os mouros outra corda mais grossa que as outras, a qual lhe tornaram a lançar ao pescoço, e com muito mór impeto puxaram por ella, até que o deixaram, por lhes parecer que estava morto, porém d'ahi a um grande espaço quando atormentavam Simão de Freitas viram que ainda bolia seu corpo, de que não ficaram pouco maravilhados, e buscando-o todo, a vêr se tinha alguma cousa que de tantas mortes o livrasse, acharam-lhe duas orações atadas em um cordão de seda azul, que lhe dava duas voltas pela cinta, e uma d'ellas era de Nossa Senhora, que começa: Deos vivo Jesu Christo etc., e outra de Sancto Agostinho que diz: Dulcissimo Jesu etc., as quaes lhe tiraram logo, em cuja virtude parece que lhe conservava Deos a vida pera lhe dar

maior gloria, e pera confusão de seus algozes, e assi depois d'isto deu em um momento a alma ao Senhor que a criou sendo da idade de quinze ou dezaseis annos.

CAPITULO VIII

Vida e morte de Simão de Freitas de Setuval

Era Simão de Freitas natural da Villa de Setuval, chamava-se seu pai Gaspar de Freitas e sua mâi Joana Caiada; foi captivo no campo de Alcaçar, donde veio a poder de um mouro, alcaide de Tetuão, sendo de idade de dez ou doze annos, o qual posto que Simão fosse menino, como tinha bom entendimento e era mui fiel, lhe entregou todas as chaves do melhor de sua casa, e tudo lhe corria pela mão, sendo summamente amado de seu amo por seus merecimentos. Estando pois d'esta maneira tirou el-Rei a alcaidia a este mouro, o qual se foi pera Marrocos, donde alguns fidalgos que do menino tinham conhecimento o quizeram resgatar, mas o mouro de nenhum modo o quiz fazer, pela affeição que lhe tinha. Vendo isto os fidalgos deram ordem com que o menino fogisse de sua casa, e o recolheram na Judearia onde estavam aposentados. D'esta maneira esteve alguns dias em quanto se buscou uma guia que o levasse a Mazagão, e feita a diligencia o encaminharam com outro companheiro, porém como Deos o tivesse escolhido, permitio que antes que saissem de Marrocos fossem tomados, e como o companheiro era captivo d'el-Rei levaram tambem a Simão diante d'elle, o qual folgou muito de o vêr, e mandou que o recolhessem com os mais moços, e o outro captivo que

se levasse á sejana; soube logo d'isto o amo de Simão, porém por mais que fez dando a el-Rei muito dinheiro nada aproveitou, que nesta terra não ha maior justiça que a vontade d'el-Rei.

Era neste tempo alcaide da guarda d'estes moços um mouro filho de Elche, o qual se chamava Mahamu Zarcon, cruelissimo tyranno em os fazer mouros por força, e assi como era seu costume usou com este menino persuadindo-o primeiro com brandura, porém vendo que nada aproveitava começou a dar-lhe tormentos, que não podendo sofrer sua tenra idade lhe fizeram dizer que era mouro, mas sem embargo d'isso nunca se apartou de seu coração o conhecimento de Deos, e de sua sancta fé catholica; rezava ordinariamente e jejuava a Quaresma e Advento, quatro temporas e todos os mais dias da obrigação da igreja; não comia carne ás sextas feiras e sabados, dava muitas esmolas, era confrade de Nossa Senhora do Rosario, e por estremo affeiçoado a acodir ás necessidades do esprital, e nisto gastava a paga que d'el-Rei tinha quasi toda, buscando mil invenções pera poder acodir a estas cousas; tambem mandava dizer muitas missas, tinha mui claro juizo e mui boa inclinação, tratava sempre com seus companheiros das cousas de Deos, e nellas era de todos havido por mestre, lendo-lhe os livros devotos, e declarando-lhe o que convinha á salvação da alma, e nestes exercicios gastava a vida, buscando tempo conveniente pera os exercitar, e assi quando se publicaram por christãos elle foi o primeiro que apellidou o nome de Jesu, e chamou os mais como está dito. E nunca depois até a hora de sua felice morte faltou em cousa alguma, antes esteve tão inteiro nas cousas da fé, que sendo preguntado o alcaide Jaudar se morrera elle christão, disse que mais que todos quantos nunca houvera.

No dia antes de sua morte, sabendo já a certeza d'ella, mandou dar duas onças de esmola á misericordia, que mais não devia ter, pois dava tudo, das quaes pedio lhe dissessem duas missas, uma ao Anjo de sua guarda, outra a S. João Baptista, estando com tanto animo e inteireza, que não bastou o espanto e temor da morte a lhe turbar o sentido nem fazer esquecer da immensa caridade que tinha. Mandou mais á misericordia uma touca da India, por lhe não ficar cousa que não entregasse a Deos, e assi se póde esperar que na cabeça donde a elle tirou lhe ponha o mesmo Senhor uma mui fermosa corôa.

Estando pois d'esta maneira mui conforme com a vontade divina foi logo após de Francisco da Esperança chamado á casa onde havia de padecer, o qual tanto que o vio morto d'aquella maneira ficou algum tanto alterado, posto que se lhe enxergou mui pouco, porque parece que foi mais de piedade que de temor, e assi disse apontando com o dedo pera o venturoso mancebo: a minha alma como a tua, e levantando os olhos pera o ceo fez oração dizendo: Senhor Deos de misericordia em vossas mãos encomendo a minha alma. Logo os algozes lhe lançaram a corda á garganta, a qual quebrou ao primeiro movimento, porém foi mui depressa outra vez atada, e tornando-lhe a dar garrote, quando estava quasi afogado, acodiram a Francisco da Esperança, que ainda bolia, como atrás fica dito, e depois de concluirem o que convinha tornaram a elle, e achando-o ainda vivo no meio dos tormentos com os mesmos garrotes com que o afogaram lhe deram mui grandes pancadas na cabeça, e muitos couces na barriga, como pessoas que mais queriam vingar as injurias do demonio a quem serviam, que fazer o que el-Rei sómente lhes mandava, e vendo todavia que não acabava de espirar, tiraram-

lhe uma jaqueta pequena que tinha vestida, na qual acharam as mesmas orações de seu companheiro Francisco da Esperança, e logo espirou tanto que l'has tiraram: — no que realmente parece que Deos quiz mostrar, que assi como este ditoso mancebo foi o primeiro capitão de todos, fosse tambem dos que mais tormentos padeceram, pera ser maior sua gloria, provocando juntamente por tão maravilhosos meios a verdadeiro arrependimento os crueis executores de tamanha maldade, corridos e emvergonhados de sua perfidia. Padeceo sendo de idade de dezoito ou dezanove annos.

CAPITULO IX

Vida e morte de Fernão Ginez

GINEZ ou segundo se tem Fernando, porque assi se mandou elle assentar na confraria de Nossa Senhora do Rosario, posto que em casa d'el-Rei Ginez fosse seu nome, que tambem podia ser appellido, era galego de nação, natural de Bayona; foi feito mouro por força por mandado d'el-Rei, a quem elle chamou Jaen, nome não mui usado entre os mouros, mas elle usava de semelhantes nomes por sua curiosidade, como se vio noutros moços d'esta mesma sorte.

Era Fernão Ginez mui differente em seu coração do que seu vestido significava, porque só tinha a verdadeira lei de Christo, posto que não se desse a entender com tanta liberdade como seus companheiros, mais por natural encolhimento, que por outra cousa, porém tanto que elles se publicaram e Simão de Freitas

apellidou primeiro o nome de Jesu Christo, logo elle em altas vozes disse que era Christão, no qual presuposto se mostrou tão firme que nunca depois até a hora de sua morte faltou em cousa alguma, dizendo as palavras que havemos referido, quando o Elche foi buscar a espada pera o matar, e tão inflamado estava nos desejos de padecer por Christo, que tanto que Simão de Freitas foi chamado, não esperou elle que o chamassem, antes se foi offerecer, entrando na casa onde estavam os algozes, assi por esforçar a seu companheiro, sentindo tambem como amigo o que esperava padecer, como por confundir seus inimigos no pouco temor que d'elles mostrava. E certo que parece que Nosso Senhor andava buscando a esses seus servos nova invenção de merecimentos, por não ficar algum que em todo o estremo (posto que em differentes modos) não manifestasse seu poder. Mas como dizia, tanto que Simão de Freitas deu a alma a Deos, a cujos tormentos Ginez esteve presente, sem fazerem nelle outros effeitos mais que um desejo entranhavel de se vêr naquelle glorioso transito, lhe disseram os algozes que se aparelhasse, e um d'elles que se chamava Ramadão, grande seu amigo, com piedade de o vêr d'aquella maneira (segundo o demonio lhe metia em cabeça) lhe disse: não sei irmão Jaen como hei de ter mãos pera te fazer mal, ao que elle respondeo: ó meu bom amigo, bem parece que não sabes a suavidade dos tormentos de quem por Deos padece; agora é tempo em que se hão de mostrar os amigos leaes, e pois na brevidade de tão ditosa offensa está todo o meu bem, deixa a cruel piedade, e acaba-me de pressa que nunca me podias ser de mór proveito. Logo os algozes o assentaram no chão, e lhe deram guarrote com tanta diligencia como elle havia encomendado, e

assi em um momento deu a alma a Deos sendo de idade de vinte annos.

CAPITULO X

Vida e morte de João Francês

João, francês de nação, natural de Paris, sendo ainda muito menino o levou seu pai á cidade de Lisboa, onde se criou, e esteve até á jornada d'el-Rei D. Sebastião, na qual foi, e no campo de Alcaçar o captivou um mouro gram senhor juntamente com outro menino portuguez do termo da cidade de Lisboa, e sendo ambos neste tempo de idade de dez ou doze annos, pretendeo seu amo vende los a um turco; d'isto foi avisado o padre Frei Ignacio de Jesus, que como havemos dito residia em Marroços sobre o resgate geral dos captivos, mas não pôde fazer mais que entreter a venda, por não achar o dinheiro que o mouro pedia, e não foi pequeno bem escaparem do turco, ainda que os comprou um mouro andaluz, donde pelo máo tratamento se acolheram a casa d'outro a quem erradamente os christãos tinham por grande seu amigo, cuidando que estivessem alli até os dar por algum preço accommodado: mas succedeo tudo ao revés, que o mouro os foi logo entregar a el-Rei, o qual os mandou fazer mouros por força com grandes tormentos, como costumava o tyranno alcaide que d'elles tinha cuidado.

N'este tempo porém o nosso João Francês, a que puzeram nome Acem, reclamou sempre mostrando a força que lhe faziam, não apartando nunca de seu coração a fé de Christo. Era mui devoto, e amigo de Deos, bem inclinado, buscava sempre as boas conver-

sações e fogia das más, era moço de sua natureza mui vergonhoso. E assi tanto que por força o fizeram dizer que era mouro tomou logo amizade com Francisco da Esperança a quem ensinou os sete Psalmos e outras cousas, e foram sempre grandes amigos, fallavam ordinariamente nas cousas de Deos, em cuja fé João esteve sempre mui firme dentro em seu coração, e ainda que quando o levaram diante d'el-Rei desmaiou, não desfalleceo porém em sua firmeza, mas foi um natural pejo, porque como dissemos era tão brando e vergonhoso de sua natureza, que de encolhido e humilde lhe nasceo o desmaio que teve, porém tanto que se vio fôra donde el Rei estava, mostrando que o acto fóra mais de obediencia e cortezia que de temor, começou a dizer em altas vozes viva a lei de Christo, com muita confiança e alegria, e posto que el-Rei mandou que não morresse, e que em seu lugar matassem o menino que havemos dito, foi Deos servido por seus occultos juizos que se trocassem as sortes, acontecendo d'esta maneira.

O alcaide Jaudar que era o executor de todas estas cousas usando a mais cruel piedade que se póde imaginar se foi a este tenro menino, em tempo que elle estava mui forte e determinado a padecer, e o começou a persuadir a que fosse mouro com branduras, promessas e afagos, de maneira que o innocente, a quem a visinha morte e os mais tormentos não poderam dobrar de nenhum modo, disse que seria o que sua mercê quizesse, e assi ficou rendido, que o demonio sabe muito bem as armas com que se vencem os da sua idade. E o de que se pode haver maior magua, é que foi isto em tempo em que elle era já chamado pera padecer, e se ia pelo caminho, despindo pera isso, e encommendando-se a Deos.

Confesso que chegando a este passo se me arrazaram os olhos de agoa com a dôr de tamanha perda e saudade da salvação d'esta alma, considerando juntamente a grande força da miseria humana, pois até no colegio de Christo recebe o demonio seu tributo. Mas eu confio em Deos cujo alto e escondido juizo não sómente se não sabe mais, nem especular se pode, que se não esquecerá de taes principios, guardando em seu thesouro estes desejos, até que em mais perfeita idade este menino tenha ainda coroa de maior merecimento, que pois nas leis humanas sempre o menor se absolve, como condemnarão as leis divinas idade tão pequena, mas antes de crêr é que o mesmo Senhor que sabe todas as vias escolhesse pera ambos o melhor tempo, acodindo á necessidade presente, porque como el-Rei tinha mandado que não morresse o nosso João de Paris, e podia, sendo mancebo correr maior perigo, ficando entre tantos vicios, quiz que fosse primeiro: guardando outro logar a este menino, a cuja innocencia parece que está obrigada a misericordia divina, do que não ha hoje poucas esperanças, porque informando-me eu de alguns captivos que agora vieram e assistiram então a todas estas cousas (como adiante se dirá) soube que este mancebo andava por capitão nas cafilas do reino de Guagõ, nova conquista dos Xarifes, e tinha inda estes sanctos desejos, lembrandose mui bem de quanto bem perdera; e determinava vir-se a terra de christãos o melhor que lhe fosse possivel, ou acabar em alguma ditosa ocasião.

Mas tornando a nosso proposito, vendo o alcaide Jaudar como João de Paris publicamente sem algum temor viera confessando a lei de Christo, sem embargo do desmaio que diante d'el-Rei teve, lhe pareceo causa bastante pera o matar, ainda que lhe fosse

mandado o contrario, sem dar conta ao mesmo senhor de cousa alguma, e assi o pós por obra tanto que o menino disse que faria o que elle quizesse, havendo que com satisfazer ao numero de sete compria com sua obrigação.

Chamaram logo o prompto cavalleiro de Christo, o qual veio mui alegremente rezando o credo, e dizendo a confissão, e tanto que chegou onde os algozes estavam, mui humildemente lhes pedio perdão, dizendo, meus irmãos se em alguma cousa vos tenho offendido rogo-vos por amor de Deos que me perdoeis, e tambem vos peço pelo Pão e Sal que havemos comido todos juntos que me acabeis depressa, nem vos impida algum escandalo se o tendes de me vêr christão, que minha breve pena não deixa de cumprir vossos desejos.

Ditas estas breves palavras lançaram-lhe logo os algozes a corda ao pescoço com tanta ira, que mui brevemente convertida essa furia em seu remedio deu a alma a Deos, sendo de dezanove até vinte annos.

CAPITULO XI

Vida e morte de Domingos

Domingos, português, natural de Gouvêa na serra da Estrella, foi captivo no campo de Alcaçar de idade de treze ou quatorze annos, veio a poder d'el-Rei, onde com a força dos tormentos que havemos dito o fizeram dizer que era mouro, e lhe puzeram nome Buxer. Era moço vergonhoso, amigo de Deos, e mui devoto de Nossa Senhora do Rosario: procurava sempre saber dos chris-

tãos o que se dizia nas prégações que elle não podia ouvir, com verdadeiras saudades d'alma. Mandava dizer muitas missas, jejuava o Advento e Coresma e todas as mais obrigações da Santa Madre Igreja: quarta-feira de trevas antes de sua felice morte se foi com outro companheiro entre umas taipas, onde se disciplinaram com muita devação na lembrança do sancto dia. Prezava-se tanto de christão que de nenhum modo consentia que lhe chamassem mouro nem zombando: gastava a vida em sanctos exercicios, e dês a hora em que se publicou por christão cada vez se encendia mais no amor divino, e assi nas preguntas que o alcaide lhe fez, como quando foi diante d'el-Rei respondeo por si e por seu companheiro João de Paris com tanto valor e ousadia como atraz dissemos.

Sempre mostrou grande constancia, e nella permaneceo até a hora de sua ditosa morte, de que estava tão desejoso que todas as vezes que os algozes chamavam outro, elle se ia meter primeiro na casa sem que fosse chamado, até que lhe diziam que se tornasse pera fóra, e quando fosse tempo o chamariam, elle se saia logo mostrando em seus effeitos só pura humildade, e quando o foram buscar veio muito alegre fazendo o sinal da cruz, e invocando o nome de Jesu, pelo que o alcaide Jaudar lhe deu uma pancada na cabeça com um páo que na mão tinha tal que logo cahio em terra, e lhe arrebentou o sangue pelos narizes e pela boca, mas elle não deixou por isso (que Deos permetio pera maior gloria sua) de seguir seu prosuposto, antes com devação e efficacia chamava pelo nome de Jesu, em cuja virtude naquelle breve ensaio de tormentos lhe era tão suave a pena, estando tão propinco á morte lhe parecia mui dilatada a vida. Lançaram-lhe logo os algozes a corda ao pescoço, e apertando rijamente como offendidos de

tamanha constancia e liberdade deu a alma a Deos, sendo de idade de vinte annos.

CAPITULO XII

Vida e morte de Amaro

Amaro, português de nação, natural de Colares junto da Villa de Cintra; chamava-se seu pai Silvestre Gonçalves, e sua mãi Francisca Jorge; foi captivo no campo de Alcaçar sendo de idade de doze ou treze annos, veio a poder d'el-Rei onde o fizeram mouro por força como aos mais, e lhe chamaram Mamy, mas elle como em sua alma donde sempre guardou a fé de Christo não tivesse tal nome, não deixou nunca de se encomendar a Deos e á Virgem Nossa Senhora de quem era mui devoto; dava muitas esmolas, mandava dizer missas, rezava sempre, jejuava os tempos que a sancta madre Igreja obriga, fazendo em fim algumas obras que convem a um bom christão; era moço bem inclinado, amigo da virtude, fogia das más conversações, e o mais do tempo gastava em sanctos exercicios. Quarta feira de Trevas antes de se publicarem por christãos se foi disciplinar entre umas taipas, em lembrança de semelhante tempo, e em castigo de suas culpas, que o grande desejo de sua salvação lhe fazia buscar toda a penitencia. Folgava muito de lêr pelas vidas dos santos e tinha particular intelligencia pera saber das pregações que no trecenal aos christãos se faziam, e tão arreigada estava em seu coração a fé catholica que nenhum companheiro lhe levou ventajem, como bem se vio na reposta que deu ao alcaide Jaudar quando lhe pre-

guntou se era christão, e muito mais livremente diante d'el-Rei, sendo de tão boa consciencia e tão temente a Deos, que depois que entendeo que havia de morrer mandou uma carta o dia dantes ao padre Frei Ignacio, em a qual se confessava geral e particularmente de todos seus pecados (inda que não era confissão) e assi estava mui firme e consolado aguardando a morte: chegada pois a hora d'este ditoso mancebo, estando elle mui conforme com Deos e com estranha alegria dentro em sua alma esforçando a seu companheiro Antonio, foi chamado da parte dos algozes a cujo recado obedeceo com muito alvoroço, e encomendando-se a Deos entrou na casa do sancto sacrificio donde á primeira vista dos cinco companheiros (em cuja formosura seu glorioso premio vio escrito) ficou tão encendido no amor divino e nos desejos de se vêr em sua companhia, que estando tão perto d'isso lhe parecia mui dillatado o tempo, mas os algozes, cujo animo estava bem longe d'estas considerações lhe lançaram a corda ao pescoço, apertando tão rijamente que em um momento deu a alma a Deos, e foi no felice numero de seus companheiros, sendo de idade de dezoito annos.

CAPITULO XIII

Vida e morte de Antonio da Silva

O derradeiro d'estes sete venturosos moços (antes o primeiro se em tão grandes tormentos pode haver algum que tenha este nome) foi Antonio da Silva, português de nação, natural da Villa de Setuval; chamava-se seu pai Manuel Este-

ves, e sua mãi Caterina Cardoza ; foi captivo no mar de treze pera quatorze annos. Neste tempo em que o captivaram estava o Xarife em Fez de caminho pera Marrocos, já posto no campo em tendas, onde o menino lhe foi levado, e elle o mandou entregar ao Alcaide Mahamut Zarcon que como havemos dito tinha cuidado d'estes moços, o qual com sua costumada maldade e tyrannia determinou de o fazer mouro, tratando-o primeiro com muita brandura e afagos : mas como elle a todas estas cousas respondesse que era christão e sempre o havia de ser, mandou-lhe dar mais de duzentas pancadas nas costas e nas prantas dos pés com um páo como se lá costuma, o que elle sofreo com animo varonil, dizendo que christão havia de ser, ainda que o matassem mil vezes.

Vendo o tyranno esta firmeza inventou outro modo de tormento, dando em uma corda de linho muitos nós e mui juntos, e encostado o menino a um páo da tenda lhe fez atar a corda pela testa, e por detrás do mesmo páo mandou que se apertasse com um garrote ; apertaram logo rijamente, e bem se póde julgar que pena esta seria, a qual elle sofreo com muita constancia, dizendo que era christão e invocando o nome de Jesu esse pouco espaço que o tromento lhe dava lugar : o que vendo o tyranno e como isto não bastou pera dizer que era mouro, mandou que o atassem com as mãos atrás, e foi levantado em um masto alto, onde se punha a bandeira do seu Celá na mesma corda que d'isso servia, e nos pés lhe foram atadas outras, pelas quaes puxavam dous Elches Jaudar e Amar quando o sobiam acima, de maneira que o desconjuntavam todo, mas elle estava tão cheio do spirito do Senhor, que na força do mór tromento mais vivamente confessava a lei de Christo, dizendo que bem lhe podiam fazer quanto quizessem que não ha-

via de ser mouro: e posto que estando d'esta maneira no mais alto do masto lhe fizeram muitas preguntas ora com ameaças, ora com promessas, não bastou cousa alguma a lhe mudar o proposito que Deos alevantou este seu pequeno e grande cavaleiro como estandarte victorioso de sua sancta fé catholica d'onde se punha a bandeira de Mafoma pera mais confusão e vituperio de seus servos, vendo tão claramente por um tenro menino manifesta a verdade, onde com tal cegueira se publicava a mentira.

Corrido em fim o tyranno do pouco fruito que faziam suas ameaças, rogos e tormentos, determinou por ultima tentação valer-se do fogo, e decido o menino do masto onde estava mandou buscar borralho muito quente, mas o mensageiro que sabia bem contentar seu amo trouxe em lugar d'elle brazas mui accezas. Tomou logo o tyranno uma das maiores e pol-a sobre um dedo do menino, o qual sofreo tudo com muita paciencia, e como estava abrazado d'outro fogo disse: S. Lourenço foi posto em umas grelhas, e estando já assado de uma parte, dizia ao seu tyranno que o virasse da outra, assi podeis vós fazer agora d'esse dedo, pondo a braza d'outra banda, que d'esta já está assado.

Comprio logo o tyranno esta vontade tão acomodada a sua e poz-lhe a brasa da outra parte, porém vendo quão pouco effeito isto fazia, corrido tambem de vêr que não lhe aproveitava, nem ainda o mór rigor dos elementos, tomou o brazeiro, e assi como estava o lançou sobre a cabeça do menino coroando-o de brazas pera o ser de estrellas: o que elle sofreo com tanto animo confessando a fé catholica, que vencido o tyranno totalmente começou a imaginar alguma nova invenção de tormento, e mandou vir canas tostadas as quaes começou a aguçar com uma

faca diante d'elle pera lhas meter pelas unhas dos dedos, dizendo que bem via o tormento que se lhe aparelhava senão queria ser mouro: mas o forte menino sem algum temor dizia que christão era, e christão havia de morrer por mais penas que lhe dessem. Vendo o tyranno isto meteo-lhe uma cana entre a carne da unha do dedo polegar da mão esquerda, de que correo grande cantidade de sangue, e depois veio a perder a unha, mas nada aproveitou pera deixar de confessar o nome de Jesu em altas vozes, o que vendo o tyranno determinou de o cortar e vestir em trajos de mouro, fazendo por força os actos exteriores, já que não pudera acabar o mais.

Foram-se logo os companheiros a este menino, dizendo que não quizesse passar tantos tormentos, e que muitos mais lhe haviam de dar, pelo que dissesse que era mouro, como elles fizeram, e que dentro em seu coração fosse christão como elles tambem eram, porque isso bastava, mas elle desprezava estes conselhos e não sofria dizerem-lhe que fosse mouro, porém depois de muito emportunado dos companheiros disse que o era, mais com piedade de seus queixumes e rogos que temeroso de novos tromentos, cuidando como innocente menino que não deixava de ser christão em quanto não consentia nas obras de mouro, e assi se vio no arrependimento d'este erro claramente manifesta sua tenção, porque tanto que o barbeiro veio, e elle entendeo que o negocio passava de palavras, disse publicamente sem algum temor, quando lhe vestiam os trajes de mouro e o circuncidavam que christão era, e que todas aquellas cousas lhe faziam por força: e não sómente o disse neste estado, mas depois sempre em toda a parte d'onde se achava em publico e em secreto a christãos e a mouros, mostrando por obra o que dizia nas palavras, e fazendo tudo aquillo

que convinha a bom christão; puseram-lhe em fim os mouros nome Jafar sem embargo d'isto como lhes bem pareceo, mas elle não aceitou uma cousa nem outra, e assi ficou triunfando de seus inimigos, se pode toda via desculpar seu erro, seu engano, como parece rezão em tão pequena idade, posto que bem bastavam tantas maravilhas como haviam visto em um menino innocente, a quem venceram rogos, não tromentos, pera entenderem a grande força do amor divino que milagrosamente em qualquer cousa sua se mostrava, mas a cegueira d'alma a que chamamos odio não lhe dava lugar a cousa alguma.

Era este menino de mui boa condição, amigo da Igreja, bem inclinado, dava muitas esmolas, folgava de lhe darem bons conselhos, não acompanhava senão com os bons, de contino se encommendava a Deos e á Virgem Nossa Senhora, de quem era mui devoto, e assi bem mostrou que ainda que trazia os trajos de mouro era christão. E quando Simão de Freitas appellidou o nome de Jesu, não foi elle dos derradeiros, mostrando-se tão firme e constante na reposta que deu ao alcaide e a el-Rei como havemos dito.

E assim nisto como em todas as mais obras havia perseverado, depois que sendo menino recebeo os tromentos que dissemos até este tempo de sua felice e desejada hora, a qual chegada vendo elle chamar primeiro todos seus companheiros, estava cheio d'aquella sancta inveja e divinas saudades de padecer por Christo, ardendo em tão vivos desejos, que não sabia já quando a tanto bem seria chamado. E assi como foi mais atormentado que todos, alli quiz Deos que fosse o derradeiro, porque tambem no tormento d'esta dilação que sua alma sentia lhe fizesse ventaje na morte, e não sómente nella, mas no modo permi-

tio que fosse tambem avantajado, sendo tão differente da de seus companheiros como se verá.

Tanto que Amaro acabou de dar a alma a Deos foi Antonio chamado, o qual entrando na casa mui alegremente, como quem chegava a cousa tão desejada, invocando o nome de Jesu e fazendo o sinal da cruz, depois de lhe lançarem o baraço ao pescoço foi levantado nos hombros de dous algozes que de si fizeram força com um pao atravessado, e como eram grandes e elle mui pequeno de corpo, puxando os outros pera baixo acabou em um momento a venturosa vida que tantos martyrios padecera, sendo de idade de dezasete até dezoito annos, a quatro de Julho de 1588.

CAPITULO XIV

Como os servos de Deos foram enterrados

Concluido este admiravel successo foi o alcaide Jaudar, a quem a execução tocava, dar conta a el-Rei do que era feito, o qual mandou que tanto que fosse noute os lançassem em um poço que está em uma horta sua, junto aos paços reais, e não serve d'outra cousa mais que de sepultura d'aquelles que o Xarife manda matar em sua casa, ou por não dar escandalo, vendo-se a sem rezão publicamente, ou por não haver alvoroço quando a morte fosse com rezão, e assi acontece ás vezes entrarem alguns Elches ou mouros no paço donde nunca mais aparecem, o que realmente é uma das maiores miserias da vida, pois no lugar donde se ha de buscar o remedio, a honra e consolação está tão certo o perigo, que ninguem póde entrar seguro de poder tornar a sair.

Chegada a noute o alcaide com alguns christãos seus, e outros que no paço tinham entrada mandou levar os servos de Deos ao poço onde foram lançados com muita terra em cima, tirando Francisco da Esperança, que foi o primeiro que da casa tiraram como tambem na morte o havia sido, em cujo rosto se mostrava uma desuzada fermosura, e a rezão de o não levarem com os outros foi particular vontade do alcaide Jaudar, cuja tenção parece que era não querer, sendo mouro, fosse na companhia dos christãos, porém depois temendo que não tomasse el-Rei bem isto, vindo a sua noticia, mandou que o desenterrassem donde estava, e foi levado ao poço, donde tornando a tirar a terra a seus companheiros, o deixaram em sua ditosa companhia, permetindo assi Deos, porque sendo na vida tão conformes o fossem tambem na morte e na sepultura.

Depois d'isto d'ahi a alguns tempos teve o embaixador D. Francisco da Costa intelligencia, e por um captivo hortelão que tinha livre entrada na horta onde o poço estava mandou pouco e pouco trazer estes ossos escondidamente, e o captivo o fez assi fingindo que lhe trazia hortaliça, e em sua casa estiveram com todo o segredo e respeito que lhe era devido, e depois de morto D. Francisco, e o padre Frei Ignacio de Jesus, e Frei Antonio da Conceição (cuja informação seguimos) havendo-se licença do Xarife pera se trazerem seus corpos a este reino, mandou el-Rei Felipe nosso senhor que está em gloria, que viessem em seu lugar os d'estes sete cavaleiros de Christo, publicando-se que aquella ossada era do embaixador, e dos mais religiosos, que d'outra maneira não fôra possivel; mas Deos ordenou tudo tão suavemente que os ossos vieram á cidade de Lisboa a casa de D. Joana Anriques, molher do mesmo em-

baixador, donde sua Magestade os mandou depositar em S. Francisco, onde hoje estão, e ora por seu mandado anda o doutor Lourenço Mourão, desembargador do paço inquirindo a verdade d'este successo pera effeito de Sua Santidade os caconizar, e assi o permittirá Nosso Senhor que por tão estranhos meios os trouxe a este reino, dando seu justo premio em tão ditosa companhia no ceo a D. Francisco por estas e outras sanctas obras que senão sabem cá pagar na terra, e aos mais religiosos e pessoas juntamente que pela salvação d'estes felices moços se offereceram á morte tantas vezes, e por sua liberdade depois ainda de mortos ficaram seus corpos em captiveiro na cidade de Marrocos.

CAPITULO XV

Como padeceo Domingos de Torres, e do que aconteceo a Xabão o Elche accusador

FICOU-ME tanto na memoria e no desejo saber particularmente as cousas d'estes felices mancebos, a quem me confesso estranhamente afeiçoado, que me não contentei com a relação que o padre Frei Antonio da Conceição como testemunha de vista mandou ao Cardeal Alberto, governador d'estes reinos, a quem com tanta rezão se póde dar inteiro credito, mas procurei falar com alguns captivos como foi Jeronymo da Azambuja e Francisco Soares que se achou presente, e foi um dos captivos que com Antonio Mendes foram presos, e pela boa inclinação do alcaide Sufiane depois de padecerem muitas miserias e trabalhos foram soltos, e escaparam com vida, como está dito, do qual soube algumas

cousas em particular que me pareceo bem não passarem em silencio, principalmente a morte de Domingos de Torres, natural de Mazagão, que foi tambem um dos captivos presos, e não deve ter menos lugar que os mais perdendo a vida como logo diremos, posto que não foi em sua venturosa conjunção, e porque melhor se entenda este sucesso contaremos primeiro o divino juizo que veio sobre o traidor Xabão.

Foi tão admiravel entre toda a gente este caso que contamos que os mouros se mostraram mui confusos, os Elches com temor arrependidos, contentes, e edificados os christãos, de maneira que posto que em differentes sogeitos em todos era igual a maravilha, donde naceo tamanho odio contra o acusador Xabão, que os mouros o aborreciam pelos termos que usou neste successo (que em fim em todo o estado quando se ame a traição se aborrece o traidor) e dos Elches e christãos era tão perseguido, que não sentindo outro remedio se acabou de entregar de todo aos demonios á imitação de Judas, não se enforcando porém, mas corrido, desprezado das gentes, querendo com novas culpas emcobrir seus erros se deu totalmente á perseguição dos christãos e oração de Mafamede, e como fosse nisto mui prolixo por mostrar aos mouros que como zeloso da honra de seu Mafoma fizera traição a seus companheiros, e não como traidor, estando um dia fazendo a cela em cima de uma esteira, como se abaixasse muitas vezes beijando o chão por humildade como entre elles se usa, um junco d'ella se lhe meteo por um olho, o qual logo alli ficou em testimunho de sua maldade e vituperio de semelhante devação, sendo a esteira mui lisa e mui alva, como entre os mouros pera semelhante acto se costuma, sem se poder esperar nem imaginar tal cousa, do qual sucesso houve entre todos nova maravilha, e foi sem-

pre depois este infame acusador apontado com o dedo em memoria de seu delicto, premetindo Deos que ainda na vida se conhecesse o galardão de sua alma.

Vendo pois Domingos de Torres estas e ontras cousas, que cada hora o levavam mais a seus sanctos propositos, como fosse grande amigo de um mancebo Elche da casa d'el-Rei, e dezejasse muito a salvação de sua alma, esquecido por este respeito de todo o perigo de sua vida lhe escreveu uma carta em a qual depois de lhe dar como fiel e verdadeiro amigo saudaveis conselhos, lhe trazia á memoria as sanctas maravilhas dos sete companheiros, e o admiravel castigo de Xabão, e outras cousas muitas. Porém o amigo fingido e manifcsto traidor usando mal d'este sancto zêlo levou a carta a el-Rei pera mais acreditar sua fidelidade, o qual vendo tamanho atrevimento em um christão a quem já perdoara, e como não sómente tratava da redução d'este mancebo, mas desprezando seus sacrificios atribuia a castigo divino a perda do olho de Xabão, magoado tambem das mais lembranças que na carta se continham mandou que o enterrassem vivo.

Estava neste tempo este mancebo esperando o fruito e galardão de seus bons conselhos, sem por nenhum caso imaginar tal ingratidão e falsidade, quando subitamente foi levado a uma prisão onde logo soube o que havia acontecido, e como el-Rei mandava que o matassem. Bem se póde julgar qual ficaria um animo singello eheio de tão estranhos sobresaltos, porém elle com nenhuma cousa desmaiou, antes ficou tão firme em seu primeiro proposito, que aconselhando-lhe alguns captivos que fogisse, e prometendo-lhe ajuda pera isto a nenhuma cousa deferio e sómente disse como quem estava entregue á sua sancta determinação:—O' enganado amigo que pros-

pera victoria fôra a minha se tu não grangearas eterna morte na perda d'esta vida, pois quando por teu respeito, amor, e piedade me fizeram tão solicito, já des então me dava por companheiro em teus ditosos males, com desejo entranhavel que minha ousadia fizesse ser igual nos perigos: mas tu não tão sómente desprezaste meus fieis conselhos, mas como ingrato e desleal quizeste fazer granjearia de minha singeleza e lealdade, porém eu te perdôo que mal sabes quanto em meu proveito acertaste errando, e Deos permita por sua misericordia que seja minha morte tambem preço da salvação de tua alma, abrindo-te os olhos d'ella, como eu já foi autoridade e credito de tua estragada vida.

Chegou-se a noite, e foi Domingos de Torres levado á horta d'el-Rei a que chamam de guerreiro, onde á sua vista começaram os mouros abrir uma cova sem lhe darem rezão ou dizerem cousa alguma: ó admiravel espectaculo, ó Torre inespugnavel não te deixes vencer, que se estes mouros pera te sepultarem estão abrindo a terra, tambem os anjos pera te receberem estão abrindo o ceo.

Estava tambem mudo nesta conjunção este cavaleiro de Christo que a brevidade dos conceitos da alma em quem se a Deos entrega não dá lugar á lingua: quando os mouros depois de terem feita a cova pera o sepultarem mandaram buscar um machado com o qual lhe cortaram ambas as pernas, por forrar o trabalho de lhe tirarem duas bragas, de que se queriam aproveitar. E assi em taes estremos, morto das crueis dores, e vivo só pera senti-las foi de seus enemigos sepultado, sofrendo com altissima paciencia todas estas cousas, que até pera se imaginarem parecem insofriveis: assi acabou este mancebo, e foi o derradeiro que como vencedor ficou no campo dos

sanctos cavaleiros e felices portuguezes. Além d'esta ditosa companhia (docissimo e suave fruito de raiz tão amarga) houve neste tempo em Berberia muitas pessoas de que não tratamos por não serem da jornada, que padeceram crueis mortes confessando a lei de Christo, como foi o alcaide Amete Navarro, Elche ou por milhor dizer mouro fingido, a quem chamavam Pedro em Madrid d'onde era natural, o qual foi crucificado na parede dos muros da alcaçova de Marrocos onde pregou altissimamente em louvor de Deos, e vituperio e confusão de Mafoma, até que lhe meteram um grande cravo pela testa e cortaram a lingoa.

E Jeronimo de Avila captivo d'el-Rei, mancebo nobre espanhol, de Guelva natural, ao qual deram mil e tantos pallos como se lá costuma na boca do estamago de que logo morreo, com estranha constancia e paciencia. E além d'isto tambem houve muitos mancebos que posto que não deixaram de offerecer as vidas com inviolavel prosuposto na confissão da fé catholica (como o foi Alvaro Veles, natural de Arronches, e outros) padecendo tantos tormentos que lhe não fizeram os mais ventajem senão na boa ventura de não ficarem vivos, o que acontece ordinariamente depois que Molei Moluco trouxe de Turquia aquelle inhumano costume de fazerem por força os christãos mouros com desuzados martyrios, principalmente os meninos, mas seja Deos louvado que tudo isto consente por seus occultos juizos: do que só podemos cuidar que sendo-nos tão estreitos os caminhos da salvação por nossas culpas e miserias, permitte Elle estas couzas abrindo com tamanha tyrannia uma continua e larga estrada pera o ceo.

Por isso que introduzio Moley Moluco onde nunca chegou a crueldade dos enemigos barbaros nossos vezinhos, se póde bem julgar o que se podia temer de

seu imperio, assi na pouca segurança dos lugares de Africa (entre os quaes está certo a chave da christandade) como em toda a costa de Espanha no mar Mediterraneo e Oceano com muitas galés e gente exercitada nellas, e o porto de Larache tão vezinho e capaz de tudo. Nem foi pequena mercê de Deos tirar do mundo tamanho enemigo, posto que a troco de tanta desventura nossa, que realmente ninguem na christandade com elle pudera estar seguro, principalmente quando agora vemos que sendo um Rei tamanho e tão catholico, que tanto dezeja de nos defender, vieram os mouros em uma fusta (hontem a cinco de outubro de 606) tomar uma caravela a Cascais onde nunca chegaram nem com pensamento. De maneira que bem considerados os danos e inconvenientes que com a vinda de Moley Moluco e sua vezinhança se offereciam, não era mal acertado prevenir el-Rei D. Sebastião um tamanho enemigo com metter de posse o Xarife de seus reinos, e tomar o porto de Larache, se o modo acompanhara a tenção, a brevidade o desenho, e a rezão em seu conselho tivera mais lugar. Mas em fim são meios que Deos toma pera dispor das couzas conforme á sua divina vontade, particularmente como se vio bem nesta, que não é pequena consolação a tantas miserias, pois em fim tudo da mão de Deos é sempre bom, inda que seja quando é castigo. E não foi pequena parte esta consideração a nos fazer chegar ao fim d'este processo, passando facilmente por todo o rigor de quaesquer opiniões e zêlos differentes, que tem quiçá não ser isto jornada digna de se trazer á memoria, sendo de tanta magoa e desventura: o que facilmente confessaremos se o mundo lhe tivera posto eterno silencio, mas quando alguns estrangeiros mal enformados, e não sei se mal zelosos a manifestam já de uma em

outra lingoa, parece certo outro novo castigo não haver quem saia pela verdade, aprovando com tacito consentimento e notavel descuido maldades tão notorias: pelo que quando nosso trabalho não fôr de louvor digno, ao menos esperamos que o seja de perdão, offerecendo nos com o favor divino (se houver satisfação de nossa boa vontade) a passar mais adiante na Historia de Jeronimo Franqui, ácerca da união d'este reino á coroa de Castella, com a fiel diligencia que convem a se aclarar a verdade em muitas couzas suas, pera que se saiba em todo o tempo, com testemunho dos que hoje são vivos o que aconteceo pontualmente, dando o milhor que nos fôr possivel inteira noticia d'algumas particularidades com a devida satisfação ao christianismo, zêlo e procedimento d'el-Rei Felipe nosso senhor que está em gloria, e inteira justificação da fidelidade portugueza, e de alguns particulares injustamente condemnados: que grande mal seria passar um estrangeiro escandaloso, incerto e temerario julgando as cousas a seu alvedrio, com animo tão danado, como confessa até o mesmo Frei Antonio de quem atraz falamos, sem a justa e devida contradição. E se por ventura meu atrevimento parecer grande (como se póde cuidar) entenda-se todavia que menos mal será soffrer-se minha insuficiencia, pois a verdade não ha mister ornamento, que padecerem-se tantos dannos cauzados de nosso descuido e silencio por falta de quem diga a mesma verdade.

FIM DO 2.º E ULTIMO VOLUME

Observação

A's edições da Jornada d'Africa mencionadas no prologo do volume 1.º da presente edição temos a accrescentar a impressa no Porto no prelo da Eschola dos Surdos-mudos, em 1879.

G. Pereira.

Indice dos capitulos

Volume Primeiro

N.os de pag.

LIVRO SEGUNDO — Relação do Captiveiro na Jornada de Africa:

Volume Segundo

Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

(VOLUME XXXIX)

JORNADA
DE
AFRICA

POR

Jeronymo de Mendoça

Natural da cidade do Porto ; em a qual
se responde a Jeronymo Franqui, e a outros,
e se trata do succeesso da batalha,
captiveiro, e dos que n'elle
padeceram por não serem mouros,
e outras cousas dignas de notar

(VOLUME II)

ESCRIPTORIO
147 = Rua dos Retrozeiros = 147
LISBOA

1904

OBRAS PUBLICADAS

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume 600
II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume 600
III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes .... 2$000
IV — O Infante D. Pedro, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes............ 1$000
V — Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro) por *Fernão Lopes*, 1 volume...... ... 600
VI — Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes .... 1$800
VII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes... .... 4$200
VIII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, vol. i, ii e iii (viii, ix e x). 1$800
IX — Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume... 600
X — Arte da Caça de Altenaria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes..................... 1$200
XI — Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes...... .... 1$800
XII — Chronica d'El-Rei D. Duarte, por *Ruy de Pina*, 1 volume 600
XIII — Chronica d'El-Rei D. Affonso V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes..... .... 1$800
XIV — Chronica d'El-rei D. João II, por *Garcia de Resende*, 3 volumes...... .. .. 2$000
XV — Vida de D. Paulo de Lima Pereira, por *Diogo do Couto*, 1 volume.......................... 800
XVI — Chronica d'El-Rei D. Sebastião, por *Fr. Bernardo da Cruz*, 2 volumes.. .... 1$500
XVII — Jornada de Africa, por *Jeronymo de Mendoça*, 1.º volume 00

EM PUBLICAÇÃO

Jornada de Africa, 2.º volume.
Cancioneiro Geral, por *Garcia de Resende*.

Mendonca, Jeronymo de

Mendonca, Jeronymo de
Jornada de Africa